

Editora
Mix

O ADVOGADO

NO JOGO DO AMOR, ELE DOMINA AS LEIS

SÉRIE *LEIS DA ATRAÇÃO*
LIVRO 1



L O L A S A L G A D O

O Advogado

Lola Salgado

1ª Edição

2016

Copyright © 2016 EDITORA NIX

Todos os direitos reservados à Editora Nix. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização da Editora. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº 9.610/98, punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Equipe Editorial:

Revisão: Bel Góes

Capa:Lola Salgado

Capa Final e Diagramação Digital: Míddian Meireles

Esta é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Essa obra foi escrita e revisada de acordo com a Nova Ortografia da Língua Portuguesa. O autor e o revisor entendem que a obra deve estar na norma culta, mas o estilo de escrita coloquial foi mantido para aproximar o leitor dos tempos atuais.

Sumário

[DEDICATÓRIA](#)

[PRÓLOGO](#)

[ENTREVISTA DE EMPREGO](#)

[UMA PROPOSTA](#)

[A VIAGEM](#)

[WHISKY DUPLO](#)

[BALDE DE ÁGUA FRIA](#)

[REUNIÃO DE NEGÓCIOS](#)

[CULINÁRIA FRANCESA](#)

[PISCINA](#)

[O IMBATÍVEL](#)

[A ENCOMENDA](#)

[MONTANHA-RUSSA](#)

[PEQUENO AVANÇO](#)

[ENXAQUECA](#)

[GREVE](#)

[REUNIÃO](#)

[PRIMEIRAS IMPRESSÕES](#)

[INCERTEZAS](#)

[DESJEJUM](#)

[REVELAÇÕES – POR FELIPE](#)

[TRIBUNAL](#)

[NO EXPEDIENTE](#)

[UMA VISITA](#)

[CANTANDO PNEU](#)

[SONHO](#)

[A LIGAÇÃO](#)

[AGRADECIMENTOS](#)

Dedicatória

Pelas incontáveis horas que gastou conversando comigo sobre estes personagens e pelo apoio infinito este é para você, Charles.

Prólogo

Fecho os olhos, permitindo que seus lábios mornos percorram a pele delicada do meu pescoço, causando um arrepio gostoso, que desce pela espinha e deixa os pelos eriçados. Suas mãos agarram a minha cintura com força, como se eu pudesse fugir daqui a qualquer momento. Sinto uma de suas mãos subir pelas minhas costas, na medida em que a outra me aperta a carne com certa urgência, cheia de um desejo reprimido por muito tempo.

Com um estalido, ele consegue abrir o sutiã facilmente. Os seus beijos descem de mansinho em direção aos meus seios. Ajudo-o a tirar a peça de roupa do meu corpo, esperando ansiosa que seus lábios voltem a percorrer minha pele. Os meus dedos estremecem assim que ele toca o mamilo com a ponta de sua língua, em provocação. *“Ah, Felipe... como esperei para ter a sua boca passeando em mim”*.

Logo, o simples toque se transforma em movimentos circulares suaves e deliciosos, que fazem os dedos das mãos formigarem levemente. Alguns gemidinhos tímidos escapam da minha garganta ao passo em que o deixo sugar o meu peito com vontade. Quando abro os olhos novamente, encontro suas íris azuis intensas me observando com travessura. Céus, como ele consegue me enlouquecer com tão pouco?

Felipe se inclina para me beijar na boca, deixando os dedos brincarem com os fios do meu cabelo. A sua respiração morna vem em lufadas contra o meu rosto e ele me mordisca levemente no lábio inferior.

Percebo o quanto está excitado ao sentir a sua ereção roçar contra a minha coxa, enquanto ele leva a mão direita entre as minhas pernas, alcançando o clitóris. Estou com tanto tesão que a única coisa que anseio é tê-lo dentro de mim, e rápido.

Tão logo sinto o seu indicador começar a brincar comigo, ouço um som estridente irromper o quarto; um som que conheço e se parece com... com... o despertador!

Ah, droga!

Esfrego os olhos, deixando um bocejo preguiçoso escapar dos lábios no momento em que estico o corpo, livrando-me dos lençóis emaranhados. Não é a primeira vez que tenho um sonho erótico com o meu chefe! E somente pensar no assunto me deixa um pouco deprimida. Por que ele tem que mexer tanto comigo? Levo a mão direita até o meio das pernas, só para confirmar o quanto estou molhada. Solto um pesado suspiro, puxando o travesseiro para um abraço.

Neste exato momento, tudo o que consigo pensar é no quão constrangedor é o fato de acordar molhada várias vezes na semana por causa desse gostoso para quem trabalho. Como poderia não sonhar com ele? Quero dizer, nunca vi um homem tão bonito quanto Felipe! Só de me lembrar dos braços fortes dele sob a camisa de corte italiano, ou do rastro de seu marcante perfume, que fica por onde quer que passe, ou quando me olha com aquela expressão manhosa que só ele sabe fazer...

Não sei como isso foi acontecer, honestamente acho que seria muito mais fácil levar o trabalho

adiante sem ficar mentalizando mil e uma maneiras diferentes nas quais ele poderia me beijar dentro daquele escritório, cada vez que cruza comigo — e não são poucas vezes.

Alcanço o celular no criado-mudo e confiro as horas: o despertador está programado para daqui a meia hora. Dou uma última espreguiçada e me levanto, ansiosa para encontrá-lo o quanto antes no trabalho.



Entrevista de Emprego

Mudei para Curitiba há três anos para estudar Ciências Biológicas na Universidade Federal do Paraná, a UFPR. Vim de uma cidade minúscula no interior do Paraná, então foi um verdadeiro choque chegar a um lugar tão grande depois de passar a vida toda em uma cidade que bem poderia ser um bairro daqui.

Meus pais me ajudaram com todos os gastos no primeiro ano, até que eu me estabelecesse. No entanto, depois de um tempo virou um incômodo ter que depender completamente deles, até porque já haviam feito tanto por mim em todos esses anos... eu não achava justo.

Comecei trabalhando em um shopping como vendedora e aguentei um bom tempo assim. A rotina era corrida: trabalhava das dez da manhã às cinco da tarde, voltava para casa para comer e tomar um banho o mais rápido que conseguisse e então já tinha que correr para a aula, cujo horário era das sete às onze.

Como o curso é puxado, o tempo que me sobrava para estudar era nas madrugadas, já que os finais de semana eram os dias em que eu mais vendia na loja. O que garantia um dinheiro extra no fim do mês.

Conseguí levar por dois anos essa rotina, mas nesse ano o curso estava exigindo muito de mim, além de que eu ainda não tinha feito o estágio obrigatório e percebi que acabaria tendo que escolher entre o emprego ou a faculdade. Como vim de longe para estudar, é óbvio que escolhi o curso; então veio a parte mais difícil: achar um trabalho novo, que se adequasse à minha rotina maluca.

Depois de alguns dias visitando várias agências de emprego e distribuindo incontáveis currículos, comecei a achar que jamais conseguiria encontrar um serviço bom o suficiente. Quer dizer, se fosse para sair da loja onde estava há tanto tempo para entrar em outra, era melhor permanecer lá mesmo. Afinal, não se pode trocar o sujo pelo mal lavado.

Foi então que, certa tarde, enquanto procurava emprego nos classificados do site de um jornal, deparei-me com uma vaga que parecia perfeita para mim. O anúncio dizia se tratar de uma vaga para secretária em um escritório de advocacia muito conceituado em Curitiba. O trabalho era de segunda à sexta, das sete da manhã às cinco e vinte da tarde. Não trabalhava nos final de semana — o que era maravilhoso — e oferecia um bom salário com muitos benefícios. A melhor parte, no entanto, era que não exigia experiência na função e só Deus sabe o quanto isso facilitava as coisas.

Fiquei tão animada que acabei enviando o meu currículo com foto, o mesmo que usava exclusivamente para vagas que exigiam isso. Já tinha ouvido falar o quanto soava mal colocar uma foto no currículo quando não pediam, por isso fiquei o resto da tarde deprimida, pensando em como tinha

desperdiçado uma oportunidade tão boa como aquela por um deslize.

Por isso, assim que o meu celular tocou no final daquela mesma tarde, atendi sem nunca imaginar que, do outro lado da linha, era o meu futuro chefe quem estava falando comigo! Ele se chamava Felipe e sua voz era grossa e intensa. Fez algumas perguntas básicas pelo telefone mesmo, com toda a educação do mundo. O meu coração acelerava com a expectativa de existir uma chance mínima para mim.

Ele me perguntou se eu poderia fazer uma entrevista no dia seguinte, no final da tarde, já que o restante de sua agenda estava muito cheio. Marcamos para às seis horas e, embora eu soubesse que perderia a primeira aula da faculdade por isso, senti em meu íntimo que valeria a pena. Uma intuição que carregava comigo e que nunca falhava.

No dia seguinte foi um drama escolher a roupa que iria para a entrevista. Sabia que era um emprego sério, mas não queria parecer séria demais. No entanto, também não queria causar uma impressão errada.

Depois de sofrer por horas, acabei escolhendo um vestido estruturado com a cintura marcada de cor azul-petróleo e um cardigã nude por cima — até porque estamos falando de Curitiba e não existe cidade que seja mais imprevisível. Calcei minhas sapatilhas depois de alcançar o guarda-chuva e então fui decidida ao endereço que ele me indicara pelo telefone.

O escritório do Felipe ficava no Batel: bairro considerado o mais nobre da cidade. Ele havia me explicado no dia anterior que o seu escritório era montado dentro de sua casa.

Tão logo desci do ônibus na rua mais próxima da sua, fiquei perplexa com as construções incríveis que existiam ali. Eram casarões cujas arquiteturas ostentavam o dinheiro dos moradores. Não bastasse isso, as ruas ajudavam também com o visual lindo do bairro, pois eram muito arborizadas. O verde predominante das folhas nas árvores se misturava ao amarelo-vibrante, rosa-pink e roxo-púrpura dos ipês ali presentes.

Encontrei o endereço com facilidade e me permiti admirar a sua residência por alguns segundos. Felipe morava em uma enorme construção de três andares, com fachada moderna, minimalista e geométrica. Uma verdadeira mansão! As paredes da escadaria que levava aos demais andares eram feitas de vidro, por onde dava para espiar um enorme lustre que pendia do teto, no hall de entrada. O jardim da frente era meticulosamente bem-cuidado e, em meio às flores multicoloridas, existia um caminho feito em pedras brancas irregulares que levava até as enormes portas duplas de carvalho da entrada de sua casa. O portão estava aberto.

Notei que não existia nenhum tipo de indicação de que ali fosse o escritório de um advogado e talvez isso significasse que ele já era tão reconhecido que nem ao menos precisava se preocupar com isso.

Antes de chegar a entrar no hall dois homens saíram pela porta. Os dois deram um singelo aperto de mãos e então um deles passou por mim, acenando levemente com a cabeça enquanto ia embora.

O homem que ficou era um verdadeiro deus. Se não tinha um metro e noventa, devia passar muito

perto. Possuía o corpo forte e seus braços definidos transpareciam pela camisa justa. Usava uma gravata azul que intensificava o azul dos seus olhos, ao passo em que os seus cabelos loiros estavam de um jeito despojado, como se propositalmente desarrumados.

Mesmo que estivéssemos um pouco longe um do outro, o seu perfume delicioso e forte invadiu minhas narinas, deixando-me anestesiada. Antes que pudesse organizar os meus pensamentos, porém, ele se adiantou até onde eu havia permanecido parada, estendendo a mão para me cumprimentar.

— Você deve ser a Maria Eduarda — afirmou, segurando a minha mão. Seu aperto era forte e cheio de confiança. — Conseguiu achar fácil o endereço?

— Achei, sim! — respondi com a mente flutuando. Caramba, como ele podia ser tão bonito? — Você explicou direitinho, não teve erro!

— Que bom! — Felipe sorriu de lado, com uma expressão de criança pedindo colo que eu viria a amar nas próximas semanas, ainda que não soubesse disso naquele momento. — Vamos entrar? — perguntou, por fim.

Assenti com a cabeça, lembrando-me subitamente de que estava ali para uma entrevista e que ele poderia ser o meu futuro chefe. Ajeitei os meus cabelos e então o segui, indo em direção ao hall de entrada e torcendo mentalmente para conseguir o emprego.



Logo que entramos em seu escritório Felipe me ofereceu um café. Aceitei por educação e observei se dirigir até um aparador, onde ficava uma cafeteira expressa vermelha. Um pouco ao lado existia um frigobar também vermelho, de estilo vintage, de onde retirou uma água para si, depois de me entregar o meu café forte, como eu havia pedido.

Apesar de estar muito nervosa, a entrevista foi tranquila. Felipe era tão educado que se tornava impossível não ficar à vontade perto dele. Perguntou-me questões básicas, típicas de entrevistas mesmo. E, aos poucos, contei para ele um pouco da minha vida, conforme conversávamos. Eu tinha esse problema: falava mais do que a boca. Cada brechinha que me dava, aproveitava para falar, falar e falar.

O bom é que ele não parecia achar ruim, tampouco. Continuava guiando a conversa, vez ou outra me derretendo com aqueles sorrisos de canto maravilhosos, que só ele sabia fazer.

Depois de saber de mim, Felipe me contou um pouco sobre ele mesmo. Disse que tinha trinta e cinco anos, e desde pequeno sabia que seguiria a profissão, uma vez que o seu pai havia sido o advogado paranaense — se não o brasileiro — mais disputado por mais de quarenta anos. Mesmo depois de aposentado, vez ou outra ainda pegava alguma ação criminalista, que era a sua área.

Felipe passou na Federal logo depois de terminar o ensino médio e se formou aos vinte e três anos. Antes mesmo de colar grau já havia passado na OAB. Então começou a trabalhar com o pai onde, além de ganhar experiência, conquistara clientes muito valiosos. Ele me contou que das cem mais poderosas empresas brasileiras, Curitiba possuía trinta e oito, dentre estas, a maioria eram clientes dele.

Fiquei completamente impressionada com o que me dizia, principalmente porque ele era

realmente novo para ser tão reconhecido assim. Eu não entendia nada sobre o assunto, mas sempre que a mídia mostrava algum caso importante que estava acontecendo, os advogados sempre pareciam passar dos cinquenta anos.

De repente, Felipe olhou para o bonito relógio prateado em seu pulso esquerdo.

— Preciso que você me traga seus documentos até sexta, tudo bem? — comentou despreocupadamente, levantando-se da cadeira onde estava sentado. — Quanto antes eu enviar para o RH, melhor.

Suas palavras invadiram meus tímpanos, deixando-me atordoada. Como é? Ele tinha falado em documentos?

— Estou contratada? — perguntei, não conseguindo conter o sorriso.

— Tecnicamente não até que você me traga os documentos — sorriu, passando a mão nos cabelos. — Mas sim, você é a profissional que eu estava procurando.

— Caramba! — Soltei, explodindo de alegria. Mal podia acreditar que teria os finais de semana livres. — Muito obrigada!

Levantei logo depois dele, alcançando o celular dentro da minha bolsa para conferir as horas. Meu coração parou por alguns segundos quando descobri que já era quase nove horas da noite! Felipe devia ter percebido a minha expressão, porque logo em seguida falou.

— Acho que nos empolgamos... Está tarde para ir sozinha, eu te levo até sua casa — disse, alcançando o telefone em sua mesa e discando um número rapidamente. — Leonor, estou de saída, você pode trancar o escritório, por favor?

Ouvir aquilo foi como um choque. Então ele era casado? Senti uma pontada de inveja da mulher dele, mas então olhei em suas mãos e notei que não possuía nenhuma aliança.

Não tive como saber naquela noite, de toda forma, pois assim que desligou o telefone, fomos até a garagem, onde um Mercedes-Benz Classe C de cor branca nos esperava.

Prendi a respiração, impressionada. Eu jamais tinha entrado em um carro como aquele e, para falar a verdade, desde que me mudara para Curitiba, nem ao menos andava de carro, era só ônibus mesmo.

Entrei me sentindo um pouco tímida, enquanto Felipe se sentava ao meu lado. O interior do veículo era tão bonito quanto o exterior, com seus bancos de couro sintético na cor creme. Meus olhos passeavam com admiração pelo elegante painel curvilíneo, que se estendia até o apoio de braços, com detalhes em madeira polida.

— Onde você mora, Maria? — perguntou, colocando o cinto.

Respirei fundo, decidindo como seria a melhor forma de falar para ele o quanto eu odiava o meu primeiro nome.

— No Centro Cívico — disse, distraída. — Hm, Felipe... eu não gosto muito que me chamem de Maria.

Ele piscou os olhos, confuso e então soltou uma risada baixa e calorosa.

— Prefere Eduarda? — o jeito que perguntou foi tão afável que minhas bochechas enrubesceram.

— Na verdade, gosto de Madu — respondi, sentindo-me como uma criança birrenta que gosta das coisas apenas do seu jeito.

Ele assentiu com a cabeça, nos lábios tinha aquele sorriso lindo. Ligou o carro e começou a dirigir sem falar mais nada. O seu perfume tinha dominado o pouco de espaço entre nós. Eu inspirava profundamente, deixando meus olhos revirarem cada vez que o seu cheiro invadia minhas narinas.

Sempre tive um fraco para homens cheirosos, acho incrível o quanto eles têm presença com um bom perfume. Para minha felicidade, Felipe era cheiroso demais, eu nem ao menos estava conseguindo disfarçar o tanto que estava gostando. Aliás, o quê nele não era demais?

O trajeto até o prédio onde eu morava foi rápido e silencioso. Não gostava daquele silêncio constrangedor, mas também não sabia como quebrá-lo. Até porque, não queria forçar a barra.

Ele parou o carro com suavidade, sua mão direita ainda apoiada no volante.

— Eu te mando pelo WhatsApp a lista de documentos, pode ser? — Felipe me mandando uma mensagem? Claro que podia!

— Pode sim, eu fico no aguardo — respondi, tirando o cinto de segurança. — Queria agradecer mais uma vez pela oportunidade e obrigada pela carona, também.

Abri a porta e antes que pudesse sair completamente do carro o escutei dizer.

— Foi um prazer, Madu.

Ouvi-lo me chamar daquela forma fez meu coração acelerar e minhas pernas bambearem. Fechei a porta e o observei arrancar com o carro, deixando-me sem saber o que estava acontecendo comigo.



Uma Proposta

Sinto a água morna escorrer por minha pele de maneira relaxante. Meus olhos fecham enquanto imagens do sonho voltam a me invadir a mente. Quase chego a sentir as mãos firmes de Felipe me segurando pela cintura com força, enterrando os dedos na minha carne. Suspiro, desligando o chuveiro abruptamente.

Alcanço a toalha pensando no quanto fiquei caidinha por ele, em pouco mais de um mês em que trabalhamos juntos. Caramba, tudo o que precisava fazer era levar o emprego a sério e mantê-lo até o final da faculdade. Sem dramas. Como isso é possível tendo que lidar com aquele homem todos os dias?

Encaro o reflexo no espelho e vejo enormes olhos azuis-esverdeados me fitando de volta. Gosto tanto deles, são o que tenho de mais bonito. Fantasio como seriam os meus filhos com Felipe, já que nós dois temos olhos claros. Imagino como faríamos esses filhos e sorrio com a imagem que me vem à cabeça. Caramba, não consigo pensar em outra coisa. O quê tem de errado comigo?

Um pouco abaixo dos olhos, encontro um nariz pequeno e arrebitado, que me confere uma eterna cara de esnobe, ainda que isso não seja verdade. Estou longe de ser assim. Emoldurando o meu rosto estão longas madeixas castanhas, que caem em cascatas até a altura dos seios. Nada mal.

Ainda estudando a minha imagem refletida, decido que hoje vou me arrumar um pouco mais. Quero que Felipe me veja com outros olhos, e não somente como sua funcionária. Não sei exatamente onde pretendo chegar com isso, entendo que me envolver com ele é incabível. Bom, não custa sonhar, né? Até porque, isso eu já faço.

Alcanço minha maleta de maquiagens no quarto e aposto nos olhos, com um delineado de gatinho bem caprichado. Assisto tantos tutoriais de maquiagem na internet que de alguma coisa eles tinham que servir: acabei ficando boa nisso!

Busco no guarda-roupa um vestido rodado com estampa florida e coloco um blazer por cima. Estamos caminhando cada dia mais para o outono e o vento da manhã já é bem fresco para aguentar sem nada. Espirro um pouco mais de perfume do que faria normalmente, sentindo-me envergonhada por ser tão boba. Como se ele fosse reparar em mim... Felipe parece constantemente focado nos seus problemas. Fora isso, sempre são tantos clientes para atender... Homens importantes e muito impacientes.

Passo um café bem forte e com pouco açúcar — do jeitinho que gosto — e tomo acompanhado de um pãozinho com requeijão. Aproveito e tomo uma pílula do meu anticoncepcional. Ainda que o mais próximo que eu esteja de uma relação sexual seja nos sonhos, não consigo parar com os hormônios. É muito bom poder unir os meses e ficar sem menstruar, além de que, o remédio faz bem para a minha pele oleosa. Confiro as horas no celular e alcanço o guarda-chuva antes de sair de casa.

O caminho até o trabalho é rápido e logo me vejo em frente à imponente mansão onde ele mora. Meu coração acelera, ao passo em que atravesso o portão já aberto por Leonor.

A propósito, acabei descobrindo que ela é a governanta de Felipe. Uma mulher baixinha e atarracada, na casa dos cinquenta anos, que cuida para que as coisas andem perfeitamente bem. Mora com ele, mas tem os finais de semana livres. Gosta dele como se fosse um filho e até mesmo o trata dessa forma. Pelo que vejo, o sentimento é recíproco.

Eu não entendo muito bem como funciona o trabalho de uma empregada que mora no trabalho, mas também a vejo muito pouco. Nunca passo do escritório e jamais conheci o restante da casa monumental de Felipe.

Passo pelo hall de entrada e vou direto à aconchegante recepção onde trabalho. Sento-me atrás da escrivaninha, ligando o computador. Ao meu lado esquerdo, uma prateleira moderna, feita com uma escada embutida, abriga variados exemplares de livros de Direito.

Estou me ajeitando quando o telefone toca. Ainda falta meia hora para o escritório abrir, esse é o tempo que tenho para organizar a agenda e preparar as minhas coisas. Atendo e ouço a voz do Felipe ressoar rouca do outro lado da linha.

— Bom dia, Madu — o jeito que pronuncia o meu nome me deixa flutuando por alguns segundos. — Você pode subir aqui, por favor?

— Subir onde? — pergunto, distraída.

— Estou no closet. Suba o lance de escadas; é a primeira porta à esquerda.

— Perdão? — pergunto, tentando decidir se ouvi certo ou estou sonhando acordada. — Precisa de mim no seu... closet?

A risada gostosa de Felipe entra pelos meus tímpanos, tirando-me do transe temporário.

— Prometo que não tem perigo aqui em cima — diz quase em um sussurro, e instantaneamente sinto o sangue ferver. Como eu queria que tivesse perigo! Sei que neste exato momento minhas bochechas devem estar vermelhas.

— Estou indo — respondo.

Desligo o telefone e entro pelo escritório dele, que leva para o restante da casa. Atravesso o cômodo, saindo pela porta da parede oposta e, pela primeira vez, deparo-me com o seu lar.

A sala é espaçosa e clara. Em uma das extremidades vejo um sofá anguloso, creme, de frente para duas poltronas de couro, igualmente quadradas, porém escuras. Felipe é do tipo moderno, a decoração da sua casa segue essa linha clean e geométrica que usualmente vejo em revistas de decoração. Alguns quadros estão espalhados de maneira aleatória na parede, compondo um conjunto bonito.

Não me demoro observando a sala, e logo me vejo subindo os degraus de madeira com a respiração presa. Ao abrir a porta do seu closet, encontro-o vestindo uma camisa cinza clara e, pelo reflexo do espelho, deixo os olhos percorrerem seu abdômen nu.

Logo me vejo de novo dentro do sonho que tive, lembrando-me dele em cima de mim, seus lábios, passeando pela pele do meu pescoço, tão deliciosos. Nossos olhos se encontram subitamente e percebo que ele tem consciência de para onde estou olhando.

Sinto o rosto queimar no mesmo instante.

— Desculpa, eu devia ter batido antes! — admito, baixando o olhar para os meus sapatos. Droga, o que eu estava fazendo?

Sem dizer nada, ele caminha até uma gaveta comprida onde parece guardar suas gravatas. Está terminando de abotoar a camisa quando quebra o silêncio:

— *Te chamei* aqui porque vou viajar semana que vem. Tenho a audiência de um cliente muito importante, então preciso que você resolva os horários para mim.. — observo-o alcançar uma gravata chumbo e colocá-la em volta do pescoço, começando a dar o nó, com paciência. — Passe todos para a semana seguinte.

— Tudo bem — respondo, sem conseguir tirar os olhos dele. — Faço isso hoje mesmo.

— Mas não te chamei aqui por isso... preciso que você vá comigo nessa viagem.

— O quê? — pergunto, chocada.

Suas palavras me pegam de surpresa e minha cabeça começa a rodar. Uma viagem? Ele precisa que eu vá junto? Por quê?

— Felipe... Eu não posso, quero dizer... tenho a faculdade. Faltar uma semana seguida vai me prejudicar muito! — As palavras escapam de minha boca antes que possa pensar a respeito.

Ele para de frente para mim, segurando o frasco do seu perfume na mão. Está com aquela expressão que tanto amo, de criança pedindo colo. Felipe encolhe os ombros, antes de falar.

— Eu pago cinco salários por essa semana, realmente preciso de você lá — sua voz é suave, enquanto seus olhos estão fixos nos meus.

— Cinco salários? — Essa é a única coisa que parece ter ficado na minha mente. — Por uma semana? — Estou com a boca aberta em surpresa.

— É pouco para você? Podemos negociar!

Minha cabeça está girando cada vez mais rápido. Tento fazer os cálculos mentalmente, embora exatas nunca tenham sido a minha praia. O salário mínimo está uns oitocentos reais? E ele quer me dar cinco vezes essa quantia? Minha mãe, só posso estar sonhando!

— Felipe! É óbvio que cinco salários mínimos não são poucos para mim! Você está louco? — Encontro-me tão atordoada com o convite que nem ao menos tento disfarçar.

Ele continua me fitando com aquela expressão que não ajuda em nada. “*Felipe, se você soubesse com o quê ando sonhando... tenho certeza que ia pensar duas vezes antes de me convidar para uma viagem*”.

— Olha, a faculdade exige muito de mim, não posso simplesmente faltar por uma semana — gesticulo, lutando para não perder o controle. — Você não me disse na entrevista que eu precisaria te acompanhar nas viagens! Minha rotina não me permit...

— Calma, respira! — Ele sorri de canto, espirrando seu perfume pelo pescoço e tronco, concluindo com uma breve borrifada no pulso. — Eu sei que não estou sendo justo com você, mas essas

viagens não serão recorrentes, pode ficar tranquila. Só que realmente preciso de você em São Paulo comigo.

— Por quê?! — pergunto, inebriada com a sua fragrância maravilhosa que me envolve no momento.

— Bem, o diretor executivo da PoliBev tem se mostrado interessado nos meus serviços. Essa é uma das maiores corporações do país e, portanto, ele é um cliente em potencial de muito valor.

— Eu sei o que é a PoliBev! — digo, com a minha mania de criança birrenta que odeia ser contrariada. — Mas onde entro nisso tudo?

Felipe respira fundo, fechando os olhos por alguns segundos. Assisto-o cruzar os braços fortes, apertando o tecido de sua camisa.

— Madu, alguém já te falou como você é teimosa? — pergunta com um sorriso nos lábios. “*Você não viu nada ainda*”, penso comigo.

— É possível que sim! — respondo, cedendo à brincadeira dele.

Damos risadas juntos por alguns segundos. Felipe se aproxima um pouco mais de mim e segura o meu ombro com suavidade, como o vejo fazer sempre com os seus clientes. A diferença é que, claramente, eles não ficam com as pernas bambas como estou agora.

— Quero a minha secretária lá comigo, para me auxiliar nas reuniões e me acompanhar nos possíveis eventos que ocasionalmente terei de comparecer. O mesmo que você faz aqui. Anotações, planejamento dos horários... você sabe.

— Mas... — começo a falar, no entanto sou interrompida por ele.

— Pago dez salários mínimos, para compensar os dias que você vai perder de aula.

Sinto uma tontura intensa me pegar de supetão. Droga, droga, droga! Como posso falar que não? Ele está praticamente implorando para que eu vá. E estamos falando de muito dinheiro em jogo. Eu até mesmo poderia dar entrada em algum carrinho mais antigo. Seria uma mão na roda! Ao mesmo tempo, parece errado concordar apenas por essas condições.

Respiro fundo, deixando o ar penetrar os pulmões tranquilamente.

— Isso é muito dinheiro, Felipe — assumo, desviando os olhos dos seus.

— Nosso voo é segunda-feira — diz, ignorando minhas palavras. — Passo no seu apartamento às seis da manhã, tá bom?

Arqueio as sobrancelhas ao ouvi-lo.

— As passagens já estão compradas? Como você sabia se eu ia aceitar ou não?

— Eu sempre consigo o que quero, Madu — ele dá um sorriso caloroso antes de sair do closet.

Saio logo depois dele, tentando recuperar o fôlego.



Chego em casa ainda com os pensamentos atordoados. Uma semana longe da faculdade realmente é muito tempo, tendo em vista a quantidade de trabalhos que temos para fazer. Por outro lado, não é como

se eu não pudesse recuperar posteriormente.

Também não quero que Felipe pense que pode me mandar fazer o que quiser, só porque tem muito dinheiro. Apesar da quantia alta que me ofereceu, o que foi decisivo para que eu aceitasse foi a expressão que fazia, de cachorro sem dono. E eu bem poderia ser a sua dona.

Sento no sofá, esparramando-me. Na minha memória vem aquele sorrisinho enigmático dele, dizendo-me conseguir tudo o que deseja. Será mesmo? Bem, eu o desejo agora. Queria conseguir tudo o que quero, também.

Fecho os olhos pensando em cada detalhe do seu rosto que já adoro tanto: o nariz fino, os olhos claros, o maxilar bem delineado... Caramba, não sei se, de fato, é uma boa ideia viajar com ele. Já é difícil suportar essa pressão no trabalho, imagina durante uma semana inteira?

Alcanço o celular e disco o número de Vanessa, a minha melhor amiga. Depois de duas chamadas ela atende prontamente:

— Oi, Madu! — cumprimenta, com simpatia.

— Oi, Nessa. Preciso de um favor.

— Diga!

— Semana que vem vou ficar fora, preciso viajar a trabalho — suspiro, pensando no assunto. — Você pode anotar a matéria e me passar depois? Se tiver alguma atividade também... Vou faltar hoje à noite, para começar a arrumar minhas coisas.

— Calma aí, você vai viajar... a trabalho? — pergunta desconfiada.

— Sim, Felipe diz que minha companhia é imprescindível — explico, deitando ainda mais o corpo no sofá. — E ele ainda quer pagar um bônus.

A risada escandalosa de Vanessa ressoa pelo celular, machucando meus tímpanos. Afasto um pouco o aparelho, até que ela se acalme.

— Nossa, Madu! Aquele gato está te chamando para viajar por uma semana... Eu estaria no céu!

— Como se ele quisesse alguma coisa... — falo emburrada. — Não consigo decifrar o que passa na cabeça dele, o Felipe é muito misterioso!

— Ai amiga, só você também para se apaixonar pelo seu chefe.

— Nessa, é impossível não se apaixonar, olha esse homem!

Damos risadas juntas. Olho para o relógio da cozinha e vejo as horas, decidindo que preciso agilizar as coisas.

— Vou desligar, então. Você me passa tudo certinho depois?

— Passo sim. Boa viagem, Madu! E toma juízo!

Desligo o celular com um sorriso no rosto, levantando-me para tomar banho. Ao que dou a última olhadela no visor, reparo em uma notificação no WhatsApp.

Abro o aplicativo e me deparo com uma mensagem de Felipe: “*Espero que já esteja arrumando as malas!*”. Meu coração dispara tão logo caio na real. Caramba! Vou mesmo ficar uma semana em São

Paulo com ele! Isso é surreal! Com os dedos tremendo, respondo: “*Será que devo levar um biquíni para as horas vagas?*”, e então deixo o celular na mesa, dirigindo-me ao banho.



A Viagem

Os olhos de Felipe recaem ligeiramente sobre a minha enorme mala verde-água e percebo suas sobrancelhas arquearem por um segundo, deixando-me envergonhada. Ele segura a mala com facilidade e a leva em direção ao seu carro.

Entro no banco de passageiros sentindo-me sonolenta. Não importa quanto tempo passe, sempre vou odiar acordar cedo. Acho que não nasci para isso, no fim das contas.

Inclino o banco para trás, ajeitando-me confortavelmente durante o tempo em que Felipe usa para entrar no carro, dando partida em seguida. Um apito intermitente vindo do bonito painel nos indica que estou sem o cinto de segurança. Endireito o corpo contra a vontade, atendendo o comando.

Sei que demoraremos um pouco para chegar ao aeroporto, uma vez que ele fica em São José dos Pinhais, uma cidade praticamente colada em Curitiba, cujo percurso que nos leva até lá é bastante disputado neste horário.

— Eu nunca viajei de avião antes — digo para quebrar o silêncio.

Felipe me encara sério, juntando as sobrancelhas:

— Vinte e dois anos sem nunca ter andado nas nuvens? — ele pergunta, coçando a barba por fazer. — Ainda bem que sempre existe uma primeira vez!

Percebo as bochechas corarem ao que, inevitavelmente, pondero sobre como seria a nossa primeira vez. Que droga! Por que é tão difícil manter os pensamentos em ordem quando estou perto dele?

Aliás, essa é a primeira vez que o vejo fora de seu uniforme. Eu imaginava que era impossível ficar mais bonito, mas estava bem enganada. Felipe se supera sempre mais! Hoje está vestindo uma camiseta cinza mescla colada nos braços musculosos. Na cabeça, um boné também cinza. Suas pernas estão cobertas por um moletom azul marinho esportivo e nos pés um tênis que bem poderia ter acabado de sair da caixa, tamanha brancura. Adorei esse visual mais esportivo dele, embora seja inegável o quanto fica sedutor dentro de seus ternos de corte italiano.

Solto um pesado suspiro, observando os carros janela afora.

— Você não está com medo? — Sua voz é calma e acolhedora.

— Acho que não — admito, dando nos ombros. — Sempre ouço que é o meio de transporte mais seguro de todos... E se a gente cair, já morre de uma vez!

Sua risada gostosa preenche todo o carro. Observo-o balançar a cabeça brevemente, com um sorriso estampado no rosto. Vendo-o de perfil, assim como faço agora, é possível contemplar os pelos loiros de sua barba e sobrancelha brilharem contra o sol.

Meus olhos recaem sobre suas mãos segurando o volante e então acabo me dando conta de que o

veículo terá de ficar em algum lugar enquanto estivermos fora.

— Felipe... — chamo-o. — Onde você vai deixar o seu carro?

— No aeroporto — ele responde categoricamente.

— Vai ficar um absurdo de caro! — replico, achando a ideia insana. — Você podia ter um motorista para nos trazer, ou então a gente devia ter vindo de táxi.

Ele me olha pelo canto dos olhos, umedecendo os lábios com a língua.

— Não gosto de ninguém mexendo nas minhas coisas.

— Mas... e a Leonor? — pergunto, sem conseguir me conter.

— Ela é quase como uma segunda mãe, Madu. Não sou nada sem ela.

— E por que não viemos de táxi, então?

Felipe sorri, fisgando os lábios em seguida. Pela sua expressão, sei exatamente o que ele está pensando. Ele vai me dizer que...

— Você é muito teimosa! — responde, lançando-me aquele olhar de carência que tanto amo.



Felipe havia feito o check-in pela internet, assim tivemos apenas que despachar nossas malas, e aguardar até que chegasse a hora do embarque.

Na sala VIP têm muitas opções de lanches e bebidas e como eu não resisto a comer um pouquinho, acabo de me servindo de alguns queijos e frutas; ao passo que ele pede apenas uma água.

O tempo de viagem previsto é de meia-hora, o que é realmente rápido. Mesmo assim, estou super ansiosa para embarcar. Talvez seja bobeira, no entanto é algo que não consigo controlar.

Assim que embarcamos na aeronave, logo nos dirigimos aos nossos lugares, então Felipe me pergunta se prefiro sentar a janela, eu assinto, empolgada. No seu rosto está estampado um sorriso, ao me assistir examinar cada detalhe do avião.

Uma das aeromoças nos instrui pelos alto-falantes, ao mesmo tempo em que uma segunda demonstra os comandos ditos pela primeira. Observo a bonita comissária de longos cabelos loiros presos em um rabo de cavalo nos ensinar o que devemos fazer em caso de emergência. Em meu íntimo, desejo que nunca precise seguir esses comandos.

— Não vejo a hora dos lanchinhos! — sussurro para ele, prendendo meu cinto.

Noto que além de nós, deve ter no máximo mais dez pessoas no avião. Fico feliz por não ter ninguém sentado ao lado dele, também. Assim terei mais privacidade.

— Não tem lanche em uma viagem de meia hora! — Felipe responde, sem desviar os olhos da revista que pegou para ler. — Você acabou de comer! Ainda está com fome?

Minhas bochechas queimam com a sua pergunta.

— Fome não, só vontade de comer! — explico, fazendo-o rir de mim.

— Assim que chegarmos paramos em algum lugar, tudo bem?

— Promessa é dívida! — Sorrio, enquanto a aeronave começa a decolar.

A sensação é um pouco desconfortável quando se está fazendo pela primeira vez. Pela janela, vejo a cidade diminuir cada vez mais. Então um calorão começa a me dominar, aos poucos.

Embora esteja lutando contra, o mal-estar vai crescendo cada vez mais, ao passo em que a aeronave se estabiliza. Esse é um grande problema comigo: passo mal em todas as viagens, sejam de carro ou ônibus — e agora descobri que até de avião.

Meus dedos começam a tremer levemente assim que vejo pela janela que estamos no meio das nuvens. Seria lindo se não estivesse me sentindo tão mal.

Consigo notar que a asa está mudando, e antes que possa comentar a respeito com Felipe, o avião se inclina fazendo uma curva. Meu lado abaixa perigosamente, e por um segundo acho que vou desmaiar.

Alcanço a mão dele, segurando-a com força. Minha visão escurece e o estômago começa a embrulhar.

— Você está bem? — questiona, largando a revista e se virando em minha direção.

Quero dizer que sim, mas neste momento nem ao menos consigo falar. Mantenho-me concentrada porque sei que estou prestes a vomitar. Ele percebe e alcança no banco da frente uma pequena sacola que seria para jogar o lixo, entregando-me em seguida.

Foi no tempo certo. Noto a boca salivar mais do que o normal e a levo até o saquinho, vomitando tudo o que comi na sala VIP. Logo sinto aquele cheiro horrível dominar o ambiente e quero morrer. Ai que merda! Por que eu tinha que passar mal justo agora?

Amarro a sacola e o encaro, querendo chorar. Com algum esforço, eu me seguro para não fazer isso, até porque, pior do que passar mal no avião é começar a chorar como uma criança!

Felipe faz um sinal para a comissária, chamando-a até onde estamos. Ela vem prontamente, com um sorriso no rosto.

— Você pode trazer uma água, por favor? Ela está passando mal — pede, com toda a educação que já conheço. — Se puder levar isso, seria bom — diz por fim, indicando o vômito empacotado.

Caramba, será que tem jeito de ficar pior do que já está? Encontro-me suando frio ao que estendo a mão, oferecendo a sacola para ela pegar. A aeromoça sai em passos ligeiros e me pergunto se essa situação é recorrente.

Fecho os olhos, odiando com todas as forças essa viagem. Minha mão ainda está agarrada na de Felipe, no entanto não me permito sentir vergonha. Fico muito dengosa sempre que estou doente, então vou aproveitar sua companhia, mesmo. Até porque, é culpa dele que eu esteja passando por isso!

— O avião já está se preparando para o pouso — ouço a voz suave da comissária tentando nos tranquilizar. — É a primeira vez que ela viaja de avião?

— É sim — ele responde calmamente. — Obrigado pela água.

— Por nada! — A voz dela paira no ar, enquanto ouço sutilmente o som de seus saltos-altos contra o chão se afastarem de onde estamos.

Felipe retira o cabelo que está no meu rosto com a ponta dos dedos, fazendo-me estremecer. Meu

coração acelera, tão logo abro os olhos e o encontro olhando para mim com uma expressão preocupada.

— Tome um pouco de água. Vai ajudar!

Pego a garrafa de sua mão, levando-a até os lábios com cautela. A sensação do líquido gelado descendo pela garganta é reconfortante. Mas no momento, não quero nem imaginar como será a viagem de volta.

— Estou com tanta vergonha que quero morrer! — admito, sorrindo em seguida.

— Acho que alcançamos um novo nível de intimidade — sua risada me envolve. Felipe tem o dom de me deixar confortável nos momentos que estou perto dele.



Logo que chegamos ao aeroporto de Guarulhos e pegamos nossas malas, vamos de encontro ao carro que Felipe alugou. Já estava agendado exatamente para o horário que a viagem havia sido prevista.

Quando paramos em frente à uma Mercedes preta, deixo escapar uma risada nervosa. É exatamente o mesmo carro que ele tem, mudando só a cor. Como é exigente!

Estou começando a me sentir melhor. O carro tem um ar-condicionado potente, que congela até os ossos. No entanto, quanto mais gelada fico, mais o mal-estar vai embora.

O hotel em que ficaremos chama-se Fasano e, de acordo com Felipe, é um dos mais tradicionais da cidade. Assim que chegamos, fico estarecida com a construção: apesar da fachada sóbria, é um prédio cujos andares se projetam céu acima. Fico me perguntando quantos andares devem ter, pois realmente é muito alto.

Um manobrista fica encarregado do carro ao descermos em frente ao hotel. Adentramos o hall bem decorado, de tons terrosos, dirigindo-nos ao grande balcão de mogno, onde várias recepcionistas bem maquiadas aguardam. Felipe faz o check-in, entregando nossas malas para que levem ao quarto: a minha verde-água e escandalosa; a dele preta e elegante.

Por alguns segundos me encontro totalmente deslocada, observando algumas mulheres irem e virem, muito arrumadas. Não é que eu também não esteja, mas não há comparação.

Ele encosta sua mão nas minhas costas com suavidade, indicando-me o caminho que devemos seguir. Logo entramos ao Lobby Bar do hotel, cujas poltronas vintage de couro e luminárias no estilo *art déco* resgatam o glamour dos anos quarenta.

Assim que nos sentamos em uma das confortáveis e bonitas mesas disponíveis, um garçom se apressa para nos atender, educadamente. Felipe pede dois cafés e noto que ele já sabe como gosto do meu: bem forte.

— Você quer alguma coisa *pra* comer? — pergunta atencioso.

Pondero brevemente sobre essa possibilidade, mas acabo decidindo não arriscar. Meu estômago ainda está frágil.

Aceno negativamente com a cabeça, observando tudo ao meu redor. Esse lugar é tão lindo que me sinto como se estivesse em um sonho.

— Estamos na mesma suíte — ele comenta casualmente e agradeço aos céus pelo café ainda não ter chegado. Eu certamente o teria cuspidado, ao ouvir isso.

— O quê?! — questiono, surpresa.

— É mais como um apartamento. Tem dois quartos, uma sala para reuniões, dois closets... Enfim, achei que seria melhor ficarmos próximos, caso você precise de alguma coisa.

— Não vejo o que poderia precisar — provoco, aproveitando a deixa. “*Felipe, querido, você está brincando com fogo... Cuidado para não se queimar!*”

Somos interrompidos pelo garçom, que chega com os nossos cafés. Passo as mãos no rosto, constatando que finalmente me livrei da tontura.

Pego a xícara, bebericando um pouco do líquido negro depois de adoçá-lo. É incrível como tudo nesse lugar é excelente. Não só o atendimento, ou a decoração, como também os serviços prestados. Ser rico deve ser realmente muito fácil. Estou prevendo que vou sentir saudades daqui.

Lembro que ainda não tomei o meu anticoncepcional e, por isso, disfarçadamente, alcanço um comprimido na cartela dentro da minha bolsa e jogo para dentro da boca, o mais rápido que consigo.

— Remédio para enjoo? — Felipe me pergunta inocentemente.

— Não... — sinto as bochechas queimarem. — É o meu anticoncepcional.

— Ah sim — ele coça sua nuca de uma maneira desconfortável. — Está melhor?

— Sim, a tontura já passou — murmuro com o rosto enterrado na xícara de porcelana. — Temos planos para hoje?

— Na verdade temos. Vamos almoçar com o Pedro, para tratar sobre a audiência de amanhã.

— Algo mais? — pergunto, buscando a agenda dentro da bolsa. É bom que os detalhes estejam acertados, embora eu saiba que Felipe tem tudo sob controle.

— Temos um coquetel com o diretor da PoliBev à noite.

— Nossa! Sério? — Deixo escapar, surpresa. — Não sei se estou preparada para isso!

— Você se sairá bem — sorri de canto, derretendo-me por completo. — Só precisa da roupa certa.

— Esse é o problema, Felipe! — respondo, preocupada com o nível em que os convidados estarão arrumados. — Não tenho nada tão chique assim!

Ele começa a rir, divertido com o meu desespero. Cruza os braços sobre o peitoral forte, sem desviar os olhos azuis dos meus.

— Eu já cuidei disso, Madu — explica, por fim.

“É... *Pressinto que essa será uma viagem e tanto*”, penso comigo mesma, terminando minha bebida.



Whisky Duplo

Encaro o espelho do closet por alguns segundos, sem conseguir acreditar no que vejo. Pelo reflexo, admiro-me em um vestido tubinho Carina Duek de cor nude, que me contorna as curvas de maneira sensual, terminando um pouco abaixo dos joelhos. Nos pés, *scarpins* Valentino da mesma cor, que alongam consideravelmente a silhueta, deixando-me esbelta. “*Céus, essa pessoa não pode ser eu*”, penso comigo mesma, estarecida. Acho que nem se juntasse todas as minhas roupas elas somariam o valor exorbitante que carrego em mim essa noite.

Respiro fundo, terminando de passar o batom vermelho matte, para dar um pouco de cor no conjunto todo. O meu coração está acelerado, visto que jamais estive em um evento parecido. Nem ao menos imagino como me portar. De toda forma, não é como se eu não tivesse a menor noção de etiqueta. Desde que fique quieta na minha, acho que não terei grandes problemas.

Dou uma última examinada, aproveitando para tirar uma foto com o celular. Mamãe provavelmente vai querer saber os mínimos detalhes dessa noite. Não economizo no perfume, antes de abandonar o meu esconderijo secreto.

Felipe está sentado no sofá de couro, com o rosto apoiado em uma das mãos, mexendo no celular com a outra. Noto que está com uma expressão de tédio, esperando-me por sabe-se lá quanto tempo. Eu nunca fui a mais rápida para me arrumar, confesso. Como hoje é uma ocasião especial, não posso menosprezar isso.

Tão logo entro no aposento, ele ergue o olhar. Sinto as bochechas queimarem ao perceber seus olhos translúcidos me estudando, ao passo em que permanece sério. Por que ele tem que ser tão indecifrável assim? Podia dar o menor sinal de que estou apresentável, ao menos.

— Gostou? — pergunta ainda me encarando.

— Muito! — Não consigo conter o sorriso. — Caramba, Felipe... Eu não sabia que um advogado ganhava tão bem assim!

As palavras pairam pela sala por alguns segundos ao que me dou conta do quão grande minha boca pode ser, às vezes. Vejo-o erguer as sobrancelhas ligeiramente, fisingando o lábio inferior, em seguida:

— *Um* advogado, de fato, não ganha tanto — dá ênfase na primeira palavra. — Por outro lado, não estamos falando de um qualquer, estamos? Aconselho abrir o jornal mais vezes, Madu — ele se levanta, indo em direção à porta. — Podemos ir?

Apesar de ter falado com a educação de sempre, sinto uma grande alfinetada. Ele nunca foi tão frio comigo como agora. Droga! Eu e essa mania de falar tudo sem pensar! Não achei que fosse ficar ofendido com um simples comentário... mas, pensando bem, deve ter batalhado muito para chegar onde está para que, simplesmente, seja comparado com outro.

Eu o acompanho sem dizer palavra alguma, chateada com o clima pesado que se formou entre nós dois. Em todo o trajeto até o hall de entrada do hotel, percebo os olhos daqueles com quem cruzamos se demorando em mim. Finalmente me sinto como se pertencesse àquele lugar e não como um peixinho fora d'água.

Assim que o chofer chega com a Mercedes alugada, nós dois entramos e só então percebo o quanto está bonito em seu terno cinza e sua gravata slim azul-marinho. Bonito e silencioso, por outro lado.

Observo com desânimo o trajeto pela janela do carro, enquanto luzes de um laranja-queimado teimam em permanecer no céu, apesar de o sol já ter ido embora.

Continuamos em silêncio o caminho todo, o que me deixa cada vez mais irritada. Caramba, tínhamos que estar assim logo hoje? Estou tão ansiosa com o coquetel, não quero fazer nada de errado. No entanto, embora esteja torcendo para que ele me deixe a vontade como sempre faz, Felipe nem ao menos dirige sua atenção para mim.

De tanto nervosismo, começo a ficar com um pouco de raiva. Não me lembro de ter ficado assim nenhuma outra vez nesse mês inteiro em que trabalhamos juntos, mas hoje me parece um bom dia para isso. Para quê tenho que ir nesse evento estúpido se ele vai ficar me ignorando?

Chegamos ao endereço, onde existem vários manobristas esperando para guiar o carro. Felipe encosta a mão no vão das minhas costas como fez hoje de manhã, logo que chegamos ao hotel. Seus dedos me tocam com leveza e sei que sua intenção é apenas me guiar pelo caminho que desconheço.

Alcançamos, por fim, o elevador inteiro cromado, onde um enorme espelho revela duas pessoas que formariam um belo casal, embora estejam muito longe disso. Encontro-me tão desconfortável que daria tudo para voltar à Curitiba imediatamente. No entanto, não sou do tipo que dá para trás. Já que estamos aqui, vou até o fim.

Felipe aperta o último botão e constato que vamos para a cobertura. Quando o painel indica que estamos quase chegando, ele aproxima seu rosto da minha orelha e, tão logo começa a sussurrar, posso sentir sua respiração morna ricochetear contra a pele:

— Essa noite você vai conhecer muitos homens que gostam de ter o ego inflado, Madu — diz, fazendo cada pelo do meu corpo eriçar. — E é por isso que você está aqui: faça-os se sentir especiais.

— Como vou fazer isso? — pergunto, arregalando os olhos, ao que a porta do elevador abre.

— Sendo você mesma. — Pisca para mim, adiantando-se em sair do cubículo no qual estamos. — Com sorte, fecharemos muitos negócios essa noite.

Deixo que as pernas me guiem pelo caminho traçado por ele, de maneira confiante. Estou no cenário de uma novela, tenho certeza! Nunca estive em uma cobertura antes, mas não preciso de muito para saber que essa se sobressai às demais. Seu chão é inteiro coberto por um deck de madeira rústico e o espaço é todo cercado por vidro temperado. Uma piscina revestida de mármore está coberta por balões perolados muito redondos.

Não têm mais do que uma dúzia de convidados, no entanto sinto que ainda chegarão mais. É surreal pensar que em plena segunda à noite, pessoas se reúnam na cobertura luxuosa de um prédio qualquer em São Paulo, trajando vestes que os preços poderiam assustar uma pessoa desavisada.

Felipe alcança um charmoso homem que aparenta ser alguns anos mais velho que ele. Tem o cabelo preto e olhos castanhos, sua barba por fazer lhe confere um ar extremamente sexy. Está com um cigarro preso nos lábios ao cumprimentar Felipe calorosamente. Imagino que deva ser o famoso CEO de que tanto tenho ouvido falar nos últimos dias.

Respiro fundo, sorrindo de maneira encantadora para os dois homens que me dirigem a atenção no momento.

— Este é Renato Monteiro, diretor executivo da PoliBev — Felipe me diz, com os braços cruzados sobre o peito.

Renato sorri com o cigarro ainda preso aos lábios, enquanto estende a mão com confiança. Cumprimento-o cordialmente, notando seus olhos escuros me examinarem de cima embaixo, quase em um segundo.

— Madu é a minha assistente pessoal — Felipe explica, parecendo ter notado também.

— Vejo que tem um ótimo gosto para os seus funcionários, hein? — Renato pergunta, rindo em seguida.

Instantaneamente sinto o sangue ferver e finalmente entendo algumas coisas que não gostaria que estivessem acontecendo. Encaro Felipe nos olhos para que ele saiba que, neste momento, estou extremamente furiosa! Ele me trouxe aqui para isso? Para o seu cliente dar em cima de mim? Isso é um absurdo! Ele acha que sou o quê?

— Vou beber alguma coisa — ele responde, sem desviar os olhos dos meus. — Quer vir comigo escolher algo para você?

— Fiquem à vontade, já os alcanço de novo! — Renato profere, indo até um grupo de homens na casa dos cinquenta que acabaram de chegar.

Começamos a andar em direção ao balcão de madeira perto da churrasqueira, que está sendo usado como um bar improvisado. A quantidade de bebidas é surpreendente, apesar de não ser a minha praia. Não sou muito de beber, exceto por uma boa cervejinha. Até porque não sou de ferro, também.

De toda forma, essa é última das minhas preocupações no momento. Muito embora esteja com um sorriso deslumbrante estampado no rosto, fuzilo Felipe pelo olhar com ardor. “*Você me paga*”, penso irritada cada vez que ele me dirige aquela expressão de cachorro sem dono que hoje, em especial, estou amando odiar.

— O que você vai querer? — pergunta, servindo-se de um Whisky duplo sem gelo.

Arqueio as sobrancelhas, sentando-me em um dos bancos que circundam a bancada. Cruzo as pernas lentamente, assegurando-me de que ele tenha sua atenção fixa em mim.

— O mesmo que você — respondo provocativa. “*Tudo bem, Felipe. Se você quer brincar, quem*

sou eu para dizer não?”

Ele aparenta surpresa por alguns segundos, antes de me servir a bebida. Arrasta uma banquetta de frente para mim, sentando-se nela em seguida.

— Então você gosta de Whisky? — pergunta, tentando amenizar o clima pesado.

— Nunca tomei, mas sempre há uma primeira vez, não é? — digo já com o rosto enfiado no copo.

O gole que tomo desce rasgando, fora o gosto horrível de madeira que fica na boca. Que droga, eu me meto em cada uma! Como alguém pode gostar disso? Na segunda vez que bebo, tento fazer como quando tomo remédio: prendendo a respiração. Não é tão ruim desta forma.

Logo assisto Renato vir em nossa direção e enterro o rosto no copo. Ele puxa uma banquetta para perto de nós, fechando um triângulo. Suspiro desanimada, ao passo em que os dois começam a conversar entre si. Apesar de não falarem sobre negócios, o assunto deles é muito distante da minha realidade, de forma que me mantenho alheia.

Permaneço sentada, sentindo-me como um objeto de decoração. Não tenho a menor importância nesse coquetel idiota e nem ao menos entendo qual é a do Felipe. Mesmo imersa em uma nuvem negra de amargura, consigo captar os olhares cheios de cobiça que Renato me lança, vez ou outra.

Cansada de não ter utilidade alguma depois do que me pareceu uma eternidade, finalmente resolvo sair dali. Sirvo-me com um pouco mais de Whisky, e então abandono os dois conversando. Meus olhos passam por cada pessoa presente, todas em seus grupos fechados nos quais não me encaixo. Quem estou enganando? Eu não pertenço a esse lugar!

Alcanço o vidro temperado que nos separa de uma queda que seria, no mínimo, catastrófica. Contemplo a vista lá em baixo, sentindo um leve tremor na ponta dos dedos. Os carros parecem miniaturas quando vistos daqui.

Perco-me nos pensamentos por tanto tempo e de tal maneira que, ao sentir um leve toque no vão das costas, quase tenho um infarto. Viro o rosto esperando encontrar os tão conhecidos traços de Felipe, no entanto sou surpreendida ao me deparar com Renato.

Ele está fumando de novo e, embora eu odeie o cheiro de cigarro, sou obrigada a admitir que quase não percebo nele. O seu perfume se sobressai com excelência.

Pisco os olhos, confusa. Procuo por Felipe com uma olhada geral pela cobertura, mas não o encontro. Renato percebe, uma vez que me explica:

— Ele foi ao toalete — sorri, apoiando-se pelos cotovelos ao meu lado, no vidro. — Existe algo entre vocês dois?

Deixo a risada escapar dos lábios, sentindo a cabeça começando a ficar mais leve pelo álcool.

— Ele é apenas o meu chefe — respondo, encarando-o.

— Ah, que sorte a minha! — Renato me exhibe um sorriso de canto. — Uma noite agradável como esta, na companhia da mulher mais bonita de São Paulo inteira... isso é para poucos.

O sorriso no meu rosto se recusa a ir embora. Renato é um galanteador nato! Não que seja difícil

para ele, afinal de contas tem um charme natural que poderia arrancar suspiros com facilidade. Preparo-me para responder quando sou interrompida pela voz que já conheço tão bem:

— Grande Renato, que vista, hein? — Felipe diz, segurando seu ombro com gentileza. — Muito obrigado por essa noite agradável.

— É cedo ainda, Felipe! — ele responde, apertando sua mão. — Nos vemos na quarta, então?

— Te espero no hotel!

Afasto-me do vidro onde estive escorada, pretendendo me despedir deste que é tão importante para Felipe. Ele recusa o aperto de mãos que ofereço e me dá um demorado beijo na bochecha.

— Foi um prazer — digo, por educação.

— O prazer foi meu — replica, entregando-me seu cartão pessoal. — Espero vê-la mais vezes!
— completa, dirigindo-me uma piscadela discreta.

Despeço-me com um aceno na cabeça, acompanhando Felipe em direção à saída. Percebo que está mais quieto que o normal, no entanto não faço nada quanto a isso. Um pouco porque ainda estou chateada com ele e um pouco por conta do álcool que ingeri.

O caminho de volta aparenta ser bem mais rápido, de modo que logo me vejo descendo do carro novamente. Felipe não tira os olhos de mim até que chegemos à suíte, onde finalmente rompe o silêncio:

— O que ele te deu? — pergunta, recostando-se no batente da porta com os braços cruzados sobre o peito.

— Ah, isso? — Entrego o cartão em sua mão. — Acho que alguém gostou de mim!

Ele revira os olhos ao passar do meu lado, visivelmente irritado. Começa a afrouxar a gravata, marchando para o seu quarto, mas então estaca subitamente no caminho. Observo-o girar os calcanhares, parando de frente para mim, ainda que um pouco longe:

— Ele não é homem para você! — Sua voz me penetra os tímpanos com suavidade, ao que meu coração começa a batucar violentamente.

— Perdão? — indago para ter certeza de que ouvi certo, porque, no momento, estou com muita raiva.



Balde de Água Fria

— Eu disse que ele não é homem para você! — Sua voz é firme ao repetir o que já havia dito.

— E por que não?

Sustentamos o silêncio por alguns segundos, com os olhos fixos um no outro. O único som que se faz presente é o de nossas respirações tensas. Felipe está com uma expressão emburrada, no entanto não mexe um único músculo desde que a pergunta ficou parada no ar.

— Quem é o homem certo para mim, então? — Dou um passo à frente, recusando-me em deixar esse momento passar.

— Qualquer um que não ele — murmura, fazendo-me perceber que não vai ceder tão facilmente.

— Ah é?! Qual o problema com o Renato? — Aproximo-me dele um pouco mais. Estou sentindo tanta raiva que preciso me segurar para não chorar. — Ele é divertido, bonito, tem um emprego estável... Não vejo qualquer impedimento.

Felipe respira fundo, fechando o punho em frente à boca.

— Madu, todos conhecem bem a fama dele — a forma cuidadosa como fala faz parecer que está escolhendo as palavras certas para usar. — Ele só quer se divertir.

— E se eu também só quiser isso? — pergunto em provocação.

— Tudo bem! — Sorri amargurado, assentindo com a cabeça. — Você está certa, eu não tenho nada com a sua vida. Peço desculpas por me preocupar — diz, virando-se para entrar no seu quarto.

Meus sentimentos estão bagunçados. Hoje foi um dia com muitos acontecimentos e eu simplesmente não estou conseguindo raciocinar direito por causa do Whisky. Além do mais, não posso simplesmente ignorar a mágoa. Ainda que seja inacreditável o fato de ele claramente estar com ciúmes, o motivo para esse sentimento foi culpa dele mesmo!

Por isso, em um ímpeto de coragem — e um pouco de ajuda do álcool no meu organismo — ouço minha voz sair quase aos berros.

— *Pera aí!* — peço, ganhando sua atenção. — Não estou conseguindo te entender, Felipe! Você praticamente me obrigou a vir nessa viagem, disse que precisava muito de mim. Logo no primeiro dia me comprou a droga de um vestido de cinco mil reais e quando chegamos no coquetel ainda teve a coragem de me pedir para paquerar seus clientes? — Neste ponto estou ofegante, mas não vou parar agora, tampouco. — Qual o seu problema?

— Eu não te pedi para paquerar ninguém! — Suas sobrancelhas estão unidas, ao se aproximar de mim em passos lentos. — *Te pedi* para ser simpática com eles e não para marcar a merda de um encontro!

— E daí se eu marcar? — questiono, sentindo o sangue ferver. — Você está com ciúmes de mim?

Felipe arqueia as sobrancelhas, em sinal de surpresa. Observo-o sorrir, balançando a cabeça em negativa:

— Não me provoque, Madu! — sussurra.

— Por que não? — Minha voz falha na última palavra. Ele está perigosamente perto de mim.

— Porque eu consigo tudo o que quero! — Sinto sua respiração morna contra o rosto e minhas pernas perdem a força momentaneamente.

Fito-o nos olhos que, embora mais azuis que nunca, parecem arder em ira. Ainda que minha vontade seja de levar essa discussão adiante, fico inebriada pelo seu aroma tão próximo. Não digo o perfume, o qual já conheço tão bem, mas sim o cheiro dele mesmo. Acho que nunca estivemos tão próximos um do outro como agora.

— Só acredito vendo! — devolvo, encarando-o.

Felipe me apanha com força pelos braços e, antes que eu possa ter alguma reação, sou levada de encontro à parede, provocando um baque. Apesar de o impacto ter doído um pouco, sou incapaz de protestar, uma vez que ele segura meu rosto entre suas mãos grandes, percorrendo a distância entre a gente.

Sua boca vem de encontro à minha com certa urgência e logo sinto o seu sabor delicioso, que tanto ansiei. Os dedos se enroscam pelo meu cabelo, deixando-me inteira arrepiada, ao passo em que pressiona o corpo contra o meu.

Envolvo-o com os braços desejando senti-lo por inteiro e mal consigo respirar, tamanha é a necessidade com a qual me entrego a ele. Suas mãos vão até às minhas coxas, segurando-as firmemente ao que me ergue do chão com facilidade. Fico encaixada entre ele e a parede, aproveitando para enroscar as pernas em torno dos seus quadris.

Suas mãos sobem pela parte de trás das coxas, eventualmente as apertando. Assim que alcança o bumbum, enterra seus dedos com violência, e ouço um gemido baixo vindo dele.

Estremeço ao perceber que Felipe está com tanto tesão quanto eu, sentindo seu volume contra a virilha. Caramba, estou tão excitada que tenho medo de acordar a qualquer momento de mais um sonho. Simplesmente não posso estar sonhando, porque a forma como ele me toca jamais poderia ser invenção da minha cabeça.

Deixo meus dedos alcançarem os botões da sua camisa e desabotoo um por um o mais rápido que consigo, mantendo os olhos fechados, deixando-o explorar minha boca com a língua. Tiro a camisa às cegas, desejando sentir a sua pele o quanto antes.

Felipe prende os meus cabelos com força, obrigando-me a erguer o pescoço. Sinto seus lábios úmidos roçarem a pele antes que ele dê uma sucessão de mordidinhas com a ponta dos dentes. Toda vez que me toca o pescoço, uma onda de energia percorre cada músculo do meu corpo, roubando o meu fôlego. Começo a balançar o quadril sutilmente, desejando sentir mais e mais de Felipe. Estou desesperada por ele.

De repente, ele sela nossos lábios uma última vez, soltando minhas pernas, e deixando-me novamente em pé. Ao se afastar de mim, minha respiração ainda está alterada, assim como a dele.

Encaro-o com dúvida, arrancando de Felipe um sorriso torto.

— Consegui te convencer? — Pisca, apoiando o cotovelo na parede, do meu lado.

— Ainda não! — respondo, tornando a enlaçá-lo com os braços.

Busco sua boca, sedenta por seu sabor, ao mesmo tempo em que tento tirar meus sapatos de salto, que me incomodam depois de tanto tempo os usando.

Felipe corresponde ao beijo com ardor, deixando suas mãos percorrerem minha cintura, mesmo quando penso ser impossível que estejamos mais próximos um do outro do que no momento. Sinto seu peito subir e descer contra mim, seguindo o ritmo agitado em que respira.

Quando acho que estamos mais próximos de saciar o desejo que viemos reprimindo nesses últimos dias, ele interrompe o contato novamente, dessa vez com uma expressão preocupada no rosto.

Sua mão direita me acaricia a nuca com suavidade e ele tem o olhar obscurecido. Vejo-o enrugando a testa, parecendo pensativo. Meus olhos recaem sobre o seu abdômen malhado e penso no desperdício que é estar tão perto e tão longe do que tenho desejado.

— Qual o problema? — pergunto, mas no meu íntimo penso que o único erro existente aqui é o fato de não estarmos agarrados um no outro como em segundos atrás.

— Não posso, Madu — sua voz é pouco mais alta que um sussurro. As palavras, no entanto, vêm como um balde de água fria. “*Não, por favor, Felipe...*”, penso estarrecida.

— Por quê? — limito-me a perguntar. — Você parecia querer tanto quanto eu!

— O problema é que também não sou o homem certo para você — ele diz, encostando sua testa na minha. — Você não me conhece... poderia se surpreender.

Sinto-me incapaz de encontrar palavras no momento. Encaro-o com expectativa, tentando ordenar os pensamentos que me assolam. Por que precisamos complicar uma questão que parece tão simples?

Desde que o conheci, venho sendo atraída como um ímã. Mas agora a perspectiva é outra, tendo em vista a forma como ele também não pôde se conter hoje, em relação aos seus sentimentos. O modo como me beijou é o suficiente para que eu saiba que também me deseja, talvez tanto quanto eu o quero.

Então por que lutar contra isso?



Acordo sem saber onde estou e leva alguns segundos até que me lembre do dia anterior. A última lembrança que tenho depois de Felipe ter se dirigido até o seu quarto, foi de como fiquei horas a fio sem conseguir dormir, uma vez que os meus pensamentos se atropelavam uns nos outros incansavelmente. Eu rolava na cama cada vez que tentava entender o porquê de não podermos simplesmente aproveitar aquele desejo ardente que havíamos vivenciado... chegar tão longe para simplesmente parar daquela forma me parecia injusto.

Esfrego os olhos, tentando afastar o sono. A primeira coisa que percebo é que graças aos céus não estou com ressaca. Ponto para mim! Com a mão esquerda, alcanço o celular no criado-mudo, conferindo as horas. Vejo com espanto que são pouco mais de onze da manhã e me recordo de que a audiência de

Felipe estava marcada para as nove. Ele ainda deve estar lá.

Em passos letárgicos, caminho até o banheiro, onde faço a minha higiene matinal. Prendo o cabelo em um coque no alto da cabeça e aproveito que estou sozinha para sair de camisola mesmo.

Ao chegar à sala, porém, deparo-me com Felipe lendo o jornal do dia, bastante concentrado. Está vestindo um terno azul-marinho slim fit com uma camisa branca e gravata preta lisa. Tem uma perna dobrada sobre a outra, que faz com que o tecido da calça aperte, destacando suas coxas grossas.

Percebo uma grande bandeja de vime na mesa de centro, com o que parece ser o meu café da manhã. Vejo um prato com waffles acompanhados de xarope de bordo, um croissant de um dourado convidativo, uma xícara de café e uma jarra de suco de laranja. Um pratinho a parte possui uma fatia de mamão, assim como um cacho de uvas frescas e alguns morangos amontoados. Em meio a tudo isso, noto um pequenino arranjo de miúdas flores alegres enfeitando o conjunto.

Solto um suspiro audível, ganhando sua atenção para mim. Um sorriso envolvente rasga seus lábios, fazendo o meu coração acelerar.

— Estava quase indo te acordar — diz com suavidade e dobra o seu jornal cuidadosamente.

— Bem, eu não teria objeções quanto a isso — respondo, sentando-me no chão e encaixando as pernas ao redor da maciça mesinha.

Noto seus olhos recaírem sobre o meu decote e acompanharem a camisola até chegar às coxas. Minhas bochechas queimam instantaneamente, ainda que, em meu íntimo, esteja lisonjeada por saber que o afeto, mesmo que um pouco.

Felipe se senta do meu lado, esticando as pernas e cruzando os pés. Estende a mão e alcança o suco de laranja, servindo-se em seguida. Encontro-me incapaz de desviar os olhos dele. Está tão lindo e aparenta um bom humor tão inabalável, que preciso perguntar:

— Como foi a audiência?

— Conseguimos um acordo! — Sorri, exibindo dentes brancos perfeitamente alinhados.

— Isso é ótimo! — respondo com a boca cheia de croissant.

Ele cruza os braços atrás da cabeça, respirando fundo. Nossos olhos se encontram por alguns segundos, então ele começa a falar:

— Madu, sobre ontem... — sua voz morre, deixando-nos em um silêncio constrangedor.

Quero perguntar para ele o que tem sobre ontem, mas me contenho, no entanto. Lembro-me de suas mãos fortes me segurando pelas pernas enquanto me erguia do chão, decidido. Um arrepio percorre a espinha e me vejo desviando os olhos dele. É como se tivéssemos nos lembrado da mesma coisa simultaneamente.

Ele pigarreia, desconcertado.

— O que aconteceu foi definitivamente um erro — suas palavras vêm ao meu encontro como bofetadas. — Você é a minha funcionária. Isso não está certo.

— Esse é o problema? — pergunto. — Porque se for isso, quero demissão! — Minha voz paira

no ar por alguns segundos.

Droga! Isso soou tão patético e infantil! Eu não posso simplesmente falar o que vem na cabeça, mas o fato é que não tem como fingir que está tudo bem. A tensão sexual entre nós dois é gritante, ele sabe disso. Felipe sorri, balançando a cabeça com desânimo.

— Você ainda é nova... — ele me diz com aquele tom de quem procura a melhor maneira para explicar alguma coisa. — É uma menina linda e tem um futuro todo pela frente.

— Felipe — sussurro, chateada com o rumo de nossa conversa. — O jeito que você me beijou ontem..

— Eu estava alcoolizado — responde categoricamente. — Entenderei perfeitamente se quiser voltar para Curitiba, posso providenciar a primeira passagem.

— O quê? — A pergunta sai em um engasgo. — Não! Você me pediu para vir, vou embora com você.

— Quero me desculpar se em algum momento dei a falsa esperança de existir a possibilidade de um relacionamento entre nós dois — Felipe solta um pesado suspiro, levantando-se com um impulso. — Porque essa ideia é incabível.

Observo-o alcançar o jornal que jazia no sofá e, antes de abandonar a sala, dirige-se a mim, uma última vez:

— O Renato teve que adiantar a reunião de amanhã para hoje. Ele estará aqui para o almoço. Preciso que esteja pronta por volta do meio dia e meia, vou precisar de você.

Minha cabeça está girando no momento em que o assisto me dar às costas. Termino de tomar o café da manhã o mais rápido que consigo, engolindo a comida com pressa.

Apesar de estar me sentindo humilhada e triste, decido não entregar os pontos assim tão fácil. Até porque, como ele mesmo diz: eu, de fato, sou teimosa. Jamais desisto de algo sem antes tentar várias vezes.

Vou direto ao banheiro, tendo em vista o tempo escasso que terei para me arrumar. Tomo um banho rápido e passo uma maquiagem leve no rosto, soltando o meu cabelo em seguida.

Visto uma saia rodada preta com poás, fazendo conjunto com uma blusinha de seda branca, completo colocando um cinto caramelo e sapatilhas.

Alcanço o meu notebook de trabalho, sabendo que vou precisar dele, uma vez que uma das minhas funções é acompanhar Felipe em suas reuniões, fazendo anotações gerais sobre o que foi conversado. Quase como se fosse uma escritã. E, sendo a PoliBev uma corporação que sempre está nos noticiários, acredito que terei muito o que anotar.

Tão logo saio do meu quarto, deparo-me com Felipe organizando a pequena sala de reuniões desta imensa e luxuosa suíte. Logo que entro no ambiente sinto a fragrância deliciosa do aromatizador da Le Lis Blanc que ele acabou de espirrar e reconheço o mesmo cheiro de seu escritório.

Inspiro profundamente, ajeitando o computador em uma poltrona de couro, a que decidi que usarei

na reunião. Vejo-o me acompanhar com o olhar e assim que o encaro, noto que está sorrindo:

— Você não tem calças? — pergunta, em tom de brincadeira. — É sério, nesse tempo que trabalha comigo, nunca vi suas pernas cobertas.

Dou de ombros, deixando a risada ressoar pelo cômodo.

— Gosto das minhas pernas — digo, ao que seguimos para encontrar Renato em um dos restaurantes do hotel. — E acho que você deveria parar de reparar nelas, pelo bem da nossa relação profissional — concluo com uma piscadela e abandono a suíte, indo apertar o botão do elevador.

Assim que olho para trás, encontro-o fisgando os lábios enquanto tranca a porta, com uma expressão que até então nunca o tinha visto fazer: Felipe está com a maior cara de safado. Lembro-me dele me advertindo para não o provocar ontem à noite, e permito-me um sorriso ao me lembrar de qual foi a consequência. “*Acho bom você estar preparado, Felipe...*” penso, assistindo-o entrar no elevador junto comigo.



Reunião de Negócios

O trajeto no elevador é silencioso, embora tenso. Felipe está recostado em uma das paredes metálicas com as mãos nos bolsos. Seus olhos, no entanto, não desgrudam de mim. Sinto um calor intenso subir pelas pernas, ao passo que as palmas das minhas mãos estão suando frio. Caramba, eu poderia agarrá-lo aqui mesmo! Como ele consegue fazer isso comigo?

Tão logo a porta abre, pulo para fora do cubículo, antes que acabe fazendo alguma besteira. Se antes era difícil conviver com ele, agora que já o tive por um breve momento é pior ainda. A todo momento, meus olhos recaem sobre suas mãos grandes e lembro delas em mim, percorrendo meu corpo com desejo e experiência. Que droga! Por que teve que ser tão bom? Seria mais fácil esquecer caso não houvesse sido. Duvido muito de que exista algo em que Felipe não seja perfeito.

Estremeço assim que ele toca o vão das minhas costas com a ponta dos dedos, indicando a direção que devemos seguir. Eu simplesmente adoro quando ele faz isso. Caminhamos em passos decididos até entrar no *Nonno Ruggero*, um dos restaurantes do hotel cuja especialidade é comida italiana.

A decoração é clássica e sofisticada. Tem os mesmos tons frios que imperam os outros ambientes, embora uma luz amarelada traga um clima confortável e aconchegante. Seguimos por um longo corredor ladeado por mesas de quatro lugares e reconheço Renato sentado em uma quase ao fim do restaurante, à esquerda, em um lugar que julgo ser bastante reservado.

Logo que chegamos, Felipe o cumprimenta, sentando-se de frente para ele. Renato me dá um beijo na bochecha, novamente negando meu aperto de mãos e, antes que eu possa me sentar ao lado de Felipe, ele afasta uma cadeira para mim, forçando-me a sentar ao seu lado. Não que seja realmente difícil. Renato é tão cavalheiro quanto Felipe. A diferença é que ele não tem problemas em demonstrar que está interessado em mim, enquanto que meu chefe, sim.

Um garçom prestativo vem com os cardápios e Renato não hesita em pedir um vinho tinto Cabernet Sauvignon da vinícola Aurora que, segundo ele, é considerado um dos mais excelentes vinhos brasileiros.

— Sabe como é — começa, com um sorriso no rosto. — Os melhores negócios são feitos com um pouco de álcool.

— Não há como negar! — Felipe responde e percebo que está olhando para mim.

Meu coração acelera subitamente e abaixo os olhos para o cardápio. Não sei o que ele pretende, mas uma coisa é certa: vou acabar enlouquecendo!

Meus olhos estudam as fotos apetitosas que vejo no livreto em minhas mãos. Ainda que tenha acabado de tomar café da manhã, não posso negar que minha gula está quase gritando. A maioria dos pratos eu jamais comi em toda a minha vida.

— Aconselho o *ravioli di mozzarella di bufala al pomodoro* — Felipe quebra o silêncio, com sua voz firme. — É fantástico!

— Bem, acho que vou na sua — Renato diz, fechando o seu cardápio. — Já me provou que tem bom gosto...

Minhas bochechas coram ao que ouço suas palavras. Pigarreio, fingindo estar distraída, e fecho cuidadosamente o menu.

— Eu também quero esse — digo, observando o garçom chegar com o nosso vinho.

O almoço é uma mistura perigosa entre divertido e intenso. Não sei até que ponto é coisa da minha cabeça, ou se de fato está acontecendo, mas tenho a sensação de pegar algumas indiretas e alfinetadas no ar, vindas de ambos. Por vezes soa como brincadeira, então nós três rimos de maneira divertida, como se estivesse tudo nos conformes. Às vezes, no entanto, percebo olhares aqui, suspiros ali... Talvez eu esteja viajando. É difícil dizer.

Embora eu me encontre apaixonada por Felipe, é complicado não me abalar com a abordagem direta de Renato. Ele realmente parece ser mulherengo, pela confiança que vejo nas suas cantadas sutis e também na maneira como o pego olhando para o decote de uma garçonete que eventualmente passa por aqui. Por outro lado, ele é tão bonito quanto charmoso; e vejo que Felipe fica incomodado com a nossa aproximação.

Enquanto os observo conversarem por códigos, pondero sobre o quão proveitoso pode ser o interesse de Renato nessa situação. Talvez o que Felipe esteja precisando para ceder seja de um empurrãozinho... Afinal, que mal pode haver nisso?



Sento-me confortavelmente com o notebook no colo, encarando Renato fumar despreocupado, escorado na janela da sala de reuniões. Abro um novo documento no Word, ouvindo a voz de Felipe ressoar abafada. Ele se encontra no cômodo ao lado, falando no celular com Leonor.

Uma brisa vem da janela, trazendo o perfume de Renato até minhas narinas. Inspiro profundamente, praguejando em pensamentos o carma que estou vivendo. “*Céus, Renato é tão cheiroso quanto Felipe*”, penso comigo mesma, atordoada.

Observo-o amassar a guimba no cinzeiro de cristal da mesa de centro, então ele senta no sofá de couro posicionado de frente para mim. Está com um sorriso superior no rosto que me incomoda um pouco.

— Quando vocês vão embora? — pergunta, cruzando as pernas.

— Domingo, eu acho.

Renato inclina sua cabeça para o lado, olhando-me intensamente nos olhos. Algo na forma como me encara faz o sangue gelar.

— Conheço um restaurante incrível que gostaria muito de te levar — seus lábios finos repuxam levemente para o lado, em um sorrisinho cínico. — O que me diz?

Pisco os olhos, confusa. Ouvimos os passos de Felipe se aproximar e, finalmente, entrar na sala onde estamos. Percebo que tirou o paletó, dobrando as mangas da camisa até os cotovelos, o que particularmente gosto muito. Sua expressão calma muda assim que nos observa, parecendo entender o que nos deixar sozinhos poderia representar.

Vejo-o fechar a cara, jogando-se no sofá ao meu lado, ficando de frente para Renato. Ele apoia o braço direito no encosto do móvel, ocupando-o inteiro, enquanto dobra uma das pernas por cima da outra. Meus olhos demoram-se nos seus músculos apertando o algodão egípcio com o qual sua camisa é feita e engulo em seco. Não adianta... Por mais que Renato seja charmoso, Felipe me tira do sério de um jeito que nunca ninguém conseguiu fazer antes. Estou completamente mergulhada nesse sentimento.

Uma vez que os dois começam a conversar, no entanto, sou completamente transportada para um mundo de podridão. Não sobra mais espaço para pensar em nada que não seja aquilo que meus ouvidos captam e tenho que digitar rapidamente.

Renato explica calmamente para Felipe a onda de processos que a PoliBev está recendo por assédio sexual. São inúmeros casos que se repetem em todo o país. De acordo com ele, um verdadeiro escândalo que pode influenciar nas ações de maneira negativa.

Fico perplexa ao ouvi-lo explicar sobre o caso mais recente que aconteceu no Rio de Janeiro, onde os supervisores de uma das fábricas contrataram prostitutas e as levaram seminuas em ambiente de trabalho.

Ouçó os absurdos ditos com naturalidade por Renato, tentando captar as reações de Felipe. Ele é sempre muito profissional com seus clientes. Encontra-se, no momento, com os braços cruzados e uma das mãos repousando logo abaixo do queixo. O dedo indicador está sobre os lábios, ao passo que seus olhos sérios não desviam do seu cliente. Vejo-o assentir vez ou outra, muito atento ao que lhe é dito.

Pelo que consigo entender, Renato quer contratá-lo para defender a empresa contra os processos, ainda que todos sejam cabíveis. Meu coração se comprime ao me colocar no lugar desses funcionários: quão injusto deve ser passar por uma situação assim e acabar perdendo a causa?



A reunião se estende até o começo da noite, de forma que, quando Felipe desce para acompanhar Renato até o saguão do hotel, permito-me ficar na suíte. Minhas mãos estão doloridas de tanto digitar e a cabeça está latejando, como se alguém estivesse batendo com um martelo nas têmporas, incansavelmente.

Fecho os olhos, logo depois de tirar o notebook do colo. As coxas estão mornas depois de servirem por tantas horas como apoio. Caramba, acho que nunca fizemos uma reunião tão demorada quanto a de hoje. Também pudera, são tantos casos que, de fato, seria impossível sintetizá-los em minutos.

Só de me lembrar dos absurdos que ouvi durante horas a fio, sinto o sangue gelar. É inacreditável pensar que uma empresa tão grande quanto a PoliBev seja palco para acontecimentos como estes pelos quais estão sendo acusados. No entanto, o que mais me enoja é o fato de que possivelmente sairão como

inocentes. No fim das contas, é sempre assim que as coisas funcionam: quem tem dinheiro tem o mundo.

Tão logo a porta é aberta com um estalido, ouço os passos suaves de Felipe virem em direção a sala de reuniões. Ainda de olhos fechados, escuto o barulho do estofado afundar sobre o peso de seu corpo, ao que ele solta um suspiro de exaustão.

Ao levantar as pálpebras, encontro-o deitado com a cabeça próxima de onde estou. Demoro-me observando seus cabelos loiros e brilhantes quando sou surpreendida por ele: Felipe inclina sua cabeça para trás, encontrando os meus olhos com os seus:

— Está cansada? — pergunta atencioso. — Essa reunião foi puxada.

— Foi mesmo — suspiro, esparramando-me na poltrona. — Estou é varada de fome!

Sua risada é envolvente, fazendo-me rir com ele.

— Você não tem fundo, *né?* — indaga, afrouxando a gravata.

— Mas já faz horas que comemos! — digo de maneira dramática, fazendo-o rir um pouco mais.

— Bem, temos que dar um jeito nisso — Felipe se senta no sofá em um impulso. — Não quero ser acusado de deixar meus funcionários desnutridos!

O sorriso que me mostra deixa minhas pernas moles. “*Como você pode ser tão incrivelmente lindo desse jeito? Chega a dar raiva*”, penso por um momento, no entanto, a brincadeira me lembra a pauta principal da reunião, deixando-me com aquele aperto horrível no coração que senti durante a tarde inteira, de maneira que tenho que perguntar:

— Felipe... — chamo, sem saber exatamente como dizer sem parecer inapropriada. — Você vai pegar a causa?

— Hum? — ele murmura, distraído.

— Você vai defender a PoliBev?

— Bem, é quase certo que sim. Estamos falando de honorários milionários! — Sua expressão é séria enquanto ele mantém os braços cruzados sobre o peito.

— Mas... Não parece errado? — questiono timidamente, temendo que ele interprete da maneira errada. — Quero dizer, são acusações graves!

Felipe dá nos ombros, levantando-se do sofá em seguida. Seus dedos começam a desabotoar a camisa com agilidade, ao passo em que seus pés o levam tranquilamente em direção à porta de saída.

— É trabalho, Madu — ele exhibe um sorriso torto, embora seus olhos estejam sombrios. — E logo você vai descobrir que um bom advogado é aquele que conhece as leis bem o suficiente a ponto de conseguir contorná-las.

Assisto-o caminhar em direção ao seu quarto, tirando a camisa assim que deixa a sala de reuniões. Pego-me mordendo os lábios com desejo, mesmo que a visão de suas costas largas e fortes tenha sido por poucos segundos.

Vou até o meu quarto em passos preguiçosos, onde aproveito para pegar uma cerveja no frigobar, afinal de contas, mereço demais depois de maçantes horas trabalhando.

Sento-me confortavelmente na cama, esticando as pernas. A cerveja desce pela garganta refrescante e saborosa, resgatando o meu bom humor. Alcanço o celular esquecido na escrivaninha por muito tempo e noto uma nova mensagem de Vanessa: “*E aí, já pegou o gostosão?*”.

Deixo-me rir gostosamente, dando-me conta do quanto a sua presença brincalhona me faz falta, ainda que faça poucos dias que não nos vemos. Dou mais um gole na bebida antes de digitar: “*Só trabalho, trabalho e mais trabalho por aqui... E por aí, muita matéria?*”.

Antes que ela me responda, no entanto, ouço três leves batidas na porta.

— Pode entrar! — digo distraída, com a long neck já na boca.

A primeira coisa que vejo é seu rosto com aquela expressão maravilhosa que faria qualquer mulher se derreter inteira. Logo depois percebo o seu peito nu, e só então meus olhos recaem para a toalha felpuda branca que está enrolada na sua cintura. Mas que merda é essa?

— O que acha de sairmos para jantar? — Felipe pergunta, ignorando a minha cara de chocada. — Conheço lugares ótimos, você iria adorar!

— O quê? — pergunto, com os olhos fixos no nó da sua toalha. No momento, a única coisa que faço é concentrar minhas energias para que ela caia. Céus, como eu quero isso!

— Madu? — Ele inclina a cabeça para o lado, com um sorriso no rosto. — O que você acha? — “*Felipe, querido... A única coisa que eu acho é que você está muito ferrado por aparecer aqui desse jeito!*”

— Parece ótimo! — respondo, lutando para manter o foco. — Mas poderíamos ir a algum lugar em que eu não precisasse usar roupas que custem mais do que um salário mínimo... Pode ser? — Dirijolhe um sorriso amável, fazendo-o rir.

— Acho válido — pisca para mim, saindo do quarto em seguida.

Meu coração está acelerado quando me lembro de que estava conversando no celular com a Nessa. Droga! Será que a Leonor também fica assim, vendo-o dessa forma?

“*Você não está perdendo nada, pra falar a verdade. Há boatos de que a UFPR vai entrar em greve*”, leio apressada. Termino a cerveja em um só gole, deixando a garrafinha vazia em cima do criado.

Tiro as roupas apressada, dirigindo-me ao banheiro com o celular na mão. Ligo o chuveiro, digitando uma última mensagem para Vanessa, antes de entrar na água escaldante, do jeitinho que gosto: “*Hoje ele não escapa*”.

Enquanto a água percorre o meu corpo, deixando minha pele relaxada, tudo o que consigo pensar é em minha mão arrancando a toalha de Felipe, com um único movimento. Como o desejo... Que droga!

Termino o banho e saio decidida em direção ao closet, pensando exatamente na roupa que vai me ajudar a tirá-lo do sério essa noite.



Culinária Francesa

Assim que entro na sala, sinto os olhos cobiçosos de Felipe sobre mim. Tento reprimir um sorriso, divertindo-me com a forma como não consegue disfarçar o que está imaginando no momento. Eu sei exatamente o que é, porque estou pensando na mesma coisa: suas mãos em mim, arrancando, com agilidade, o tecido que me cobre o corpo...

O vestido que estou usando foi comprado em um momento de impulso e assim que passei o cartão de crédito veio o arrependimento. Afinal de contas, nunca fui tanto de sair, por isso jurava que ele ficaria encostado no guarda-roupa. O fato é que hoje estou muito feliz por tê-lo trazido, ainda que contra a vontade, porque, realmente, estou me sentindo linda.

As mangas compridas de renda compensam o imenso decote nas costas, que termina perigosamente perto de onde o meu bumbum começa. Ele é de um vermelho-vivo incrível, que contrasta com a minha pele pálida, resultando em um conjunto sensual. Nos pés estou usando os *scarpins* que ganhei de Felipe, já que não é sempre que se tem a chance de calçar um Valentino.

Vejo-o abrir a boca uma ou duas vezes para falar, no entanto percebo, deliciada, que está sem palavras. É isso aí, consegui deixá-lo de queixo caído!

— O que você achou? — Dirijo-lhe um olhar inocente, aproximando-me em passos rápidos.

— Acho que você está jogando sujo! — Sorri de lado, tocando minhas costas nuas com seus dedos, como sempre faz para indicar o caminho.

Sinto uma corrente elétrica percorrer cada milímetro do corpo, ao passo em que o deixo me guiar. Sua mão escorrega um pouco além de onde costuma me tocar, de forma que quase alcança o final do decote do vestido.

Prendo a respiração, aproveitando que estou de costas para fisgar os lábios sem que ele veja. Ok. Acho que estou excitada. Como ele consegue fazer isso comigo?

Sáímos juntos de nossa suíte e, ao trancar a porta, desvencilho-me de seu toque protetor para chamar o elevador. Não demora para que ele me alcance, ficando tão próximo que quase sinto sua respiração, o que me faz estremecer de tensão. Mas que droga! Ele só pode estar brincando comigo!

Passamos pelo saguão do hotel sem trocar palavra alguma. Nesse trajeto, noto um homem ou outro torcendo o pescoço para me olhar. Minhas bochechas queimam instantaneamente, ainda que esteja me sentindo incrível. É estranho como em um momento posso me sentir no topo do mundo e, no seguinte, já não estar tão certa disso.

De toda forma, é somente ao entrar no carro que Felipe se manifesta. Com um movimento rápido, ele se inclina em minha direção, fechando o seu cinto de segurança com um estalido. Aproveitando a nossa proximidade, leva seu rosto até a minha orelha, tocando meus cabelos com a ponta do nariz.

— Comida francesa ou portuguesa? — pergunta em um sussurro que ricocheteia contra a pele,

arrepiando-me inteira. Tudo bem, eu definitivamente estou excitada! Dane-se a comida!

Suspiro, sentindo-me extasiada. Giro o rosto e o encontro me fitando com um sorriso no rosto.

— Acho que nunca comi comida francesa e a única coisa que conheço da portuguesa é bacalhoadada... — digo, esforçando-me para ficar calma. — Vou deixar essa decisão com você.

Felipe assente com a cabeça, arrancando com o carro em seguida.



É impossível prestar atenção em qualquer coisa nessa noite. Por mais que eu tente arrumar mil motivos convincentes para não persistir em me envolver, no fim basta que Felipe me encare por alguns segundos, com os lábios finos retorcidos em um risinho e então já me pego derretida, imaginando todas as formas que poderia agarrá-lo aqui mesmo.

Ele é tão sexy sem fazer o menor esforço para isso. Será que tem noção do quanto pode ser irresistível? Bem, deve ter. Às vezes sinto que estamos jogando um com o outro, o problema é que em um jogo sempre há um vencedor e um perdedor. Quem sairá ganhando, no fim das contas?

Felipe me leva a um restaurante chamado *Chef Rouge*, cuja especialidade é comida francesa. De paredes vermelhas como o meu vestido e mesas redondas com charmosas cadeiras de vime, o ambiente por si só já me deixa sem fôlego.

Como não conheço nenhum prato desta culinária, ele escolhe um serviço famoso da casa, conhecido como degustação em quatro etapas. Assim sendo, o *chef* prepara suas quatro especialidades, para que possamos saborear um pouco de cada.

Enquanto aguardamos a entrada, Felipe pede um espumante brut Cave Geisse, que chega logo em seguida. Minha cabeça está flutuando quando paro para pensar que estou nesse lugar maravilhoso com ele. Muito embora estejamos apenas como chefe e funcionária, a experiência em si já é satisfatória.

Nessa noite, Felipe está apostando em um visual mais despojado, ainda que incrivelmente elegante. Está usando uma camisa branca com um colete azul-petróleo por cima. É a primeira vez que o vejo usar jeans, nos pés, um sapato de camurça marrom.

Tão logo o garçom chega com o nosso espumante, Felipe sugere um brinde.

— E a que devemos brindar? — questiono, sem desviar os olhos dos seus.

— À essa noite agradável que está apenas começando! — diz categoricamente, levando a taça até sua boca.

Imito o gesto, no entanto encontro-me tão distraída que derrubo um pouco no busto. Alcanço o guardanapo ligeiramente e, com batidinhas, limpo o rastro da bebida que escorreu decote adentro.

Felipe acompanha meus movimentos sem piscar, cruzando as mãos sobre a mesa. Ouço-o respirar fundo, então aproveito a deixa para enrolar um pouco além do necessário para limpar o lugar em que o mantenho focado.

De repente, uma ideia maliciosa me invade a mente, arrancando um sorriso dos meus lábios. Levo a mão até a boca, pigarreando suavemente, como se acabasse de me recordar de um fato esquecido.

— Hoje, enquanto você falava com a Leonor, no telefone, Renato e eu conversamos um pouco...

— digo com casualidade, arranhando o dedo contra a toalha de mesa. Se o que Felipe precisa é de um empurrãozinho, estou preparada para dar o impulso. — Ele é um galanteador, não é?

Noto um leve arquear em suas sobrancelhas, então ele leva a taça à boca, dando um generoso gole.

— Se você está dizendo — murmura contra o vidro, seu tom de voz sugere pouco caso.

— Ele me convidou para jantar! Disse que quer me levar em um restaurante incrível... Confesso que estou curiosa!

Felipe gira os olhos, visivelmente irritado com o rumo de nossa conversa. Cruza os braços sobre o peito, com o semblante sério.

— Ok, onde você quer chegar? — pergunta, olhando-me no fundo da alma com seus olhos penetrantes.

Percebo o quanto está impaciente. Quase como se não suportasse joguinhos. “*Mas, ah... já é tarde para se arrepender, Felipe*”.

— Bem, em nome da nossa relação puramente profissional, sinto que tenho que te informar essa decisão... Até porque ele agora é o seu cliente, né?

Felipe abre a boca em surpresa, parecendo compreender algo que até então não notara. Ele fecha o punho em frente da boca, com uma expressão incrédula no rosto:

— Você está fazendo de novo!

— O quê? — indago com serenidade.

— Está me provocando — diz, com um sorriso que insiste em permanecer nos seus lábios recém-umedecidos.

— E se eu estiver? — Minha voz paira no ar alguns segundos, ao que inclino o corpo para frente, apoiando-me nos cotovelos.

A tensão que se faz presente é tão clara que temo ser possível de perceber por alguém de fora. No momento em que ele está prestes a responder, porém, somos interrompidos pelo garçom com a nossa entrada.



Felipe desabotoa o seu colete enquanto o elevador nos leva até o andar de nossa suíte. Minha cabeça está girando levemente, fazendo-me constatar que exagerei no espumante.

Observo-o mover os dedos ágeis pelos botões, sem se importar com a minha presença. De um tempo para cá ele tem estado bem à vontade para começar a se despir comigo por perto. Suspiro no momento em que o elevador para com um solavanco e sigo os seus passos em direção ao nosso aposento.

Dirijo-me à sala, onde, depois de me sentar, começo a abrir os fechos triplos do *scarpin*. Felipe, agora sem o colete, recosta-se na parede, colocando suas grandes mãos nos bolsos da calça justa.

Ergo o rosto para encontrá-lo com os olhos fixos em mim. O seu semblante é sério e indecifrável,

no entanto algo na forma como me olha, faz com que as minhas bochechas fiquem enrubescidas.

— Adorei a nossa noite — digo, ansiando por quebrar esse silêncio cheio de expectativa que paira sobre o ambiente.

— Eu também — ele sorri brevemente, ainda me encarando de uma maneira desconcertante.

— Obrigada pelo jantar! — Profiro graciosamente, levantando-me com os sapatos na mão.

Passo por ele, caminhando em direção ao quarto. Depois de uma noite inteira de provocações deliciosas, é estranho que não tenhamos chegado a lugar algum. Ainda que Felipe demonstre de várias maneiras parecer tão afim de mim quanto estou dele, sua postura impassível está começando a me deixar maluca.

Encosto a porta assim que entro no quarto, encaminhando-me no escuro até o banheiro, onde removo a maquiagem, lavando o rosto com um punhado de água fresca. Escovo os dentes e tiro o vestido, cuja renda começou a me pinicar nos braços a ponto de me deixar irritada.

Saio do banheiro usando apenas a calcinha e abraçada ao vestido, de maneira que ele cubra os meus seios.

Estico a mão direita, tateando a parede em busca do interruptor. Tão logo o encontro, não hesito em acendê-lo, fazendo a luz que irradia do lustre ofuscar a minha visão por alguns segundos. Giro os calcanhares em direção ao closet quando me deparo com Felipe sentado na beirada da cama. Os braços estão cruzados sobre o peito e uma das mãos repousa em cima do queixo.

— PUTA QUE PARIU! — grito assustada, com o coração batucando violentamente contra a caixa torácica. — Você está louco?

Felipe inclina a cabeça para o lado, deixando seus olhos contornarem as minhas pernas desnudas. Vejo-o passar a língua pelo lábio inferior suavemente, deixando-o úmido e convidativo.

Minha cabeça começa a rodar muito depressa enquanto tento assimilar as informações. O que ele está fazendo aqui? Quero dizer... Por que está me olhando com essa expressão arrebatadora? E por que tem de sustentar esse silêncio odioso?

Meus lábios se separam, formando um “o” de surpresa. Dou um passo para trás, abraçando-me com firmeza enquanto o observo se levantar e percebo o seu volume acentuado pela calça jeans justa. Ok, isso deve ser um sonho!

— É você que está me deixando louco! — Sua voz é pouco mais alta que um sussurro. Ele me cerca com seus braços, apoiando-os na parede onde estou recostada.

Aproxima seu rosto do meu pescoço em seguida, como fez outrora no carro. Com a ponta do nariz, Felipe roça a parte de trás da minha orelha suavemente, fazendo os pelos do corpo inteiro arrepiarem em uma velocidade surpreendente.

O seu perfume forte e intenso penetra minhas narinas, envolvendo-me. Minha respiração torna-se ofegante sem que eu nem ao menos perceba. Caramba, estou pegando fogo!

Felipe tira uma de suas mãos da parede, levando-a até o vestido que ainda serve como escudo

entre nós dois. Solto um pesado suspiro no momento exato em que ele o puxa de mim, colando o seu corpo no meu, em seguida.

Felipe segura a minha mão, levando-a até o seu membro rijo. Ele repousa os dedos sobre as costas dela, pressionando-a levemente contra o seu próprio corpo. Emito um gemido de tesão, ouvindo-o sussurrar ao pé do ouvido.

— É isso que você está fazendo comigo — seus lábios tocam a cartilagem da minha orelha ao falar. — Com toda a sua teimosia... Sua provocação... Eu te avisei, não foi?

Meu coração martela com tanta violência que estou prestes a enfartar. Que merda ele está fazendo comigo? Porra, Felipe!

Ele me beija o pescoço, descendo até a clavícula, onde deposita uma leve mordida. Estremeço com o contato, incapaz de esboçar uma reação. Tenho medo que acabe, como na última vez. Está bom demais para ser interrompido.

Quando seus lábios encontram os meus, não têm a urgência da primeira vez, no entanto são cheios de desejo. Felipe explora a minha boca com autoridade, ao passo que suas mãos deslizam para os seios, decididas. Seus dedos os apertam com força e ritmadamente e o ouço arfar contra os meus lábios.

Não posso conter um gemido assim que ele aperta o biquinho dos meus peitos, esticando-os de uma maneira que beira a dor. Felipe afasta os lábios de minha boca, então, levando-os direto aos seios.

Diferente do sonho que tive, no entanto, ele não vem com suavidade, mas sim com ardor, usando a mão livre para desabotoar sua calça. Sinto-o buscar a minha mão novamente e levá-la de encontro ao contato macio e morno de sua ereção.

Sua mão se fecha ao redor da minha e tão logo começa a movimentá-la pesadamente para cima e para baixo, percebo o quão encharcada estou. Que tesão! Estou enlouquecendo junto com ele!

Felipe tira a camisa em movimentos ligeiros e precisos, exibindo o peitoral forte e definido. Fisgo os lábios, aumentando levemente a pressão com que o masturbo.

— Você foi uma menina má! — Seus lábios estão formando aquele sorriso torto que tanto amo.

— E o que você vai fazer a respeito? — questiono, colando minha boca na sua novamente.

Antes que consiga beijá-lo, no entanto, ele envolve meus cabelos com a sua mão direita, enrolando-os em um nó. A forma como os puxa é dolorosa, ainda que extremamente excitante.

Felipe me guia até a cama, onde me gira de costas para ele, empurrando meu corpo para que eu fique de quatro. Meus joelhos dobram sem resistência. Como anseio senti-lo em mim!

Seus dedos seguram o tecido da minha calcinha, puxando-a pelas pernas, até conseguir arrancá-la por completo. Sinto seus lábios no meu bumbum, distribuindo chupadas que sei que deixarão vários roxos de recordação. Seu braço avança pelo meio de minhas pernas e a mão alcança o meu sexo.

— Hmm... — murmuro, contorcendo-me com o seu toque delicioso.

Ouço-o uivar gostosamente, deixando-me ainda mais excitada.

— Que delícia! — Felipe segreda, enfiando um dedo em mim e arrancando outro gemido contido.

— Geme para mim, vai... — Seu dedo faz movimentos circulares, que roubam a força dos joelhos.

Separo um pouco mais as pernas, ao que sou recebida com um puxão firme nos meus cabelos presos, que me obriga a me endireitar novamente. Ele me puxa em sua direção, o que faz com que eu tenha que envergar as costas, empinando a bunda.

Seus lábios abandonam a minha pele, enquanto ele se levanta, estimulando o meu clitóris com dedicação. Ah, eu vou acabar tendo um colapso... Não aguento mais um segundo sequer. Preciso tê-lo em mim!

Felipe se encaixa entre as minhas pernas e sinto sua cabecinha macia roçar nos lábios entre as minhas pernas, antes que ele me penetre com um movimento brusco.

— Ai! — Solto um gritinho, sentindo-o meter até o fundo.

Passado o susto, rebolo no seu membro, em provocação. Ele puxa meu cabelo um pouco mais, arrancando mais gemidos.

— Gostosa! — murmura, dando um pesado e ardido tapa na minha bunda. Empino-a o máximo que consigo e Felipe retoma suas investidas firmes e impetuosas.

Logo o quarto é preenchido pelos meus gritos, que vão aumentando a frequência e o volume conforme ele me possui. É inacreditável o misto de sensações que está me provocando. Nunca me senti assim com nenhum outro homem.

O jeito como me toca com suas mãos experientes faz com que eu anseie por mais e mais. Seus dedos brincam com o meu clitóris no mesmo ritmo com que me penetra e logo me vejo gozando com ele dentro de mim.

Não demora para que ele saia de mim, gozando no meu bumbum. Sinto sua porra escorrer morna contra a minha pele, mas, antes que possa fazer alguma coisa a respeito, suas mãos me seguram, fazendo-me deitar de barriga para cima.

Sua expressão é de safado quando vem em minha direção, uma segunda vez.



Piscina

Acordo com um irritante feixe de luz que penetra uma brecha na persiana, indo diretamente aos olhos. Pisco algumas vezes quando sinto o pesado braço de Felipe me envolver de maneira protetora. Minha cabeça demora até resgatar as lembranças da noite anterior, fazendo-me entender o porquê estou no quarto dele e permito um sorriso escapar dos lábios.

Giro o corpo cuidadosamente em sua direção, soltando um gemido ao perceber que os membros do meu corpo estão doloridos. Também pudera, as imagens que se formam na minha mente são intensas e cheias de ardor.

Aninho o rosto no seu peito, inspirando o cheiro tenro de sua pele. Não demora em senti-lo aumentar o aperto de seu abraço, indicando que está despertando lentamente.

Ouç-o ronronar, afundando o rosto nos meus cabelos suavemente.

— Bom dia — suspiro, com o rosto escondido nele.

Felipe esfrega os olhos por alguns segundos, em silêncio e então deposita um beijo no topo da minha cabeça, desvencilhando-se de mim em seguida.

Vejo-o alcançar o celular para conferir as horas: são sete e meia. Estou surpresa que tenha conseguido acordar sozinha tão cedo porque, no geral, isso é algo completamente fora da minha realidade. São raras às vezes em que acordo com facilidade para trabalhar. Minha filosofia de vida é que não há como ter bom humor antes das dez da manhã.

— Acho que falhamos em manter um relacionamento profissional — digo, tentando arrancar uma palavra dele. — A menos, é claro, que essa seja uma prática que você considera natural entre colegas de trabalho.

Sua risada paira no ar por alguns segundos, embalando-me. Sinto seus dedos afagarem as minhas costas com ternura.

— O que você está fazendo comigo? — pergunta com a voz rouca, de quem acabou de acordar.

— No momento estou tentando descobrir se você vai me dizer em algum momento que só fez o que fez porque estava alcoolizado.

— Em parte sim — ele sorri, afastando alguns fios de cabelo que caíram sobre o meu rosto. — Não estava nos meus planos me envolver com você.

Ergo os olhos, encontrando os seus. Estão um pouco mais claros que usualmente, no entanto continuam de um azul intenso.

— Está arrependido? — pergunto hesitante, temendo qual será a resposta.

— Eu não me arrependo de nada, Madu — seus olhos ficam nebulosos momentaneamente, ao que parece ter se lembrado de algo guardado profundamente na memória. — Não mais.

Suas palavras morrem, deixando-nos em silêncio por alguns segundos, até que ele se eleva com

um pesado suspiro, sentando-se na cama.

Demoro-me apreciando suas costas largas e ligeiramente bronzeadas. Logo que se levanta, porém, minhas bochechas ruborizam ao encarar o seu corpo desnudo. Ele caminha até o closet, voltando com uma bermuda preta que termina acima dos joelhos. Para no meio do caminho, alcançando uma garrafinha de água no frigobar e vem em direção à cama novamente.

Não consigo parar de devorá-lo com os olhos, uma vez que cada detalhe do seu corpo me estimula aos pensamentos mais perversos. No momento, fito os vincos profundos que as entradas para a sua virilha fazem, que gosto de chamar de caminho da felicidade. E que felicidade...

Meus pensamentos são interrompidos, porém, ao notar Felipe pegar três cartelas de remédio que jazem acima do criado-mudo, separando um comprimido de cada. Ele os lança boca adentro, todos de uma vez, tomando uma boa quantidade de água para ajudar no processo.

Uno as sobrancelhas, intrigada, e então pergunto:

— Você está se sentindo mal?

— Hum? — ele murmura, distraído.

— Está tomando esses remédios... — explico, começando a me arrepender de ter comentado a respeito, pela expressão séria que ele faz.

— Não se preocupe com isso — o sorriso que me mostra é ligeiramente tristonho. — Está com fome?

Como que em uma resposta involuntária, meu estômago protesta com um longo e audível rugido. Uma risada escapa da minha boca sem que eu consiga me conter e Felipe me dirige um olhar divertido.



Descemos até o Lobby Bar para tomar um reforçado e luxuoso café da manhã. Minha fome é tamanha que sinto como se possuísse um buraco enorme dentro de mim.

Como com certa urgência, arrancando olhares de desaprovação de Felipe, que são seguidos por risadas involuntárias. Ele deve estar com vergonha do meu desespero, mas não tenho tempo de me importar com isso. Sou do tipo que leva comida muito a sério e simplesmente estou enlouquecendo com a variedade de pratos maravilhosos desse hotel.

Durante a refeição, ele comenta que terá de se encontrar com um novo cliente essa tarde, cuja reunião será bem menos extravagante que o coquetel da PoliBev, que aconteceu na segunda-feira. Evito um sorriso ao ouvi-lo me explicar que tenho o dia livre, uma vez que não terei muita utilidade enfiada entre uma porção de homens pretensiosos.

Sei que no fundo Felipe apenas não quer admitir que está com medo de me levar, justamente por saber que posso acabar chamando atenção de alguém por lá. É contraditório o fato de que antes de ontem ele queria que eu estivesse entre esses homens pretensiosos e, além de tudo, bajulando-os. É quase como se quisesse se gabar de estar comigo, e isso me deixa irritada por alguns segundos. Felipe pode ser complicado de entender às vezes.

Concordo em ficar, até porque ainda não tive a chance de experimentar a piscina incrível do hotel e essa seria uma oportunidade e tanto para isso. Ainda que na minha imaginação, a experiência seria bem melhor com ele junto, posso fazer o sacrifício de ir sozinha.

Tão logo nos damos por satisfeitos — eu talvez não tanto quanto poderia estar — subimos para a nossa suíte. Felipe vai direto para o banho, enquanto me dirijo ao quarto, pronta para colocar o biquíni que venho sonhando em usar desde que o comprei, há alguns meses. Entretanto, morando em Curitiba e dividindo o escasso tempo entre a faculdade e o emprego, ainda não tive a chance para isso.

Visto o *cropped top* de crochê, feito em cores alegres, assim como a parte de baixo. Alcanço os óculos de sol, que tampam o rosto inteiro, assim como o protetor fator cinquenta, indispensável para o bem da minha pele branquela e sem graça. Adoraria um bronze sensual, mas o máximo que consigo no sol é uma tonalidade rosada e patética. É melhor não economizar na proteção, mesmo.

Vou ao encontro de Felipe em seu quarto e o acho terminando de dar o nó da gravata cinza-prateada slim que escolheu para usar hoje. Seus olhos percorrem o meu corpo assim que entro no cômodo, contudo sua expressão permanece séria.

— Você me ajuda com o protetor? — pergunto, pestanejando de maneira infantil.

— Então você pretende ficar na piscina enquanto eu estiver fora? — indaga, enlaçando o seu braço em torno da minha cintura e me puxando para junto de si.

— Algum problema com isso? — Fisgo o lábio inferior, sorrindo em provocação.

Felipe segura meu queixo com firmeza, trazendo seus lábios até os meus. Abro espaço deixando-o invadir a minha boca e se enroscando na minha língua como em uma dança sensual.

Instantaneamente sinto as pernas perderem a força, no entanto ele encerra o beijo, com um sorriso torto estampado na cara.

— Sabe o que faço com garotas más, não sabe?



A piscina do hotel Fasano é esplêndida, com o seu imenso formato geométrico irregular e acabamento em mármore branco. A composição é agradável aos olhos, que se perdem facilmente nos pequenos detalhes captados aos poucos.

Caminho em passos lentos, deixando-me deleitar com o ambiente incrível no qual me encontro. Diferente do que imaginei, porém, não estou sozinha. Aliás, muito pelo contrário: para uma manhã de quarta-feira têm pessoas até demais.

Vejo à direita uma fileira extensa de espreguiçadeiras robustas e elegantes. A madeira com que são feitas é a mesma do deck que circunda toda a área externa. De maneira sistemática, todas se encontram arrumadas iguais: forradas com uma toalha listrada em tons de areia e outras quatro toalhas enroladas como em um arranjo. Todos os espaços entre as cadeiras — que parecem infinitas — são decorados com vasinhos de cortiça, que trazem suculentas no interior.

Reparo um grupo de mulheres maduras, loiras e muito bronzeadas conversarem animadamente na

extremidade oposta, por isso escolho uma das primeiras cadeiras, alimentando, assim, a maior distância possível entre qualquer outro ser humano. Hoje o dia será somente meu.

O sol ainda está fraco, já que não é nove horas ainda. Portanto, esse é o momento certo para um bom mergulho. Afinal de contas, quando o sol estiver mais alto, eu muito provavelmente estarei abrigada em um dos grandes guarda-sóis brancos que pairam do outro lado da piscina.

Tiro a saída de banho, deixando-a em cima da cadeira, junto do celular e a chave da suíte. Prendo os cabelos no topo da cabeça em um coque e então, sem pensar duas vezes, ponho-me a descer os degraus feitos também em mármore.

A água está tão gelada que beira o insuportável, no entanto sinto alguns olhares em mim que me impedem de desistir. Sigo em frente, prendendo a respiração ao ser engolida pelo contato gélido que me cerca.

Minha respiração se torna ofegante até que eu me acostume com a sensação térmica, o que leva um tempo considerável. Apoiando a cabeça em uma das bordas, fecho os olhos, esticando o corpo em seguida. Meus membros flutuam leves e relaxados e a sensação é tão boa que tenho que me policiar para não acabar cochilando e morrendo afogada.

É nesse momento calmo e introspectivo que sou arrancada cruelmente de minha paz, ao ouvir uma voz familiar próxima demais de mim:

— Você fica linda com essa expressão serena!

Ao abrir os olhos, encontro as íris escuras de Renato me fitando de cima. Percebo que está sentado do meu lado, com as pernas afundadas na água. Não está com o terno habitual, mas sim uma camisa de algodão cru e uma calça de linho enrolada até os joelhos.

Fico um pouco perplexa por não ter me dado conta de que tinha alguém ao meu lado, sabe-se lá há quanto tempo.

— O-oi Renato — gaguejo, assim que me beija delicadamente na bochecha. — Que surpresa te ver aqui, Felipe não comentou que teriam uma reunião... — as palavras morrem no ar, fazendo-me lembrar que a reunião que teriam hoje foi adiantada para ontem. Renato tinha um compromisso, pelo que Felipe me dissera.

— Ah, mas não estou aqui a negócios — sorri, parecendo divertido com algo que somente ele sabe. — Não *estes* negócios — a forma como pronuncia as últimas palavras me deixam um pouco desconfortável. De repente, desejo estar em qualquer lugar que não aqui.

— Hum — murmuro, deixando o corpo afundar suavemente, até que sinto os pés tocarem o chão da piscina.

— Você está me devendo um jantar... Confesso que fiquei intrigado com o porquê de não me ligar! Forço uma risada baixa, como se estivesse envergonhada com sua maneira direta de abordagem. Aproveito a deixa para me afastar alguns passos da beirada da piscina, ficando de frente para ele.

Renato tateia os bolsos a procura de sua carteira de cigarros, tirando um com seus dedos

compridos. Leva-o até os lábios finos com um movimento sexy, ainda que não propositalmente. Observo-o acender o cigarro, dando um demorado trago no mesmo.

A fumaça vem em minha direção, fazendo-me revirar os olhos. “*É uma pena que os óculos de sol não o permitam notar o meu descontentamento*”, penso irritada.

— Bem.. — começo, o mais casualmente que consigo. — Você ainda não me disse o motivo de estar aqui.

— A verdade é que não consigo tirar certos olhos azuis da cabeça, desde que os vi a primeira vez... — seus lábios envergam em um sorriso de canto. — Não sei o que aprontou comigo, mas sei que não vou sossegar até ter a honra de sua companhia.

Minhas bochechas enrubescem no momento em que o ouço. Escutar um elogio tão incisivo assim é, de certa forma, intimidante. Ainda mais se eu levar em consideração a intensidade com a qual ele me encara, exatamente agora. Céus, o que vou fazer? Isso estava completamente fora dos planos e é a última coisa de que precisava. Justamente agora que Felipe parece estar cedendo! Que droga!

— Ninguém pode negar sua determinação, Renato. — Sorrio com educação, dando mais alguns passos para o meio da piscina.

Por um milésimo de segundo noto suas sobrancelhas arquearem e, antes que eu possa raciocinar, assisto-o pular na piscina, decidido. Seu gesto provoca alguns olhares curiosos em nossa direção.

Meus pensamentos param de funcionar momentaneamente, tão logo o observo percorrer a distância entre nós, sem dificuldades. Minhas mãos estão tremendo levemente de nervosismo. O que vou fazer? Ou melhor: o que ele acha que vai fazer?

Assim que me alcança, vejo os seus braços me cercarem como os de Felipe fizeram, nesta madrugada. A diferença é que os sentimentos que ele está causando em mim estão bem longe de agradáveis. Ainda que Renato seja um galanteador nato, muito educado e, por vezes, incrivelmente sexy; existe algo na forma como sorri que não parece certo.

Noto alguns olhares sobre nós dois, como se esperassem que a qualquer momento pudéssemos nos agarrar ali mesmo. Toco seus ombros fortes com suavidade, tentando levá-lo para longe de mim, o mais delicadamente quanto possível. Renato é ligeiro ao perceber a minha intenção, pois logo em seguida sinto uma de suas mãos segurarem o ossinho do meu quadril, o que me provoca um forte arrepio.

— Você vai perceber que posso ser muito persuasivo, Madu..

Meu coração se comprime ao ver seus olhos castanhos tão de perto. Essa poderia ser uma daquelas horas que o Felipe interrompe um momento de proximidade entre a gente, mesmo que sem intenção. Contudo, estou certa de que terei de contornar a situação sozinha, afinal de contas, ele saiu faz pouco tempo.

Ergo os óculos de sol, prendendo-o na cabeça. Aproveito o contato visual para afastar sua mão de mim e esboço um sorriso inocente.

— E você vai perceber que posso ser bem teimosa, Renato — minha voz sai pouco mais alta que

um sussurro, arrancando uma expressão de surpresa de seu semblante que, até o momento, parecia debochar da situação.



O Imbatível

O som estridente do celular de Renato irrompe o ambiente. Por um segundo, permito-me um suspiro de alívio. Ele me parece o tipo de homem que não aceita os limites impostos por outras pessoas. Está tão acostumado a ter tudo o que quer, que passou a acreditar que todas as coisas lhe são permitidas.

Usando os braços, ele eleva o seu corpo para fora da piscina. Só então percebo que está ensopado: pulou de roupa e tudo. Reviro os olhos, observando-o alcançar o celular no deck de madeira, cuja melodia toca de maneira incessante.

Renato se afasta um pouco de mim, buscando mais privacidade para atender a ligação. Aproveito o momento para cair fora dali o quanto antes, afinal de contas, não quero problemas. Não com o cara que Felipe parece tão satisfeito em ter como cliente.

Saio da piscina usando a mesma escada de mármore que usei para entrar. Em movimentos ligeiros, alcanço uma das toalhas listradas que jazem acima da espreguiçadeira, envolvendo meu corpo com ela. Pego os meus pertences com uma pressa que beira o desespero e passo por Renato, que parece irritadiço e autoritário com a pessoa do outro lado da linha.

Aceno brevemente com a cabeça, já a uma distância considerável, sorrindo como quem se desculpa por não ter mais tempo. Apesar de parecer imerso em sua conversa, percebo que seus olhos brilham intensamente ao me dirigir um beijo.

Sinto um nó se formar na garganta, minha intuição me diz que ele ainda vai dar trabalho. Tento afastar esse pensamento da cabeça, querendo me convencer de que não passa da minha imaginação fértil. Todavia, não adianta, meu sexto sentido nunca falha e ele está praticamente berrando que mexer com Renato foi um erro. Tenho certeza de que esse homem verá as minhas recusas como estímulos para seguir em frente. Afinal, é como dizem: quanto mais difícil é de se conquistar alguma coisa, mais valioso o troféu se torna por isso. Tenho certeza de que ele já me enxerga como um prêmio. Está apenas concentrado no melhor momento para atacar.



Felipe chega no final da tarde, encontrando-me entretida com um filme de comédia romântica, no quarto. Ele bate na porta algumas vezes e só entra no aposento quando dou permissão. “*Engraçado que ontem você já estava aqui, não é?*”, penso divertida, vendo-o com uma expressão que me derrete instantaneamente. Por trás do semblante carrancudo, percebo aquele olhar de carência típico dele. Droga, assim não tem como resistir! Cedo ou tarde esse homem me tira do sério...

— Achei que ainda estaria na piscina — ele senta na beirada da cama, deixando sua pasta de couro no chão. — Passei lá para te procurar!

Meu estômago revira ao recordar o que me fez sair de lá. Respiro fundo, levando adiante a decisão que havia tomado de não contar para ele sobre o ocorrido:

— A água acabou comigo, estou um caco! Acho que mais um pouco e você me encontrava dormindo.

— Sério? — Seu sorriso é safado ao perguntar. — Eu ia te chamar para nadar comigo um pouco... Que pena!

Rio gostosamente, desejando que ele simplesmente se deitasse aqui comigo, para que pudesse usá-lo como travesseiro. Apesar das brincadeiras, o clima romântico dessa manhã aparenta ter se dissipado depois de horas separados. Felipe parece se afastar de mim ao passo que corro em sua direção.

— Acho que posso fazer um esforço! — Jogo o corpo um pouco mais para a extremidade, dando uma dica sutil do que eu gostaria que ele fizesse.

Felipe demonstra estar com a cabeça longe, no entanto. Apesar de seus olhos fitarem em minha direção, é como se estivessem no mais profundo do seu íntimo. Ele coça a barba por fazer, finalmente demonstra se lembrar de quem é e onde se encontra. Observo-o endireitar sua postura, o que faz com que o seu peito ganhe evidência e me tira do foco momentaneamente.

— Quero te mostrar uma coisa! — diz, alcançando o notebook dentro da pasta jogada no pé da cama.

Movida pela curiosidade, pauso o filme e me ajeito o mais próximo que consigo dele. Uso os travesseiros como encosto, apoiando as costas confortavelmente.

Só então me dou conta de que Felipe parece orgulhoso com alguma coisa que ainda desconheço. Talvez seja isso que esteja querendo me mostrar. Frequentemente ele costuma ser discreto com as suas conquistas. Eu mesma me lembro de apenas na entrevista tê-lo ouvido falar abertamente sobre si. Na maioria das vezes segue a postura reservada e oculta que já aprendi a lidar.

São raras às vezes em que realmente se tem certeza sobre o que Felipe está pensando. Porque, na maior parte das situações, ele apenas dá leves sinais do que sente. É quase como se usasse um escudo de proteção contra as demais pessoas.

Ele coloca o notebook no colo, com o site da revista CQ aberto. Meus olhos recaem automaticamente no título da matéria, cujas letras garrafais em vermelho anunciam “Os 15 advogados mais poderosos do Brasil”.

Arqueio as sobrancelhas, descendo a barra gentilmente até ser surpreendida por uma foto de Felipe. Nela, ele se encontrava elegantemente sentado em uma imponente poltrona *Charles Eames*, cuja base feita em madeira multilaminada casava perfeitamente com o estofado em couro preto como a noite. Instantaneamente reconheci o design clássico e elegante da cadeira de seu escritório.

Felipe estava com os braços cruzados sobre o peito, dentro de seu terno de corte impecável cinza-chumbo, cuja gravata azul combinava com os olhos, destacando-os magistralmente. Sua expressão dizia claramente “eu sou o rei do mundo”, mas sem parecer arrogante, no entanto. Era solene; autoritária na medida certa.

Dentre os clientes deste jovem advogado, estão nada menos que as cinco maiores construtoras do país. Seguindo os passos do pai, Antunes consolidou sua carreira ao defender o médico Cassandro Bertioiga, condenado a 255 anos de prisão por ter abusado sexualmente de clientes de sua clínica de fertilização. Constando com uma base invejável de ações ganhas, o curitibano é considerado por muitos como imbatível. Suas defesas são tidas como excêntricas e eficientes, rendendo-lhe a condição de um dos advogados criminalistas brasileiros mais bem pagos do país. Especula-se que só a defesa do bispo Eduardo Magalhães, líder da Igreja Imperial do Reino de Deus tenha custado R\$ 8 milhões em honorários.

Estou sem ar quando termino de ler. Eu imaginava que Felipe era um advogado e tanto, mas oito milhões me parece coisa de outro mundo. Encaro-o com uma expressão atônita, ao que pergunto, sem medir as palavras:

— Como pode um dos quinze maiores advogados do país trabalhar na sua casa com uma única secretária? — Minha voz sai desafinada, tamanho é o meu espanto no momento.

— Que bom você perguntar isso! — Ele sorri brincalhão, como se não pudesse se conter.

Felipe me explica que possui quatro filiais espalhadas pelo país, que atendem como Antunes Advogados Associados. Uma em São Paulo, uma no Rio de Janeiro, outra em Brasília e, por fim, uma em Porto Alegre. Sua equipe é composta por advogados com diferentes especializações, englobando praticamente todas as áreas do Direito. As maiores e mais importantes causas são quase sempre dele, no entanto.

— Tenho os meus motivos para preferir o isolamento — explica em tom de brincadeira. — Temos que concordar que é bem melhor trabalhar no conforto de casa.

— Não sei — digo sorrindo, sabendo que talvez nunca venha a descobrir. — Ainda não alcancei esse nível.

Ele se levanta da cama, com uma postura autoritária e profissional que usualmente assume na companhia de seus clientes.

— Aliás, foi bom tocar no assunto... Tenho que passar no escritório amanhã, aproveitando que será nosso último dia aqui — seus olhos estão fixos no celular e os dedos digitam com agilidade algo de que parece ter se lembrado.

— Achei iríamos ficar até domingo — suspiro desanimada, percebendo que terei de encarar a vida real novamente. O pensamento é doloroso como um soco na boca do estômago. — Você não tem mais nenhum compromisso importante? — Indago e ele apenas nega com um movimento ligeiro da cabeça. — Qual é, você deve ter vários!

Noto que estou agindo como uma criança birrenta ao me dar conta de que ele está lutando para conter o riso. Sentindo as bochechas queimarem, cruzo os braços, subitamente emburrada.

— Se não me falha a memória, você nem queria estar aqui! — noto sua sobrancelha arquear ligeiramente, como que me desafiando. — O que aconteceu, Madu? — “*Felipe, querido... Então você quer mesmo brincar?*”, penso em desafio.

— Bem, é que eu mal tive tempo de aproveitar a piscina... — suspiro de maneira teatral, dando nos ombros em seguida. — Vou ter que me conformar com o pouco que fiquei nessa tarde!

Seus olhos azuis brilham com a provocação e um sorriso rasga o seu rosto. Felipe passa as mãos pelos cabelos dourados, fazendo-os refletir a luz que irradia da lâmpada. Mal consigo disfarçar a cobiça enquanto o devoro com o olhar.

— Acho que podemos dar um jeito nisso — diz, alcançando a pasta no chão. — Você tem dez minutos para se trocar.

Então abandona o quarto, deixando-me para trás com o seu notebook ainda no colo, esquentando as minhas coxas. Sem pensar duas vezes, pulo para fora da cama, correndo até o banheiro, onde deixei o biquíni.



Diferente de hoje cedo, a área de lazer está deserta. Escolho uma das espreguiçadeiras mais reservadas, que estava sendo usada outrora. Deixo timidamente o celular e a saída de banho em cima dela, dirigindo-me até a beira da piscina, onde estico o pé hesitante em sua direção e molho a ponta dos dedos.

Um calafrio percorre o meu corpo ao me dar conta de quão gelada está a temperatura da água, mas, antes que eu me dê conta, sou arremessada piscina adentro por Felipe.

Meus pensamentos demoram para se ordenar, ao que nado de volta para a superfície. Esfrego os olhos na tentativa de fazê-los parar de arder com o cloro, sendo recebida pela risada dele, que irrompe o ambiente com prazer.

Estou com sangue nos olhos querendo vingança, mas sou desarmada ao vê-lo fechando os olhos e rindo gostosamente. Nem dá para acreditar que esse idiota seja um dos melhores advogados do país, que quase sempre está se fechando a ponto de ser impossível decifrar os seus sentimentos.

— Vai ter vingança! — brado, acostumando-me com a sensação térmica semelhante à de estar no Polo Norte.

Felipe pula para dentro da água, emergindo próximo de mim. Os seus dentes bem alinhados ainda se encontram à mostra, enquanto nada em minha direção.

— Estou esperando! — Logo que me alcança, suas mãos me seguram pela cintura, com força.

— Então você é desses?

Minha voz estremece assim que sinto seus lábios tocarem o meu queixo com suavidade, subindo o maxilar sem pressa. Céus, aqui não...

— Cadê a vingança? — ele provoca novamente, passeando sua mão pela minha barriga e parando vez ou outra para cravar os dedos em mim, com desejo. — Parece que estou te desarmando...?

— Filho da mãe! — Arfo, dando-me conta de que já estou entregue. Como ele pode ter tanto controle sobre mim? Pareço uma adolescente, ficando excitada com tão pouco.

— Opa! O que é isso? — Ele assume uma expressão séria, repreendendo-me com o indicador. — Está apelando para as ofensas? — indaga, umedecendo os lábios em seguida. Minhas pernas parecem estar se dissolvendo na água, porque perco completamente a força nelas. — O que eu faço com você, hein?

Sua mão avança para dentro da calcinha, tocando o meu sexo. Seus dedos começam a brincar comigo, em movimentos circulares suaves e tão deliciosos que tenho que me segurar para não fazer ruído algum.

— O q-que...? — Minha voz fica presa na garganta e ele aumenta a pressão com a qual me acaricia, assim como a velocidade. Preciso conter um gemido, o que arranca um sorriso de satisfação dele.

— Que tal se a gente brincar um pouco? — Felipe sela nossos lábios, falando contra a minha boca. — A única regra do jogo é não fazer nenhum barulho, tudo bem?

Antes que eu possa responder, vejo-o imergir água adentro, desaparecendo de minha visão. O meu coração palpita com a expectativa, principalmente por estarmos em um lugar público. No fundo me sinto um pouco culpada, contudo é difícil concentrar nesse sentimento assim que os seus dedos abaixam a minha tanga.

A minha cabeça flutua ao senti-lo me tocar e percebo que a brincadeira será mais difícil do que previ. Agarro as bordas de mármore da piscina com força, fisingando os lábios para evitar que algum som gutural escape.

Sinto-o sugar o meu clitóris com suavidade, arrancando um suspiro audível de mim. Contorço os quadris, ponderando se seria muito catastrófico gemer aqui fora.

Quando acho que estou perto de perder o controle, Felipe volta para superfície, sem fôlego. Ouço-o respirar ruidosamente, apesar de nutrir uma expressão safada no rosto.

— Pronta para começar o jogo? — Sua voz invade os meus tímpanos, deixando-me em transe. Oi? Começar?

Como que lendo os meus pensamentos, ele complementa.

— Esse foi só o aquecimento!

Ainda que eu esteja dentro da água, meu corpo parece em chamas quando Felipe volta a mergulhar, alcançando o meu sexo. Minha respiração falha ao senti-lo tão focado em me dar prazer. Sua língua trabalha com dedicação, em movimentos sensuais que me tiram do sério.

A cada segundo que permanece em baixo d'água, torna-se mais e mais difícil manter a concentração. Meus joelhos perdem a força e, involuntariamente, remexo os quadris para frente e para

trás, tentando acompanhar o ritmo com o qual ele me chupa.

Embora tente segurar os sons, eles estão se tornando cada vez mais audíveis. Vez ou outra um gemido escapa da garganta, fazendo o coração disparar loucamente pela adrenalina que se faz presente.

Logo Felipe irrompe da água, desesperado por oxigênio. Sua respiração é ofegante e as puxadas de ar são rápidas, fazendo o seu peito se mover para cima e para baixo, repetidamente.

Sua boca alcança a minha e sinto um pouco do meu sabor no nosso beijo. Seus dedos se enroscam pelos meus cabelos, enquanto que sua língua passeia pela minha boca, guiando os movimentos.

Com o corpo quase colado no meu, sinto o movimento de vai e vem de sua mão contra a minha perna e percebo extasiada que ele está se masturbando. Mordo levemente o seu lábio inferior, cheia de desejo. É incrível a capacidade que ele tem de me tirar do sério. Quero Felipe e quero agora mesmo!

Enlaço os braços em seu pescoço, elevando-me para cima. Envolve-o com as minhas pernas compridas, dando-lhe uma pista do que quero que ele faça ao que roço a virilha contra a sua ereção.

— Você ainda está me devendo essa posição — digo ainda com os lábios nos seus.

Ouç-o gemer baixinho ao ouvir as palavras e instantaneamente sinto uma corrente elétrica atravessar o meu corpo. Saber que causei isso nele é insano. Esse gostoso está excitado desse jeito e é por minha causa... Caralho, isso é realmente incrível! Mas não é como se não pudesse ficar um pouco melhor...

Pegando-o de surpresa, desfiro um tapa contra o seu rosto, que provoca um estalido ardido. Ele arregala os olhos por alguns segundos, em surpresa.

— A única regra é não fazer barulho! — explico, vendo sua expressão de surpresa se transformar em excitação. — O próximo vai ser pior!

— Ah é? — Sua voz é rouca e suave, ainda que seus olhos estejam ardentes.

Imitando o gesto de alguns dias atrás, ele usa suas mãos para me segurar nas coxas e me prende contra a parede de azulejos da piscina. A densidade da água colabora com a posição em que nos encontramos, uma vez que me sinto mais leve e sei que ele também. Aumento a força das pernas, prendendo-me nele o melhor que consigo.

Felipe enfia dois dedos em mim, mexendo-os como se fizesse o sinal de “vem cá”, em movimentos fortes e constantes. A sensação é tão deliciosa e arrebatadora, que me ouço soltar um grunhido alto que mais se parece com um soluço. A minha voz sai engasgada, quebrando o silêncio mortal no qual nos encontrávamos.

Ele ri satisfeito, usando a sua mão livre para bater de leve no meu rosto. Sua mão é pesada, no entanto e sinto a bochecha queimar por alguns segundos. Em sequência, Felipe segura o meu rosto, apertando o queixo para ganhar a minha atenção:

— Eu disse sem barulho! — noto sua língua umedecer o lábio inferior, em um movimento ligeiro, embora incrivelmente sexy. É incrível o como tudo nele pode ser tão excitante.

Assinto com a cabeça, imersa no momento. Ele inclina o seu rosto, beijando o vão formado entre

o meu ombro e pescoço, enquanto o sinto me penetrar, lentamente.

Diferente do que sempre imaginei, fazer sexo na piscina é um pouco desconfortável no começo. Ainda que esteja super molhada, a sensação é a mesma de estar seca. Demora algumas investidas até que eu pare de sentir incômodo. Felipe é cuidadoso e parece perceber, uma vez que seus movimentos são lentos e, de certa forma, delicados.

Conforme minhas reações vão se mostrando favoráveis, ele reage, mudando o ritmo com que investe. Não demora muito para que seja quase impossível me manter calada. Escondo o rosto no seu pescoço, permitindo-me pequenos gemidos e ele sempre responde metendo um pouco mais forte.

Não bastasse o prazer intenso, o clima de estar em lugar público, consequentemente proibido, contribui muito com a libido. O meu coração encontra-se tão agitado que, por vezes, parece que vou vomitá-lo para fora.

Quando alcanço o ponto máximo, deixo escapar um ruído desentoadado, sem conseguir pensar na loucura que estou fazendo. Sua mão grande vem de encontro a minha boca, segurando-a com firmeza, sem que ele precise interromper as investidas.

Minha cabeça começa a girar quase ao mesmo tempo em que as extremidades do meu corpo esquentam de supetão, relaxando os membros. Solto as pernas dele, mas Felipe não permite que eu saia da posição, pressionando-me ainda mais contra a parede.

Ainda com a mão tampando os meus sons, ouço-o gemer repetidas vezes, o que me deixa tão extasiada que gozo uma segunda vez, em uma explosão intensa e deliciosamente extasiante.

Parecendo satisfeito consigo mesmo, ele sai de dentro de mim, subindo a minha tanga para o lugar certo. A minha respiração encontra-se tão alterada que é como se tivesse acabado de ficar submersa na água por minutos a fio.

Fecho os olhos, tentando me recuperar desse furacão que parece ter me assolado. Não sei como ele faz isso comigo, mas, aos poucos, percebo que estou enlouquecendo. A sensação é maravilhosa.

Escuto o barulho dele saindo da água e, tão logo recupero a força das pernas, imito os seus passos. Assim que saio da água gelada, a brisa fresca roça a minha pele, eriçando os pelos. Antes que eu tenha alguma reação, contudo, sinto o toque macio da toalha me envolver e me encontro protegida nos braços de Felipe.

O tempo parece parar por alguns segundos e meu estômago revira com o contato íntimo e acolhedor dele. Eu poderia ficar aqui para sempre, porém não me importaria. Tudo o que importa é que ele esteja com seus braços fortes ao meu redor, como faz agora.

— Conseguiu aproveitar a piscina o suficiente, agora? — Sua voz é suave como veludo, percebo que está me provocando.

— A piscina sim.. — entro no jogo, sorrindo inocentemente para ele. — Mas ainda tem muitos lugares que eu poderia aproveitar melhor!



A Encomenda

A melodia ruidosa e insuportável do celular ecoa pelo ambiente, dominando-o. Anoto mentalmente que já passou da hora de criar vergonha na cara e escolher outro toque, de preferência um que não pertença ao aparelho.

Permito-me um sorriso assim que o telefone para de tocar e tenho uma nesga de esperança, imaginando se a pessoa do outro lado da linha finalmente desistiu de falar comigo. O pensamento é varrido da minha cabeça, no entanto, quando, outra vez, a música vibra intensamente, alastrando-se pelo quarto. Ah, droga... Estou tão exausta.

Com um suspiro, dou-me por vencida, abrindo os olhos e encontrando a escuridão artificial do quarto. Justo nessa sexta-feira que ganhei o dia de folga, alguém tira o meu prazer de dormir até tarde.

Estico a mão, tateando o móvel ao lado da cama em busca do meu atual instrumento de tortura. Tão logo o alcanço, vejo piscar no visor “mamãe” e estremeço, sabendo que neste momento estou mais que encrencada. Faz um tempo desde que liguei a última vez.

— Alô — murmuro, com a voz rouca de quem acabou de acordar.

— Olha só, ela está viva! — Sua voz é manhosa ao proferir as palavras. Reviro os olhos com o drama. Mães...

— Oi mamãe, sinto muito. Voltamos ontem à noite, e eu tive que tomar um drammin para não vomitar... Ele me fez capotar!

— Eu já estava quase acionando uma equipe de resgate! — ela admite e, de algum modo, sei que não está de todo brincando. A minha mãe é referência em exagero.

Já conformada que não vou mais recuperar o sono, esfrego os olhos, obrigando-me a me sentar. Alguns corajosos raios de sol penetram o blackout, ousando clarear a minha toca obscura.

— Mas me conta, quero saber os detalhes! Como foi a viagem? — A excitação da sua voz me traz uma onda de remorso ao me recordar do que estive fazendo na maior parte do tempo.

“Qual será a hora certa para contar?”, pergunto-me mentalmente, ponderando se “nunca” é uma opção cabível. O quão estarrecida ela ficaria ao saber disso? Possivelmente muito.

— Ok, vamos lá... — digo, espreguiçando-me. — Viajar de avião foi o pior pesadelo da minha vida... Passei mal e vomitei dentro do avião... — não posso concluir, pois minha voz é soterrada pela sua.

— Maria Eduarda! — mamãe bronqueia e quase posso ver sua expressão de descontentamento. Deve estar com as sobrancelhas unidas e a boca repuxada para o lado. Não duvido nada que tenha acabado de cruzar os braços também... — Eu não acredito que você vomitou do lado do seu chefe!!!

“Olha, eu fiz coisas bem piores com o meu chefe”, mentalizo, enrubescendo ao me recordar da piscina. O simples pensamento acelera o meu coração, deixando-me momentaneamente atordoada.

— É... Bom... Eu não tenho culpa! Estava praticamente desfalecendo! — explico, avançando em

passos lentos para fora do quarto, onde encontro um mundo claro e alegre. — De toda forma, ficamos em um hotel incrível. A suíte que dividimos era maior que o meu apartamento! Não que isso seja muito difícil... Mas né, você entendeu.

— Calma! *Pera aí!* O quê? — Sua voz traz aquele tom que já conheço bem e apelido de *sei-que-tem-coisa-aí-e-você-vai-me-contar-exatamente-agora*. — Vocês dividiram a suíte?

— Mamãe, tinha dois quartos. Eu não dormi na mesma cama que ele! — “*Não o tempo todo, ao menos*”.

Aproveito a chegada ao banheiro para colocar o celular no viva-voz. Alcanço a escova de dente, assim como a pasta, esperando ela dizer alguma coisa.

— E como foi a reunião com o diretor da... — sua voz morre aos poucos, e noto que ela está se esforçando para recordar. — Que empresa era mesmo?

— PoliBev, mamãe! — replico, com a boca cheia de espuma sabor hortelã.

Antes que possa responder, no entanto, sou pega de surpresa pelo som estridente do interfone. Minha nossa, mal cheguei de viagem e já estou sendo super requisitada... O que está havendo?

Enxaguo a boca o mais rápido que posso, enquanto a minha mãe protesta pela minha atenção, ou a falta dela.

— Mamãe, tem alguém tocando o interfone loucamente aqui. Desconfio que seja a Nessa. Preciso mesmo desligar — digo de uma vez só, ficando sem fôlego. — Assim que descobrir o que ela quer com tanta urgência eu te ligo, pode ser?

— *Tá bom, querida. Seu pai está aqui enchendo o saco para sairmos logo... Não se esqueça de me ligar de volta, ok?*

— Uhum! — murmuro e jogo um punhado de água gelada no rosto. — *Te amo, até mais tarde! Dá um beijo no velho!*

Depois de, pelo menos, mais cinco minutos de despedidas, ela desliga. Percebo que estou com saudade deles, é estranho passar tanto tempo longe daqueles que mais amo. Talvez seja hora de visitá-los. Agora que terei os finais de semana e feriados livres, tudo será mais fácil.

Corro até o interfone, agarrando-o com força.

— Oi?

— Bom dia — o porteiro saúda, com a voz suave. — Maria Eduarda?

— Isso... Eu mesma.

— Tem uma encomenda para você aqui em baixo. Você pode descer, por favor?

— Ah, sim... Já estou indo. Obrigada!

Uma encomenda, que estranho! Não me recordo de estar esperando nada. Dou de ombros, indo até o quarto em passos apressados. Se existe algo que sou, com toda certeza é curiosa. Preciso saber o que me aguarda lá embaixo o quanto antes.

Visto uma roupa qualquer e saio do apartamento, entrando no elevador e apertando o botão do

térreo várias vezes, como se isso fosse deixá-lo mais rápido. Espio o visor do celular, finalmente descobrindo as horas: são oito e cinco. “*Caramba, minha mãe não podia esperar dar meio-dia?*”, penso, subitamente irritada.

Ao chegar à recepção, o sangue congela com a expectativa. Meus olhos recaem para aquele arranjo maravilhoso e enorme de orquídeas que se encontra acima do balcão e, no meu íntimo, desejo freneticamente que seja aquela a minha encomenda, ainda que a ideia por si seja bastante pretensiosa.

— Bom dia — cumprimento o porteiro sem tirar os olhos do vaso quadrado de madeira. Hm, impressionante.

— Olá novamente — ele devolve, com um sorriso no rosto. — Preciso que assine aqui, tudo bem? — E então me indica a lista de encomendas do prédio.

Assino o meu nome e o encaro com ansiedade, ao que ele responde com uma risada tímida.

— São para você! — explica, entregando-me o vaso nas mãos.

Esqueço-me de respirar por alguns segundos, observando perplexa o presente. Eu nunca ganhei flores antes! E essas são lindas, de um vermelho-intenso que enche os olhos. Encontro-me completamente lisonjeada.

Tomo o arranjo nas mãos, agradecendo e me retirando. Um sorriso rasga o meu rosto, ao imaginar Felipe acordando cedo e escolhendo um bom jeito de me paparicar... Parece que no fundo daquela carcaça grossa existe um coração, no fim das contas.

Assim que entro no elevador, procuro pelo cartão e o encontro escondido entre as flores. É um cartão branco, simples e sem nenhum dizer por fora. Abro-o com os dedos trêmulos, encontrando uma caligrafia elegante e séria me esperando:

“*São Paulo já não é a mesma sem você aqui.*”

Engulo em seco, quase conseguindo ouvir ecoar em minha mente a voz debochada de Renato. “*Ele não está disposto a desistir*”, concludo, em uma onda de desânimo, quando, enfim, chego ao meu lar.

Então, sinto um arrepio percorrer a espinha ao me dar conta, ainda que tenha demorado um pouco, de que ele sabe que já estou em Curitiba e, — a parte mais assustadora — conhece o meu endereço.

Ca-ra-lho! Sinto que algo está terrivelmente errado nessa história.



Aproveito o dia livre para arrumar a casa, afinal de contas, ficou mais do que abandonada nesses últimos dias. Porém, ainda que esteja com a cabeça focada nos afazeres domésticos, meu pensamento acaba sempre divagando para o vaso de flores, que repousa inocentemente sobre da mesa da sala, com o seu perfume suave pairando ao seu redor.

Por que tudo tem que ser tão complicado? Quero dizer, talvez ficasse mais fácil se Felipe fosse um pouco menos indecifrável. Por mais que esteja certa de que quero persistir nesse sentimento intenso que vem me dominado, temo que a minha teimosia não seja o suficiente para atravessar a armadura de isolamento com a qual ele se reveste. Meu chefe demonstra constantemente tentar se proteger de minhas

investidas, no entanto, não acredito que seja por não me desejar. Eu sei que ele sente algo, mesmo que puramente sexual — mas ainda assim, parece temer levar adiante. Algo complexo e interno o deixa relutante. E o que seria isso?

Como se não bastasse todas essas dúvidas que nutro em relação a ele, ainda tem o Renato. No começo, pareceu apenas atraído por mim, de uma maneira natural e até mesmo lisonjeadora. Contudo, apesar de seu interesse ser genuíno e explícito, existe um quê de agressividade em sua motivação que me assusta um pouco.

Renato me parece incisivo ao tomar certas atitudes que me impõem sua presença, como se eu tivesse de aceitar que, cedo ou tarde, acabarei cedendo. Não é como se existisse uma possibilidade, mas sim como se ele estivesse me avisando com clareza: “*você vai ser minha*”. No entanto, por que ele aparenta estar tão decidido quanto a isso? Veja bem, ele é um homem bonito e tem plena consciência disso, além de usá-la a seu favor. Um galanteador nato que sabe exatamente o que dizer e a hora certa para isso. Aposto que não têm problemas em conseguir qualquer mulher que queira. Porém, mais do que isso, parece fazer da minha conquista um desafio. A conquista serve como motivação ao prêmio final. A recompensa é poder se gabar de, mais uma vez, não ter falhado.

Talvez ele tenha visto em mim um potencial ainda maior, depois de perceber meus sentimentos em relação a Felipe. Quem sabe tenha se tornado uma disputa pessoal, no fim das contas. No meu íntimo, surge a suspeita de que Renato queira apenas se vangloriar por ter conseguido uma mulher interessada em outro homem. Um sorriso amargo escapa dos meus lábios e me encontro triste por constatar que faz sentido.

De toda forma, não posso negar que, de alguma forma, não consigo simplesmente sentir qualquer tipo de aversão a ele. Renato possui uma persuasão incrivelmente eficaz. Ele seduz com facilidade. Mas, como afirmei na piscina: não conhece o quanto posso ser cabeça dura. Sei que posso lidar com isso sozinha. Além do mais, se Felipe já vem se mostrado tão hesitante em relação a mim, mesmo sem complicações, imagina se soubesse que Renato está mais que decidido a tirar uma lasquinha da situação... Minha nossa, eu estou encrencada ao quadrado!

Sou chamada de meus devaneios tão logo ouço o celular apitar, indicando uma nova mensagem no WhatsApp. Tiro o suor da testa com as costas da mão, abandonando o rodo apoiado na parede da sala. Caramba, como eu detesto limpar a casa. Já passou da hora de alguém inventar um jeito delas se auto limparem...

Ao alcançar o telefone, vejo que a notificação vem do perfil de Felipe, onde ele exhibe um sorriso largo e alegre para a câmera; seus olhos sendo obscurecidos pelo boné que traz na cabeça. Céus, por que tão lindo?

Abro a conversa com certa curiosidade, imaginando o que ele está fazendo no seu dia livre de mim. “*Está tudo muito quieto por aqui*” diz a sua primeira mensagem, no entanto percebo que está digitando uma nova. Com um sorriso no rosto, aguardo o que ele tem para me dizer. “*Acho que me*

acostumei com você por perto...” leio, sentindo o estômago revirar de nervosismo. O quê? Isso é sério? Felipe cedendo um pouquinho? Meu Deus!

Seguro o celular com as duas mãos, pronta para digitar uma resposta, no entanto, sou surpreendida com uma terceira mensagem vinda dele, que faz a minha cabeça flutuar momentaneamente. *“O que faço com você, hein, Madu? Não sai da minha cabeça”*.

Com o sangue correndo rápido pelas minhas veias, percebo que as palmas das mãos estão suando frio. Mas que merda! Ele vai acabar me matando se continuar fazendo isso comigo. É isso que quer?

Meus dedos digitam ferozmente as palavras que envio sem pensar: *“Já com saudades, Dr. Antunes?”*. Uma gargalhada escapa da minha boca, quando me dou conta do quanto posso ser provocativa às vezes. Bem, ao menos podemos jogar na mesma moeda. Se ele quer me enlouquecer, quero que ele saiba que eu vou levá-lo para a loucura comigo!

Caminho até a sacada estreita do apartamento, apoiando os cotovelos na grade cuja tinta está descascada em tantos pontos que já não se sabe se sua cor original é preta ou vinho. Uma brisa fresca despenteia os meus cabelos, enquanto aguardo pacientemente um posicionamento de Felipe. Vai aceitar o meu incentivo ou vai recuar?

Vejo que começa a digitar e para em seguida. Faz isso pelo menos umas três vezes. Os segundos passam e o sorriso em meu rosto cresce ao me dar conta das mensagens que me mandou. Finalmente cai a ficha: ele me disse que não saio de sua cabeça. Felipe está pensando em mim! Mais do que isso, está pensando muito em mim! Pensando tanto que não se conteve em me mandar uma mensagem. Isso não condiz com a sua personalidade fechada e é exatamente por isso que é tão delicioso constatar o quanto está dividido, assim como eu mesma estou.

Ainda que esteja tentando se afastar de mim, parece não apresentar tanto êxito quanto gostaria. Minhas pernas perdem a força por alguns segundos enquanto saboreio a sensação de conhecer uma nesga de seus sentimentos. Droga, Felipe, se você não fosse tão enigmático assim... Suspiro, com uma estranha felicidade me dominando. Sinto-me um pouco boba por me afetar com tão pouco, mas a sensação é tão envolvente que não sobra espaço para me preocupar com nada mais.

O celular apita uma última vez e, tão logo o desbloqueio, encontro sua mensagem me esperando: *“Estou indo aí te ver”*.



Montanha-Russa

Saio do banheiro em uma nuvem de perfume, sentindo-me satisfeita por ter arrumado a casa, afinal a primeira impressão é a que fica. Não sei dizer o porquê, mas ansiedade parece me corroer. Ainda que eu tenha viajado por quase uma semana com Felipe e o visto há menos de vinte e quatro horas, sinto-me como se fosse uma adolescente indo ao seu primeiro encontro. Apesar do nervosismo, percebo que a sensação é gostosa no fim das contas. As borboletas no estômago estão voando com bastante intensidade, ao passo em que me controlo para não roer as unhas. Como é possível uma pessoa mexer tanto assim com outra?

Mal tenho tempo de me vestir e ouço o interfone ressoar pelo apartamento todo, fazendo o meu coração batucar com violência. Estremeço brevemente, não podendo aguentar ficar mais um segundo sequer sem ele. “*Bem, vamos lá... Vai dar tudo certo*”, mentalizo, na tentativa vã de me tranquilizar. Preciso ficar calma!

Dou uma última espiada no reflexo do espelho, arrumando o cabelo com as mãos e vou de encontro ao aparelho cujo som estridente contribui para o nervosismo.

— Madu? — A voz do porteiro é amigável.

— Sim, eu mesma! — respondo, como de praxe, enquanto o dedo indicador torce uma madeixa de cabelo próxima da orelha direita.

— Você tem visita... Posso deixar o Felipe entrar? — a forma como me pergunta dá a impressão de que ele sabe exatamente que Felipe pode e deve entrar. Parece estar se segurando para não soltar uma risadinha.

— Ah, sim. Por favor! — digo com suavidade e desligo o interfone sem me despedir, tamanha é a minha distração.

Ando de um lado para o outro, aguardando que, a qualquer momento, a campainha toque. A espera é inquietante e parece durar uma eternidade. Aperto o celular com força entre os dedos das mãos, enquanto a minha cabeça luta para não entrar em um lapso nervoso. Que merda esse homem está fazendo comigo? Olhe só para mim! Essa não parece a Madu de sempre... Não! Estou agindo como uma menininha apaixonada. A pior parte disso é que não me importo nem um pouco. É tão delicioso estar na companhia dele, que quero me afogar em todo o seu mistério.

A campainha soa, arrancando-me de meus pensamentos em um pulo. O meu coração triplica a velocidade dos batimentos, se é que isso ainda é possível. Respiro fundo, armando-me do meu melhor sorriso e encaminhando-me à porta com passos confiantes. Ainda que esteja em uma imensa confusão de sentimentos, jamais deixarei transparecer.

Abro a porta e me deparo com Felipe recostado na parede ao seu lado. Os braços cruzados sobre o peito destacam os bíceps malhados, consumindo toda a minha atenção para eles. A forma como a sua

camiseta parece justa neste ponto é incrivelmente desconcertante. Minha nossa! Acho que estou passando mal!

Meus olhos recaem em seguida sobre os seus lábios recém-umedecidos, os quais brilham de maneira deliciosa, tortos em um sorriso malicioso. Como eu queria senti-los com os meus próprios... Está ficando difícil me manter neutra. Muito difícil. Acho que não vou conseguir.

— Não vai me chamar *pra* entrar? — ele me pergunta, com naturalidade. Suas íris azuis estão mirando o mais profundo da minha alma. Subitamente, sinto-me exposta e abaixo os olhos, encarando os pés.

— *Mi casa es su casa!* — falo em uma tentativa horrenda de espanhol que arranca uma risada gostosa do homem à minha frente.

Abro espaço para que ele entre e finalmente percebo a caixinha de cerveja até então esquecida em seus pés. Felipe inclina o corpo para alcançá-la e, ao se levantar, segura o meu queixo cuidadosamente, passando o polegar nos meus lábios. Nossos olhos voltam a se encontrar, causando-me um arrepio que desce a espinha, mais frio que gelo. Ok, eu definitivamente não posso mais responder pelos meus atos. A qualquer momento poderei agarrar esse homem e ninguém poderá me culpar.

Felipe avança pelo pequeno corredor, virando à direita, que dá na cozinha. Não preciso pensar muito para saber que está indo colocar a cerveja para gelar e me permito um sorriso ao me dar conta do quanto ele parece confortável em minha casa, muito embora seja a primeira vez que esteja aqui.

— Se importa se eu guardar isso? — diz, balançando suavemente a caixinha, que provoca um tilintar entre as garrafinhas.

— Esteja à vontade — sorrio, observando-o empenhado em sua atividade.

Algo em vê-lo aqui está me deixando maluca. Não parece real, soa mais como se fosse um sonho maravilhoso, que termina comigo acordando molhada... Mas bem, aqui estamos nós. Eu não sei exatamente como agir e isso é o mais estranho.

— Não tem mais ninguém em casa? — Felipe pergunta, apoiando as costas contra a geladeira. Seus olhos estão fixos na *long neck* que ele se pôs a abrir.

— Eu moro sozinha! — explico, incapaz de tirar os olhos dele. — Meus pais acharam que seria melhor para mim se eu simplesmente não precisasse lidar com uma pessoa desconhecida... Pais corujas, sabe como é — sorrio com a lembrança deles e sou acompanhada por Felipe. — Eles que pagam o aluguel. Não acho justo, mas não é como se adiantasse discutir.

— Você é filha única? — Sua voz sai abafada pela garrafinha presa entre os lábios. Inconscientemente, fisgo os meus, desejando bebericar da cerveja de sua boca. Porra! Qual o meu problema? Isso está ficando demais...

— Sou — respondo, lutando para me concentrar. — Imagine só se não sou superprotegida... — A nossa risada ecoa pela cozinha por alguns segundos. Resolvo aproveitar o momento para descobrir um pouco mais sobre o enigmático advogado à minha frente. — E você, tem irmãos? — pergunto, com

inocência.

As palavras têm um efeito estranho sobre Felipe. Ele dá um sorriso triste, com os olhos distantes. Arrisco dizer que sua mente está voltada para o mais profundo de seu ser, pela forma como sua expressão enegreceu. Nem parece a mesma pessoa de segundos atrás. É como se tivesse envelhecido vários anos, aqui na minha frente.

Ainda chocada com a sua reação, aproximo-me dele em passos hesitantes, alcançando a cerveja de sua mão. Apesar de não estar muito animada em prosseguir no assunto, usufruo de sua atenção em mim para voltar a perguntar.

— Não? — A minha voz paira tímida no espaço entre nós dois.

— Hum? — Felipe indaga, distraído. Seus olhos finalmente parecem focar no presente e ele exhibe um sorriso que me deixa com as pernas moles feito gelatina. — Quero conhecer o resto da sua casa... — diz, com sua expressão de *quero-colo* que tanto amo.

Dou uma golada na cerveja, entregando-o a garrafa para que ele mate o que ainda resta. Resolvo não persistir no assunto, se isso significa que vou tê-lo distante e estranho. Talvez outro momento seja mais oportuno. Não vou forçá-lo a me mostrar mais do que se sente à vontade. No fim das contas, sei que ele deve ter os seus motivos para ser tão resguardado.

Enquanto ele termina com a sua *long neck*, apanho outra na geladeira, abrindo-a com a ajuda da camiseta que estou vestindo. Toco o seu braço com delicadeza, indicando-lhe o caminho, como quando ele me guia tateando o vão das minhas costas.

— Bem, você está acostumado com outros padrões, por isso não se assuste com o quão ridiculamente pequeno é o apartamento! — brinco, ainda com os dedos apoiados no seu bíceps.

— Outros padrões? — ele pergunta, fingindo estar ofendido, de maneira teatral.

Antes que eu esboce uma reação, porém, sua mão direita me enlaça pela cintura, buscando-me para perto de si. Felipe enterra o rosto no meu pescoço, inspirando pesadamente na minha pele. No mesmo instante, sinto o frio na barriga se espalhar pelo corpo todo, imobilizando-me. Que delícia...

— Quais são os meus padrões? — pergunta, com os lábios roçando contra a minha derme.

Involuntariamente, deixo um gemidinho escapar da garganta, que parece servir como gatilho para ele. Felipe segura os meus cabelos com força, obrigando-me a inclinar a cabeça, de forma a alcançar a minha nuca. Assim que seus lábios a tocam, sinto uma corrente elétrica intensa e a minha pele começa a formigar.

— Eu te fiz uma pergunta! — ele insiste, aumentando a força com a qual puxa o meu cabelo preso em seus dedos.

Arfo de tesão, ao passo em que a minha cabeça flutua para longe dali.

— Não sei... — respondo, sem conseguir pensar em nada melhor para dizer. Não estou em condições de raciocinar direito. Felipe está me deixando louca.

Seus lábios vêm de encontro aos meus, mas, ao invés de me beijar, ele os desliza com suavidade

contra a minha boca. O contato é morno e úmido e me deixa completamente sedenta por um beijo.

Apesar de eu tentar dar continuidade, Felipe persiste com a provocação, acrescentando agora leves mordidinhas, que fazem cócegas. Com a língua, procuro espaço para prosseguir e ele nega, afastando o seu rosto do meu. Nossos olhos se encontram e percebo o quanto suas íris azuis-intensas estão ardentes de desejo. Santo Deus! Nunca em toda a minha vida estive com as sensações tão à flor da pele como quando estou com ele.

Suas mãos se enroscam em meus cabelos, segurando a minha cabeça dos dois lados, protetoramente. Assim que a sua língua vem de encontro a minha, não posso deixar de ofegar de excitação. Estou pegando fogo e ele conseguiu isso com tão pouco... Felipe me beija carinhosamente, com calma. Sinto a sua respiração terna vir de encontro ao meu rosto, enquanto meus batimentos cardíacos estão desenfreados.

Já estou pronta para arrancar sua camiseta quando ele afasta seu corpo, com um sorriso divertido estampado no rosto de traços maravilhosos.

— O que você está fazendo comigo, hein? — Sua voz ressoa rouca e sexy, penetrando os tímpanos com suavidade. Estremeço por alguns segundos antes que ele prossiga. — Temo que não chegue a conhecer a casa toda se as coisas continuarem nesse ritmo...

Uma risada calorosa escapa dos meus lábios, contagiando-o. Alcanço a sua mão, guiando-o sala adentro. É somente ao me deparar com toda aquela vermelhidão ardente em cima da mesa, que me dou conta de que me esqueci completamente do vaso que ganhei de Renato. Mas que merda!

Os olhos de Felipe recaem para o arranjo bonito e imponente e então percebo quando ele ergue as sobrancelhas, surpreso. Sinto os seus dedos apertarem a minha mão com um pouco mais de pressão por alguns milésimos de segundo.

“*É. Parabéns para mim. Acabo de estragar tudo*”, penso, com desânimo, tentando prever a sua reação.

O silêncio que impera entre nós é desconcertante e tão cortante quanto uma faca afiada. Pigarreio, em uma tentativa desesperada de tentar resgatar o clima que sei ter se dissipado completamente. Encontro-me amargurada ao constatar que poucos segundos atrás estava indo tudo bem... Que inferno! Como pude me esquecer dessas malditas flores em cima da mesa? Qual a droga do meu problema?

Pelo canto dos olhos, observo Felipe se afundar em uma expressão séria e carrancuda. Sua reação não passa dessa, no entanto. Soltando-se de mim, ele se dirige em direção ao sofá, onde se senta confortavelmente. Cruza uma perna sobre a outra, esticando o braço livre pelo encosto macio do sofá surrado.

Ainda estou plantada no mesmo lugar, sem saber realmente o que posso fazer para reverter a situação. Nesses segundos em que nada aparenta acontecer, Felipe leva a cerveja à boca, dando um demorado gole. O ar ficou denso e a sala parece pequena demais para nós dois.

— Bonitas flores — limita-se a dizer, em um tom que sugere não dar a mínima para a situação

toda.

Reviro os olhos, sendo atingida por uma irritação que, apesar de súbita, é intensa. Caramba... No momento em que damos um passo para frente, as coisas conspiram para que tenhamos que regredir o dobro. Por que tudo tem que ser sempre tão complicado ao se tratar de nós dois?

Felipe desce as pálpebras, inclinando a sua cabeça para trás e recostando-a contra a parede. Ouço-o soltar um pesado suspiro e percebo que, muito embora esteja tentando parecer neutro diante da situação, demonstra estar irritado.

Entendo que ele esteja. Eu mesma também estou. No entanto isso está longe de ser culpa minha. E, para ser bem honesta, se ele não fosse tão confuso, talvez nada disso estivesse acontecendo. Mas, pelos sete infernos, esse homem demonstra estar receoso em relação a todos os aspectos possíveis que dizem respeito a mim. Pergunto-me se dei algum motivo para que ele nutra tanto receio. Qual é, nunca cobrei nada de nós além do que temos partilhado. Por que ele parece querer correr de mim a todo momento?

— Eu também achei — devolvo, por fim.

Meus ombros começam a pesar mais do que o normal e, dando-me por vencida, caminho de encontro a ele, sentando-me ao seu lado.

Aproveito que está de olhos fechados para admirá-lo por alguns segundos. Mesmo me deixando cheia de dúvidas continua incrivelmente lindo. Como consegue? É sério, não dá para acreditar que seja solteiro. Porque além de ser maravilhoso, também é educado, engraçado, protetor. E tem uma pegada... Santo Deus, só de me lembrar fico arrepiada!

— Algum problema? — pergunto, enquanto prendo o cabelo em um coque no alto da cabeça. — Você ficou quieto...

— Às vezes acho que você brinca comigo, sabia? — Suas palavras são baixas como um sussurro. No entanto, vêm ao meu encontro como bofetadas. — Eu não tenho mais idade para brincadeiras! — conclui, com o tom frio e impessoal que já o vi usar com seus clientes diversas vezes.

Caralho! Não sei exatamente o que pensar. A minha cabeça está uma confusão de pensamentos que se atropelam, sem fazer o menor sentido. Como um dia aparentemente pacato — tal qual esse prometia ser — pôde render tantos acontecimentos?

Justo hoje que Felipe confessou não me tirar da cabeça... Maldita hora que o Renato resolveu me presentear! O meu estômago embrulha só de pensar nisso. Talvez se fosse só o gesto de enviar as flores, tudo isso fosse mais ameno. A questão é que ele tem algumas informações privilegiadas sobre mim que me deixam bastante perplexa. E, se um dia imaginei existir a possibilidade de, em um futuro remoto, contar para Felipe esses acontecimentos, agora vejo que jamais devo tocar no assunto, ou teremos sérios problemas.

Fecho os olhos e recosto a cabeça na parede, imitando-o. Encontro-me exausta e chateada. Não entendo o que preciso fazer para que tudo caminhe bem. Então, de repente, já nem tenho certeza de se é inteligente tentar persistir. Ora, ele é o meu chefe! Como as coisas serão assim que nossa rotina voltar ao

normal?

— Por que você diz isso? — questiono, tentando ordenar os pensamentos caóticos. — Acho que sempre fui bem clara quanto aos meus sentimentos...

— Não para mim — sua voz morre no ar por um momento, como se ele estivesse achando as palavras certas para usar. Dado o tempo que seguimos em silêncio, concluo que não as encontrou.

— Bem, não sei que jeito melhor poderia ter demonstrado. Para mim estava bem óbvio depois do que passamos.

Cuspo as palavras com um pouco mais de rispidez do que gostaria. A criança birrenta que mora em mim está com os nervos à flor da pele. Ainda bem que me encontro com os olhos fechados, porque sei que não preciso de muito mais para começar a soluçar. É uma droga que eu seja uma chorona, mas não é como se pudesse fazer algo a respeito. As situações em que mais preciso parecer durona são as que sempre me consagro como uma manteiga derretida.

Tão logo processa o que falei, Felipe se levanta do sofá. Imagino que esteja indo embora. Isso se parece com algo que ele faria: esquivar-se sempre mais em sua camada de “não vou me envolver”. Porra! Eu estou furiosa!

Permaneço de olhos fechados, recusando-me em dar-lhe o gostinho de me ver chorando. Assim pelo menos pareço estar indiferente à situação. Ok, talvez essa seja a deixa para que eu pare de confundir tudo. Quando finalmente encontrei o emprego ideal para este momento da minha vida, ferrei tudo com uma paixão platônica pelo meu chefe.

O seu perfume se faz mais intenso e, antes que eu decida abrir os olhos, noto o estofado do encosto do sofá afundar ao meu lado direito. Arfo em surpresa, percebendo sua respiração ricochetear contra o meu rosto. Ele está perigosamente próximo. O que pretende?

— As coisas estão um pouco confusas *pra* mim — ele segreda tão baixo que quase não o escuto. — Se não me falha a memória, recordo ter ouvido algumas coisas interessantes sobre o Renato nessa semana que estivemos em São Paulo.

— Oh! — Deixo escapar, sentindo as bochechas pegarem fogo. Droga, droga, droga! Ele ainda está com isso na cabeça! Será que suspeita de quem sejam as flores?

Sua mão grande e morna vem de encontro ao meu rosto, repousando-a carinhosamente acima da orelha. As pontas de seus dedos longos alcançam a minha nuca, deixando-me completamente desnorreada. Minha nossa! Estamos no meio de uma DR, não posso ceder assim tão fácil.

Ainda de olhos fechados, percebo-o se aproximar um pouco mais de mim, pela forma como a sua respiração está mais forte contra a minha pele. Ao que começa a falar, os seus lábios raspam de leve contra os meus, roubando todo o meu foco para aquele frágil contato.

— Quero deixar uma coisa clara, aqui, Madu — profere em um tom sério, no entanto caloroso. Parece-me que está perdendo o controle. — Eu não divido nada que é meu!

Putá merda! Como é? Ele disse... ele insinuou... que sou... dele?

No entanto, não posso processar a informação, porque ele leva a outra mão à minha cabeça e une nossas bocas de uma maneira um pouco rude, causando um pouquinho de dor com o atrito.

— Ouviu o que falei? — pergunta com os lábios nos meus.

As minhas mãos tremem levemente enquanto tento não ter um ataque cardíaco. É sério, ele está me enlouquecendo! Felipe definitivamente está me deixando doida! O mundo gira de maneira feroz ao meu redor, ainda que eu esteja de olhos fechados.

Como não respondo sua pergunta, Felipe completa.

— Você é minha! — Os dedos de sua mão direita passeiam gostosamente dentro dos meus cabelos presos, em um afago cuidadoso que não condiz com o quanto ele parece desesperado por estar se entregando.

— Você me disse que não existia a possibilidade de um relacionamento entre nós — solto, de supetão, odiando-me por isso ao perceber o que fiz.

— Agora é tarde para voltar atrás — suas mãos descem até os meus braços, segurando-os com firmeza. — Não passo um segundo sem tirar você da cabeça... O que você fez comigo?

Percebo que estou há alguns segundos sem respirar tão logo experimento o alívio de ter novamente o ar invadindo os pulmões. É como se o resto do mundo não existisse. Nada além desse momento que parece durar uma eternidade. Nada além de nós dois.

Essas sensações são devastadoras: seus dedos afundados na minha carne. O ar morno que vem em lufadas contra mim, soprando alguns fios de cabelo para fora do meu rosto. Ou então o som de sua respiração agitada. A forma como ele parece perder o controle. Algo sobre o quanto parece travar uma árdua luta interna. Ele me quer. Deseja-me com ardor. Essa angustia de não compreender os seus pensamentos some momentaneamente. A minha memória luta para registrar o maior número de detalhes possíveis, em uma tentativa de eternizar essa ocasião.

— O mesmo que você está fazendo comigo, Felipe! — Segredo, com a voz rouca.

As minhas sensações encontram-se tão aguçadas que é difícil entender exatamente o que está acontecendo. O meu mundo parece desmoronar, mas é bom perder o controle às vezes.

Felipe solta suas mãos de mim e, ao erguer as pálpebras, encontro-o ocupado em arrancar a sua camiseta para fora do corpo, com os olhos em brasa. Alcanço-o, enlaçando os braços ao redor de seus ombros nus, enquanto o conduzo às cegas em direção ao quarto.

O tanto que desejo esse homem.. jamais estive assim por alguém antes. Quando enviei um currículo para a vaga de secretária que encontrei por um acaso, jamais imaginei que a minha vida pudesse virar de ponta cabeça. Contudo, é no *looping* da montanha-russa que temos as melhores sensações. Às vezes o que mais precisamos é de uma chacoalhada para enxergar as coisas através de uma nova perspectiva.

Se a recompensa é tê-lo para mim, estou mais do que disposta a desvendar todos os seus mistérios. Desde que ele continue me beijando intensamente, como faz agora. Eu poderia fazer qualquer

coisa que me pedisse.

Estou perdidamente apaixonada por ele.



Pequeno Avanço

A brisa fresca da manhã ultrapassa a trama do cardigã, causando um calafrio. O dia amanheceu com uma queda considerável na temperatura e o céu já está fechado por nuvens. Sinto que não demorará em começar a chover.

A cada dia que o inverno se aproxima, menos fico feliz com a ideia. O clima da cidade de onde vim é infinitamente mais agradável do que o de Curitiba, assim, mesmo depois de três anos morando aqui, ainda não consegui me conformar com a chuva imprevisível e o frio de matar. Só de pensar nas incontáveis camadas de roupas que terei de usar no inverno, fico deprimida...

Ao descer do ônibus, sou recebida com algumas gotas grossas de chuva, que me arrancam um suspiro irritado. Caramba, não podia ter começado a chover depois que eu já estivesse no trabalho? Abro o guarda-chuva, desanimada com a perspectiva dessa manhã que mal começou. Por um momento, mentalizo o quanto deve estar quentinha a minha sala e o pensamento me anima a caminhar mais depressa.

As minhas pernas envoltas pela meia-calça preta se fazem frenéticas tão logo percebo que a chuva está engrossando em uma velocidade surpreendente. Antes que me dê conta, começo a correr, ignorando a forma como o vento ergue a saia rodada do meu vestido. A única coisa que preciso é chegar, e logo. Correndo de maneira desajeitada, torço o pé e vou direto contra o chão, caindo de quatro no meio da rua.

O guarda-chuva sai voando em círculos confusos e sinto as orelhas esquentarem. Mas. Que. Droga! Graças aos céus que essa rua é deserta! Levanto-me arfando e constato com amargura que rasguei a minha meia-calça novinha. Noto o esfolado no meio do joelho e reviro os olhos, completamente irritada. Se existe jeito de o dia piorar, torço para que não aconteça!

Logo depois de recuperar a sombrinha e restaurar a ordem, retomo os passos apressados — desta vez optando por não correr. Não demora para que eu chegue úmida e chateada no trabalho, com uma cara que deve claramente gritar “fique longe!”.

Vou direto ao banheiro do escritório, com o intuito de dar um jeito nos meus cabelos antes que eles se rebelem contra mim. Meus dedos passeiam ágeis pelas madeixas castanhas, fazendo uma trança embutida que começa de um lado e termina do outro. Tiro a meia calça e guardo-a na bolsa, estremeendo com o ar frio que percorre a pele nua das minhas pernas.

Assim que saio do banheiro, dou de cara com os olhos castanhos amendoados de Leonor. Os cabelos espessos negros e brilhantes estão presos em um coque apertado e ela tem que inclinar o rosto para cima, uma vez que é bem mais baixa que eu.

Seus lábios grossos abrem espaço para um sorriso que, muito embora seja sempre cheio de dentes, em uma simpatia inata, hoje parece um pouco atormentado.

— Bom dia! — cumprimenta calorosamente, apesar da preocupação visível.

— Bom dia, Leonor! — respondo tentando não demonstrar o quanto o meu dia está sendo uma verdadeira droga. — Tudo bem? Como passou o final de semana?

— Ahn? — pergunta distraída, finalmente demonstrando ter voltado ao presente. — Ah, foi bom, Madu! Fiz um bolo enorme de chocolate com doce de leite e levei lá na Isadora... Pensa numa menina que comeu até passar mal! — Ela sorri amável, ao passo em que suas mãos estão entrelaçadas com uma força cheia de tensão.

Tem alguma coisa estranha acontecendo... Ela não está normal! Quero dizer, está tentando parecer natural, mas vejo nitidamente que algo a está perturbando.

— Que bom! A minha avó também faz uns bolos deliciosos... — em passos lentos, caminho em direção à mesa, deixando a bolsa na extremidade junto à parede. — Você precisa de ajuda? — indago, sendo afetada pelo desconforto dela.

— Então, é que o Felipe acordou muito indisposto — ela encolhe os ombros, desviando os olhos dos meus. — Não vai conseguir trabalhar hoje, não. Ele pediu *pra* desmarcar os clientes e explicar que aconteceu um imprevisto... — Sua voz morre no ar.

As palavras me pegam desprevenida. Franzo o cenho, intrigada com a situação. Felipe não me parece do tipo que desmarca compromissos apenas por estar indisposto. Ele é sempre muito profissional e comprometido com os clientes. Além do mais, por que ele não me avisou pessoalmente? Tinha que ser através da Leonor?

Respiro fundo, percebendo que estou com o punho fechado com tamanha força, que as minhas unhas afiadas estão começando a machucar a palma da mão. Que dia de merda! Argh, queria não ter levantado da cama!

— Há algo que eu possa fazer, fora isso? — questiono suavemente, tentando transparecer a preocupação, mas não a irritabilidade.

— Acho que não — ela me lança um sorriso amarelo como que se desculpando e as suas pernas curtas a levam para longe dali.

Alcanço a agenda, ponderando se seria invasivo da minha parte entrar na casa de Felipe. Não é preciso muito para que eu me repreenda por pensamentos, sentindo-me ridícula e imatura. Aqui somos chefe e subordinada. Nossa relação deve ser puramente profissional e se ele não quer dar as caras e nem ao menos me explicar o motivo, resta-me ficar conformada com a situação.



Depois de remarcar todos os horários de hoje, resolvo aproveitar o tempo para organizar o escritório. Por horas a fio, entre um telefonema ou outro que eventualmente ocorre, arrumo a prateleira de livros; ordeno os incontáveis arquivos; assim como a minha própria mesa de trabalho, também. Estava um caos, afinal de contas, não sou o que se possa chamar de pessoa organizada. Preparo as pastas dos clientes de amanhã, deixando-os sobre a mesa de Felipe, na ordem em que serão necessários.

Saio, então, para almoçar em uma padaria não muito longe daqui, como sempre faço. Tanto tempo

trabalhando no shopping me trouxe péssimos hábitos alimentares dos quais não consigo me livrar. Somando isso ao fato de eu odiar marmitas, o resultado será uma alimentação que deixaria qualquer nutricionista horrorizada. Ainda bem que sou abençoada com um metabolismo rápido, caso contrário...

Na volta, começo a sentir uma angústia terrível me assolar. Não sei explicar como tenho essas coisas, mas a questão é que meu sexto sentido nunca falha. Felipe vem em mente o tempo todo e constato aflita que, depois de sexta-feira, quando estive em minha casa, trocamos pouquíssimas mensagens.

Como estive ocupada pegando o conteúdo da faculdade com Vanessa, não tive tempo de estranhar o isolamento dele, mas agora que estou pensando nisso, acho muito estranho que depois das coisas que me falou no nosso último encontro, simplesmente tenha conseguido me tirar da cabeça tão facilmente por dois dias seguidos.

As lembranças retornam a minha mente, deixando-me perplexa. Sinto uma corrente elétrica atravessar as extremidades do corpo, provocando um estranho arrepio que oscila entre gostoso e incômodo. Lembro-me de Felipe me dizendo que sou dele e logo um sorriso rasga o meu rosto. Entretanto ao tentar entender o porquê parece que as coisas ainda não estão bem, encontro-me sem respostas.

Não é novidade que ele esconde algo de mim — e talvez do máximo de pessoas de sua convivência —, nem o receio em lidar com os seus sentimentos. Contudo, tem algo mais. Resgato alguns momentos na memória em que os seus olhos perderam o brilho, sendo obscurecidos por uma tristeza repentina. Constato que já o vi ter esses momentos várias vezes, em que parece ir para longe, ainda que estejamos tão próximos.

Então sou inundada por uma enorme sensação de impotência. Ainda que tenhamos prosseguido um pouco nessa confusão que nos tornamos, reparo o quanto dele que ainda não conheço e entendo que, na verdade, o que conheço e sei é muito pouco. Não sei nada sobre Felipe Antunes, o meu chefe e aquele por quem estou apaixonada.

É movida pela frustração que deixo os meus pés me guiarem pelos cômodos luxuosos de sua mansão. Caminho sem rumo, não o encontrando dentro de lugar algum. Depois de vasculhar — e conhecer — sua casa por completo, saio pelo quintal, permitindo-me ficar impressionada com a vastidão que se estende à minha frente. Contorno a enorme piscina de formato orgânico, atraída pelo que me parece ser a sua academia particular.

Em passos hesitantes, dirijo-me nesta direção e, na medida em que me aproximo, percebo um som crescente. A princípio demoro a distinguir o barulho, no entanto, assim que entro enfim no ambiente, sou tomada pelo choque, perdendo instantaneamente a força das pernas.

Felipe está ao lado da esteira, sentado no chão com os cotovelos apoiados sobre os joelhos, enquanto que as mãos tampam o rosto que já conheço bem. O seu peito sobe e desce de maneira violenta, acompanhando o ritmo com o qual soluça. Observo-o puxar o ar ruidosamente e me vejo atônita. Seu choro é tão intenso e cheio de dor, que chega a ser desconcertante vê-lo assim. Quero dizer, este é o homem impassível, sério e controlado que conheço? O que está acontecendo?

Incapaz de ter uma reação, permaneço parada como uma estaca no lugar. Não só é horrível ver Felipe neste estado, como também é péssimo não saber o que fazer para ajudar. Pergunto-me o que pode tê-lo deixado assim e estremeço com as possibilidades. Há quanto tempo ele está imerso neste sofrimento? Por que não pediu ajuda para ninguém? Céus, não tenho a menor ideia do que fazer a respeito. Sinto-me como uma absoluta intrusa.

Como que pressentindo a minha presença, suas mãos saem da frente do rosto, passeando pelos cabelos dourados e sedosos. O gesto revela seus olhos vermelhos e muito inchados, fazendo-me ponderar sobre a possibilidade de estar chorando desde que acordou. Caramba, isso é realmente muito tempo. “*Deixe-me te ajudar, Felipe...*”

Sustentamos o olhar pelo que parece uma eternidade. Percebo que, mais do que nunca, encontra-se obscurecido por fantasmas que ainda desconheço. Sua expressão é de poucos amigos ao indagar com a voz embargada.

— O que está fazendo? — Tento ignorar a frieza com que se dirige a mim. É cabível que queira ficar sozinho, mas estou pronta para vencer as barreiras que ele porventura impuser sobre a gente.

— Tentando ajudar... — murmuro, com o coração na mão. “*Droga, Felipe! Ver você assim está acabando comigo!*”

— Não deveria estar aqui — ele profere e noto um resquício de ira nas suas palavras. — Pedi para você fazer o seu trabalho; não para se meter nos meus problemas pessoais.

Nossa. Acho que nem mesmo um tapa teria doído tanto. Respiro fundo, concentrando-me na ideia de que preciso ter paciência se pretendo ampará-lo. Sei que jamais teria falado assim comigo em outras situações, por isso estou disposta a não dar tanta importância.

— Não estou perguntando o que você me pediu — digo com suavidade, muito embora sejam palavras duras e desafiadoras. — *Deixa* eu te ajudar... — concludo em um sussurro quase inaudível.

— Você acha que pode me ajudar? — Felipe indaga com um sorriso divertido no rosto. Seus olhos estão longe de acompanharem o sorriso, no entanto. — Não pode! Ninguém pode! Não perca o seu tempo, Madu. É besteira.

Uno as sobrancelhas, sentindo o coração ser esmagado cada vez com mais intensidade. Pelos sete infernos, o que está acontecendo? Aproximo-me de Felipe em passos hesitantes, assustada por vê-lo tão diferente. É estranho dizer, mas não parece nada com ele. A forma como me olha e como profere as palavras me fazem estremecer.

— Qual é o problema? — Ouço a minha voz flutuar no pequeno espaço entre nós dois.

— Eu sou o problema! Porra! Olha *pra* mim! — Lágrimas voltam a irromper de seus olhos com violência, enquanto seu rosto de traços tão harmoniosos se contorce em uma careta lamentável. — Não tem jeito, eu sou um fodido!

Dobro os joelhos, sentando-me de frente para ele. Meu Deus, é horrível querer ajudar, mas não fazer ideia de como. De todas as coisas que já imaginei passar com Felipe, vê-lo assim foi a última

delas.

Cruzo os braços sobre os seus joelhos, repousando o queixo acima deles. Nossos rostos estão bastante próximos um do outro. Observo-o fechar o punho em frente à boca, ao passo em que lágrimas grossas rolam continuamente pelas suas bochechas, agora rosadas.

— Você me disse que sou sua — explico calmamente. — Você também é meu... E eu cuido das minhas coisas.

— Você tem que parar de ser tão teimosa — ele sorri com amargura, passando delicadamente o polegar pelos meus lábios. — Não existe futuro comigo, Madu. Eu destruo tudo o que toco.

— Bem, isso não pode ser verdade — dou de ombros, estremeendo pelo afago de seu dedo sobre a minha boca. — Olhe só para as coisas que já conquistou... Isso não me parece nada com algo que tenha dado errado.

Ele fecha os olhos, afastando sua mão de mim. Percebo que o choro está diminuindo o ritmo e isso me conforta.

— Esse vazio nunca vai embora! Não importa quanto tempo passe e nem o tanto de remédios que eu enfie goela abaixo! Essa angústia... toda essa dor... Elas não me deixam, você entende isso?

Então, de repente, sou tomada por um momento de clareza. Os remédios, o vazio... Caramba, isso é depressão, não é? Nunca conheci ninguém que tivesse, mas acho que todos no mundo devem ter alguma noção a respeito. Bem, isso não importa agora, o fato é que tenho que ouvir da boca dele. Tomada por uma nesga de coragem que sei ser passageira, encaro suas íris azuis profundamente antes de dizer:

— Você está doente — não soa como uma pergunta. Felipe absorve as minhas palavras com uma expressão triste no rosto.

No entanto, ao responder, sua voz sai suave.

— Eu *sou* doente, Madu... Essa merda já está há tanto tempo comigo que nem me lembro de como é ser normal! — Ele encolhe os ombros, fitando suas próprias mãos. — Desde os quinze anos de idade... Vivi mais tempo no fundo do poço do que você imagina.

Encaro-o sem saber o que dizer. Quero perguntar tantas coisas, mas entendo que já seja um avanço ele ter parado de chorar. Droga, a expressão com a qual ele me encara agora me dá vontade de abraça-lo bem forte e prometer que jamais ficará assim de novo. Contudo como posso saber, no fim das contas?

Felipe estica as pernas, obrigando-me a endireitar a postura. Percebendo que não vou dizer nada, continua.

— Transtorno bipolar de personalidade — conclui, com um sorriso carregado de ironia.

— Eu não sei nada sobre isso... — admito, intimamente feliz por ele ter me contado. Tivemos um avanço. Mesmo que pequeno, é um avanço. Fazê-lo falar sobre si mesmo é mais difícil do que pode parecer.

— Talvez seja melhor assim.

Ouço-o suspirar pesadamente e sua mão vem de encontro ao meu rosto, traçando um caminho suave até o final do pescoço, onde a repousa. Seu toque cuidadoso provoca um calor aconchegante, que percorre as extremidades do meu corpo, acalmando-me. Minha nossa, estou tão tensa... Meu mundo está uma confusão de sensações e sentimentos. No momento não sei exatamente o que pensar, muito menos como agir, tampouco.

Aproximo-me um pouco mais dele, enroscando o seu pescoço em um abraço cheio de cumplicidade. Quero dizer para ele que estou aqui, que embora ainda não entenda de fato o que está acontecendo, estou disposta a ajuda-lo. Quero dizer que a minha cabeça flutua em sua companhia, que jamais me senti tão completa como quando estou com ele. Preciso dizer que o ver assim me deixou sem chão, que quero ser o motivo do sorriso dele todos os dias... Céus, quero dizer tantas coisas! Mas no momento, tudo o que consigo fazer é aspirar o perfume suave que seus cabelos exalam, enquanto sinto suas mãos grandes percorrerem o trajeto das minhas costas em um movimento carinhoso de vai-e-vem.

“*Vai ficar tudo bem*”, mentalizo, sem saber dizer até que ponto realmente consigo me convencer com o pensamento.

Felipe beija a minha cabeça, então percebo com alívio que a sua respiração já está completamente normal.

— Preciso que marque um horário com o psiquiatra e outro com a minha terapeuta. Os cartões deles estão na primeira gaveta da mesa do escritório — sussurra próximo ao meu ouvido.

— *Tá bom.*

— Madu? — ele chama e tão logo ergo o rosto para fitá-lo nos olhos, encontro-o com o sorriso torto de sempre, que me derrete em segundos. — Obrigado!

— Pelo que? — indago, hipnotizada com o brilho que voltou a estampar o seu olhar.

— Por estar aqui.

Respiro fundo, observando-o apoiar-se nos braços para levantar o corpo. Está vestindo uma calça de moletom preta e uma regata branca que dá ênfase no bonito desenho de seu peitoral forte. Vê-lo em roupas que não seus usuais ternos de corte impecável o trazem para mais perto de mim. Sem todo aquele escudo de seriedade com o qual se esconde.

Imito seus movimentos, levantando-me sem pressa. Meus músculos estão dormentes, ainda não consegui ordenar os pensamentos. Essa confusão em que me encontro agora... Céus, é tudo culpa dele! Estou completamente desarmada, completamente vulnerável. Todavia a questão é que é um sentimento intenso demais para ignorar. Talvez seja loucura estar completamente imersa nas sensações que ele provoca em mim. Agora já é tarde para pensar nas consequências.

Felipe leva as mãos à minha cabeça, segurando-me com firmeza. Anoto mentalmente o quanto adoro quando faz isso, então fecho os olhos, instintivamente. Seus lábios mornos vêm de encontro aos meus, mas não demoram a ir embora. Encolho os ombros, decidindo que ele merece um tempo para se recompor. Bem, eu gostaria disso, ao menos.

— Estou na minha sala, caso precise de algo mais — murmuro, deixando os meus pés me arrastarem para longe dali.

Uma vez que consigo agendar as consultas que Felipe pediu, pego-me pensando sobre as coisas que me falou. Desde os quinze anos doente... A tristeza nunca vai embora... Destrói tudo o que toca... Caramba, é surreal conhecer esse lado dele. Acho que nem ao menos caiu a ficha, ainda.

Sem perceber, vou até a página inicial do Google, onde os meus dedos digitam furiosamente “*Transtorno Bipolar de Personalidade*”. Quero entender um pouco mais sobre com o que terei de lidar. O primeiro link vem de um site chamado “*Associação de Apoio aos Bipolares*”. Clico nele e sou encaminhada a uma página cujo design sério e limpo de alguma forma é chamativo aos olhos. Já na página inicial encontro um texto esclarecedor para uma pessoa que, como eu, não conhece nada sobre a doença:

“O Transtorno Bipolar de Personalidade, originalmente conhecido como Psicose Maníaco-Depressiva, é uma doença psiquiátrica caracterizada pela oscilação entre episódios repetidos de depressão e euforia (também denominada mania). É uma doença de grande impacto para o paciente, assim como as pessoas de sua convivência, causando prejuízos frequentemente irreparáveis em vários setores de suas vidas.

O suicídio é a causa mais frequente de morte. Estima-se que até 50% dos portadores tentem se matar em algum momento de sua vida, dos quais 15% são bem-sucedidos. A associação com a dependência de álcool e drogas não só é comum, como agrava o prognóstico, aumentando em duas vezes o risco de suicídio.

Sintomas de Mania:

Irritabilidade extrema: a pessoa torna-se exigente e zanga-se quando os outros não acatam os seus desejos e vontades;

Alterações emocionais súbitas e imprevisíveis: os pensamentos aceleram-se, a fala é muito rápida, com mudanças frequentes de assunto;

Humor excessivamente elevado: torna-se eufórico sem um motivo para isso;

Falta de concentração;

Aumento de interesse em diversas atividades simultâneas, despesas excessivas, dívidas e ofertas exageradas;

Energia excessiva, possibilitando uma hiperatividade ininterrupta;

Diminuição da necessidade de dormir;

Incapacidade em reconhecer a doença, tendência a recusar o tratamento e a culpar os outros pelo que corre mal;

Perda da noção da realidade, ideias estranhas (delírios);

Abuso de álcool e de substâncias;

Sintomas da Depressão:

Preocupação com fracassos ou incapacidades e perda da autoestima: pode ficar obcecado com pensamentos negativos, sem conseguir afastá-los;

Sentimentos de inutilidade, desespero e culpa excessiva;

Perda de interesse pelo trabalho, pelos hobbies e pelas pessoas, incluindo os familiares e amigos;

Perda de energia: cansaço constante, inação total;

Alterações do apetite e do peso;

Alterações do sono: dorme horas a fio, ou apresenta quadros de insônia;

Choro fácil ou vontade de chorar sem fim;

Ideias de morte e de suicídio;

Sentimento de vazio constante, e tristeza intensa.”



No fim do dia é difícil lembrar que comecei essa manhã da pior maneira possível. Os meus problemas ficaram de lado depois de pesquisar por horas a fio sobre os sintomas da doença de Felipe. O mais incrível é que, se não fosse o episódio de hoje, jamais imaginaria que ele tem algo assim. Quero dizer, ainda que vez ou outra eu notasse um sinal de tristeza em sua expressão, quem que nunca teve o seu momento de escuridão?

Imagino que os remédios o ajudem a levar a vida normalmente, mas sinto um aperto horrível nas entranhas ao tentar refletir sobre isso. Talvez eu não devesse dar tanta importância, contudo não é como se pudesse controlar. Perguntas pululam a minha mente incansavelmente e me pego imaginando sobre o seu passado, assim como a sua vida em si.

Ele passa uma imagem tão forte, controlada e impassível. É estranho imaginar que em algum momento sua essência já esteve fragmentada e que ainda carregue marcas profundas desses dias.

Assim que dá a hora de ir embora, Felipe não está mais presente, de forma que me despeço rapidamente de Leonor e sigo em direção ao ponto de ônibus. Ele saiu para a sua consulta com o psiquiatra e eu realmente espero que hoje tenha sido apenas uma recaída.

Um chuvisco leve e irritante cai do céu, trazendo um ar melancólico para o fim da tarde. Encontro-me com uma sensação estranha e é como se tudo fosse cinza. Por dentro me sinto cinzenta. Minha alma está nublada.

Não sei dizer exatamente porque tudo isso mexeu tanto comigo, porém lá no mais profundo do meu ser, pressinto que não será tão fácil como tento me convencer. A verdade é que nem ao menos entendo o porquê de em tão pouco tempo estar tão envolvida com esse homem que não sei muito além do que me mostra.

Já me apaixonei outras vezes antes, é claro, tive um relacionamento que durou alguns poucos anos e que terminou tão logo mudei-me para Curitiba. Seria mentira dizer que não senti nada no tempo que

dividi com o meu ex-namorado, mas, de toda forma, seria ainda pior dizer que era semelhante ao que sinto agora. Nunca fiquei tão à mercê do meu coração dessa forma.

Pelo contrário, sempre soube me cuidar bem, jamais derramei uma única lágrima por homem algum. Sempre me amei demais para permitir que outra pessoa me fizesse sofrer, acho que até mesmo por isso, jamais me deixei envolver completamente. No fundo acho que Felipe e eu somos parecidos: protegemo-nos do amor com medo das consequências. Medo de sermos feridos.

Entretanto, desde que o conheci, ser ferida é a última coisa que me preocupa, para ser honesta. O anseio que me domina de estar com ele é imenso. Passo as horas relembrando nossos momentos juntos: a forma como me toca, a forma como se entrega aos poucos... Acho que estamos embarcando em uma viagem sem volta. O que nos espera na chegada é o grande mistério, mas só o fato de o ter comigo já compensa.

O ônibus chega, arrancando-me de meus devaneios. Amontoada entre tantas outras pessoas cujo único desejo é chegar logo em suas casas, encontro milagrosamente um lugar para sentar.

No banco ao lado do meu, uma menina ouve sua música sem os fones de ouvido, obrigando os demais a partilharem de suas escolhas musicais. Encontro-me tão atordoada que não ligo muito para a situação, que, normalmente, teria me deixado um pouco brava.

O toque suave de piano serve de fundo para uma voz feminina sensual, que começa a cantar aos sussurros versos de uma música que conheço, muito embora não essa versão.

“Amor, você não percebe?

Estou chamando

Um cara como você deveria ter um aviso

É perigoso, estou me apaixonando

Não há escapatória, não posso esperar

Preciso de um pouquinho, amor, dê pra mim

Você é perigoso, adoro isso”

É *Toxic*, da Britney Spears, mas não é ela que está cantando. Sinto um arrepio percorrer o corpo todo, como se a música fosse sobre mim. Pelo canto dos olhos, tento espiar no visor do celular da menina o nome da artista cuja voz aveludada está me embalando. Chama Yaël Naïm, eu anoto mentalmente que preciso procurar ao chegar em casa, porque é perfeita para esse momento da minha vida.

“Com o gosto dos seus lábios, eu viajo

Você é tóxico, estou perdendo os sentidos

Com o gosto do seu veneno, estou no paraíso

Estou viciada em você

Você não sabe que é tóxico?”

Pela janela, observo gotículas de chuva respingarem contra o vidro, incessantemente. O céu escureceu em questões de segundos, adquirindo um tom de azul-anil pálido que chatearia até a pessoa mais feliz do mundo.

Deito o corpo um pouco mais no banco, de forma a conseguir recostar a cabeça. As janelas fechadas deixaram o ambiente abafado e claustrofóbico e, ainda que o ônibus esteja apinhado de pessoas, sinto como se estivesse completamente sozinha. De repente, tenho saudade de casa. Sinto saudade do calor da minha cidade, sinto falta de quando não estava tão vulnerável.

*“Intoxique-me agora
Com o seu amor
Acho que estou pronta agora.”*

Levanto de supetão, puxando a cordinha. Deixo o guarda-chuva no jeito e, assim que o ônibus encosta no meu ponto, pulo para fora o mais rápido que consigo.

Aspiro o ar fresco com certo alívio, caminhando sem notar em direção ao meu apartamento. Tento desviar de algumas pessoas que mais parecem baratas tontas, com a cabeça nas nuvens.

Dobro na esquina da rua onde vivo e começo a caçar as chaves dentro da bolsa, ansiando por um banho quentinho. Penso no pão de queijo pré-assado que me espera no congelador e abafa um sorriso com a sensação maravilhosa que me invade. A parte boa é que logo mais vou encontrar a Vanessa na faculdade. A possibilidade de ela me animar é surpreendentemente alta.

Não tenho chance de abrir a porta de vidro eu mesma, uma vez que o porteiro parece estar aguardando prontamente para isso. É um japonês muito alto e magro, que estou certa de nunca ter visto aqui antes.

— Boa tarde! — ele cumprimenta gentilmente, assim que alcanço o seu balcão de mogno.

— Oi... Boa tarde! — respondo por educação.

— Qual é o seu apartamento?

— Novecentos e oito.

— Você é a Maria Eduarda Albuquerque? — ele pergunta, concentrado em algo que foge do meu campo de visão.

— Isso! — digo, revirando os olhos de impaciência.

— Você pode assinar aqui para mim, por favor? — pede, indicando a lista de encomendas do prédio.

Uno as sobrancelhas com a ideia de ter recebido algo pelo qual não estava esperando. Antevejo de quem seja a caixinha pequena nas mãos do porteiro, pela semelhança com a última entrega que recebi.

O estranho é que a caixinha aveludada retangular e estreita que o vejo segurar, não tem um envelope endereçado nem nada parecido. Soa como se... Oh, não! Não pode ser!

— Como sabia que era para mim? Não estou vendo nada detalhado! — digo, com a voz rouca de surpresa.

— Foi um homem que deixou aqui e pediu para te entregar.

Putá. Que. Pariu.

Estendo a mão tremula para alcançar a embalagem que ele me oferece, notando um cartão preso no meio dela. Puxo-o para fora, reconhecendo a mesma caligrafia elegante do cartão que veio junto das orquídeas:

“Você está me devendo um jantar, e nunca me esqueço de uma dívida. Essa noite, quero vê-la usando este singelo presente. R.”



Enxaqueca

Sentada confortavelmente no sofá, permito-me admirar o presente que recebi de Renato. É um bracelete de prata da Pandora, com meia dúzia de *charms* sortidos, alguns em prata e outros com detalhes em rosé. Caramba, isso não é tão barato quanto às flores, fora que essa situação já está ficando um pouco estranha. Preciso colocar um ponto-final, antes que Renato acabe entendendo o meu silêncio como uma forma de consentimento. Ele me parece do tipo que faz isso.

Fecho a embalagem, martelando na cabeça as suas palavras: “*essa noite quero vê-la usando este singelo presente*”. Como assim? Quem ele pensa que é? Além de ter descoberto o meu endereço e estar me mandando coisas sem o menor indício de eu estar gostando, ainda decide que vai me levar para jantar? Qual é a dele?

A irritação que me domina é tão intensa que começo a escutar um zumbido vindo lá de dentro da cabeça. Ok, estou encrocada. Estou muito encrocada. Felipe teve uma recaída justamente hoje e não faz nem uma semana que viu as flores aqui em casa... Céus, seria a minha ruína se passasse pela cabeça dele o fato de que Renato está em Curitiba unicamente por minha causa.

Pode parecer incrível, mas é sempre desse jeito: tudo que pode acontecer de estranho e imprevisível na minha vida, certamente vai acontecer. É assim que funciona comigo, sempre fui. Por que eu estranharia nessa altura do campeonato? Preciso pensar, e rápido! O que vou fazer?

Olho para o relógio na parede, constatando que precisaria sair dentro de meia hora para pegar o ônibus até a faculdade. Isto é, se eu fosse. Respiro fundo, sentindo um gosto amargo na boca. Sei que tenho que fazer o que mais queria evitar no momento, porque pressinto que, se não o fizer, acabarei atraindo mais problemas — o que, definitivamente, não preciso.

Tiro os pães de queijo do forno, lamentando o fato de tê-los deixado passar do ponto. Merda! Se não tivesse que me preocupar com tanta coisa... Alcanço a garrafa de refrigerante na geladeira e rumo à sala novamente, sentindo os ombros pesarem mais do que o normal.

Abro a caixinha novamente com uma culpa imensa. Meus olhos recaem mais uma vez para a bonita pulseira que reluz com os feixes fluorescentes da lâmpada da sala. Tão linda, no entanto sem nenhum significado para mim. É incrível como Felipe não precisa comprar o meu afeto, para que goste dele. Solto um pesado suspiro, levando um pãozinho até a boca. Claramente preciso devolver essa joia. Ela não é para mim. Concordar com esses presentes é o mesmo que dar a Renato uma nesga de esperança, a qual ele se agarra e segue em frente.



Quando o som do interfone ressoa estridente pelo pequeno apartamento, sinto toda a coragem se esvaír em uma velocidade surpreendente. “*Vamos lá, você consegue, Madu!*”, mentalizo, tentando me encorajar a algo que sei ser iminente. Aviso o porteiro que estou indo, e então, munida da caixinha

aveludada, desço de encontro ao que acredito ser a solução de um problema.

Renato está sentado confortavelmente em uma das poltronas antiquadas da recepção do prédio. Está vestindo uma camisa xadrez por cima da camiseta branca de gola v. Nas pernas, um jeans justo de lavagem tradicional e sapatos de camurça nos pés. Encontra-se com as mãos cruzadas atrás da cabeça, que se inclina ligeiramente ao constatar que não estou arrumada para um encontro.

— Que surpresa te ver aqui! — digo, alcançando-o.

Sento-me na cadeira ao seu lado, cuja estampa odiosa já foi menos desbotada um dia. Tento desviar do seu olhar fixo em mim, ao passo em que me ajeito, ficando de frente para ele.

Assim que finalmente encontro seus intensos olhos castanhos, percebo o quão confuso e desapontado Renato aparenta estar. Estendo a caixinha em sua direção, ainda silenciosa e ele nega com um gesto impaciente.

— Era *pra* você estar com o bracelete... Não para trazê-lo — sorri de canto, jogando um pouco do seu charme.

— Não posso aceitar esse presente! — sussurro, sentindo as bochechas queimarem.

Existe algo em Renato que é inexplicável. Estar na companhia dele é sempre inquietante. Como ele faz isso?

— Algum problema? Achei que tinha a sua cara — ele dá nos ombros, cruzando uma perna sobre a outra com tranquilidade.

— Não! Olha... Não é isso! — explico, com o coração acelerado. — Estou lisonjeada! A pulseira é realmente linda. Mas... As coisas estão bem confusas para mim.

— Confusas por quê?

Ai que inferno! A cada segundo que passa, fico mais e mais nervosa. Não estou preparada para isso! Jamais quis nada assim! Um homem só já traz tanto tumulto para os meus sentimentos, imagine dois...

— Para começar, como você sabe onde eu moro? — As palavras saem de uma vez. — E por que está aqui?

Renato arqueia as sobrancelhas em surpresa. Suas mãos passeiam pelos cabelos negros bem cuidados, e seu rosto se contorce em uma careta pensativa.

— Quem me passou o endereço foi o Antunes... — seus lábios estão com aquele sorriso superior que me repelem. — Achei que não teria problema.

Suas palavras penetram os meus tímpanos, levando algum tempo até serem interpretadas. Isso soa como uma grande mentira. Não entendo exatamente o que me leva a acreditar nisso, mas no íntimo sei que Felipe jamais faria isso. Talvez alguns dias atrás eu tivesse ficado com um pé atrás, entretanto, depois das suas palavras na sexta-feira, ou a forma como parecia desesperado por ter que admitir que eu não saia de sua cabeça... Por Deus, não tem como fazer sentido acreditar no que Renato diz.

Os momentos com Felipe são intensos não só para mim, como também para ele. Cada sensação é

mútua, por isso sei que esse comportamento não compactua com o mesmo homem que me dissera não ter mais idade para brincadeiras. Claro que não.

— Renato... — minha voz fica presa na garganta ao notar seus olhos brilharem ao me estudarem.
— Isso não vai dar certo.

— Isso? — A maneira como pronuncia a palavra sugere um resquício de ironia.

— Nós dois — devolvo, perdendo a paciência.

Sinto uma ou duas fisgadas intensas na cabeça e antecipo uma enxaqueca tenebrosa chegando na área. Era só o que me faltava... Renato se endireita em sua poltrona, inclinando o corpo em minha direção. Perigosamente perto de mim.

— E como você pode saber, se nem ao menos deu uma chance para nós?

— Ah — reviro os olhos. *“Por que você é sempre tão insistente? Podia ao menos facilitar para mim, não é?”* — É sério... Não estou interessad...

Não consigo terminar de falar já que seus lábios estão nos meus. Uma de suas mãos está segurando a parte de trás da minha cabeça, com um pouco mais de firmeza do que seria necessário.

Sinto o ar desaparecer dos pulmões de uma só vez, ao passo em que todos os músculos do corpo perdem a força. Tão logo recupero o raciocínio, empurro-o para longe de mim, com as mãos trêmulas. Minha nossa! O que caralho acabou de acontecer aqui?

— Puta merda! — sussurro, percebendo o olhar do novo porteiro sobre nós dois. — Por que você fez isso?

— Não consigo resistir a você! — Ele encolhe os ombros, fingindo estar arrependido. Seus olhos não demonstram o mesmo, porém.

Sem pensar duas vezes, junto o que resta de força nas pernas e me levanto, com a cabeça martelando furiosamente. Deixo o presente sobre a poltrona e me afasto alguns passos. Ok, ele está mesmo apostando as fichas em mim. Tudo bem ele estar interessado, mas não está tudo bem eu deixar isso acontecendo.

— Renato, olha... Por favor... Não quero nada com você. Nada. Se um dia pareceu o contrário, eu realmente sinto muito.

— É uma pena! — Seu sorriso não acompanha os olhos. Ele se levanta e uma corrente de ar traz o seu perfume até as minhas narinas, deixando-me atordoada.

— Se você continuar persistindo nisso... vou ter que tomar alguma providência! — Vômito as palavras, sem nem ao menos pensar a respeito. Droga! Isso não pode estar acontecendo!

Sua risada é puramente divertida. Ele balança a cabeça em negativa, demonstrando estar despreocupado. Sua mão direita tira alguns fios de cabelo do meu rosto, fazendo-me estremecer.

— Não terá necessidade — diz compassivamente. — Conheço a hora certa de me retirar dos negócios.

“Negócios”, penso com amargura. Claro, como não seria?

Com um breve acenar na cabeça, Renato me abandona com o meu mundo completamente bagunçado. Assim que giro os calcanhares, decidida a subir até o meu apartamento e tentar esquecer esse episódio bizarro, vejo que o porteiro está com uma expressão engraçada, como se tentasse indicar alguma coisa e não soubesse a forma exata para isso.

Olho para traz por cima dos ombros e noto que a caixinha com o bracelete repousa inocentemente acima da poltrona. Procuro as íris escuras de Renato, pedindo uma explicação e o encontro parado na entrada, esperando por este momento:

— É muito indelicado recusar um presente, você sabe.

Então rompe o nosso frágil contato visual, fechando a porta de vidro com um clique e desaparecendo rua afora.



Estou encolhida de dor no conforto de minha cama quentinha, esperando o segundo remédio para cefaleia fazer o efeito que o primeiro não fez. Não é sempre que tenho crises de enxaqueca, mas quando elas vêm... Parece que é para compensar os dias que não tive. Santo Deus, acho que nem mesmo bater com um martelo no meu crânio doeria tanto.

Como a claridade está piorando o quadro, encontro-me neste momento em uma escuridão, cuja única fonte de luz é o visor do celular. Olho-o com os olhos semicerrados, tentando ler a mensagem que Vanessa me mandou: “*Desistiu da faculdade, amiga?*”

Domino uma careta, imaginando exatamente a cara que está fazendo. Estou com saudade de um tempo só nosso, para falar sobre nada em especial e dar boas risadas... Digito com dificuldade: “*Estou com uma enxaqueca horrível, mal consigo levantar da cama*” e mando uma foto minha em seguida, comprovando o meu estado.

É realmente um saco quando isso acontece, porque me deixa completamente debilitada. No entanto, como há males que vêm para o bem, sou forçada a acreditar que ao menos assim não vou ficar maquinando o encontro que tive outrora com Renato. No fundo, sinto que a culpa é um pouco minha, por não ter pegado tão firme com ele. Talvez de fato seja, mas deixarei para refletir em outro momento. Preferencialmente quando a minha cabeça não estiver latejando como se fosse explodir a qualquer momento.

O celular vibra levemente, e logo vejo sua nova mensagem: “*Bem, você não perdeu nada. A UFPR está oficialmente em greve*”. Ainda que eu já houvesse sido avisada por ela, recebo a notícia com um baque. Nesses três anos que estudo na universidade, nunca nem ao menos chegamos perto de algo assim. É uma pena que isso vá acontecer, no entanto não é como se não fosse cabível. O governo federal fez cortes significativos dos recursos voltados às instituições de ensino. Só espero que tudo se resolva rápido. Caso contrário os únicos prejudicados seremos nós.

“*E agora, o que será da gente?*”, pergunto com desânimo. Sinto mais algumas fisgadas intensas que dão um pouco de náusea e torço para que esse mal-estar me abandone o quanto antes.

A melodia do celular quebra o silêncio construído com afinco por mim, quase me fazendo chorar. Alcanço-o, ansiando por encerrar esse barulho que me fere os tímpanos com maestria, atendo-o apressada, sem nem ao menos conferir o número. Não que eu precise, é óbvio que é a Vanessa, querendo conversar. Ela simplesmente não consegue se contentar apenas com mensagens.

— O que você quer? — pergunto em tom de brincadeira, percebendo que estou ligeiramente rouca.

— Você! — a voz de Felipe vem ao meu encontro, anestesiando-me. Céus, eu deveria ter olhado no celular antes de atender.

Sorriso para o nada, sentindo cada músculo do corpo relaxar. A forma como ele mexe comigo... Não tem explicação. Mas é deliciosa a sensação.

— Achei que era a Vanessa, desculpa! — explico, erguendo-me em um impulso.

— Não foi para a aula hoje? — seu tom é acusador.

— Não consegui... — falo com voz de manha, ajeitando o travesseiro nas costas. — Estou morrendo de dor de cabeça. Já tomei dois remédios, mas não surtiram efeito!

— Conheço um remédio ótimo — a forma como enuncia as palavras sugere que está sorrindo.

Caramba! De olhos fechados, assim como estou agora, quase consigo vê-lo torcer os lábios de canto, naquele sorriso safado que me deixa louquinha. “*O que você acha que está fazendo, Lipe?*”

— Sério? E qual é?

Sua risada baixa é envolvente. Fisgo os lábios, deleitando-me com o quanto ele parece estar bem novamente.

— Você tem dez minutos para ficar pronta. Estou indo aí te buscar!

Wow! Calma! Vindo aqui? Em dez minutos? Estou completamente de acordo!

— Às suas ordens! — replico e ouço-o desligar o telefone do outro lado da linha.

Ainda com a cabeça pulsando, ao menos tenho um bom motivo para sair da cama. Corro até o banheiro, para secar o cabelo ainda molhado do banho que tomei logo depois do encontro com o Renato.

A lembrança congela o meu estômago por alguns segundos, causando refluxo. Renato me beijou. No hall de entrada do prédio. Aqui em Curitiba. Depois de uma recaída complicada de Felipe. Minha mãe! Eu sou uma pessoa horrível, mas ao menos consegui consertar as coisas — ou assim espero.

Uma onda de satisfação me domina desde que concluo a tarefa de secar os cabelos, vendo-os brilharem sedosos e bonitos em cascatas castanhas. Confiro as horas no celular e percebo com assombro que já se passaram vinte minutos. Se tem algo que o meu advogado detesta são atrasos. Sei disso melhor do que ninguém. Por isso, corro até o guarda-roupa, alcançando um vestido de malha que mais se parece com um camiseta, jogo um cardigã de crochê por cima, o qual termina próximo dos meus tornozelos.

Assim que finalmente consigo juntar os meus pertences e descer, noto com amargura que já passou meia hora desde que ouvi sua voz intensa me avisando que viria me buscar.

Encontro o olhar do porteiro com uma culpa latente, ao passar pela recepção e saio pela porta de

vidro, comprovando o que já sabia: a Mercedes de Felipe encontra-se estacionada em frente ao edifício, muito provavelmente desde a hora em que disse que estaria.

Ele está com os braços cruzados sobre o volante e a cabeça sobre eles, com uma expressão impaciente no rosto perfeito. Tão logo entro no carro, endireita sua posição, fitando-me com atenção.

— Você está atrasada!

— Precisei secar o cabelo... — encolho os ombros, sorrindo inocentemente para ele.

Sua mão vem de encontro ao meu rosto, buscando-me para um beijo. Fecho os olhos, deixando-o explorar a minha boca com autoridade, enquanto o meu corpo todo parece soltar faíscas.

Com os lábios selados, ouço-o sussurrar deliciosamente.

— Eu odeio esperar — sorri contra a minha boca, ao que fisgo seu lábio, já cheia de tesão. Sua mão vai ao topo da minha cabeça e desce até o pescoço em um carinho pesado, mas cheio de eletricidade. — Você está encrencada!

Arfo com desejo, assim que suas mãos prendem o cinto de segurança ao meu redor, com agilidade. Felipe arranca com o carro, em uma velocidade um pouco alarmante, que causa um frio enérgico na barriga.

Depois de nos embrenhar por caminhos que mal imagino para onde levam, Felipe estaciona o carro em um beco deserto. Muito embora seja repleto de casas, todas se encontram com as luzes apagadas. Concluo que isso se deva pela hora, no fim das contas.

Uno as sobrancelhas ao vê-lo desligar o motor do carro e não consigo evitar sorrir. Ora, ora... Parece que chegamos ao nosso destino. O que ele pretende?

— Esse é um lugar bem peculiar... — digo, forçando para parecer casual.

— Boas meninas não se atrasam, Madu... — ele sorri faceiro, desafivelando o cinto de couro que está usando. — E, como eu disse, está encrencada!

Felipe desabotoa a calça que está usando sem desviar as íris azuis de mim. Sua ereção quase salta para fora, ele a envolve com a sua mão esquerda e começa a se acariciar, em movimentos lentos.

A minha respiração está inconstante e meu coração batuca tão violentamente que quase machuca. Já percebi que ele gosta de lugares não convencionais... Isso está me enlouquecendo. Se esse é o castigo, acho que posso ignorar a enxaqueca por quanto tempo for preciso!

Com a mão livre, entrelaça os dedos entre os meus cabelos, gerando uma onda de adrenalina.

— Você é uma safada! — segreda com a voz rouca e sexy. Sinto a cabeça flutuar momentaneamente. — Uma menina má!

— Eu sou uma menina má! — sussurro de volta, desejando com toda a força ser punida por horas a fio. Céus, a minha calcinha já está ensopada ao vê-lo se tocar deliciosamente, em provocação.

— Você sabe o que vai fazer agora? — pergunta, divertido com a brincadeira. Seus dedos agarram os fios da minha cabeça com um pouco mais de força, causando um calafrio que desce pela espinha como um raio. Junto dele, um espasmo de dor me toma momentaneamente.

Nego com a cabeça, mordendo o lábio inferior e o encarando atentamente. Nosso contato visual parece faiscar. É impressão minha ou esse carro está pegando fogo? Caramba, mal consigo respirar aqui dentro...

Ele aproxima seu rosto da minha orelha, de forma que posso sentir suas palavras ricochetearem suavemente contra mim.

— Você vai me chupar, aqui dentro... — sua voz é pouco mais alta que um zumbido. — E depois que terminar eu vou te comer até você não aguentar mais... Está entendendo?

Solto um gemido baixo, deliciada com a ideia. Como ele faz isso? Pelos sete infernos, estou quase implorando para que ele o faça.

Sem que ele diga mais nada, assinto, umedecendo os lábios lentamente. Felipe entende a deixa e afasta o banco, usando os botões de sua porta para isso. Enfio-me no espaço do carro destinado às pernas, ficando em uma posição confortável.

Seguro-o com uma das mãos, lançando um olhar travesso em sua direção. Está com a cabecinha inchada de tesão e sinto que posso deixar um pouco mais.

Sem interromper o contato visual, aproximo o rosto do seu membro, como se fosse abocanhá-lo, mas então roço-o no rosto suavemente, na altura da bochecha, arrancando um grunhido excitante de Felipe.

— É isso que você quer? — indago, passeando a ponta da língua pela sua extremidade. O toque é macio e delicioso.

Droga, estou faminta por ele, mas ainda não posso entregar o pote de ouro tão facilmente. Afinal de contas, não sou eu a menina travessa que merece ser castigada? Bem, darei mais algumas boas razões para isso!

Felipe fiska o lábio, com os olhos queimando em malícia. Parece compreender o nosso novo jogo uma vez que percebo a sombra de um sorriso em seu rosto.

Abro a boca o suficiente para que consiga envolver a sua glândula e deixo os meus dentes tocarem a pele sensível com delicadeza. Sinto-o estremecer sutilmente, em uma onda intensa de tesão. Finalmente me dou por satisfeita. Sua ereção parece latejar de tão excitado, então decido que agora é o momento certo.

Fecho os olhos e o envolvo com a boca, deixando-o percorrer todo o caminho até quase chegar à garganta. Sua mão ainda presa nos meus cabelos aumenta a força com a qual me segura, no entanto, sem interferir no meu trabalho.

O contato é agradável, ainda que esteja completamente duro e instiga a continuar o trabalho. Céus, sentir o seu sabor é realmente excitante. Mais do que isso, é de enlouquecer!

A minha cabeça entra em um ritmo gostoso, enquanto me ocupo em alternar a pressão com a qual o sugo. Desço a cabeça e o sinto na garganta, tiro-o da boca novamente, chupando-o como se fosse um picolé suculento. A cada nova investida, ouço-o gemer um pouco mais. Seu prazer me deixa cada vez

mais alucinada e tentada a aumentar a intensidade. Mas qual seria a graça em acabar com isso tão rápido?

Seguro-o pela base de seu membro, concentro a atenção em percorrer cada milímetro com a língua. Desço até suas bolas onde sua respiração fica mais alta e ofegante. “*Hmm, então você gosta quando eu faço isso?*”

Medida pelas suas reações, vou testando até onde posso ir e o que o deixa completamente fora de si. Seus quadris começam a se mover lentamente, como que acompanhando a marcha com que o engulo.

Busco sua mão livre e a levo até sua ereção novamente, sentindo-o pulsar dentro da minha boca. Mostro para ele que o quero se tocando enquanto o chupo, e, tão logo começa a manear sua mão, solto um som gutural de excitação que vibra a minha garganta toda.

Felipe geme junto e, simultaneamente, aumenta a força nas duas mãos — tanto a que se masturba, quanto a que está me prendendo. Estou cega de tesão, quero vê-lo ir até o fim.

— Madu... — sussurra, como que me avisando.

Abro os olhos para espia-lo e o encontro com os seus fechados. A expressão deliciosa de prazer que está fazendo é para foder com tudo. “*Putá que pariu, Felipe, seu gostoso!*”

Subitamente, sinto os espasmos do seu comprimento ao mesmo tempo em que sua porra preenche a minha boca, quente e salgada. Engulo sem pestanejar, notando-o erguer as pálpebras. Está arfando e sua mão enfim soltou os meus cabelos. “*Opa... Ele acha que terminei por aqui... Ainda não!*”

Umedeço os lábios e os levo até a sua cabecinha novamente, onde os esfrego em movimentos circulares contra ela. Felipe estremece brevemente, é como se uma onda elétrica percorresse os músculos do seu corpo.

Agarrando novamente os meus cabelos, ele me puxa para cima, obrigando-me a obedecê-lo. Arfo com o gesto, ansiando por beijá-lo agora mesmo. Percorro a distância entre a gente, buscando a sua boca com urgência.

Enrosco a língua na sua, em movimentos desordenados e repletos de desejo. Espalho o seu próprio sabor na sua boca, sentindo-o erguer o vestido para fora do meu corpo.

Ainda que esteja um pouco aflita por estarmos na rua, encontro-me imersa nessa paixão latente que nos domina. Foda-se, não dou a mínima se alguém notar o que estamos fazendo dentro desse carro. Quero dar para ele agora mesmo e dessa vez vai ser do meu jeito.

Mordo o seu lábio com um pouco mais de força do que o usual, fazendo-o estalar a língua.

— Quero você ali atrás — indico o banco com a ponta do nariz.

Felipe ergue as sobrancelhas em surpresa, com aquele sorriso tentador de canto nos lábios.

— Por quê? — questiona em provocação. Sua mão vem de encontro aos meus seios, apalpando-os com força e arrancando suspiros de mim.

— Porque quero te mostrar o que fazem as meninas más! — Arfo, puxando a sua camiseta para fora do seu tronco.

Ele ergue os braços na medida do possível, permitindo que eu conclua a ação. Meus olhos percorrem o peito desnudo e o abdômen cujos gominhos quase imploram aos meus lábios que os percorram.

Puxando-me para mais um beijo e, sem entender exatamente como, conseguimos ir os dois ao mesmo tempo para o banco de trás, embolando-nos inteiros. Não consigo conter a risada com a situação, arrancando dele um olhar divertido.

Aguardo que se ajeite no banco, então passo uma perna de cada lado seu. Meus seios ficam na altura do seu rosto, de forma que ele não se demora em alcançá-los. Sinto os seus lábios os beijarem lentamente — quase me torturando com o ritmo manso — as mãos ajudando na empreitada. Felipe deixa os polegares sobre os mamilos, girando-os simultaneamente em movimentos enlouquecedores. Minha nossa!

Seus lábios descem pela barriga, chegando a um ponto em que tem de ficar inclinado para frente, para alcançar a minha pele. Ao chegar ao ossinho do quadril, alterna beijos molhados e mordidinhas eletrizantes. Os pelos do meu corpo todo ficam eriçados e o contato torna-se cada vez mais sensível e intenso.

— Gostosa! — sussurra contra a minha pele. — De quem você é? — indaga, apertando os biquinhos do meu peito contra os dedos.

A sensação beira o dolorido, no entanto é incrivelmente excitante. Solto um gemido demorado, tentando arrumar forças para falar nestas condições.

— Sua! — A minha voz é desafinada ao dizer. Santo Deus, eu poderia ter um orgasmo só com isso que ele está fazendo. Estou tão molhada que quase espumo. — Completamente sua! — complemento, sentindo-o apertar os meus mamilos novamente.

Ele desfere um tapa ardido e pesado contra a minha bunda, deixando a região queimar por alguns segundos. Logo em seguida, todo o calor concentrado naquela região parece se espalhar e alguns membros começam a formigar levemente.

Não consigo mais. Preciso tê-lo em mim! Estico as pernas, alcançando o chão, giro o corpo, ficando de costas para ele. Alcanço o seu membro rígido e inchado e sento-me em seu colo, encaixando-o em mim.

Sua mão vem de encontro ao meu clitóris, Felipe repousa o queixo sobre o meu ombro. Rebolo o quadril de maneira sensual, ouvindo o seu gemido muito próximo da orelha. A sua respiração é úmida e descompassada.

Cada vez que traço um círculo com a cintura, sinto-o em algum ponto diferente em mim. Os gemidos saem da minha boca sem que eu possa fazer nada a respeito.

— Hmmm... — Ronrono, ofegante. — Que delícia!

Aos poucos, vou mudando as reboladas, transformando-as em cavalgadas. Começo a pular no seu colo, sentindo-o penetrar profundamente em mim. Essa posição tem um encaixe perfeito, é muito

prazerosa.

— Isso! — geme contra os meus cabelos. Seu dedo continua brincando com o meu clitóris, em movimentos suaves que não condizem com a intensidade com a qual me movimento nele. — Goza pra mim, Madu!

Já estou perdendo as forças nas pernas quando ele aumenta subitamente a velocidade em que me acaricia. Começo a sentir os músculos do ventre contraírem um por um, ao passo em que meu coração aumenta furiosamente a velocidade das suas batidas. Dobro-me para frente, agarrando com força as coxas de Felipe. Um frio na barriga começa a crescer, expandindo-se em todas as direções, enquanto derreto-me em mim mesma.

Por um segundo, o mundo para ao meu redor. Uma sensação intensa domina cada pequeno centímetro do meu corpo. Os meus pés e mãos formigam bastante e luto para retomar a respiração.

Caralho! O que foi isso? Acho que nunca tive um orgasmo tão gostoso como esse. Percebo o quanto estou encharcada tão logo Felipe sai de dentro de mim, e desliza com facilidade para fora.

Deixo o peso do meu corpo recair sobre ele. Sua pele está suada, o peito sobe e desce, lutando assim como eu para respirar. Seu braço contorna a minha barriga, envolvendo-me protetoramente.

Com o rosto ainda apoiado no meu ombro, sussurra rouco.

— Como está a cabeça?

Estreito os olhos ao perceber que a enxaqueca desapareceu. Encolho os ombros, antes de responder.

— Passou a dor! — digo com doçura, envolta pelo clima gostoso entre nós.

Felipe ri calorosamente, fazendo-me balançar junto de si.

— Eu falei que tinha um remédio ótimo para isso! — diz com a boca colada na minha orelha, que faz o meu corpo todo estremecer.



Greve

Ao entrarmos na garagem da casa de Felipe, sou tomada por uma sensação engraçada. É a primeira vez que venho para cá fora do horário de trabalho. Quero dizer, tudo bem que na entrevista fiquei aqui até o anoitecer, mas as situações são incomparáveis, é claro.

Tão logo ele desliga o motor do carro, abro a porta e estico as pernas para fora, empurrando o corpo contra a vontade para o frio que me espera. A temperatura tem caído cada dia mais, no entanto Curitiba sempre têm as noites mais frias que o restante do dia. A sensação térmica é semelhante a estar no Polo Norte.

Contorno a imponente Mercedes, alcançando-o em seguida. Felipe segura a minha mão e entrelaça os dedos nos meus, arrancando-me um pesado suspiro. Como é possível que eu tenha acabado de fazer loucuras no carro com ele e esteja abalada com esse gesto inocente?

Seguimos juntos pela entrada de sua casa que não passa pelo escritório. As luzes do jardim iluminam toda a construção como um farol, tornando-a ainda mais impressionante.

Assim que entramos pela sala que já conheço, sou agraciada pela aconchegante sensação de estar quentinha. Aqui dentro está quase um breu, com exceção da escada, iluminada pelo majestoso lustre que pende em uma cascata brilhante.

Subimos os degraus até o segundo andar, seguimos pelo corredor, no fim do qual fica o quarto de Felipe. Ele abre a porta e dá espaço para que eu invada o seu esconderijo secreto, que, diga-se de passagem, é enorme. Seguindo o estilo clean, moderno e minimalista do restante da casa, com tons de terracota misturados ao branco predominante.

O cômodo tem dois ambientes, no entanto seguimos até a enorme cama, cuja base de madeira clara quebra um pouco do aspecto clínico. As luzes vindas do bonito teto de gesso incidem sobre o papel de parede de estilo vitoriano, criando um interessante jogo de luz.

Descalço as sapatilhas sentindo o toque aveludado do extenso tapete creme posicionado embaixo da cama. Estar aqui é realmente interessante e satisfatório. Sinto como se, aos poucos, estivesse rompendo as barreiras que Felipe construiu ao seu redor, camada por camada, ao passo em que avanço em direção ao seu coração.

Encaro-o com os olhos cheios de expectativa, enquanto imita o meu gesto, ficando descalço também. Sem dizer uma palavra, enrosca os braços ao meu redor e avança em direção à cama, caindo em cima de mim.

O impacto é macio, ainda que eu esteja esmagada pelo seu peso. Esse lado carinhoso dele é algo que me deixa quase tão mexida quanto a faceta que estou acostumada a ver: de um homem forte, bem-sucedido e fechado.

Deixo-me rir gostosamente, envolvendo seu pescoço com os braços. Fecho os olhos ao sorver seu

aroma delicioso, derretendo-me nesses sentimentos que ele me causa.

Felipe gira o corpo para o lado, saindo de cima de mim. Ajeita-se de forma que fique de frente para onde estou, o que me deixa um pouco sem jeito. A maneira como me olha é desconcertante, de tão intensa. Minha nossa! Jamais serei capaz de recuperar o fôlego. Esse homem deixa o meu mundo de ponta cabeça, mas a parte mais engraçada é que adoro toda essa turbulência!

Ele enterra sua mão nos meus cabelos, avançando carinhosamente com os dedos. O contato manso me deixa com um friozinho na barriga que acho que veio cedo demais. Isso que estou sentindo aqui dentro parece tão forte que é quase como se pudesse me inundar inteira. Santo Deus, o que ele está fazendo comigo? Quero que esse momento dure para sempre, porque nunca me senti assim antes. E é maravilhoso!

— Você dorme aqui comigo? — pergunta suavemente. Seus olhos ardentes estão fixos em mim com tamanha atenção que é impossível não corar. “*Fê, você vai me matar assim...*”

Encolho os ombros, pensando que seria perfeito, se fosse tão simples. Mas a realidade é que amanhã tenho que trabalhar e não posso me dar ao luxo de confundir as coisas.

— Não posso... — sussurro, permitindo-me escorregar a mão pelos seus cabelos, assim como faz comigo.

O movimento faz com que reflitam o brilho da luz proveniente do teto, mais dourados do que nunca. “*Tão lindo... e meu!*”, penso atônita. É quase inacreditável estar aqui com ele, nessa intimidade maravilhosa que estamos construindo. Há alguns meses atrás, eu mal poderia imaginar na sorte que viria a ter.

— E por que não?

— Tenho que trabalhar amanhã — explico, arrancando um sorriso torto dele.

— É ainda mais fácil, não acha? — diz, aproximando o seu rosto. Seu nariz roça no meu ao me alcançar para um beijo.

Retribuo o gesto, sem conseguir pensar em mais nada. Caramba, assim fica difícil me manter firme. Ele joga sujo comigo! Com uma sucessão de beijinhos, ele afasta o rosto novamente e, dado o meu silêncio, continua.

— Vai poder dormir um pouco mais... — segreda, sorrindo largamente. — Sem se preocupar com ônibus, nem nada. Já tem até a roupa para usar amanhã... Qualquer outro motivo que me der, vou tomar como uma desculpa lavada!

Deixo a risada escapar dos lábios, sem conseguir me conter. É impossível contrariá-lo. Acho que nem ao menos quero, para ser honesta. Contudo, no fundo sinto um pouco de remorso. Por algum motivo bem lógico não me parece muito certo.

— Não acho uma boa ideia a gente misturar tudo...

— Receio que está um pouco tarde para nos preocuparmos com isso — diz com o sorriso que insiste em permanecer nos lábios rosados. — Já está tudo misturado!

— E o que você acha disso?

Sua mão desce pesada pelo meu pescoço, ombros e tronco; parando finalmente sobre a cintura. Seus dedos me apertam com força, fazendo-me involuntariamente movimentar os quadris.

— Madu — murmura, tentando encontrar as palavras certas para usar. — Desde que você apareceu na minha vida, eu não tenho mais nada para achar... Isso que você está fazendo comigo... Fazia tempo que não me sentia tão vivo assim.

Ah. Meu. Deus.

Eu não sei se estou preparada para esse sentimento que está começando a crescer em mim. Mas é tão violento, tão devastador. Caramba... Felipe está definitivamente me alucinando de todas as maneiras possíveis.

— Eu estou apaixonada pelo meu chefe! — brinco, antes que acabe tendo um infarto. — Acho que sou a pior funcionária do mundo inteiro!

— Você não parece se importar muito quando está com aquela carinha deliciosa de tesão que vi agora pouco... — diz e sua mão desce até o meu bumbum.

Sua risada calorosa me envolve, relaxando cada músculo do corpo. É maravilhoso saber que o faço sentir-se vivo, porque é exatamente isso que faz comigo. Como pessoas que vieram de lugares diferentes e têm vidas tão destoantes uma da outra podem se envolver dessa forma?

Fico extasiada só de pensar que se não tivesse vindo para Curitiba estudar e passado por tudo o que passei até então, jamais o teria conhecido. O pensamento da faculdade me faz recordar outra coisa, no entanto.

— A UFPR entrou em greve hoje... — suspiro, com mais desânimo do que gostaria. — Isso vai bagunçar todo o calendário acadêmico.

— Bem, tente ver isso pelo lado bom.

— Lado bom? — indago, confusa.

— Agora você tem as noites livres. Pode usar esse tempo para descansar um pouco... Imagino que esse ritmo de trabalho e faculdade não deve ser muito fácil.

— Não é mesmo! — admito, encarando-o. — Mas já foi pior... Trabalhar no shopping era bem puxado. Ainda mais perto do Natal... Eu tinha que dobrar o turno quase todos os dias.

— Eu gosto disso em você — ele parece distraído com um pensamento súbito. — Já tive várias pessoas trabalhando aqui comigo e honestamente, tive muito problema com a última que passou por aqui — suas sobrancelhas se unem por um momento, como se lembrasse de algo ruim. — Quando vi o seu currículo percebi que era esforçada, essa é uma característica que aprecio muito.

— Hmmm... Conte-me mais sobre isso! — ronrono, aninhando-me contra o seu corpo.

Ele sorri brevemente, no entanto percebo que seus olhos se obscurecem por alguns segundos.

— Nada na vida vem fácil... E ainda temos o risco daquilo que conquistamos ser arrancado das nossas mãos, assim: de uma hora *pra* outra. — Felipe encolhe os ombros. — Sabia que se você estava lutando tanto para seguir com a faculdade, certamente levaria o emprego a sério.

— Uau, eu estou impressionada que tenha tido essa oportunidade! — digo, com um sorriso largo no rosto. — Além de tudo tive a sorte grande de o meu novo chefe ser um gostoso...

— E eu saí no prejuízo! Contratei uma menina bem teimosa, que ainda por cima fica me provocando... — diz teatralmente, arrancando gargalhadas de mim. — O pior é que acabei louco por ela. E agora?

— Agora eu sou toda sua! — respondo, observando-o se levantar.

Felipe arranca a camiseta que está vestindo com agilidade e a joga na cama, dirigindo-se ao banheiro da suíte. Levanto-me logo em seguida, tiro vestido que estou usando, assim como o sutiã. O alívio é imediato. Por que tem que ser assim tão desconfortável?

Sei que ele não deixou a camiseta na cama com esse propósito, mas tomo a liberdade de vesti-la. Já que vou dormir aqui, ao menos quero estar confortável. Tão logo o tecido envolve o meu corpo, o perfume marcante de Felipe penetra minhas narinas e inspiro profundamente.

Por algum motivo, sentir um pouco dele assim tão próximo, deixa-me excitada, logo percebo que estou molhada de novo. *“Droga, esse homem está mesmo mexendo comigo”*.

Ao me virar em direção ao banheiro, encontro-o me observando, divertido. Os braços estão cruzados sobre o peito nu. Que monumento!

— Fica bem em você! — Sua voz tem um tom de brincadeira.

Sorrio com as bochechas queimando, sentando-me na cama novamente.

Felipe permanece escorado no batente da porta, com serenidade.

— Estava aqui pensando... Presumo que estará em casa na sexta à noite, agora que sua faculdade está parada?

— É bem certo que sim!

— Bem, meus pais virão aqui para jantar... Acabaram de voltar da Europa e provavelmente têm muita coisa para contar. Não sei se aguento sozinho... Minha mãe é bem falante. Até demais para o meu gosto — o sorriso que exhibe poderia derreter o Ártico todo. — O que você acha?

Preciso de alguns segundos para colocar os pensamentos no lugar. Puta merda! Ele está sugerindo isso que entendi mesmo? Pisco algumas vezes, tentando decidir se o que ouvi foi de fato real.

— Perdão? — pergunto, atordoada. — Jantar? Aqui? Com os seus pais?

As perguntas explodem para fora da minha boca.

Felipe ri, aproximando-se de mim em passos lentos, ainda que decididos.

— Eles não mordem! — diz, sentando-se na cama. — Já eu... Bem, não posso garantir nada!



Reunião

— Sei que te falei que poderia dormir mais, só que eu não estava querendo dizer o dia inteiro — a voz suave de Felipe penetra os meus tímpanos, fazendo-me acordar abruptamente.

Espreguiço o corpo, levando alguns segundos até começar a ordenar os pensamentos. Dormi aqui a noite passada, mas ao contrário do que gostaria, hoje ainda é quarta-feira e não sábado.

Ao abrir os olhos, encontro-o somente de boxer, olhando-me com ternura. A imagem é tentadora, mas eu estaria abusando da sorte em tentar agarrá-lo esta manhã, sendo que trabalharemos a tarde inteira juntos.

Suas grandes e pesadas mãos seguram o meu rosto e, em um movimento rápido, ele vem ao meu encontro, deixando um beijinho afetuoso nos meus lábios. O contato me faz estremecer. A minha única vontade era de ficar nessa cama quanto tempo fosse possível, ainda mais com esse homem só para mim.

Respiro fundo, erguendo-me com um impulso.

— Dormiu bem? — ele me pergunta, munido da minha expressão preferida de todas: a de cachorro sem dono. Será que Felipe tem ideia do quanto fica irresistível com esses olhos inocentes mirando em minha direção?

— Muito — respondo, com a voz rouca de sono.

— Quer tomar um banho para acordar? — sua voz é cuidadosa. Observo atentamente uma de suas mãos vir em direção a minha perna, afagando-a com os dedos. A cada segundo esse quarto é mais e mais tentador e a perspectiva de trabalhar é menos bem-vinda.

— Você vai estar lá?

— Lá onde?

— No banho, comigo! — sussurro, sentindo as bochechas queimarem. *“Socorro, a minha língua é mesmo um perigo”*.

A risada de Felipe me envolve por alguns segundos, sinto um calor gostoso me aquecer completamente, enquanto me levanto dessa cama apelativa demais. Tudo aqui é muito bom, porque tenho que voltar para a realidade tão cedo?

Felipe olha ligeiramente para o visor do seu celular, conferindo as horas. O sorriso bobo em seu rosto torna-se safado, antes mesmo que ele possa responder.

— Eu já tomei banho, mas seria incapaz de negar um convite desses!

Fisgo os lábios involuntariamente, deixando-o arrancar sua camiseta de mim e me deixando apenas de calcinha. Felipe se inclina para me beijar, ao que categoricamente viro o rosto para o lado, repreendendo-o com um olhar sério.

— Acabei de acordar, você está tentando mesmo me beijar?

— Não tenho culpa, você não me deixa pensar direito! — sua voz é rouca e provocativa.

Seus lábios vão de encontro ao meu pescoço, descendo para o colo em beijos molhados e excitantes. Minha nossa, Felipe vai me enlouquecer a qualquer hora, isso é certo!

Uma de suas mãos percorre todo o caminho da minha coluna suavemente, deixando para trás um arrepio de tirar o fôlego. Arfo de desejo, sem conseguir relutar com a ideia de me entregar a ele antes do nosso expediente. Isso é mesmo uma loucura, mas quem liga? Ele me deseja e eu com certeza o desejo alucinadamente.

Observo-o agarrar a minha mão e me puxar para dentro do banheiro. Meus olhos recaem instantaneamente para a banheira enorme implorando para nos ter lá dentro, no entanto, estamos marchando em direção ao chuveiro.

Felipe parece perceber para onde os meus olhos estão focados, uma vez que tenta me consolar.

— Quando estivermos com mais tempo...

— Você sabe que não vou me esquecer, né?

— Não me importo que me cobre! — ele murmura contra a minha orelha, deixando-me completamente trêmula.

Não sei exatamente o como ele consegue fazer esse tipo de coisa, o fato é que não existe bom senso nos momentos em que estou em sua companhia. Não me importa se daqui a pouco estaremos lidando profissionalmente um com o outro, eu só quero tê-lo. O tempo todo, intensamente. Santo Deus, é bom demais estar tão envolvida nesse furacão de sensações. Quero sempre mais, porque é mais viciante do que qualquer droga no mundo.



Talvez seja impressão minha, mas o dia passou ainda mais depressa do que eventualmente passaria. Quem sabe a maneira como acordei e quem estava do meu lado tenha contribuído com o meu bom humor, mas a grande questão é que não consigo tirar esse enorme sorriso do rosto.

As horas caminham e, na minha lembrança, eu tenho as mãos experientes de Felipe correndo pelo meu corpo, causando tantos sentimentos intensos e deliciosos que me elevam ao paraíso.

Ainda que eu lute para afastar o pensamento, tentando me convencer de que não é o momento para isso, é impossível não pensar em seu corpo monumental só para mim, cada vez que o vejo passar pela minha mesa em uma nuvem de perfume.

Por volta das quatro, recebo a ligação do cliente que estava marcado para dali a meia hora, avisando que teve um imprevisto e terá que vir em outra ocasião. Confiro a agenda e descubro que não temos mais nenhum compromisso no restante do dia.

Sem pensar duas vezes, caminho até a sala de Felipe, para avisá-lo sobre o horário cancelado. Encontro-o absorto em seu trabalho, focado de tal forma no notebook sobre a sua imponente mesa, que mal percebe a minha chegada.

Demoro-me observando-o ler o que quer que esteja lendo no visor do computador, com uma das mãos cobrindo a boca. A visão é terrivelmente sexy, vê-lo concentrado assim é de tirar o fôlego.

Então, subitamente, ele ergue os seus olhos e me flagra o encarando há sabe-se lá quanto tempo.

— Precisa de alguma coisa? — sua voz é acolhedora e educada, como sempre.

Aceno negativamente com a cabeça, aproximando-me alguns passos de sua mesa.

— Não... Só vim te avisar que o Dr. Pereira não virá mais. Você não tem mais nenhum cliente para hoje.

Observo-o abrir e fechar os lábios ligeiramente, como se fosse dizer algo, mas tivesse mudado de ideia antes. Ao invés disso, ele me presenteia com um sorriso torto, fechando o notebook com uma das mãos, sem quebrar o nosso contato visual, no entanto.

— Então estou livre? — ele me pergunta com um tom brincalhão.

— Você é o chefe... É você que decide quando está livre.

Por mais que eu saiba que tenho que voltar para a minha mesa e continuar o meu trabalho, sinto que o clima dessa sala mudou drasticamente. Estou ficando louca ou ele está com cara de... safado?

Observo-o alcançar o telefone que jaz sobre a mesa, discando um número com os dedos ágeis. Felipe se levanta de seu posto, com o aparelho colado na orelha e se dirige à porta, permaneço como uma estátua na mesma posição.

— Leonor, estou no meu escritório, em reunião. Você pode trancar lá na frente, por favor? — suas palavras fazem o meu coração batucar violentamente. *“Reunião? O que eu fiz?”* — Sim, estou encerrando mais cedo hoje. Obrigado.

Ele desliga o telefone, enquanto uma de suas mãos vai de encontro à maçaneta da porta, fechando-a com um estalido. Então, para a minha grande surpresa, Felipe nos tranca aqui dentro. *“Minha mãe, o que está acontecendo?”*.

Sua expressão está impagável no momento em que gira os calcanhares em minha direção. Está afrouxando a gravata ao se aproximar de mim.

— Estamos em reunião? — pergunto em um sussurro.

— Estamos — ele diz com tranquilidade.

Meus olhos o seguem levar o telefone até sua mesa, para, logo em seguida, parar de frente para mim. Estou desconcertada e acabou de ficar completamente sem ar dentro desse escritório. Meu coração, por sua vez, está a ponto de entrar em colapso.

— E o que precisa conversar comigo?

— Quem disse que vamos conversar? — ele indaga, fisingando os lábios em seguida. Santo Deus, acabei de perder as forças das pernas.

Felipe é intenso demais, mas eu não tenho objeções. A sensação de ser engolida por todos esses sentimentos é muito boa, vejo que quanto mais fico com ele, mais viciada me torno pela sua companhia. Felipe é entorpecente e alucinante, mesmo em toda a sua intensidade, não é o suficiente para acabar com o meu anseio por ele.

Suas mãos me seguram na cintura e com o seu corpo, ele me guia em direção a mesa. Seus lábios

famintos vêm de encontro aos meus, deixando todos os meus pensamentos nublados. Nada mais passa em meus pensamentos neste momento se não ele e esta situação deliciosamente insana.

Interrompendo o nosso beijo, Felipe afasta o rosto, usando as suas mãos para me girar de costas para ele. Arfo em surpresa ao ser suavemente empurrada sobre a mesa, obrigando-me a deitar o tronco sobre a superfície de madeira.

Suas mãos sobem pelas minhas coxas, trazendo o tecido do meu vestido para cima. Estremeço ligeiramente desde que tenho as pernas nuas, no entanto, basta que ele comece a deslizar a calcinha para fora do meu corpo para que uma onda de calor atravesse cada célula que existe em mim.

De olhos fechados e com o rosto contra a superfície rígida, solto um pequeno grito tão logo sinto o seu rosto se enterrar entre as minhas pernas. Empino o bumbum, oferecendo-lhe mais espaço para alcançar o seu ponto de desejo.

Logo, sinto sua língua úmida contra o meu clitóris, ao passo em que suas mãos seguram as minhas coxas com força. Caramba, isso é insano. Estar nessa sala, sobretudo nestas condições... Uau. Felipe não para de me surpreender.

— Fê... — gemo, no momento em que ele insere um dedo em mim.

— Adoro quando você me chama assim... — ele sussurra, com a voz rouca. — Fala de novo!

Tão logo pede, sinto-o colocar mais um dedo. Deixo escapar um som gutural descontrolado e me repreendo por pensamento ao me lembrar que estamos em seu escritório. E se a Leonor estiver do lado de fora daquela porta, neste exato momento? Oh, céus...

— Fê... — repito, sem ar, obedecendo ao seu comando.

Os lábios de Felipe voltam até o meu sexo, sua língua passeando no mesmo ritmo com o qual insere seus dedos em mim. Aos poucos, a minha visão vai escurecendo, eu contraio os músculos da perna, preparando-me para o que está por vir.

Ele parece perceber que estou prestes a gozar, uma vez que para abruptamente o oral e se levanta sobre mim. Seus dedos dão lugar ao seu membro rijo, que me preenche deliciosamente.

Felipe apoia uma de suas mãos nas minhas costas, criando uma pressão gostosa que me impede de levantar. Quando as investidas firmes começam, tudo o que posso fazer é enterrar o meu rosto ainda mais contra a mesa e morder os lábios, tentando me controlar o máximo que consigo.

Com a mão livre, ele me segura pela anca, enterrando os dedos na carne. O contato é delicioso e desesperado, fazendo-me vibrar inteira. Entre os movimentos rápidos e precisos, ouço os gemidos graves de Felipe. Que tesão...

— Você me deixa louco! — Ele arfa e a força com a qual investe está fazendo a mesa bater suavemente no chão.

Tenho certeza de que a Leonor está ciente do que estamos fazendo em nossa “reunião”.

O pensamento dura milésimos de segundos, porém, uma vez que começo a contrair novamente os músculos da perna, sabendo que estou prestes a alcançar o ponto máximo, Felipe aumenta o ritmo das

investidas e, vez ou outra, desfere um tapa pesado contra a minha bunda. Exatamente no momento em que começo a me desmanchar em prazer, sinto-o latejar dentro de mim, derramando-se junto comigo.

Ele sai de dentro de mim e libera a mão que me prende contra a mesa. Instantaneamente giro o corpo em sua direção, alcançando seus lábios com desejo latente. Esse sentimento que venho nutrindo por ele tem se tornado cada dia mais forte e cada momento que passamos juntos só contribui mais e mais.

— O que foi isso? — pergunto, sem fôlego.

— Uma reunião urgente, visto que você estava me tirando do sério.

Deixo a risada escapar dos meus lábios, preenchendo todo o ambiente. Logo sou acompanhada por Felipe, cuja risada envolvente me deixa completamente a vontade.

— Quer ir *pra* casa comigo? — pergunto, em um ímpeto de coragem.

A verdade é que não quero ficar longe dele. É bom demais tê-lo por perto.

— Só se eu puder ficar até amanhã — ele devolve, piscando um dos olhos charmosamente.



Primeiras Impressões

Fito no espelho o resultado das grossas camadas de rímel que acabei de passar. Meus cílios, já grandes, ficam parecendo postigos quando capricho na máscara. Satisfeita com o destaque que consegui para os olhos que hoje, em especial, estão mais esverdeados do que nunca, busco na maleta de maquiagem um batom cor de boca que considero adequado para a ocasião.

Encontro-me estranhamente trêmula, a ansiedade às vezes faz o meu coração acelerar sem nenhum motivo aparente. Alcanço o *babylist* no armário do banheiro e o coloco para esquentar, decidindo que um ondulado natural é uma boa pedida para hoje.

O dia amanheceu ainda mais frio do que o restante da semana, agora que está anoitecendo, é quase como se fosse nevar a qualquer momento. Juro que não estou exagerando.

Visto uma t-shirt de mangas compridas com uma jaqueta de couro por cima. Completo o look com uma saia de suede, uma meia-fina preta e botas de cano curto, que terminam da altura dos tornozelos.

Fito o visor do celular para conferir as horas e me apresso em terminar de me arrumar o quanto antes. Felipe disse que estaria aqui às oito, como sei que nunca se atrasa, o melhor é que já esteja pronta.

Separando o cabelo em partes, tento controlar os pensamentos que se atropelam a todo o momento. Felipe me deixa confusa com as suas atitudes. Se, na maioria do tempo, parece hesitar em relação a nós dois; por outro lado, aparenta estar bem consigo mesmo para me apresentar à sua família. Minha nossa, só de pensar que isso está para acontecer já me deixa de pernas bambas.

Ele jamais falou sobre os pais comigo, eu mesma nunca tive curiosidade de procurar sobre eles em suas redes sociais. Quero dizer, nem ao menos tive tempo para isso. Os acontecimentos têm sido turbulentos demais, além de imprevisíveis, é claro. De toda forma, esse maldito frio na barriga já está me deixando impaciente.

Sei que é muito provável que ele deva os ter avisado sobre a minha presença, mas o fato que martela incansavelmente na cabeça é: como eles esperam que eu seja? Algo me diz que não uma secretária e não treze anos mais nova. Droga, além de tudo eles podem tomar a conclusão completamente errada sobre a situação toda! Acho que definitivamente não estou pronta para isso.

Não demora até que o meu cabelo esteja deslumbrante em suas ondas sedosas. Ao menos estou com a alto-estima lá em cima. O que um pouco de maquiagem não faz com uma mulher, não é?

Alcanço a bolsa, mas, antes de seguir o meu caminho, sinto as bochechas corarem ao ponderar se seria interessante levar uma camisola. Bem, que mal pode ter nisso? Sorrio para mim mesma, alcançando-a em cima da cama. Seria bom dormir lá de novo... Assim pelo menos estarei adequada para a situação. Dou um pulinho no banheiro e pego a escova-de-dente também, divertida com a situação.

Enquanto desço até o térreo, sou invadida por um mar de lembranças sobre a noite em que dormi na casa de Felipe. Soa como se me recordasse de um sonho o qual tive há muitos anos atrás. Ainda que

tenha sido no começo da semana, é delirante imaginar que tive momentos tão íntimos com ele. Sei que soa um pouco bobo me sentir assim, mas a forma como ele é carinhoso, o jeito que deixa as minhas pernas bambas quando estou na sua companhia... É impossível não me derreter com a ideia de que dentro daquela carcaça dura, exista um homem que está louco por mim, como me disse naquela noite.

Bem, é fácil acreditar nisso ao pensar que, céus, ele vai me apresentar para os seus pais. Talvez realmente não seja nada demais, no entanto estou com um punhado de borboletas voando loucamente dentro do estômago. Espero no fim das contas conseguir me sair bem com eles. Certamente querem alguém que ajude Felipe com os seus problemas, isso é tudo o que quero, mesmo.

Aceno brevemente para o porteiro e saio pela porta de vidro, sendo recepcionada por uma brisa que gela até os ossos. Caramba, como é possível ser feliz com esse frio horroroso? Instantaneamente começo a bater o queixo, abraçando o meu próprio corpo para me proteger do vento cortante que insiste em despentear os cabelos.

Embora eu não precise esperar muito até que Felipe chegue, as condições nas quais me encontro fazem parecer uma eternidade. Estou amargamente arrependida por não ter escolhido uma roupa um pouco mais quentinha, exatamente no momento em que o seu carro estaciona com suavidade na minha frente.

Contorno o automóvel, entrando no banco de passageiro. Ele está me encarando com sua expressão de cachorro sem dono que me convenceria a qualquer coisa no mundo. *“Inferno! Por que precisa ser assim tão lindo?”*

Está vestindo uma camiseta de gola v cinza mescla com um blazer preto por cima, que combinam com o jeans que cobre as pernas grossas. Solto um pesado suspiro, sentindo-me subitamente desanimada.

Felipe parece perceber, uma vez que me presenteia com o seu sorriso mais bonito antes de me perguntar:

— Você dormiu comigo? — sua mão direita vem de encontro à minha nuca, em um carinho um tanto quanto desajeitado.

“Não. Mas bem que eu gostaria!”

— Eu te vi no trabalho não faz nem três horas — dou nos ombros, parecendo uma criança birrenta. No entanto, inclino o corpo em sua direção, dando um beijinho rápido nos seus lábios macios.

— Você está com uma cara estranha... Algum problema? — pergunta afável, arrancando com o carro em seguida.

Fecho os olhos, tentando me concentrar. Que droga, não costumo ser assim. Não tenho problema em conhecer pessoas novas, no geral não sou o que se possa chamar de tímida. Estou irritada comigo mesma por parecer uma adolescente atrapalhada, mas, no geral, é isso que Felipe faz comigo. Deixa-me atordoada, sem saber exatamente o que fazer ou como agir.

— Não é nada... — murmuro contra a vontade — Só estou um pouco ansiosa.

— Ansiosa? — indaga, com um ar divertido. — Por quê?

— Porque vou conhecer os seus pais! E se eles me odiarem? — admito finalmente o que vem me preocupando no íntimo.

As palavras pairam pelo carro por alguns segundos, aumentando o meu desconforto. Por que pareço tão infantil falando isso? A verdade é que, de fato, estou morrendo de medo. Ainda que não seja muito da minha personalidade, é algo que não posso lutar contra.

O sorriso estampado no rosto de Felipe se alarga, deixando-me ainda mais irritada. Ele realmente está achando graça nisso? Filho da mãe...

— Tem como te odiar? — fita os meus olhos por segundos ao indagar.

O contato visual é intenso, muito embora tenha durado pouco. Sinto as mãos formigarem levemente e um calafrio percorre todos os músculos do corpo. Socorro, será que ele tem ideia do quanto o seu olhar pode ser devastador?

Demoro algum tempo até me dar conta de que estou sem respirar. De repente, o carro parece ter subido a temperatura drasticamente. Dou uma espiada ligeira no painel, para conferir se o ar quente está ligado. Encontro-o inativo, no entanto, comprovando aquilo que já sabia.

Dado o meu silêncio, ele continua, com a voz suave.

— Você vai se sair bem.

Suas palavras me recordam o coquetel da PoliBev, quando me disse a mesma coisa. Naquela época, eu mal poderia imaginar que, em um futuro próximo, estaria indo até a sua casa para conhecer a sua família. Domino um sorriso, feliz pelo que representa esse encontro. Felipe sabe mesmo como me deixar fora de mim.

Tão logo chegamos, ele faz uma curva suave, entrando em seu estacionamento. Procuo ansiosa por outro carro, mas constato com alívio que ainda não apareceram.

O meu coração está batucando violentamente contra o peito assim que desço da Mercedes, seguindo-o para dentro de sua mansão. Seus olhos me estudam de cima embaixo, fazendo as minhas bochechas pegarem fogo.

Ao passar por ele, sua mão vem de encontro a minha coxa direita, alisando-a até chegar ao bumbum, onde seus dedos o apertam com firmeza, arrancando de mim um grunhido exasperado.

— Você não esconde essas pernas nem no inverno? — sussurra próximo do meu ouvido, com a voz provocativa.

— Por quê? — devolvo, encarando-o com um olhar inocente. — Você não gosta delas? — passo as mãos delicadamente pelas pernas, prendendo a sua atenção.

Felipe me envolve com os braços pela cintura, dando um beijo molhado na curva do meu pescoço, suficiente para me deixar com as pernas tão moles quanto gelatina. Suas palavras roçam úmidas contra a minha orelha, arrepiando os pelos da nuca.

— Eu não me responsabilizo pelo que posso fazer com elas... — diz, prendendo a minha cabeça com as mãos. Se ele soubesse o quanto adoro quando faz isso...

Ele morde o meu lábio inferior com delicadeza, antes de me puxar para um beijo, que não hesito em corresponder. Arfo de excitação, no entanto me afasto dele antes que não consiga mais me controlar. A última coisa que preciso nesta noite é que seus pais nos peguem no flagra.

— Depois você pode fazer o que quiser! — digo, deixando a mão descer até o volume de suas calças. — Mas acho que agora deveríamos estar cuidando da janta, não?

A cara de safado que impera seus traços harmoniosos é impagável. Deus sabe o quanto estou me controlando para não arrancar essas peças de roupas que estão cobrindo o monumento que é o seu corpo malhado. “*Por favor, Felipe, coopere comigo!*”

— Nós não vamos cozinhar! — profere, com as íris azuis-intensas fixas em mim.

— A Leonor preparou algo *pra* gente?

— Não também.. — diz, unindo as sobrancelhas por alguns segundos. — Meu pai está decidido a fazer pizzas bem à moda italiana. Eu duvido um pouco dos seus dotes culinários, mas não consegui convencê-lo a mudar de ideia.

Aproveito seu momento de distração e me encaminho até o anguloso sofá creme da sala bem decorada, sentando-me confortavelmente, ao passo em que o observo vir em minha direção.

— Pizza italiana...? Tem alguma diferença? — questiono intrigada.

— Eu prefiro as nossas, para ser honesto — dá nos ombros, sorrindo. — As tradicionais são mais... minimalistas.

— Ok, se é de comer, estou dentro!

— Eu não duvido disso! — Felipe se senta ao meu lado, girando o corpo para que suas pernas fiquem em cima do meu colo. Eu adoraria protestar a respeito disso, só para provoca-lo, mas sua proximidade é deliciosa demais para que eu me importe com isso. — Ele está animado porque trouxe a farinha de lá.

— De lá? — pergunto, sem conseguir entender.

— Da Itália! — explica, como se não fosse nada demais.

Minha risada nervosa preenche o ambiente. Santo Deus, vamos comer pizzas com farinha que veio do outro lado do Oceano Atlântico. Se em algum momento tentei me convencer que seria um jantar tranquilo na casa do homem que estou apaixonada, bem, essa ideia foi por água abaixo. Eu realmente espero conseguir me comportar bem. No entanto, levando em conta o dom que tenho para que coisas estranhas aconteçam comigo, sei que isso seria quase um milagre.

O som da campainha ressoa alto pelo cômodo e a sensação que tenho é que o sangue do meu corpo todo se esvaiu. Felipe levanta em um pulo, então logo me vejo forçada a repetir o seu gesto. Sua mão vem até o final das minhas costas e, juntos, vamos de encontro ao que eu adoraria evitar com todas as minhas forças.

A primeira coisa que penso é que, caramba, dá para entender de onde veio toda a beleza de Felipe! É até injusto imaginar que uma família sozinha consiga ser tão incrivelmente perfeita assim.

Eles devem ter por volta dos sessenta anos, pelos meus cálculos, mas não hesito em dizer que aparentam bem menos. A mãe dele está usando uma camisa branca sobre a qual um colar que parece não ter sido barato sobressai, o pingente de safira combina com o azul profundo de seus olhos amendoados. A saia-lápis de couro contorna o seu corpo esbelto enquanto ela caminha em passos decididos em nossa direção. Seus cabelos são castanhos como os meus, no entanto são um pouco mais volumosos e estão parcialmente presos, de um jeito bem elegante.

Ao seu lado está um homem que arranca suspiros facilmente, ainda que tenhamos uma diferença de idade considerável. Seus cabelos loiros ganharam algumas mexas grisalhas que lhe conferem um ar charmoso, ao passo em que seus olhos brilham tão translúcidos quanto os de Felipe. Para ser honesta, os dois tem o mesmo jeito de andar, de olhar... é desconcertante o quanto são semelhantes.

Felipe abraça a mãe carinhosamente para, logo em seguida, cumprimentar o pai com um demorado aperto de mãos. Sua mãe me alcança, dando um beijo estalado na minha bochecha. Seu perfume doce e marcante me envolve e percebo que Felipe ser incrivelmente cheiroso é uma característica de família.

— Mãe, pai... Essa é a Madu — ele diz, colocando suas mãos nos bolsos do jeans. Está tão tranquilo que me pergunto qual o problema comigo. — Madu, esse mulherão na sua frente é a minha mãe, Vitória.

A risada dela é alta e espalhafatosa, o que, de certa forma me deixa um pouco mais tranquila.

— É um prazer, Vitória! — Saúdo, com um sorriso largo, sentindo o rosto queimar intensamente.

— O prazer é todo nosso! Estávamos curiosíssimos para te conhecer, desde que o Lipe comentou que estaria aqui conosco essa noite... — Seus olhos me estudam muito calorosos e receptivos.

A voz de Felipe quebra o nosso contato visual, no entanto, uma vez que está me apresentando ao seu pai:

— Esse cara me ensinou tudo o que sei sobre Direito...

— Só sobre Direito? — Seu pai o interrompe com um tom divertido, fazendo-nos rir. — Isaque!

— ele me diz, estendendo a mão para que eu aperte e completa: — É um prazer, querida.

Seguimos para dentro da casa de Felipe, em direção à cozinha ampla e moderna onde estive apenas uma vez, quando o procurei por todos os cômodos, até encontrá-lo em sua academia particular.

Só então percebo que Isaque está carregando em uma das mãos, uma cesta de vime recheada de ingredientes, que deposita cuidadosamente sobre a ilha central do cômodo, na frente de onde quatro banquetas estão posicionadas elegantemente. Do teto pendem meia dúzia de lustres que acompanham a ilha, compondo um bonito conjunto.

Felipe caminha até a adega climatizada, de onde tira um Chardonnay Cerro da Cruz e traz até nós, em passos calmos. Seu pai está tagarelando animado sobre como aprendeu a forma exata de fazer uma pizza seguindo a maneira tradicional, e de como os italianos não respeitam a pizza brasileira.

Vitória aproveita o momento dos dois para caminhar até um dos armários, trazendo quatro taças

presas nos dedos longos. Senta-se em uma das banquetas, ficando de frente para mim. Tira a garrafa das mãos de Felipe sem que ele perceba, e nos serve, com um sorriso no rosto.

— Essa noite merece um brinde! — diz e sua voz é alta e estridente, o que, instantaneamente me faz gostar ainda mais dela. Se tem algo que me irrita um pouco são pessoas polidas demais, perto das quais temos até medo de respirar sem ser julgados. Bem, ponto a mais para a família dele.

— Mas antes, Madu, não se assuste... — Isaque diz, como que justificando a jeito de Vitória falar. — Família de italiano já é barulhenta por natureza, com um pouco de vinho então... são todos loucos!

— Ah, tudo bem! A minha família também gosta de uma farra... — explico, feliz por meus sogros serem pessoas aparentemente tão queridas.

Aos poucos, sinto o nervosismo abandonar o corpo e consigo aproveitar um pouco mais o momento.

— Um brinde a essa noite tão especial! — Isaque exprime, com um sorriso largo tomando o seu rosto perfeito.

Levo a taça de encontro a deles e a suave colisão provoca um gostoso tilintar. Observo os três tomarem o vinho com o mesmo movimento e abafa a risada. São tão parecidos... A visão me traz saudade de casa e da minha família.

Uma vez que finalmente decido tomar um gole da bebida, a voz aguda de Vitória irrompe o ambiente, dirigindo-se a Felipe.

— Sua namorada é linda, Lipe! — a forma natural como comenta isso me pega de surpresa e, antes que eu possa pensar a respeito, engasgo com o vinho, cuspidando-o em um jato que, graças aos céus, não atinge nenhum dos três.

Quanto mais tento acabar logo com essa cena, mais eu me engasgo, no entanto. Logo sinto as lágrimas pipocarem dos meus olhos e rezo para não morrer afogada na frente dos meus sogros, porque, por Deus, isso seria realmente humilhante.

“*Merda, estraguei tudo!*”, penso chateada, e Felipe vem até mim, com uma expressão que sugere que está se segurando para não gargalhar. Encaro-o com sangue nos olhos, tossindo desesperadamente, incapaz de respirar. Sua mão vem de encontro às minhas costas, com pesadas batidas, que logo me ajudam a recuperar o fôlego.

Limpo as lágrimas com a ponta dos dedos, torcendo para não ter manchado a maquiagem. Seus pais estão mudos e, para ajudar, com uma expressão de preocupação no rosto. Minha nossa, se eu achei que vomitar na frente do Felipe tinha sido ruim, isso foi antes dessa noite. Quero morrer aqui e agora!

— Você está bem? — Felipe me pergunta, mordendo o lábio inferior para controlar o impulso de rir.

“*Maldito, você me paga*”, mentalizo, fuzilando-o com o olhar. O ato parece contribuir ainda mais com a sua vontade de rir, porque em seguida, ele simplesmente não aguenta e arrebenta em uma gargalhada envolvente.

Tão logo Isaque e Vitória o acompanham, enterro o rosto nas mãos, usando todas as forças para não chorar. Inferno, se eu chorar agora será o mesmo que assinar um atestado de “perdi a dignidade”.

— É, agora vocês já conhecem a Madu! — Felipe diz com suavidade.

Acabo cedendo ao clima e rindo junto, ainda que continue escondida. No fundo eu sabia que acabaria fazendo alguma coisa assim. Pelo menos agora eles já sabem que sou uma negação por natureza!

— Sinto muito por isso... — encolho os ombros, arriscando dar uma espiada na situação.

— Bem, como já nos certificamos de que ninguém vai morrer essa noite, podemos começar? — ele pergunta, com um sorriso que insiste em permanecer no rosto.



Enquanto seu pai começa os preparativos da superestimada pizza, alegando que quer fazer sozinho para que não tenha erro, Felipe senta ao lado de sua mãe, ficando de frente para mim. Leva a taça até os lábios várias vezes seguidas, ao passo em que Vitória está entretida contando dos lugares incríveis que estiveram e do quanto já tinha se esquecido da Europa no intervalo de pouco mais de um ano desde a última vez em que estiveram lá.

Por mais que seja impressionante ouvi-la dissertar sobre lugares que tenho loucura para conhecer, minha mente divaga sobre o que me fez engasgar. Ela disse... que eu era... namorada dele. Puta merda! Ela falou isso mesmo? Bem, Felipe pareceu ok quanto a isso. Será que ele me apresentou assim para ela, quando disse que eu estaria aqui?

Tudo bem, eu sei: que besteira me ater a isso! Parece bobo... ao mesmo tempo é extasiante a sensação. Esse homem me deixa completamente perturbada e percebo que apesar de continuar se protegendo em sua habitual camada de impassibilidade, no fundo ele está se entregando. Saber disso é quase como alcançar o céu. Talvez seja melhor ainda.

Veza ou outra o pego me encarando pelo canto dos olhos, com uma expressão de alguém que guarda um segredo bom demais para conseguir manter só para si. Suas mãos estão cruzadas sobre a boca e um dos dedos passeia de maneira convidativa pelos lábios.

— Madu, você pode buscar outro Chardonnay, por gentileza? — pergunta assim que sua mãe dá uma brecha em uma das histórias que está contando animadamente.

Assinto com a cabeça e me levanto, sentindo o olhar dele sobre mim enquanto vou até a adega. Espio por cima da cabeça e o pego encarando as minhas pernas, o que finalmente me traz o entendimento do porquê de estar com cara de safado. Lembro-me bem de nossa conversa antes de seus pais chegarem. Ele não se responsabiliza pelo que vai fazer a elas... Bem, eu não me responsabilizo do que posso fazer com ele inteirinho! Espero que esteja preparado, porque estou com todas essas sensações à flor da pele.

Antes que possa retornar à ilha central, no entanto, Isaque me chama até a pia, onde está concentrado em preparar a massa. Noto impressionada que os ingredientes já estão separados e que na verdade, a última coisa que falta além da massa, é a montagem.

— Qual sabor você vai querer primeiro, Madu? — pergunta gentilmente, abrindo a massa no ar e

me deixando momentaneamente impressionada.

— Que opções nós temos? — indago, aproximando-me um pouco mais.

— Margherita, Marinara, Diavola e Capricciosa! — ele me responde, cheio de si.

— Bem, vou de Margherita, como é a única que conheço! — sua risada é acolhedora e ele me lança uma piscadela simpática.

— Seu desejo é uma ordem!

Por um momento, esqueço que estou ainda com o vinho nas mãos e o observo fazer o seu trabalho concentrado. Dizem que quando queremos saber como uma pessoa será ao envelhecer, basta olharmos para os seus pais. Pelo visto, Felipe está muito bem, diga-se de passagem!

No tempo em que observo Isaque colocar seus dotes culinários em prova, meus tímpanos captam a voz de Vitória falando quase em um sussurro com Felipe.

— Ela é novinha... — diz com a voz preocupada. — Não digo que não estou feliz com isso, até porque já faz muito tempo desde que...

— Mãe! — Ele sibila e giro o rosto rápido o suficiente para pegá-lo lançando um olhar de reprimenda para ela. Logo em seguida balança a sua cabeça negativamente, ao que ela acena, com uma expressão séria.

Engulo em seco e giro o rosto em direção a pia novamente, fingindo que estou completamente absorta em Isaque preparando o nosso jantar. Tento aguçar os ouvidos e ouço-a continuar:

— Ela sabe que você...?

— Sabe — ele responde contra a vontade. — Recentemente tive uma recaída.

Vitória arfa em surpresa, sinto certa semelhança com a minha mãe. Ainda que não a conheça bem, tenho quase certeza que posso presumir a cara que está fazendo para ele.

— Você está tomando os seus remédios? — pergunta tão baixo que é difícil distinguir suas palavras.

— Mãe, depois conversamos, tudo bem? — A voz dele é séria e o escuto suspirar pesadamente.

Ouço o som de uma banquetta arrastando contra o piso de porcelanato, seguido por passos suaves, que me indicam quem está vindo. Não demora para que os braços fortes de Felipe me envolvam pela cintura, protetoramente.

— Esqueci de levar isso! — digo, erguendo a garrafa no ar.

— Eu percebi! — devolve, recostando o seu queixo contra o meu ombro por alguns segundos. —

Obrigado!

Ele alcança a garrafa na minha mão, então, desvencilhando-se de mim rapidamente. Dirige-se de novo para a companhia de sua mãe, deixando-me para traz com um punhado de minhocas na cabeça.



Incertezas

Enquanto Felipe acompanha seus pais até o carro, aproveito para alcançar a bolsa, decidida a ir embora. Queria dizer que tenho muitos motivos para o meu bom humor ter se transformado nessa nuvem negra no qual se encontra agora, mas a verdade é que não há.

Por mais que Vitória e Isaque tenham se esforçado para me deixar a vontade, Felipe se tornou mais e mais recluso com o passar do tempo. Pouco me lembro de sua voz durante as horas em que se estenderam o jantar. Ainda que eu tente me convencer que não teve nada a ver comigo, dentro de mim estou em frangalhos.

Por que é tão difícil decifrar a cabeça desse homem? Essa noite representava um passo muito importante para a nossa relação, ou ao menos representava para mim. Então justamente hoje, ele se fechou em seu universo particular, deixando-me sem saber exatamente o que fazer ou para onde correr.

Eu simplesmente não entendo por que as coisas são tão complexas entre nós dois. No entanto, pela primeira vez, começo a ficar desanimada com todo esse mistério que o ronda. Quero dizer, tudo bem guardar segredos até certo ponto. Todos temos lados de nossas vidas que não queremos dividir com ninguém. Contudo Felipe não me dá pistas de nada! Eu não sei dizer com certeza se o que ele sente por mim ao menos chega perto do que nutro por ele. Estou completamente perdida e começando a ficar irritada com a situação. Sei tão pouco sobre ele e ainda por cima, é tão confuso... Tão abstrato.

A porta abre e revela seu rosto, cujas bochechas estão avermelhadas pelo frio lá de fora, consigo captar a surpresa em seu olhar. Ele não esperava me ver pronta para partir.

— Você pode me levar para casa, por favor? — peço, tentando não transparecer a irritação que me domina no momento.

A pior parte é que eu nem ao menos consigo colocar em palavras o que está me irritando. Talvez seja tudo. Logo esse pensamento me deixa ainda mais desanimada. Felipe me trouxe para conhecer os seus pais e eu aqui estou, arrumando motivos para estragar essa noite.

Acontece que... lembro-me dele pedindo para sua mãe mudar de assunto, com aquele olhar de desaprovação... Que droga! Estou quase chorando, devo estar na tpm! Não é possível que uma coisa tão pequena como essa esteja mexendo tanto comigo. Entretanto, de toda forma, não é como se eu pudesse controlar os sentimentos. Vitória parecia preocupada com algo do passado dele, e sua voz ainda ressoa na minha cabeça de maneira insistente: “*Já faz muito tempo desde que...*”, desde o quê? Algo que ele não quer que eu saiba! Mas por quê?! Qual o problema em me deixar saber um pouco mais sobre a sua vida? Qual a dificuldade em se entregar para mim do mesmo jeito que me entrego a ele?

Nosso contato visual se demora por mais segundos do que o necessário e tento decifrar o que passa pela sua mente enigmática. Finalmente o vejo unir as sobrancelhas, parecendo desapontado.

— Achei que fosse ficar aqui essa noite — diz com a voz firme. — Aconteceu alguma coisa?

Quero dizer que sim, aconteceu. Quero dizer que estou chateada com toda essa confusão que ele causa em mim. Que, neste exato momento, não queria ter vindo. Esperei tanto dessa noite que acabei me decepcionando. Todavia, contenho-me em dizer:

— Estou cansada.

Felipe respira fundo, então percebo o seu semblante se obscurecer. Ele cruza os braços fortes sobre o peito, sem desviar a atenção de mim um minuto sequer.

— Você é péssima nisso — murmura impaciente. Pisco os olhos, tentando entender sobre o que está falando.

— Péssima em quê? — pergunto, por fim.

— Em mentir.

Observo-o fisgar os lábios, deixando-os úmidos e provocativos. É incrível o quanto ele fica intimidante — e sexy — quando sério. Teria me desarmado em outra situação, mas agora estou tão envolvida nas minhas paranoias, que não me deixo abalar por isso.

— Achei que tivesse gostado da nossa noite... — ele encolhe os ombros, finalmente quebrando o contato visual. Seus olhos vão para longe e sua expressão é de pensativo. — Você parecia bem até agora pouco.

— Eu adorei! — Sorrio desanimada, odiando-me por estar agindo assim. — Seus pais são queridíssimos, fizeram eu me sentir em casa. E as pizzas... Uau! Isaque tinha razão, são deliciosas!

— Disso eu tenho que discordar — seu sorriso torto me deixa derretida por alguns segundos. — Prefiro a nossa... agora, de toda forma, se gostou deles porque está com essa carinha estranha?

— Por sua causa! — digo, sem pensar.

Felipe arregala os olhos em uma fração de segundos, mostrando-se perplexo com a resposta. Inclina ligeiramente a cabeça para o lado, de maneira quase imperceptível, mas que lhe confere um ar de inocência maravilhoso. Eu poderia agarrá-lo agora mesmo! Domino um sorriso, no entanto, observando-o com um nó na garganta.

— Eu não consigo entender o que passa na sua cabeça... — minha voz falha por um momento, assim que percebo o brilho intenso no azul de suas íris.

— Então é só perguntar! — seu tom é suave, apesar da expressão séria que tomou seus traços harmoniosos.

— Você não me deu atenção a noite inteira... — lamento e, de repente, meus sapatos parecem muito mais interessantes de encarar.

— Perdão? Eu não te dei... atenção?

— Bem, não! — digo, sentindo as bochechas pegarem fogo. Estou me sentindo como uma criança mimada, mas sei que precisa ser dito. Não costumo ignorar aquilo que o meu coração diz e hoje, em especial, ele está berrando.

— Madu.. — Felipe solta um pesado suspiro. — Esse jantar foi para te apresentar aos meus pais.

Não vejo como poderia te dar mais atenção do que isso.

— Mas você quase não falou! Ficou a noite toda recluso nos seus pensamentos... A noite inteira sem me deixar saber se estava amando, ou odiando!

— Puta merda! — ele sussurra, acenando negativamente com a cabeça. — Isso é sério?

— É! É sério, sim! Não sei se você gosta mesmo de mim, ou se está só brincando comigo... Estou perdida e a culpa é toda sua!

Felipe abaixa a cabeça, olhando para o lado. Um sorriso irônico toma os seus lábios e constato com amargura que consegui estragar tudo. “*Isso aí, Madu! Parabéns!*”

— Eu já te disse que não tenho mais idade para brincadeiras — fala pouco mais alto que um sussurro e noto que seus punhos estão fechados. Minha nossa, eu definitivamente estraguei tudo. Ele está furioso! — Para mim não tem nenhum mistério, Madu. Você me faz bem, a gente se gosta... — suas palavras morrem no ar.

Com a cabeça girando, tento processar o que me disse. Por isso, em um ímpeto de coragem — e tolice — coloco para fora aquilo que vem me incomodando a noite inteira.

— Eu não tenho tanta certeza assim de que gosta de mim! — Tão logo as palavras saem da boca, eu me arrependo.

Felipe esfrega o rosto com as mãos grandes, respirando fundo em seguida. Em passos lentos, dirige-se até o sofá, sentando-se com os cotovelos apoiados nos joelhos. Ainda em silêncio, estudo-o abaixar a cabeça entre as pernas, com as mãos cruzadas firmemente uma na outra.

— Você é difícil, sabia? — murmura, no entanto é complicado entender o que diz com clareza, já que sua voz está abafada por conta da posição.

— Você é mais! — devolvo.

— Eu não passo nem uma hora do dia sem conseguir te tirar da cabeça, Madu... Nem uma maldita hora! Você entende isso? Entende que está me deixando fora de mim? — Felipe ergue o rosto, encontrando-me com seus olhos intensos. — O que mais você quer que eu faça? O que preciso fazer para você entender que sou louco por você?

Suas palavras penetram os meus tímpanos, arrancando o chão sobre os meus pés. O mundo começa a girar intensamente, ao passo em que tento controlar esse furacão de emoções que se formou dentro de mim. Puta merda, por que eu não tenho mais desses momentos dele? A maior parte do tempo tudo o que eu faço é patinar entre as sensações, porque isso é tudo o que Felipe me oferece. Então ele vem e diz que está louco por mim? Eu preciso ver com os meus olhos. Preciso acreditar! Precisa ser forte o bastante para eu ignorar o fato de que não sei nada sobre sua vida e que, para mim, ele é um completo estranho. Contudo, mesmo assim, consegue me deixar arrebatada.

— Você precisa me mostrar isso, Felipe! — sussurro, encarando-o.

— A última coisa que eu precisava agora era me envolver com alguém... — ele diz mais para si do que para mim. — Mas que opção eu tenho? Que opção eu tenho quando tudo o que você faz me tira do

sério?

Ele se levanta, vindo decidido em minha direção. Suas mãos seguram o meu rosto com firmeza, fazendo-me olhar para cima e encontrar os seus olhos, cuja intensidade do olhar está me deixando desconcertada.

— Que opção eu tenho se quando fecho os olhos a primeira coisa que vem na minha mente é você, Madu? — Seu corpo está colado no meu, de forma que posso sentir seu peito subir e descer, respirando descompassadamente. — Que inferno! Você não entende, né? Não entende o monte de merda que carrego aqui dentro, que me atormentam todos os dias da minha vida... Mas que, graças a você, estão indo embora... Você está trazendo luz onde só existia escuridão e me diz que não tem certeza do que eu sinto?

— Felipe... — engasgo, sentindo o coração bater alucinadamente contra a caixa torácica.

Caramba, eu mal consigo acompanhar suas palavras. O ar parece mais rarefeito que o normal, minhas mãos estão suando frio. Seus dedos escorregam até o meu pescoço, no entanto não perdem a força com que me prendem.

— Porra, Madu! — Sua voz é tão alta que beira o grito, deixando-me alarmada. — Por que é tão difícil *pra* você entender que te amo? — Sua boca vem de encontro a minha, não me dando tempo de pensar.

Sinto sua respiração ricochetar contra o rosto e abro espaço para que sua língua sedenta alcance a minha. Seus movimentos são exigentes e desesperados, consumindo-me por inteiro.

Minhas sensações estão tão aguçadas, que é quase como se uma corrente elétrica percorresse cada músculo. Na minha cabeça, a única coisa que permaneceu foi aquela palavra... Céus! Eu não quero acreditar... Isso parece um sonho.

— Era isso que você queria ouvir? — ele pergunta, beijando-me entre uma palavra e outra. — Eu te amo! Você acredita em mim, agora?

— Acredito! — respondo, sentindo-me inundar nessa profusão de sentimentos. — Porque eu também te amo!



Os braços de Felipe me soltam gentilmente em cima da cama. Sou recebida pelo contato macio do edredom, observando-o tirar o blazer que ainda está vestindo, encarando-me de cima.

Com um movimento ágil, Felipe tira sua camiseta, inclinando-se sobre mim. Sua boca vem em busca da minha e o contato morno de seus lábios é acolhedor e carinhoso. Nosso beijo parece uma dança sensual, onde muito se transmite e, sem a necessidade de palavras, cada movimento é intenso e elétrico. Permito que minhas mãos o tateiem suavemente, aproveitando cada milímetro de sua pele nua. Elas traçam o contorno dos seus ombros fortes, descendo pela coluna e voltando para a frente de seu corpo, para alcançar o abdômen malhado.

Deixo os dedos descerem um pouco mais, alcançando o cós da calça, mas sou interrompida por ele. Com o seu braço direito, puxa-me para frente, forçando-me a sentar. Suas mãos calmas tiram a

jaqueta que visto, em seguida a camiseta. Então sou envolta por seus braços fortes e protetores, que me juntam ainda mais ao seu corpo, ao passo que seus dedos sobem furtivamente até o fecho do sutiã, abrindo-o facilmente com uma das mãos. Tão logo sinto um pequeno estalo, a lingerie fica frouxa, escorregando pelo meu corpo.

Institivamente, inclino o pescoço, oferecendo-o em sua direção. Felipe não hesita em levar os lábios a pele sensível do local, subindo os beijos até alcançar a minha orelha, onde sussurra com a voz sexy.

— *Te amo!* — diz, fisingando suavemente o meu lóbulo, o resultado disso é arrebatador. Os músculos do meu ventre se contraem e o corpo todo é estimulado pelo calafrio forte que o atravessa.

Essas palavras ainda representam uma novidade gostosa, que arrancam um sorriso satisfeito dos meus lábios. Precisaréi de um tempo até processar os últimos acontecimentos, porque exatamente agora estou extasiada. Cada suspiro, cada movimento, cada toque... é como se acontecesse com outra pessoa que não eu. Pareço ver de fora, no entanto, experimentando cada uma dessas sensações maravilhosas.

Descobrir que isso que venho trazendo dentro de mim com tamanha intensidade é correspondido... não somente é surreal, como também anestesiante. Os pensamentos finalmente perderem o ritmo acelerado, assim como o coração parou de batucar descoordenado. Por agora, a única certeza que tenho é que ele não só me deseja. Não. É mais forte que isso, é mais puro. Ele me disse que sou a luz da escuridão que é a sua vida. Caramba. Só de recordar suas palavras, meus membros estremecem. Estou completamente envolvida nessa abundância de sensações à flor da pele. Isso é incrível, muito mais do que jamais imaginei vivenciar com alguém.

— Eu te amo! — segredo, saboreando as palavras. Poderia dizer isso a noite inteira e mesmo assim seria pouco para o que carrego aqui dentro.

Felipe força o meu corpo para trás, fazendo-me deitar novamente. Suas mãos apalpm os meus seios com desejo, estimulando-os. Seus movimentos são contínuos e sedentos, arrancando de mim alguns grunhidos de aprovação. Ele escorrega os dedos pela minha barriga, alcançando a saia. Com um impulso, eleva-se acima de mim e, sem delongas, tira o tecido pelas minhas pernas.

Ainda que aqui dentro esteja bem mais quentinho que lá fora, o meu corpo está perdendo o calor desde que estou ficando cada vez menos vestida. Antes que possa protestar, no entanto, observo-o tirar minha meia-fina, com os olhos fixos nas minhas pernas. Capto a expressão prazerosa que está fazendo com o simples gesto e isso me deixa completamente excitada. A forma como ele me cobiça... Pelos sete infernos, não há como não ficar exaltada desse jeito.

Uma onda de calor emana do centro do meu corpo em direção às extremidades, varrendo o frio para longe. O volume das calças de Felipe é de tirar o fôlego. Noto que minha respiração está ficando cada vez mais pesada e isso é de enlouquecer.

Ao terminar de me despir, segura a minha perna esquerda e a encaixa sobre o seu ombro. A ponta de seu nariz fino roça a pele carinhosamente, em movimentos circulares e lentos. Seus olhos estão

fechados, deixando os cílios loiros em evidência. A expressão de tesão que está fazendo, no entanto, deixa-me estarecida. Com os dedos, Felipe aperta a minha coxa em pontos diversos, deixando-a dormente. Seus lábios começam a passear de um lado para o outro, deslizando pela pele de uma maneira completamente estimulante.

Conforme se aproxima da virilha, começo a ondular a barriga, ao passo em que movimento os quadris com leveza. Isso é bom demais, pai amado. Eu nem ao menos sabia que tinha tanto tesão na parte de dentro da coxa. Percebendo as minhas reações, Felipe se demora nos beijinhos que deposita na pele da minha perna. É somente no momento em que os chupões começam, que ele realmente me tira do sério.

Ah. Meu. Deus.

Solto um gemido baixo, agarrando os seus cabelos dourados e me lembro dele dizendo que não se responsabilizaria pelo que faria com as minhas pernas. Tenho certeza de que não vou poder usar uma saia novamente assim tão cedo. Isso definitivamente vai deixar marcas. Contudo é tão delicioso que a única coisa que consigo fazer é sentir o corpo inteiro vibrar, acompanhando os estímulos.

No momento em que acho que vai alcançar o meu sexo ele se levanta, focado em tirar o jeans que ainda está usando. Seu corpo é quase uma obra de arte, não canso de bebê-lo com os olhos.

Felipe percebe o meu olhar e morde o lábio, com aquela cara de safado que compõem o quadro de expressões dele que eu amo. Vem sobre mim, apoiando-se com os cotovelos ao meu redor.

Percorro a distância entre os nossos rostos, procurando pelo seu beijo que estou viciada. Contudo, cada vez que busco a sua língua, Felipe se afasta, sorrindo. *“Isso não é hora de brincar comigo, seu safado...”*

Inclino o tronco, na tentativa de alcançá-lo. Ele vira o rosto, fugindo da minha boca desesperada pela sua. Tento isso mais três vezes, tendo o mesmo resultado em todas as tentativas. Quando, por fim, dou-me por vencida, ele finalmente sela nossos lábios, matando o meu desejo.

Uma de suas mãos se enrosca pelos meus cabelos, a outra alcança a sua ereção, encaixando-a em mim. Logo o sinto me penetrar e a forma como estou encharcada faz com que deslize com facilidade. Arfo assim que ele me preenche, e as pontas dos meus dedos formigam levemente.

Prendo as pernas ao seu redor, unindo-nos ao máximo. Começo a rebolar na medida do possível, visto que estou embaixo de seu corpo. Ele ri com o meu desespero em me entregar.

— O que é isso?! — pergunta de maneira teatral, com a expressão séria, como se estivesse me censurando. — Hoje eu vou fazer amor com você!

— Hmmm — gemo, provocando-o. — Amor calminho? Sem me castigar? Uau, estou impressionada!

Felipe investe forte ao ouvir as palavras, arrancando de mim um som gutural. O movimento é tão gostoso que perco a força do corpo todo por um momento. Oh, céus...

— Posso mudar de ideia... — sussurra, raspando os lábios nos meus em movimentos de vai-e-vem. Move, então, os quadris em um ritmo lento e alucinante, dando-me uma prova do que eu estaria

perdendo. — Você quem sabe...

— Continua! Por favor! — peço, mas apenas faz com que ele pare com as investidas, em provocação. *“Por Deus, Felipe, apenas continue!”*

Ouç-o gemer, retomando a sua dança erótica que me atordoa. Ele volta a me beijar, fazendo um rodízio entre o meu pescoço, orelha e boca. Os movimentos lentos e ritmados de Felipe são incrivelmente excitantes, deixando-me totalmente sem fôlego.

De olhos fechados, aproveito a explosão de sensações que me envolvem. Cravo as unhas nas suas costas levemente bronzeadas, arranhando-o na mesma medida de meu prazer. Ele reage aos estímulos que emito, aumentando a velocidade até quase me ver gozar e, no momento em que estou prestes a explodir, diminui o ritmo, torturando-me.

Permanecemos nesse jogo perigosamente trepidante até que cada membro do meu corpo começa a se retrair.

— Fê... — engasgo, finalmente achando que não vou mais aguentar.

Ele parece estar se segurando há muito tempo, uma vez que basta ouvir a minha voz para que suas investidas se tornem frenéticas. Retorço o corpo inteiro, sentindo espasmos intensos vindos em uma enorme onda de prazer. Logo em seguida ele sai abruptamente de dentro de mim e observo-o gozar em jatos que lambuzam a minha barriga toda.

Passado o susto momentâneo, deixo-me rir gostosamente, vendo a bagunça que ele fez em mim.

— Minha nossa, Felipe! — murmuro, tentando retomar a normalidade da respiração. — Olha só isso! Vou precisar de um banho!

— Vamos resolver isso então! — diz, pegando-me no colo com facilidade.



Assim que volto a deitar na cama, estou de fato exausta. Meus dedos encontram-se enrugados depois de tanto tempo imersa na banheira com ele. Domino um sorriso ao olhar para o visor do celular e ver que já está quase amanhecendo. Caramba, essa noite rendeu! Ainda que os pais dele tenham ido embora perto das duas, Felipe sabe mesmo como me consumir.

Sinto a cama afundar ao meu lado e vejo-o estender a mão até alcançar o interruptor, desligando a luz. Seu braço direito vem protetoramente ao meu redor, enquanto ele se encaixa atrás de mim, ficando de conchinha.

Sua respiração suave vem contra a minha nuca e fico embalada em seu aconchego. Isso está tão bom... não quero que acabe nunca.

— Ainda bem que hoje é sexta, se não estaríamos ferrados! — ele diz e sua voz sugere que está sorrindo.

— É um perigo ficar muito tempo com você... — respondo, aninhando-me ainda mais nele. — Quando menos percebo, você vem e me leva à loucura!

Felipe solta uma risada envolvente, apertando a força no braço que me enlaça.

— Você me faz muito bem, sabia? — sua voz é suave. — Parei até de tomar os remédios essa semana...

Uno as sobrancelhas, de repente ficando um pouco preocupada. Como que é?

— Sério? Essa é uma boa ideia?

— Eu não lembro a última vez que me senti tão bem antes... — ele beija a minha orelha, tentando me tranquilizar. — Acho que é o momento certo para isso. Resolvi arriscar.

— Mas aquele dia você estava péssimo... — murmuro, com medo de que ele fique irritado por eu não apoiar totalmente a ideia.

— Todos temos dias ruins — ele dá nos ombros, despreocupado. — Confie em mim. Estou preparado para isso.

Solto um suspiro, decidindo que ninguém é melhor para afirmar do que ele mesmo.

— Tudo bem. Eu confio.



Desjejum

Acordo emaranhada entre os braços protetores de Felipe e não levo muito tempo para organizar a mente e retomar as lembranças de ontem a noite. Tantas coisas aconteceram que é quase como se tivesse passado uma eternidade. Domino um sorriso ao pensar que tudo mudou entre nós dois. Minha nossa, ele me ama! Só de pensar nisso as borboletas dentro do estômago ficam desordenadas.

Lembro-me da forma como ele parecia desesperado em colocar para fora todos esses sentimentos e preciso de muito esforço para manter o autocontrole. Minha vontade era de sair gritando para a vizinhança toda que ele me ama. O homem que jamais coloca para fora o que está sentindo admitiu coisas que eu jamais imaginaria. É inacreditável pensar que consegui atravessar a barreira protetora de Felipe.

Demoro-me estudando os seus traços. Ele ainda está imerso em um sono profundo e suas expressões estão leves. É quase como se fosse anos mais jovem, sem todas as preocupações que o tomam diariamente. Imagino que essa enorme carga de responsabilidade que carrega nos ombros deva, eventualmente, sobrecarregá-lo. Por isso, vê-lo assim tão sereno e despreocupado é bastante reconfortante.

Sem pensar muito no que estou fazendo, levo o indicador até os seus lábios rosados, contornando o bonito desenho que fazem. Os cílios dourados cintilam com a luz do sol a penetrar o quarto. Cada pequeno detalhe dele é o suficiente para me deixar derretida.

Levo o dedo até o nariz fino, estudando-o enquanto traço o seu contorno. Noto suas sobrancelhas se unirem e íris azuis profundas se mostram para mim, deixando-me desconcertada. Uma nesga de vergonha me toma, ao pensar que o acordei sem motivos.

Felipe pisca algumas vezes, despertando lentamente. A força com que me envolve aumenta, ao passo que me presenteia com um sorrisinho torto.

— Você sempre acorda as pessoas assim? — sussurra com a voz grossa de quem acabou de acordar, fazendo-me rir.

— É, eu não queria te contar, mas é quase um vício... — entro na brincadeira. — Não posso ver alguém dormindo que preciso ir até lá e esfregar os dedos na cara.

Sua risada ecoa alta entre nós dois, envolvendo-me de maneira deliciosa e acolhedora.

Merda, eu realmente amo esse homem. É incrível o quanto consigo ficar desconcertada com todos os aspectos que o envolvem. O fato é que realmente não posso evitar. Felipe me atrai em sua direção tanto quanto um imã. A única coisa que posso fazer a respeito é me deixar ser guiada por suas mãos grandes e experientes.

— Está com fome? — ele pergunta, com um sorriso no rosto.

Eu não tinha parado para pensar nisso, mas, agora que ele comentou... Caramba, é quase como se existisse um buraco dentro de mim! Não parece que comi uma tonelada de pizza a noite passada.

Sinto as bochechas pegarem fogo, recusando-me a admitir que sou assim tão previsível. Felipe explode em risadas de novo, o que uso de pretexto para esconder meu rosto no seu peito nu.

— Droga, é assim tão óbvio? — murmuro, sentindo o seu tronco subir e descer na medida em que ri.

— Eu te amo! — ele dá nos ombros, derretendo-me por completo. — Desse jeito... embora realmente fique curioso para saber para onde vai tanta comida.

Felipe diz, desvencilhando-se de mim. Gira o seu corpo para fora dos pesados edredons, soltando um suspiro audível.

— Eu adorei a nossa noite... — admito, tentando prolongar esse momento íntimo e agradável. — Digo, seus pais foram ótimos! Confesso que todo o meu medo foi em vão...

Imitando os seus movimentos, saio do meu casulo quentinho e encontro o frio me esperando do lado de fora das cobertas. Um calafrio percorre os meus membros, deixando a minha pele parecida com a de um frango.

Assim que alcanço as minhas roupas jogadas pelo quarto, um pensamento invade a minha cabeça, fazendo o meu rosto inteiro esquentar subitamente.

— Hm... Fê... Será que eles ficaram bravos por eu quase ter cuspidos neles? — pergunto, odiando-me em pensamentos por ser tão eu.

Droga, as coisas podiam não conspirar contra mim constantemente. As mãos de Felipe vão até o seu rosto, escondendo-se uma vez que suas risadas novamente nos envolvem. Não faz nem meia hora que estamos acordados e ele já riu de mim mais vezes do que o meu orgulho gostaria. “*Quando foi que perdi o respeito, afinal de contas?*”, penso comigo mesma, divertida.

— Bem, o lado bom disso é que não pode mais surpreendê-los... já mostrou do que é capaz logo na primeira noite! — Ele abre um sorriso provocativo para mim e, em resposta, lanço um travesseiro na sua cara.

Em passos tranquilos Felipe se aproxima de mim e não posso desviar os olhos de sua boxer preta, que contorna o seu corpo tão bem, destacando todos os pontos positivos. Tento desviar esse pensamento, sentindo-me envergonhada por já ter acordado no pique.

— Quero morrer! — murmuro, ainda que esteja rindo como ele.

— Isso tudo porque ela te disse que era a minha namorada? — Sua voz paira intensa sobre nós dois, enquanto ele alcança o meu pulso, puxando-me para ele.

Deixo-me ir sem relutar e caio em seus braços fortes, que me envolvem amorosamente. Uma de suas mãos sobe pela minha nuca, embrenhando-se nos meus cabelos. A outra me prende ao seu redor, unindo nossos corpos um pouco mais — se é que era possível.

Seus lábios vão de encontro a pele sensível que fica atrás da orelha, arrancando um arfar de mim. Wow, com certeza não fui a única a acordar em chamãs.

— Hein? — ele insiste, lembrando-me da pergunta que ficou no ar.

Tento me recompor para respondê-lo, muito embora a distração esteja boa demais para tanto.

— É que foi inesperado... — sussurro, com todas as forças que consigo juntar. As minhas pernas estão moles como gelatina ao que Felipe enterra ainda mais seus dedos entre os meus cabelos, arrepiando o meu corpo todo.

— Eu disse para ela que você era a minha namorada — suas palavras estão tão baixas e roucas que soa como uma explosão sexy.

Deixo escapar um grunhido, notando que fiquei molhada. Como infernos ele consegue fazer isso?

“*Caramba, assim fica difícil, Felipe!*”

Achei que estávamos indo tomar o café da manhã e não que eu seria o café da manhã!



Quando finalmente descemos até a cozinha, estou vestindo sua camiseta de ontem, com a jaqueta por cima. Se o frio consegue invadir a proteção das paredes, mal posso imaginar como está lá fora. Felipe colocou uma calça de moletom por cima da cueca, mas continuou com o peito nu, para a minha alegria.

Sento-me em uma das banquetas, estudando-o escolher uma cápsula e colocar na cafeteira igual à do seu escritório. Os músculos de suas costas largas se contraem no momento em que ele abaixa para buscar uma fôrma dentro dos armários em baixo da pia.

— Gosta de pão de queijo? — indaga, atencioso.

— Adoro! — respondo com mais animação do que gostaria.

— Acho que a pergunta não é essa... — ele diz e vejo a sombra de um sorriso nos seus lábios finos. — Existe alguma coisa de comer que você não goste?

Rio gostosamente, ao passo em que ele caminha até a geladeira, ocupado em preparar o nosso desjejum.

— Eu esqueci de te avisar, mas ontem deposei o dinheiro da viagem na sua conta — diz despreocupadamente, arrancando-me de um transe temporário.

— O quê? — pergunto distraída.

— O dinheiro por ter ido para São Paulo comigo!

Felipe olha por cima do ombro e seus olhos azuis encontram os meus. De repente, uma conversa que parece ter sido há anos atrás invade a minha mente, e me lembro dele oferecendo dez salários mínimos por alguns dias viajando com ele. Oh meu Deus! Eu tinha me esquecido completamente disso! Nem contava realmente com esse dinheiro. Além do mais, parece errado aceitar essa quantia alta visto que passei metade da viagem em seus braços.

— Não precisava fazer isso! — digo, de maneira infantil.

— Foi o que combinamos.

— Mas... — suspiro, sabendo que ele não vai ceder pela cara como me olha. — As coisas saíram diferentes do que tínhamos planejado.

Ele sorri docemente e percebo que não dá a mínima para o quanto eu possa ficar desconfortável com isso. Felipe às vezes pode ser tão teimoso quanto eu.

— Eu não costumo dar para trás com as minhas promessas — ele dá de ombros, voltando a sua atenção ao que faz.

Observo-o espalhar os pães de queijo pré-prontos pela forma, com paciência, para logo em seguida levá-los até o forno elétrico. Tira o seu café e sem me perguntar qual eu quero, coloca uma cápsula para mim. Sei que ele possivelmente está passando o mais forte, afinal, já se acostumou com isso há algum tempo.

Munido de sua xícara de porcelana fumegante, Felipe arrasta uma banqueta, sentando-se de frente para mim. Inevitavelmente, meus olhos se arrastam pelo seu abdômen definido e domino um suspiro. Ele se apoia com os cotovelos no balcão, inclinando a cabeça levemente para o lado, ao passo em que me observa.

— Quer ficar aqui comigo esse final de semana? — tão logo indaga, sinto um calor intenso aquecer meus órgãos internos e sorrio para ele.

— Estou sem nada aqui...

— Podemos buscar e então você não terá desculpas para me deixar aqui sozinho — ele me lança sua melhor expressão de cachorro sem dono, fazendo as minhas mãos soarem frio.

— E você vai me deixar dormir essa noite? — provoco, sem quebrar o nosso contato visual.

— É claro que não! — Seu sorriso largo invade suas feições, deixando-me involuntariamente arrebatada. *“Pelos sete infernos, pare de me deixar com as pernas bambas, Felipe!”*

Permito-me gargalhar, sendo acompanhada por ele. A cafeteira emite um breve sinal, indicando que o meu café está pronto. Antes que eu possa me levantar para buscar, no entanto, Felipe arrasta sua banqueta, indo até a pia.

— Segunda-feira vou precisar viajar para São Paulo de novo — sua voz flutua ao nosso redor e ele me entrega a xícara de porcelana que trouxe consigo. — Vólto na segunda mesmo. Preciso que você dê uma boa organizada nos arquivos enquanto eu estiver fora. Sei que deu uma olhada geral semana passada, mas algumas pastas estão um verdadeiro caos...

— Tudo bem — falo, tentando conter o pensamento perturbador de Felipe viajando sozinho.

— Vou me encontrar com Renato para conversar sobre as ações contra a PoliBev.

— Oh! — limito-me a dizer, quando esse nome penetra os meus tímpanos.

Uma onda de lembranças invade a minha mente e eu pondero sobre falar com Felipe a respeito. Chacoalho a cabeça, tentando afastar o pensamento. Isso seria a maior loucura que eu poderia fazer, além de que muito possivelmente deixaria as coisas bem estranhas entre nós dois.

Não obstante, Renato parece finalmente ter concordado em cessar as investidas. Não vejo motivo nenhum para trazer à tona questões que poderiam apenas perturbar a cabeça de Felipe à toa. Não. Já me decidi quanto a isso.

— Espero que não morra de saudades de mim — sorrio em sua direção e ele retribui.



Revelações – por Felipe

As horas se atropelam durante uma reunião que parece interminável. Não vou me queixar, no entanto. Foi a profissão que escolhi e, ainda que existam os dias aborrecidos, a maior parte deles são prazerosos, contudo.

É só que... Não sei. Renato é um cliente importante para a minha carreira e é inútil tentar questionar isso. Mas as coisas seriam bem mais fáceis se ele não tivesse que carregar esse maldito sorriso de escárnio no rosto. Sinto como se ele estivesse guardando um segredo muito bom e mal pudesse se aguentar. Sei, de toda forma, que ele é assim. Não há o que fazer a respeito.

Não é a primeira vez que tenho que lidar com um homem cujo cargo importante inflou o seu ego além da conta. Eu mesmo já tive o meu momento, embora ache um tanto quanto patético nesta altura do campeonato. Deus sabe como acho. No entanto, não é como se pudesse ter tudo na vida. Quem sou eu para questionar alguma coisa desde que tenho a sorte de ganhar a atenção de uma empresa como a PoliBev?

Por isso, faço o máximo dos esforços para ignorar o ar superior com que ele se dirige para mim, enquanto colho o máximo de informações com as quais irei trabalhar em sua defesa. Meu avião para Curitiba é apenas às onze horas e sinto que até lá ainda olharei um bocado de vezes para o relógio em meu pulso. Merda, ele podia colaborar.

Deixo as unhas rasparem contra a barba por fazer, ao passo em que o observo contar mais uma de suas histórias. Não sei dizer exatamente o que está me irritando, o fato é que eu poderia revirar os olhos aqui mesmo. Que babaca. Ele age como se fosse o dono do mundo. Não sei quanto mais aguento disso. Ele é mesmo um babaca. Um babaca que se gaba tanto que começo a duvidar das coisas que me conta. Afinal, é como dizem... Cachorro que ladra não morde. Acho que se aplica bem aqui.

Renato se levanta para pegar uma cerveja no frigobar e aproveito para conferir as horas pela milésima vez no meu pulso. Vinte para as cinco. Puta merda, que dia de cão interminável é este? Respiro fundo, tentando me convencer de que está chegando ao fim. Estou exausto e tudo o que precisava agora para ganhar o dia está em Curitiba, estou certo de que se preparando para deixar o escritório. Tudo o que queria era ouvir aquela risada calorosa, ou ver aquela cara de safada que me lança sempre que está prestes a me provocar...

Merda, ainda não sei exatamente como isso foi acontecer, mas a verdade é que já não posso tirar a Madu da cabeça. Aquele aspecto atrapalhado, risonho e inocente dela me pegou de jeito e eu conto as horas para vê-la desfilando com as pernas de fora, ou então me encarando por trás daqueles enormes olhos esverdeados.

Estou ferrado, eu sei. Mas que escolha eu tenho? Quero dizer, eu sou um homem em primeiro lugar. Ela, claramente, estava interessada em mim. Deus sabe como sou contra me relacionar com os

funcionários, resolvo tantos pepinos envolvidos com isso que simplesmente nunca teria coragem de arrumar para a minha cabeça. Eu não seria tolo, de toda forma.

Foi diferente com ela, no entanto. Ainda que eu tivesse tentado ignorar com todas as forças, e juro que tentei, chegou um ponto que o meu instinto falou mais alto. Até porque, que tipo de pessoa consegue se controlar sendo que a outra está visivelmente interessada e é gostosa como o diabo?

E, ainda que a minha consciência estivesse berrando para mim que era burrice deixar que os meus instintos me dominassem, chegou um ponto em que eu estava pouco me fodendo. Ela era uma mistura deliciosa de inocente e madura, de safada e ingênua, de menina e mulher.

Não tinha como ser diferente, eu soube disso no momento em que a tive pela primeira vez. Tentei me afastar pelo bem de nós dois, porque me conheço bem o suficiente para saber que ferro tudo o que toco a mão. Contudo, aprendi que a Madu pode ser teimosa de uma maneira irritante. Além do mais, o que eu podia fazer, no fim das contas? Eu já queria tanto quanto ela parecia querer, simplesmente fui egoísta o bastante para não me importar com as consequências. Realmente espero que não sejam ruins, porque de alguma forma, já estou fodido nisso tudo. Contudo, sinceramente, não me importo.

Como cansei de dizer para a minha menina, já passei da idade das brincadeiras. Não tenho medo de lidar com os sentimentos quando não tenho mais como lutar contra eles. Tentei evitar o quanto pude, mas, uma vez que ela atingiu o meu coração, que merda posso fazer a respeito?

— Acho que essa cerveja serve como deixa para o fim da nossa reunião! — Renato diz, despertando-me de meus devaneios.

Ergo os olhos e o encontro com uma *long neck* estendida em minha direção. Eu bem mereço uma bebida depois desse dia maçante.

— Quem sou eu para negar? — brinco, agarrando a bebida para mim.

Não me demoro em abri-la e então a levo direto até os lábios, deixando a bebida escorrer garganta adentro. A sensação é tão boa que eu não me importaria de fazer pelo resto da noite. Como disse: eu mereço.

Estar neste hotel novamente — sobretudo nesta suíte — é terrivelmente chato sem a presença de Madu por estes cômodos. Quase posso sentir o seu perfume doce se me esforçar para isso e percebo que apesar de ter passado todo o final de semana com ela, estou com saudade.

Domino um sorriso, pensando em todas as formas que quero tê-la quando voltar, no entanto sou arrastado para realidade mais uma vez com a voz pastosa de Renato.

— Como estão as coisas lá em Curitiba? — pergunta, sentando-se novamente na poltrona de frente para mim.

— Como sempre... — dou nos ombros. — Frio e úmido.

— Não muito diferente daqui, então.

— Presumo que não — falo sem me dar ao trabalho de tirar a cerveja da boca.

Renato cruza os braços atrás da cabeça e algo na forma como sorri para mim me tira

momentaneamente do sério. Sei que, em parte, as minhas sensações estão um pouco confusas porque parei com os medicamentos, mas não é como se não fosse ter tudo sob o controle em um futuro próximo. Só preciso de algum tempo para mim, afinal já faz um bom tempo desde que comecei com eles.

Estreito os olhos, conhecendo essa expressão estampada em sua face de outras ocasiões... Só não consigo me lembrar. Foda-se, ele realmente é um babaca convencido. Não preciso lhe dar mais atenção além do que se supõem pelo fato de estar lhe prestando um serviço.

— Estive por lá há algum tempo... foi uma visita rápida, no entanto.

— Sério? — indago divertido, sem conseguir pensar em um bom motivo para isso. — O que o levou até lá?

Temo que seja coisa da minha cabeça, mas quase posso apostar que o vi torcer os lábios para o lado. Puta merda, qual é a desse idiota?

— Bem, espero que não se importe... — ele inclina a cabeça para o lado, com uma expressão impagável no rosto. — Mas tem a ver com a sua secretária gostosa.

— O quê? — pergunto antes mesmo de perceber que fiz isso.

— Você sabe, é inevitável... Não sei como nunca tentou nada com ela... Eu não conseguiria! — Renato leva a cerveja até a boca, dando um demorado gole antes de continuar. — Mas depois que ela me chamou para vir aqui neste hotel passar a tarde na piscina com ela, simplesmente não tive como ignorar.

Sinto o sangue esvair do corpo em uma velocidade surpreendente. Calma, o quê? Que diabos ele acha que está dizendo?

— Oh, você não sabia? — Seu sorriso cresce com a surpresa que pega em meu rosto. Encontro-me tão estarrecido com a informação que não tenho reação alguma. — Bem, ela deve estar com receio de contar... É cabível, de toda forma.

— Você... Eu... O quê? — indago, sentindo a visão escurecer de ira.

Mas que merda! Estou vendo tudo em borrões, tamanha é a minha raiva. Contudo, não é como se eu fosse dar o gosto para esse babaca. Eu sei qual é a dele, está querendo me provocar. Isso condiz muito com o que já ouvi sobre ele. Respiro fundo e esfrego o rosto tentando afastar a minha expressão atônita.

— Está saindo com a minha assistente pessoal? — pergunto com o melhor tom descontraído que consigo para o momento.

Não quero realmente parar para pensar nisso porque sei que poderia facilmente fazer uma besteira. Ele provavelmente só está tentando se gabar. É um idiota e não é nenhuma surpresa que esteja agindo como tal.

— Como disse, espero que não seja um problema.

— Não vejo como poderia ser — uno as sobrancelhas. — Até onde sei está solteira.

— Não me surpreendo... Ela não é o que se pode chamar de fácil, hum? — Renato leva a cerveja até os lábios uma última vez, matando o seu conteúdo. — Precisei bajular um pouco até conseguir alguma coisa.

— Por Deus, Monteiro, está mesmo me dizendo isso? — Sibilo, sem conseguir disfarçar completamente a ira na minha voz.

Onde esse maldito quer chegar? Quero dizer, ainda que não existisse nada comigo e a Madu, não é como se Renato e eu fôssemos íntimos e estivéssemos no *happy hour* para ele me falar dessas coisas. Quero que ele e todas as mulheres que já fodeu vão para o inferno. Realmente não me importo com isso.

Sua risada preenche o ambiente, ao que ele se levanta para alcançar mais uma cerveja. Aproveito o momento para conferir o celular, dando-me conta de que já tem um bom tempo desde que não mexo nele.

Como que se o destino estivesse tirando uma com a minha cara, deparo-me uma mensagem de Madu: “*Sei que você vai chegar tarde e provavelmente cansado, mas o que acha de dar uma passadinha aqui?*”. Permito-me um sorriso, desconsiderando completamente qualquer possibilidade de o que Renato está me dizendo ser verdade.

Quero dizer, estamos falando da Maria Eduarda, isso não combina muito com ela. Não preciso de tanto para concluir que ela é inocente. No entanto, esse sorriso irritante que toma as feições de Renato está me tirando do sério. Lembro-me de nossos encontros os quais Madu nos acompanhou e resgato suas expressões quando flertava com ela. É quase como se estivesse divertido com a situação toda. Como se, no fundo, estivesse tentando provar para si mesmo que consegue.

Suspiro pesadamente, terminando a bebida. Meu coração acelerado é o indicativo de que uma crise de ansiedade está começando. “*Ótimo, obrigado por isso*”, mentalizo. Seus olhos castanhos me fitam atenciosamente.

— Estou dizendo no caso de você mudar de ideia em relação a ela... Nunca me importei de dividir a merenda e também não é como se eu ligasse para ela. — Ele dá nos ombros para a expressão de censura que lhe lanço. Jesus, o quão longe iremos? — Achei que as orquídeas bastariam. Ao menos elas funcionam com a maioria, mas não foi bem assim. Tive que apelar para uma pulseira de prata. A Madu é cara!

Suas palavras vêm ao meu encontro como bofetadas. Porra, ele disse orquídeas? Fecho os olhos brevemente e tudo o que vejo no escuro de minha mente é o maldito arranjo na casa dela logo que chegamos de viagem. Mas que droga? O que está acontecendo aqui?

— Merda, Renato! — A risada escapa de meus lábios, enquanto passo a mão nos cabelos. — Poupe-me desses detalhes!



O avião está praticamente vazio, o que acho bom. Se eu começar a surtar ao menos terei uma plateia menor. Quero dizer, não é como se eu fosse mesmo surtar. Ao menos estou me esforçando para que isso não aconteça.

As circunstâncias não ajudam, porém. As palmas das minhas mãos estão suando frio e luto contra o aperto esmagador no peito. Quanto mais eu penso, mais neurótico fico. O maldito problema é que os

pensamentos vêm aos montes. Caralho, por que tenho que pensar tanto? Seria bem mais fácil se a minha mente diminuísse a frequência pela metade. Sei que seria bem mais saudável, contudo é tentador pensar nas coisas que Renato me disse.

Sua expressão ainda está vivida na memória, tão viva quanto a fúria que incendeia no meu interior. Isso que carrego aqui dentro, comigo, certamente preenche o constante vazio que sinto. Eu poderia fazer um bom estrago com esse ódio que está me corroendo, Deus sabe como poderia. O fato é que preciso me controlar, para não estragar tudo.

Faz uma semana que estou sem os remédios e imagino que o começo seja a pior parte. Se conseguir me controlar agora, sei que nunca mais precisarei voltar para eles. De toda forma, fica difícil me concentrar tendo em vista que a minha mente não está ajudando em nada.

Estou irrequieto, imaginando aquele sorriso irritante em seu rosto, enquanto passa as mãos nela... A pior parte é que me lembro dela jogando comigo. Não uma, mas várias vezes. Tentou fazer ciúmes com esse babaca e por mais que eu soubesse que era proposital, é simplesmente inevitável não me abalar. Por que ela tem que foder com o meu autocontrole?

Meus dedos passam pelo visor do celular e subitamente me lembro de sua mensagem. Fiquei tão estarecido com as coisas que ouvi que me esqueci completamente de lhe dar uma resposta. Mas é certo que vou até a sua casa. Certo como dois mais dois são quatro e certo como o fato de que não serei feito de idiota.

Não por ela. Não depois de tanto tempo até conseguir me abrir com alguém novamente. Isso está longe de ser justo. Que merda, por que tenho que ser tão fodido? Por que não existe uma trégua?

Tão logo o avião pousa, pergunto-me como é possível que uma viagem de meia hora tenha parecido durar uma semana inteira. Meus pensamentos estão absurdamente insanos e ligeiros, é até difícil acompanhar a velocidade com que mudo o foco deles. Os dedos em minhas mãos começaram a tremer e presumo que isso seja um mau sinal.

Bem, eu preciso me controlar em primeiro lugar. Como um advogado, eu bem sei que Madu tem o seu direito de defesa. Contudo é bom que ela saiba que eu sou não fácil de impressionar. Não. Longe disso.

Durante o interminável trajeto até a sua casa, meus dedos batucam violentamente no volante do carro. Merda, não me fez bem passar todas essas horas remoendo o assunto. Eu devia ter trocado o voo para mais cedo e ter acabado logo com isso.

Como pode que a minha cabeça seja o meu pior inimigo, quando não deveria ser? Quero dizer, estou longe de conseguir pensar com clareza. Não quero tomar nenhuma atitude precipitada, mas sei que isso vai exigir um controle sobre-humano, é isso que me preocupa.

Estaciono o carro em frente ao prédio de Madu e imagino Renato fazendo o mesmo. Isso é sério? Não, não pode ser. Ela não seria idiota. Bem, não sei, mas ao menos quero acreditar que não.

Saco o celular do bolso e disco impaciente o número dela. Chama algumas vezes antes que eu

ouça sua voz ansiosa do outro lado.

— Até que enfim! — consigo captar o alívio no seu tom de voz. — Já estava começando a procurar a notícia de algum avião caído!

Deixo-me rir com ela. Essa é a Madu que conheço e me apaixonei. Seria possível estar enganado? Suspiro cansado, saindo do carro.

— Estou aqui embaixo — digo, lutando para não transparecer em minha voz que há algo errado.

— Ahn? — ela pergunta, levando um tempo até entender. — Oh, sim. Vou avisar o porteiro para te deixar subir.

Empurro a porta de vidro, deparando-me com um japonês franzino com uma expressão entediada no rosto. Ele acena com a cabeça em minha direção e passo ao seu lado.

Sigo até o elevador e uma nova onda de nervoso me toma. Isso tudo é uma droga. Odeio me sentir assim, é quase como se não pudesse dizer pelas minhas emoções. Talvez eu realmente não possa, mas quem se importa? Agora que Renato já conseguiu me tirar do sério, é tarde para tentar voltar atrás.

A porta metálica é aberta e do outro lado têm um par de olhos azul-esverdeados me esperando. Madu está com um sorriso largo no rosto que seria suficiente para me desarmar, mas não hoje.

Ela se inclina em minha direção, ficando na ponta dos pés para me beijar. Fecho os olhos ao sentir seus lábios tocarem os meus e é irônico que ela consiga fazer com que eu me sinta no céu e no inferno ao mesmo tempo. Isso tudo é por ela, no fim das contas.

— Como foi o seu dia? — ela me pergunta, parecendo constrangida com o silêncio entre nós.

— Estressante — digo honestamente. Deus sabe que foi. — E o seu?

— Chato — seu sorriso vem ao mesmo tempo em que as bochechas coram suavemente. Sei que ela está para dizer algo, é essa a expressão que mais adoro. — Ninguém para engolir com os olhos...

— Hm, então é isso que você faz? — pergunto, apalpando a sua bunda no momento em que ela passa em minha frente para dentro de seu apartamento.

Como ela consegue me acalmar com tão pouco? Ela nem ao menos está se esforçando e já estou melhor no que nas últimas horas.

Basta que meus olhos recaiam sobre o arranjo vermelho-vivo sobre a mesa para que a raiva me acerte em cheio, no entanto. Por um segundo, vejo tantas coisas de uma vez que meus dedos voltam a tremer. O sorriso debochado no rosto de Renato. Madu conversando com ele na cobertura, os dois tão próximos um do outro. O vaso de flores na sala assim que voltamos de viagem. Ele a beijando no rosto quando isso estava longe de ser conveniente.

Putá que pariu, por que inferno ela está cuidando dessas flores? Qual o problema dela? A minha visão escureceu de novo, enquanto luto para respirar. Foda-se, se isso é mesmo um jogo, vamos ver quem aguenta mais tempo.



Tribunal

Observo um Felipe silencioso adentrar o meu lar e meus olhos instintivamente vão até as flores com as quais ele parece absorto. Droga, se ele tivesse me avisado antes que viria, eu poderia ao menos tê-las colocado na sacada. Assim evitaria esse clima pesado que se formou entre nós, exatamente como na primeira vez em que viu o arranjo.

Eu sei que Renato foi inconveniente com toda a sua insistência, mas estou feliz por ele finalmente ter entendido o meu lado. Jogar esse presente fora não me parece justo. São bonitas flores, além do mais, eu jamais tive nada com ele.

Felipe está com uma expressão estranha ao se sentar no sofá. Ele cruza as mãos e apoia os cotovelos sobre os joelhos, ficando curvado para frente. É engraçado como, apesar de encontrar-se aqui em casa comigo, aparenta estar estranhamente longe. Parece que voltamos algumas casas... Cadê o Felipe carinhoso que me deixou aqui ontem à noite depois de um final de semana inteiro juntos?

— Quer tomar um vinho? — pergunto, na tentativa de distraí-lo desta nuvem negra na qual se encontra, por algum motivo que ainda desconheço, mas espero honestamente descobrir. — É ótimo para esquentar nesse friozinho.

— Conheço métodos melhores! — seu sorriso é tímido e quase a contragosto, no entanto me sinto bem por isso. Ao menos é um pequeno passo. Espero que ele ceda e me conte porque está tão sério.

Ouçõ a minha própria risada ressoar pelo apartamento. É estranhamente prazeroso tê-lo aqui comigo. Gosto de sua casa, mas aqui me sinto menos vulnerável. Sua mansão imponente é um pouco assustadora quando não se está acostumado com tanto luxo e esse é definitivamente o meu caso.

Meu riso parece ter trazido um brilho a mais em seus olhos azuis. Noto que seus ombros relaxaram e ele se endireita no sofá, recostando a coluna confortavelmente. Ainda assim, não está em seu estado natural.

— Aceito o vinho — diz por fim e sua entonação é séria.

— Bem, preciso dizer que não é um vinho caro, se é isso que está pensando — dou nos ombros, sentindo as bochechas queimarem.

— Um vinho não precisa ser caro para que seja bom — ele sorri torto e me derrete por dentro.

Não sei o que está se passando, mas estou feliz por ele, aos poucos, caminhar para a luz.

— Eu não sei os critérios de um bom vinho — confesso, cruzando os braços. — No caso, o meu único critério foi que esse era o mais barato do mercado.

Finalmente consigo uma risada deste homem complicado. Minha nossa, já estava começando a ficar tensa com toda essa rigidez dele. Acho que, no fim das contas, deve ter tido um dia cheio. Viajou cedo e voltou no último voo. Não sei se estaria muito diferente disso caso tivesse ido junto. Provavelmente está apenas cansado.

Suas mãos grandes vão até o rosto, esfregando-o algumas vezes. Ouço-o soltar um pesado suspiro, tudo o que quero é eliminar essa barreira que ele criou entre nós dois. Sei que basta que eu esteja no seu colo para essa carranca ir embora. Céus, estou virando uma pervertida! A culpa é toda dele!

No momento em que me viro em direção a cozinha, sou pega de surpresa por sua voz, no entanto.

— Quem te deu essas flores? — Seu tom direto faz com que, instantaneamente, um nó se forme em minha garganta.

— Perdão? — indago, girando os calcanhares para ficar de frente para ele novamente.

Felipe está com o punho fechado em frente à boca e seus olhos estão terrivelmente penetrantes, de forma a me deixarem desconcertada. Por que isso agora?

— Ouviu a minha pergunta — sua voz paira cortante sobre nossas cabeças, criando um silêncio terrível na sala minúscula.

“*Oh, alguém está irritado!*”

— A minha amiga Vanessa! — ouço-me dizer, antes que possa pensar a respeito. Caramba, por que fui mentir justo agora?

Sinto que essa foi uma decisão burra. Ok, realmente burra. Contudo, ele está diferente. Quero dizer, normalmente é sempre educado, carinhoso e até mesmo brincalhão, no seu jeito sério. A única vez em que o vi diferente foi o dia em que o peguei chorando na sua academia particular e mesmo esse dia era mais agradável do que agora.

A intensidade com a qual me fita faz com que eu perca a força das pernas. Por um momento, fico desconfortável com a sua presença. Foi uma boa ideia tê-lo convidado para vir aqui essa noite?

Tão logo minhas palavras o alcançam, noto uma de suas sobrancelhas arquearem brevemente. Intrigado. Ele parece intrigado com a resposta. “*Parabéns, Madu*”, penso, sentindo que, de alguma forma, isso vai longe.

— Sua *amiga* te deu flores? — O tom é o mesmo que o vejo usar com os seus clientes. Ótimo, estamos retrocedendo um pouco mais a cada segundo.

— Eu fiquei uma semana fora — cruzo os braços, escorando-me contra a parede. Um calor incômodo começou a subir pelas pernas. — Acho que ela quis ser gentil.

— Certo — ele murmura e noto que aparenta estar decepcionado com a resposta. Sua mão direita vai até a nuca, coçando-a. Seus olhos vagam para muito longe do apartamento.

— Engraçada a escolha dela... — sua voz é pouco mais alta que um sussurro. — Orquídeas são flores ligadas à sexualidade e fertilidade. As vermelhas, sobretudo. Além do mais, costumam não ser tão baratas... Uma acadêmica presenteando sua amiga com flores por uma semana fora... Ela deve gostar mesmo de você!

“*Merda, merda, merda!*” Ele sabe que estou mentindo, sei que sabe. A acusação está gritante na forma como disse essas palavras e também no modo como me encara. O que vou fazer? Santo Deus, isso não pode estar acontecendo.

Sinto as orelhas queimarem ao mesmo tempo em que o desespero me toma. Estou com vontade de chorar, muita vontade. Acho que dessa vez não vou conseguir segurar o choro por muito tempo.

Felipe cruza as mãos sobre os lábios, assentindo com a cabeça enquanto estuda as minhas reações. Encontro-me completamente exposta e envergonhada. Sei que tenho que contar a verdade para ele, mas é humilhante admitir que estava mentindo na cara dura. Inferno, acho que vou chorar a qualquer momento!

— Eu vou perguntar só mais uma vez e realmente espero que seja honesta. — Sua voz é firme e diferente do usual. Caramba, é esse o tom que ele usa no tribunal? — Quem te deu essas flores, Madu?

O tom frio com o qual pronuncia o apelido é o suficiente para me derreter em lágrimas. Eu sabia que uma hora ou outra ele viria a descobrir que sou uma chorona, contudo não deixa de ser péssimo que eu chore nos momentos em que mais preciso me manter séria. Isso só piora tudo para mim. Tenho certeza de que vai ser mais difícil explicar as coisas agora.

— Foi o Renato — confesso, sem conseguir encará-lo.

Ele acena com a cabeça mais uma vez, um sorriso incrédulo tomando os bonitos lábios. Raiva toma suas feições que tanto adoro. *“Muito bem, Madu! Você estragou tudo!”*

— Claro que foi — ele respira fundo, e percebo que está divertido com a situação. — O que mais ganhou dele?

— Uma pulseira de prata — murmuro, contra a vontade.

A tensão entre nós poderia facilmente ser cortada com uma faca. Meus olhos estão fixos nos meus pés descalços. Eles realmente parecem mais interessantes do que enfrentar a fúria por trás daquela imensidão azul que são as íris de Felipe.

Quero explicar o meu lado. Sei que não fiz certo em mentir. No entanto, a única razão para não me importar em contar foi por achar que podia lidar com isso. Parecia insignificante. Além do mais, tirando o fato de eu ter mentido, estou com a consciência limpa.

— Vamos lá, não vai se defender? — Sua voz me busca da profundidade dos meus pensamentos. — Tem algum motivo além de estar me fazendo de idiota?

Nossa. Isso foi mais dolorido que um tapa! Esse é um lado dele que eu não queria conhecer. Ainda mais nessas circunstâncias.

— Não estou fazendo ninguém de idiota! — suspiro, finalmente criando coragem para encontrar o seu olhar. — Renato está atrás de mim desde que fomos para São Paulo. Ele realmente não sabe levar um não. Não quis comentar nada com você, porque achei que podia lidar com isso sozinha — passo as mãos pelos cabelos, tirando-os do rosto, ao que as lágrimas começam a cessar.

Sua expressão ao menos está mais suave do que segundos atrás. Ele demonstra estar considerando o que estou lhe contando. Isso é alguma coisa. Aproveito o momento e decido seguir em frente. Errei feio em omitir essas informações, assim como em mentir sobre a sua pergunta. O que posso fazer de melhor no momento é contar a verdade e torcer para que ele trabalhe com isso da melhor forma que puder.

— O dia... Aquele dia em que fiquei na piscina ele apareceu no hotel e começou suas investidas — digo, sentindo um peso além da conta nos ombros. — Depois mandou esses presentes e até mesmo veio aqui. Eu fiquei assustada no começo, principalmente por Renato saber o meu endereço, por isso achei que era melhor conversar com ele de uma vez por todas e esclarecer que não queria nada. Eu até mesmo tentei devolver a pulseira, mas ele deixou aqui depois de me beij...

Ao perceber o que estou dizendo, tento encerrar a frase, mas já é tarde. Os olhos de Felipe estão em chamas. *“Minha mãe, eu preciso calar a boca. Só estou piorando tudo”*.

Ele levanta de uma vez e noto que suas bochechas estão vermelhas como um pimentão. Mais uma vez, seu punho fechado vai em frente à boca e suas sobrancelhas estão unidas.

— O quê?

— Ele me beijou, lá no hall de entrada, Felipe — digo por fim, entregando os pontos. Já era. Eu consegui foder com tudo.

Felipe sustenta o olhar por mais tempo do que eu gostaria. Pai amado, ele sabe ser intimidante mesmo sem dizer palavra alguma. É realmente assustador. Jamais conseguiria imaginar esse lado dele. Quero dizer, é tão sério e rígido que faz com que eu me sinta pior do que mereço.

Sei que não devia ter começado mentindo, em primeiro lugar. Realmente sei disso e ainda não entendo porque fiz. É só que estava com medo de estragar as coisas entre nós dois. O que temos vivido é além do que idealizei um dia. Eu não imaginava ser possível que uma pessoa pudesse mexer dessa forma comigo, em tantos aspectos. Ele consegue, no entanto. O que Felipe provoca em mim é uma explosão de sentimentos e sensações turbulentas demais, mas completamente viciantes.

O meu único medo era arruinar isso. Ele é muito mais do que esperei que fosse. Quero dizer, vai além do rosto bonito e corpo escultural. É uma pessoa incrível por quem estou perdidamente apaixonada. Na verdade, não só apaixonada. Eu o amo. Amo de um jeito descompassado e a última coisa que precisava neste momento era quebrar o ritmo entre nós dois.

Desde o começo das investidas de Renato, senti que ele traria dor de cabeça. Porém, jamais imaginei que fosse tão baixo. Afinal de contas, que tipo de pessoa faz isso? O que ele estava pensando ao contar essas coisas para Felipe? De repente, um medo me toma de supetão. O que ele andou dizendo? Sinto que não somente a verdade.

Quanto mais reflito, menos consigo entender. Renato é um homem poderoso, bonito, maduro... Ao menos era o que eu esperava que fosse. Esse comportamento não condiz com um homem de sua idade. Eu não posso acreditar que ele fez isso puramente por vingança, ou seja lá o que quer que passou em sua cabeça.

Meu estômago revira em náuseas ao refletir sobre suas aproximações. Se no começo me pareceu galanteador, agora tudo o que me parece é um perseguidor ridículo, incapaz de aceitar um não. Argh, se arrependimento matasse! Eu jamais deveria ter dado alguma brecha sequer. Entretanto, como eu poderia imaginar isso, de toda forma?

Sei que devia ter contado para o Felipe. Em compensação, sei disso apenas agora que o estrago já foi feito. Tudo o que consegui pensar antes era que não queria criar um clima estranho entre os dois, por minha causa. Não desde que Renato significava tanto para ele. Eu bem sei que a PoliBev é um conglomerado e tanto, também sei o que isso representa para a carreira de Felipe, a qual ele vem construindo com tanto empenho e dedicação.

Então o que mais eu podia fazer? Não é culpa minha que Renato seja incisivo e tente impor sua vontade a todo custo. Sei que isso que ele fez foi uma forma de me punir e me mostrar que não vai sair perdendo. Espero que ele esteja bem com isso, porque neste momento eu o odeio com todas as forças.

Agora, a única coisa que me corrói de culpa é ter mentido. Ainda que tenha contornado a situação, não é como se tivesse feito isso por conta própria. Fui forçada a dizer a verdade ao me ver sem saída. Sinto que Felipe sabe que eu teria sustentado a mentira caso ele não tivesse insistido. Isso me machuca. Estou com raiva de mim mesma por ter me colocado sozinha nessa. Caramba, logo agora, depois de termos o melhor final de semana que eu já experimentei em anos. Por que as coisas têm de ser tão complicadas? Por que eu tive que estragar tudo?

O silêncio no apartamento é desesperador. Acho que poderíamos ouvir uma agulha caindo no chão facilmente. Isso me irrita de diversas formas imagináveis. Essa noite estava longe de ser assim nos meus planos. Poderíamos estar aquecidos do vinho, aninhados um no outro neste momento.

Não era para ser essa expressão desapontada nos seus traços perfeitos, mas sim o sorriso safado que tanto adoro. Droga, não me conformo que isso esteja mesmo acontecendo.

— Eu nunca quis isso... — sussurro, com desânimo. — Não mesmo.

— Não é o que me lembro. Você parecia animada com a perspectiva de sair com ele, em São Paulo — observo-o encolher os ombros, colocando as mãos nos bolsos em seguida.

Está tão bonito, mesmo agora com as bochechas vermelhas de raiva. Adoro quando ele afrouxa a gravata e sobe as mangas da camisa. É uma combinação perfeita de sério e despojado. E céus, como é sexy. Estou triste por não poder tê-lo para mim da forma como gostaria que houvesse sido essa noite.

— Eu sei! — graso. — Sei que as evidências estão contra mim. Mas não tenho motivos para mentir, Felipe! Eu só não queria que as coisas ficassem confusas. Sei o quanto ele é um cliente importante para você.

— Beijou outro cara na merda do hall de entrada — ele parece estar dizendo mais para si do que para mim, ainda que quase aos berros. — Eram presentes que você queria? Eu poderia te dar muito mais, se esse era o problema!

Suas palavras vêm como bofetadas contra mim. Uau. Isso foi realmente cruel. Arfo em surpresa, encarando-o perplexa.

— Felipe... — murmuro, mas ele me interrompe.

— Você conseguiu me foder, Madu! Sabe o quanto estou envolvido nessa merda toda? — Suas mãos grandes gesticulam, indicando nós dois. — Não, você não sabe. Você é só uma menina mimada. Eu

me sinto idiota por ter achado que era diferente.

Felipe beira o descontrole, andando de um lado para o outro, em passos curtos e impacientes. Sei que está se segurando, entretanto, para não demonstrar como realmente está por dentro. Deve estar muito pior do que aparenta. Conheço o seu orgulho no que diz respeito aos sentimentos.

— Isso é ridículo! — protesto, sentindo raiva incandescer pelo corpo todo. Calma aí, eu até entendo que ele esteja chateado. Mas isso que está acusando não tem nada a ver comigo. Eu não sou essa pessoa e sei que ele sabe disso. — Eu não me importo com o seu dinheiro! Quando quero alguma coisa eu trabalho para conseguir!

Uma de suas mãos vai até os cabelos, embrenhando-se neles nervosamente. Felipe está possesso. Vejo isso nos seus olhos e na forma como tranca o maxilar. Ouço-o soltar um suspiro pesado e a vontade de chorar me pega de vez.

Que droga! Olha só para todo esse desastre... Como viemos parar aqui gritando um com o outro?

— Seria bem mais fácil de acreditar se você não tivesse acabado de mentir para mim — sua voz é carregada de ironia e isso machuca mais do que um punhado de palavras grosseiras. — Se não tinha realmente nada para esconder, por que não falou a verdade quando perguntei da primeira vez?

“*Eu não sei*”, penso tristemente. Talvez tenha ficado com medo, ou talvez só tenha sido estúpida mesmo. Acho que a segunda opção é cabível. Normalmente eu não sou assim, costumo ser sempre tão corajosa, sempre tão destemida. Como pude cavar a minha própria cova?

Minha falta de resposta é terrivelmente sufocante. É quase como se confirmasse todas as suas acusações. Vejo-o tatear os bolsos, em busca das chaves do carro, enquanto caminha com passos decididos em direção à porta.

A visão corta o ar dos meus pulmões de uma só vez. Céus, ele está indo embora! Assim, desse jeito? Não tem mais volta? Isso não está acontecendo! Droga, desejei esse homem por tanto tempo e agora estou o assistindo partir.

— O que você está fazendo? — pergunto, com mais desespero na voz do que gostaria.

Felipe gira os calcanhares, sua expressão é devastadora. Neste momento, a única coisa que tenho certeza é que ele me odeia. Tanto quanto odeio Renato por ter causado isso.

— Eu já passei da idade de brincadeiras. Se você queria se divertir, devia saber que estava com o homem errado.

— Não faz isso, por favor! — Em passos hesitantes, caminho em sua direção. — Você tem que acreditar em mim, porque estou sendo sincera!

Estico os braços em direção ao seu rosto, segurando-o carinhosamente entre as minhas mãos. Ao que avanço com os lábios, no entanto, ele vira o rosto, e suas mãos vão de encontro aos meus pulsos, segurando-os com força e os afastando.

— Não complique as coisas, Maria Eduarda.

Caralho! Ele me chamou pelo nome! Tirando o dia da entrevista, ele jamais me chamou de nada

além de Madu. Parece bobo, mas machucou intensamente. Todo o avanço que tivemos foi por água abaixo. Felipe está de novo no seu casulo e desta vez estou mais do que longe de conseguir penetrá-lo.

— Agora, se você puder abrir a porta, por favor. Foi um dia longo, preciso estar em casa.

— Oh meu Deus, Felipe! Preciso de uma chance para me redimir. Você está sendo injusto!

Finalmente pareço ter batido no seu ponto fraco. Seus olhos faíscam enquanto ele avança em minha direção, empurrando o seu corpo contra o meu e levando-nos até a parede. Por um momento sinto uma nesga de esperança assim que sua boca chega tão próxima da minha que quase a toca. O seu perfume inebriante penetra as minhas narinas, provocando cambalhotas no estômago.

Tão logo começa a falar, seus lábios roçam delicadamente nos meus e seu hálito morno ricocheteia contra a minha pele sensível, arrepiando-me.

— Se você soubesse o que faz comigo... O quanto me tira do controle e o tanto que adoro isso...

— Felipe fisga os seus lábios, como que me desafiando a tentar beijá-lo novamente. — Se você apenas sonhasse com um terço do que carrego aqui dentro, não teria sido tão burra.

Ele solta os meus pulsos e se apoia na parede com um braço. Sua proximidade ainda é terrivelmente convidativa. Antes que eu possa responder, de toda forma, ele continua.

— Eu faria tudo por você, Madu. Agora não mais, no entanto.

Suas palavras são sérias e sem emoção alguma. Meu coração para assim que o vejo se virar e caminhar novamente em direção à saída. Dessa vez, ele não espera para que eu abra.

Com o mundo de cabeça para baixo, vejo-o sair, deixando para trás apenas o clique da porta e o meu coração despedaçado.



No Expediente

A chuva cai torrencialmente lá fora ao mesmo tempo em que tremo dentro do casaco de lã. Por sorte, vim trabalhar de calça hoje, tendo em vista o fato de as minhas pernas estarem cobertas de hematomas. Pensar na noite em que Felipe os fez deixa o meu coração apertado. Ele disse que me amava e eu estava no céu com isso.

Agora, contudo, estou mais que frustrada. Desde que Felipe saiu de casa na noite passada, tudo o que fiz foi chorar por horas a fio. Eu jamais tinha chorado por um homem antes, mas obviamente ele não é como os outros. Ainda que estejamos juntos a pouco tempo, tudo é muito intenso e incomparável com qualquer outro sentimento que já experimentei. A perspectiva de ter perdido a pessoa que mais me fez sentir viva é desesperadora.

Por mais que me sinta culpada por ter mentido, acho que ele foi severamente injusto comigo. Ele não me deu uma chance verdadeira e preferiu acreditar no Renato. Essa é a parte que mais machuca. O pior disso tudo é que vou ter que ficar a tarde inteira com ele, já até posso imaginar o quão divertido será o dia. *“Céus, espero que as coisas não sejam tão difíceis!”*

Entro no banheiro para conferir se a maquiagem ainda está ok. Precisei dar uma atenção maior hoje, já que meus olhos praticamente gritavam para o restante do mundo que andei chorando feito uma criança. Quando estou me preparando para voltar para a minha mesa, ouço os passos decididos de Felipe e vibro em antecipação.

É cedo para estar aqui. Quero dizer, ainda faltam alguns minutos para o escritório abrir e ele raramente vem antes deste horário. O seu perfume chega primeiro, fazendo-me estremecer. Droga, isso vai ser bem pior do que previ. Seria mais fácil se Felipe fosse fácil de odiar, mas é bem o contrário, ele é muito... impactante.

Tão logo vejo os seus olhos azuis do outro lado da sala, engulo em seco. A forma indiferente como me olha, nunca o vi assim antes. Isso é terrível. Não é esse homem que conheço. Longe disso, Felipe sempre foi educado e cuidadoso, mesmo antes de nos envolvermos. O que está acontecendo?

— Bom dia — ele diz de maneira áspera, enfiando as mãos no bolso da calça em seguida.

Está surpreendentemente lindo hoje. Isso é realmente injusto. Estou péssima e ele está de tirar o fôlego. É a primeira vez que o vejo vestir um terno cáqui e, incrivelmente, cai muito bem. A gravata azul-petróleo destaca suas íris que hoje estão enegrecidas.

— Não ouviu? — sua voz me arranca dos meus pensamentos. — Eu disse bom dia.

Nossa. Se essa é uma prévia de como será o dia, pressinto que está longe de ser bom. Com os olhos arregalados de surpresa, encaro-o antes de responder:

— Bom dia, precisa de alguma coisa?

— Na verdade sim — sua voz sai quase como um sussurro. — Lembro de ter pedido para

arrumar os arquivos ontem.

— Mas eu arrumei! — digo mais alto do que gostaria, sentindo-me indignada.

Ele estaria falando assim comigo caso não tivéssemos brigado ontem? Sei que não. Isso é ridículo e infantil. Não combina muito com ele.

Respiro fundo, passando a mão pelos cabelos ao ver a expressão desafiadora que me lança. Claro, ele está me testando. Aqui sou uma profissional, e se ele diz que não arrumei os arquivos, eu me desculpo e faço de novo.

— De toda forma, vou dar uma olhada assim que puder.

— É o que eu esperava — seus lábios se retorcem em um sorriso de canto que teria me derretido em outra ocasião, mas hoje soa apenas cruel.

Estou sensível e nem um pouco disposta a tornar as coisas piores, por isso só espero que ele colabore. Quero dizer, ainda que seja o chefe, não é como se precisasse agir como um idiota. Por que, neste momento, é o que me parece que vai fazer.

Observo-o virar as costas e entrar em sua sala, deixando-me com um desânimo enorme. Isso é doloroso para mim. Tão doloroso que me deixa até mesmo irritada.

Felipe está diferente e eu não consigo entender como pode ter mudado tanto. Ainda que tenhamos brigado... era preciso tanto? Quero dizer, eu esperava que estivesse triste, mas não bravo. Ele parece bravo, parece irritado além da conta.

Sei que para deixar transparecer isso no trabalho, deve estar o consumindo. Por que ele não me dá uma chance de endireitar as coisas? Sei que cometi um erro, contudo não foi inteiramente culpa minha.

Tento afastar o pensamento da cabeça, decidindo que preciso manter o nosso relacionamento no trabalho da melhor forma possível. Se ele está perdendo o controle, eu não preciso necessariamente seguir a mesma linha. Ainda posso apaziguar a situação ao menos aqui.

Alcanço na primeira gaveta as pastas dos clientes de hoje e dou uma última conferida antes de me levantar em direção à sua sala. Diferente dos demais dias, a porta está fechada.

Sem pensar direito, abro a porta de supetão e me deparo com a imagem de um Felipe com o rosto escondido entre as grandes mãos. Está apoiando os cotovelos sobre a mesa e parece tão absorto no que quer que esteja fazendo que nem ao menos percebe a minha chegada.

Pigarreio desconfortavelmente, indicando-o que estou ali e caminho em passos hesitantes em direção à mesa. Suas mãos descem pelo rosto, parando em frente da boca. Sinto seus olhos em mim e instantaneamente as minhas bochechas pegam fogo. Está olhando para as minhas pernas cobertas. É a primeira vez que me vê de calça. Será que está recordando a noite em que marcou a minha pele com os seus lábios?

— Você pode, por favor, bater à porta antes de entrar? — pergunta com impaciência e constato com amargura que ele estava longe de pensar na gente.

— Sinto muito, vim trazer as pastas... — minha voz sai tímida, causando estranhamento em nós

dois.

Eu não costumo ser assim. Desde ontem estou muito mais acuada do que jamais fui à vida inteira. A verdade é que a minha cabeça está uma confusão e a minha situação com o Felipe tem que ser cautelosa. Estou pisando em ovos e bem sei disso.

— Eu não perguntei o que veio fazer, eu disse para bater à porta a próxima vez que invadir a minha privacidade!

Recebo as suas palavras atordoada. Jesus, ele está mesmo agindo dessa maneira? Não vou aguentar muito tempo desse jeito. Coloco as pastas sobre a sua mesa e uso todas as forças para sair da sala sem falar nada. De alguma maneira, sei que é o que ele quer. Está querendo me tirar do sério.

Isso me lembra um pouco do dia em que estava chorando. Em um primeiro momento tentou me afastar sendo grosseiro. Contudo, fui tolerante o quanto pude, porque sabia que estava sofrendo. Com isso, consegui alcançar o Felipe que conhecia e a noite ele já estava bem.

“*Será que ele está tendo uma crise agora?*”, o pensamento vaga pela cabeça no momento em que me viro para sair de sua sala. É cabível, ele parou de tomar os remédios e acho que recordo de ter lido algo sobre irritabilidade nos sintomas da doença, mas é difícil saber, de toda forma.

Antes que possa pensar a respeito, giro os calcanhares mais uma vez e o encontro ainda olhando para mim. As mãos estão cruzadas sob o queixo. Está intimidante em sua poltrona *Charles Eames*, tanto quanto na foto da matéria que me mostrou enquanto estávamos viajando.

— Felipe... — murmuro, perdendo um pouco da coragem. — Está sem tomar remédio ainda? Noto sua sobrancelha arquear em uma fração de segundo e meu estômago revira.

“*Por favor, não seja grosso*”.

“*Por favor, não seja grosso*”.

“*Por favor, não se...*”

— Minha vida pessoal não te diz respeito — ele se levanta, caminhando até o frigobar. — Agora, pelo amor de Deus, pode trabalhar? É para isso que está aqui, até onde sei.

— Você vai continuar me tratando assim? — disparo, sem conseguir me conter.

Felipe se inclina para alcançar uma água, no entanto para no meio do caminho. Suas sobrancelhas se unem ao que ele me encara.

— Como estou te tratando? — pergunta com o seu tom cuidadoso que estou habituada e, por um momento, fico desnorreada.

Ignoro a sua pergunta, andando para mais perto de onde se encontra. A minha cabeça está uma loucura, a minha vontade é de chorar como fiz a madrugada inteira. Uso toda a força que me resta para me segurar. Não vou fazer isso aqui, seria humilhante e não posso dar esse gostinho para ele. Está me chateando de propósito.

— Você não é assim... — suspiro e de repente um cansaço enorme toma conta de mim. — Está misturando as coisas, isso não está certo.

— Ah, você quer falar sobre o que não está certo? — Sua voz tem um tom irônico doloroso. Ele não vai colaborar, posso sentir que não. Está possesso. — A única coisa que não está certa aqui é o fato de você não estar na maldita mesa que trabalha, parando de me encher o saco! — Ele cospe as palavras para mim.

— Você está descontrolado! — suspiro, desejando que ele me dê ouvidos.

O meu coração está dando nós por vê-lo dessa forma. Não entendo exatamente o que está acontecendo, mas juro que esse não é ele. Não o homem por quem me apaixonei.

— É sério, não está pensando com clareza — concluo, ao constatar que ele não vai me dar uma resposta.

— Eu quero que saia — ele diz simplesmente, voltando até a sua mesa com a água em uma das mãos.

Desapontamento me domina de uma vez só. Ainda que não queira chorar, sinto as lágrimas começarem a escorrer mornas pelas bochechas. Droga, sinto-me patética por isso. Esse é o menor dos problemas, porém.

— Agora — Felipe diz, com os olhos vidrados.

— Não — devolvo, perdendo o juízo. Sei que não estou em posição para confrontá-lo, mas realmente não me importo. Tomei uma decisão e não costumo voltar atrás nas coisas que decido. — Não até você conversar comigo sem ser um idiota.

— Sempre teimosa — ele murmura, aparentando estar tão cansado como eu. Acho que também não dormiu esta noite, agora que noto as olheiras arroxeadas que contornam seus olhos.

— Você não está bem! Parou de tomar os remédios e agora está surtando! Precisa me ouvir!

— Temos um cliente marcado para daqui vinte minutos e você está mesmo insistindo nisso agora?

Meus pés me levam ainda mais perto da mesa grandiosa de Felipe. Se ele soubesse o quanto estou irritada, iria pensar duas vezes antes de continuar me destratando. Meu coração está acelerado e as mãos estão suando frio, porém o resto do mundo parece ter parado de existir. Somos só nós dois nessa sala que, de repente, ficou pequena demais.

— Estou preocupada com você! Diz para mim o que está acontecendo?

Observo seus olhos fecharem ao passo em que suspira pesadamente. Suas mãos se cruzam sobre a mesa enquanto ele volta a me encarar, com a mesma postura impenetrável que usa com os clientes. Ótimo. Então vai ser mesmo assim.

— O que está acontecendo é que além de mimada você é inconveniente e está me tirando do sério. Não estou aqui por brincadeira, não foi assim que conquistei o que tenho hoje e não terei problemas em te mandar embora se continuar sendo incoerente com o ambiente de trabalho.

— Oh, não se preocupe com isso — graso, sentindo as lágrimas aumentarem a intensidade. — Eu saio por conta própria. Quero a minha demissão!

Os olhos azuis de frente para mim se estreitam, ao passo que os meus captam o movimento que

ele faz com a boca ao fisgar os lábios e me controlo para não continuar falando e falando desenfreadamente, como gostaria de fazer. O clima que permeia na sala é pesado, tornando o ar rarefeito.

— Você quer sua demissão? — Felipe repete, com um tom que beira o divertimento. “*Ele não está acreditando em mim*”, constato amargurada. É incrível o como eu levo a fama de ser teimosa quando, na verdade, ele é igualmente, se não mais.

— Foi isso que eu disse, não é? — devolvo, pagando na mesma moeda.

Com as mangas da blusa de lã, limpo as lágrimas que insistem em rolar pelas bochechas. Que droga de dia! Está chovendo, estamos brigados, estou deliberadamente pedindo demissão... Não acho que tenha como piorar, na verdade.

Capto uma nesga de dúvida em suas feições, fazendo-me ponderar se essa informação o deixa, de alguma forma, amedrontado com a situação. Será que ele vê, assim como eu, que uma vez que eu tenha saído daqui, nada mais nos mantém unidos? Quero dizer, pertencemos a realidades bem diferentes. Não é como se fôssemos nos esbarrar por aí o tempo todo.

Suspiro ao perceber que o deixei sem palavras. Aproveito o momento para externar a decisão que acabei de tomar.

— Não vou cumprir o aviso, também. Hoje é o meu último dia!

Minhas palavras o acertam com violência. Sei disso pela surpresa que vejo em seus traços perfeitos. “*Oh, parece que finalmente consegui te desarmar, não é?*”

Felipe dá uma rápida espiada no relógio preso em seu pulso, provavelmente conferindo quanto tempo ainda temos antes de o próximo cliente estar aqui. Ao que volta a me encarar, noto que seus olhos estão novamente obscurecidos.

Por um segundo, acreditei que a sua raiva tinha passado, mas agora percebo que as palavras reacenderam toda a sua ira em relação a mim.

Ao contrário do que imagino, no entanto, ele não me lança palavras grosseiras como veio fazendo desde que esta chuvosa manhã começou. Limita-se a dar nos ombros, com uma expressão de quem não dá a mínima.

— Como quiser — seu tom é suave, apesar de tudo.

Neste exato momento, Felipe aparenta ser anos mais velho. Está cansado e vejo isso. É engraçado pensar que passou a noite inteira acordado, tal como eu. É estranho que esteja sofrendo quando eu também estou. No fim das contas, seguimos sofrendo e piorando a situação.

Eu bem poderia pedir desculpas. Isso era antes de hoje. Ainda que eu tenha errado e ele tenha motivos para estar bravo comigo, estou com o orgulho ferido. Achei que pudéssemos resolver isso o quanto antes, mas vejo que Felipe está levando a sério o seu desapontamento.

Para ser honesta, realmente entendo o seu lado. Fico me perguntando se a situação fosse inversa. Eu gostaria que ele estivesse ganhando presentes de outra mulher? Gostaria de saber que ele a beijou? Ficaria feliz se descobrisse isso de fora e não por ele? Minha nossa, é claro que não! Eu possivelmente

nem teria dado chance para ele confirmar nada. Quanto mais se tivesse mentido como eu fiz!

Assim que ouço passos do lado de fora de sua sala, percebo que a nossa conversa chegou ao fim. Felipe balança a cabeça em negativa, demonstrando estar perplexo com a situação como um todo. Levanta-se de supetão e, ao passar por mim, sussurra perto da minha orelha:

— Não pode sair com esse rosto. Vá lá para cima e lave-o, depois você pode voltar.

Assinto com a cabeça e uso a saída de sua sala que leva ao restante da casa. Ele tem razão, não posso atender alguém chorando sem parar. Entro pelos aposentos que agora me parecem tão familiares, sentindo uma pontada no coração. Essa é mesmo a última vez que percorro esse caminho?

Torço para não encontrar Leonor pelos cômodos, ao menos nisso tenho sorte. Sem pensar exatamente no que estou fazendo, decido que quero usar o banheiro da suíte de Felipe, muito embora sua casa tenha pelo menos meia dúzia deles.

Tão logo entro na imensidão que é o seu esconderijo secreto, a minha vontade de chorar se torna ainda maior. As lembranças do final de semana incrível que tivemos ainda continuavam vívidas na mente... Não estou preparada para isso. Realmente não.

Deixo os dedos passarem pelo edredom macio de sua cama e antes que perceba, estou chorando como uma louca. Odeio a forma como estou sensível, mas odeio ainda mais ter que lidar com esse término. Logo agora que as coisas estavam bem. Eu só queria voltar atrás e fazer diferente. Ele não me dá a oportunidade que preciso e eu nem ao menos sei o que devo fazer.

Sento-me da beirada da cama, refletindo sobre os acontecimentos recentes. Além de tudo, ficarei desempregada. Esse emprego representava muito para mim. Tudo bem que estava longe de ser a minha área, contudo oferecia conforto e condizia com a minha rotina, assim como o que eu precisava.

O nó na garganta não vai embora nunca, enquanto reflito que estou realmente ferrada. Irei encontrar outra oportunidade como essa? Talvez não até me formar. A parte boa é que graças ao dinheiro da viagem, terei tempo de procurar alguma coisa com calma.

Pensar no dinheiro da viagem embrulha o meu estômago. Ainda acho que não é certo, mas conheço Felipe bem o suficiente para saber que não vai voltar atrás em relação a isso. Por mais irritado que esteja comigo.

Tombo o corpo para o lado, deitando encolhida em sua cama confortável. Abraço os joelhos e deixo as lágrimas escorrerem pelos meus olhos sem culpa. A melhor forma de fazer a dor passar é colocando para fora. Sei que tenho um tempo considerável até o cliente de Felipe ir embora. Até lá, imagino que não vá sentir a minha falta. Hoje é mesmo o último dia, por isso não é como se importasse eu estar lá em baixo ou em qualquer outro lugar.

De alguma forma, essas cobertas estão infestadas com o perfume intenso de Felipe. Inspiro profundamente, revirando os olhos ao sentir a fragrância. Tento memorizá-la, com saudades precoces. Embalada no cheiro que tanto gosto, acabo adormecendo depois de uma noite inteira em branco.



A primeira coisa que percebo ao abrir os olhos é que anoiteceu. Pisco algumas vezes, tentando me situar e lembrar como vim parar aqui. Santo Deus, quantas horas estive apagada?

Com um impulso, levanto-me da cama e me espreguiço, reparando que a chuva finalmente cessou. Ainda era de manhã quando subi ao quarto de Felipe. Por que ele não me acordou, no fim das contas?

Caminho até o banheiro e lavo o rosto, varrendo a sonolência para longe. Encontro-me imersa em uma sensação estranha, um vazio enorme... Meu último dia de trabalho passou e eu nem ao menos vi. Isso é injusto! Se esse é mesmo o último dia que vou vê-lo, então eu nem aproveitei. Mesmo que ele estivesse sendo um idiota.

Por algum motivo, imagino que Felipe deva estar em sua academia particular e, por isso, decido que esse será o meu destino. Meu sexto-sentido nunca costuma falhar e isso me poupa tempo procurando nesta casa gigante.

Assim como previ, ele está lá. Encontro-o deitado em um banco, fazendo supino. O movimento que faz com a barra e a forma como os seus músculos estão inchados é de tirar o fôlego. Nunca o tinha visto praticando exercícios antes e a visão é de encher os olhos.

Entro em passos silenciosos, não permitindo que ele perceba a minha chegada. Meus olhos demoram-se nos seus braços fortes, cuja manga da camisa fica justa a ponto de quase romper.

Recosto a cabeça contra a parede, meu único desejo é poder resolver as coisas. Já sinto a sua falta. Quero o seu toque protetor, quero seus lábios nos meus... Quero-o comigo, desesperadamente.

Como que lendo os meus pensamentos, Felipe abre os olhos, flagrando-me pelo imenso espelho em sua frente. Encaixa, então, a barra no suporte e se senta, com a respiração agitada.

— Não sabia que estava aqui — ele murmura, sem jeito. Uma de suas mãos vai até a nuca, coçando-a desajeitadamente.

— Acabei de chegar... — sussurro, tentando avaliar o estado de seu humor. — Por que me deixou dormir todas essas horas?

— Parecia cansada — ele inclina ligeiramente a cabeça para o lado. A expressão em seu rosto é de carência, que eu tanto amo. Como se pedisse silenciosamente por colo. Droga, isso torna tudo mais difícil.

— Eu estava — admito, sentando em um dos equipamentos. — Mas hoje era o meu último dia, eu podia ter organizado sua agenda, ou algo assim.

Felipe abaixa os olhos, mirando em direção aos sapatos. Ouço-o respirar fundo, ao passo em que esfrega o rosto algumas vezes.

— Você tem certeza que quer isso? — pergunta e sua voz é triste.

Não tive muito tempo para pensar, desde que dormi a tarde inteira quando deveria estar trabalhando. A verdade é que talvez seja realmente melhor. Não é saudável misturar as coisas. Sei que mesmo que ele não volte a me tratar com grosseria, cedo ou tarde vou acabar enlouquecendo tendo que trabalhar com ele e sabendo que não teremos mais nada. Imagine só marcar algum compromisso em sua

agenda com outra mulher... Caramba, não! Não consigo nem imaginar.

— Acho que é o melhor a se fazer...

— Tudo bem — sua voz é séria, ainda que o tom seja ameno. — Vou passar para o escritório amanhã cedo.

— Ok — sussurro, o nó na garganta é tão grande que quase me sufoca.

— Se não se importar em me esperar tomar banho, eu te levo até a sua casa. Já está tarde para ir sozinha — Felipe diz, erguendo-se do banco.

Adoro vê-lo usando calças de moletom. Contrastam com a visão séria que já tenho dele, e o deixam igualmente sexy.

— Não precisa se incomodar! — digo, distraída em meus pensamentos.

— Não é incomodo — ele dá nos ombros, seguindo para dentro de sua casa.

Sem pensar duas vezes, sigo os seus passos, mas, ao invés de acompanhá-lo até o quarto, contento-me em esperar na sala. Tenho que me acostumar a não tê-lo mais por perto, de toda forma.



Uma Visita

O frio é tão intenso que me sinto como se estivesse dentro de uma geladeira gigante. Nada contribui com o meu péssimo humor, exceto a mensagem que recebi de Vanessa a poucos minutos, dizendo que estava vindo aqui me visitar. Segundo ela, hoje será o meu ultimato para seguir em frente. Também pudera, já faz duas semanas desde que vi Felipe pela última vez. O encontro só se deu pelo fato de eu estar me desligando da empresa. Fui até a sua casa, assinei um punhado de papéis e então, com um sorriso amarelo, rumei pelo caminho de volta, segurando as lágrimas até chegar no meu apartamento.

A pior parte de tudo, é que dentro de mim sempre existiu uma nesga de esperança em relação a nós dois. Quero dizer, mesmo que Felipe estivesse furioso e provocativo, eu realmente acreditei que passado um momento de fúria ele acabaria tentando se reaproximar de mim.

No entanto, quanto mais os dias passavam, menos fazia sentido para mim do porquê eu acreditei nisso. Ele disse que me amava, mas que tipo de amor podia ser esse, já que estava conseguindo me esquecer com tanta facilidade?

No momento em que a ficha finalmente caiu e percebi que tudo tinha de fato terminado, foi um baque. Desde então, tudo o que tenho feito é andar de pijamas o dia todo, comendo brigadeiro e assistindo comédias românticas com finais felizes. É mais fácil acreditar que pelo menos para algumas pessoas as coisas dão certo.

Não vou dizer também que, vez ou outra, não derrame algumas lágrimas ao me lembrar dos nossos momentos juntos. Às vezes me pego revivendo alguma situação e, antes que perceba, estou encolhida no sofá, tentando entender como que em tão pouco tempo Felipe conseguiu criar raízes tão profundas em mim.

Tão logo a campainha toca, levanto-me do sofá em um pulo, com o coração batucando violentamente contra o peito. Meus olhos estudam o apartamento e sinto uma onda de culpa ao me dar conta da grossa camada de pó que reveste os móveis. Tenho estado abandonada, isso é verdade. Talvez a visita de Vanessa seja uma boa ideia, sendo ela tão espontânea e alegre como é.

— Céus, Madu, você está horrível! — é a primeira coisa que me diz assim que me afasto a porta.

Abro os braços, esperando que os seus me envolvam. O contato é acolhedor e, diferente de mim, Vanessa está estonteante como sempre. Seu perfume suave penetra as minhas narinas, lembrando-me de que preciso lavar o cabelo. Deve estar com um aspecto apavorante... Droga, estou mesmo uma bagunça. Isso é péssimo.

— Quem te vê nesse estado acha que você acabou de se divorciar depois de, sei lá, cinquenta anos casada — sua voz ressoa alegremente enquanto caminha para dentro do apartamento.

Não é como se eu tivesse em posição de negar, de toda forma. Não mesmo. Sei que estou deplorável, sei também que para alguém de fora pode parecer insano isso mexer tanto comigo. Entretanto,

tudo o que Felipe me provoca, ou a forma como consegue me deixar alucinada com tão pouco... sei que nosso relacionamento foi intenso o bastante para justificar o meu sofrimento. Mereço isso, ao menos. Já que estraguei tudo, nada é mais justo que apreciar a dor até que ela não exista mais.

— É assim que me sinto — admito, jogando-me contra o sofá.

— Eu sei amiga, mas não adianta nada ficar na fossa o resto da vida. Vamos lá, essa não é a Madu que eu conheço!

Observo-a abrir as janelas, deixando uma corrente de ar congelante circular pelo meu lar. Estremeço por alguns momentos e contenho o impulso de fechá-las novamente. Sei que é exatamente um empurrãozinho que estou precisando. Ela tem razão, não posso chorar o leite derramado para sempre. Além de que já está ficando patético. Preciso mesmo seguir em frente.

Respiro o ar puro, abraçando os joelhos. Tenho sorte por ter Vanessa, no fim das contas. Sei que deve ter trocado sua folga só para estar aqui comigo nessa tarde. Ela é demais.

— Bem, em minha defesa, eu estava pensando em viajar para a casa dos meus pais por um tempo — digo, por fim. — Aproveitando que não tenho mais um emprego e também que a UFPR está em greve... Seria bom para refrescar os pensamentos.

Ela me lança o seu melhor sorriso, de dentes muito brilhantes. Vejo em seus olhos castanhos que está honestamente feliz com as minhas palavras.

— É disso que estou falando! Bola para frente! — Sua companhia, aos poucos, vai trazendo a lucidez de volta para mim.

— E aí, quais os planos para hoje? — pergunto, decidindo que finalmente quero abandonar o meu esconderijo secreto e encarar o frio intenso lá de fora. Ao menos não está chovendo. E, para Curitiba, isso é uma coisa e tanto.

— Vamos para o Mueller, distrair um pouco a sua cabeça. Que tal um cinema? — ela me pergunta e nego categoricamente.

— Não aguento mais assistir filmes — disparo, levantando-me de supetão. — É sério, não aguento mesmo. Foi a cota para o ano inteiro.

— Podemos gastar um pouco de dinheiro, então... Sabe o que dizem né, o melhor remédio para curar a tristeza é um par de sapatos novos.

Suas palavras finalmente têm algum efeito sobre mim. Ouço a minha risada preencher o apartamento, como há muito não fazia. A sensação é reconfortante e, aos poucos, liberta-me da nuvem negra que me acorrentou nos últimos quinze dias. O bom é que Vanessa me conhece tanto depois desses três anos de cumplicidade... Só ela saberia o quanto isso me faz bem. Preciso mesmo comprar algumas calças. Não que eu realmente me sinta a melhor pessoa quando tenho as pernas cobertas, mas o fato é que esse inverno está vindo com tudo, e não posso simplesmente lutar contra isso.

— Bem, vou tentar dar um jeito em mim mesma — digo, indo em direção ao quarto.

— Ai amiga, não tem como fazer milagre, né? — ouço-a dizer da sala e solto uma gargalhada

gostosa, grata por ela estar aqui comigo.



Depois de horas andando e de ter comprado mais roupas do que eu gostaria, paramos para comer algo na praça de alimentação. Vanessa é do tipo fitness, por isso escolhe um sanduíche natural e suco detox. Fico me perguntando qual a graça em comer no shopping se for para ser isso.

Eu peço um combo de hambúrguer com batata e refrigerante, do maior e mais gorduroso que consigo encontrar. É disso que preciso. Tento ignorar o olhar de desaprovação que ela me lança quando apareço com a minha bandeja na nossa mesa, mas não é culpa minha que comer porcária é infinitamente melhor do que comida saudável.

Vanessa está com os longos cabelos negros torcidos em um coque no alto da cabeça enquanto se distraí com o seu sanduíche que não parece nem um pouco apetitoso. Fico me perguntando quanto tempo devia estar para vender, porque me recuso a acreditar que existam mais pessoas como a minha amiga geração saúde.

Dou uma abocanhada no sanduíche cheio de cheddar e bacon, dando-me conta de que consegui passar uma tarde inteira sem pensar em Felipe. Ok, falhei miseravelmente agora, mas isso já é um avanço. Talvez o melhor seja mesmo viajar e passar um tempo com a minha família e os meus amigos de infância, assim, quando for a hora de voltar para Curitiba, isso que vem me derrubando já terá ido embora. Ao menos quero ser otimista por pensar dessa forma.

De repente, um pensamento invade a minha mente de supetão. Preciso me reerguer e nada é melhor para isso do que um tapa no visual. Eu já vinha mesmo pensando em fazer algo com o cabelo, de toda forma.

— Nessa — chamo com a boca cheia, ganhando a sua atenção. — Você tem planos para essa noite?

— Não... O que quer fazer?

— Vamos passar no Lady&Lord e ver se eles têm um horário para mim? — pergunto, alcançando um punhado de batatas e tentando colocá-las todas de uma vez na boca.

— Madu, come isso direito! — Vanessa me repreende, apesar de estar rindo com a visão. “*Qual é, preciso estar à vontade*”, penso irritada. — Você quer fazer as unhas, ou algo assim?

— Não é uma ideia de todo ruim — admito, encarando minha mão abandonada. — Mas não, quero mudar o cabelo... Estou pensando em ficar loira.

— Uau, sério? — seus olhos escuros estão redondos de surpresa. — Assim, do nada?

Dou nos ombros, limpando a boca com um guardanapo. Por um momento, tenho a sensação de que Vanessa viu algo diferente atrás de mim, uma vez que se arrumou desconfortavelmente na cadeira.

Tento olhar por cima do ombro, no entanto ela volta a falar comigo.

— Você ficaria linda loira... Bem, ficaria linda de qualquer jeito. Mas por que assim tão de repente?

— Ah, olha *pra* mim! Estou um caco! — Gesticulo, tentando me fazer entender. — Nunca fui assim e não é agora que preciso ser... Desleixo não é muito a minha cara.

— Não mesmo — sua voz é distante e seus olhos continuam fixos no mesmo ponto.

— A próxima vez que eu cruzar com Felipe, ele vai se arrepender de não ter vindo atrás de mim. Vai ver o que está perdendo! — digo, em meio a risadas debochadas. Estou brincando e ela sabe disso, mas eu bem gostaria que fosse verdade.

Diferente do que esperava, contudo, Vanessa não me acompanha no riso. Isso me incomoda um pouco porque, no geral, estamos sempre rindo além do necessário.

— Podemos ir, então? Já terminou? — ela indaga com cautela. Isso não soa bem... O que ela está vendo, afinal de contas?

Giro o corpo novamente, tentando buscar o que a está deixando desconfortável dessa forma. Sigo a direção que seus olhos estavam mirando e não demoro muito tempo, dessa vez, até encontrar o que a estava afligindo.

— Oh — limito-me a dizer, reconhecendo Felipe sentado em uma mesa na outra extremidade da praça de alimentação.

Está realmente incrível com sua camisa de corte italiano e o colete por cima. Lindo como sempre é e intimidante também. Meu coração aperta violentamente, entretanto, assim que os meus olhos recaem para a mulher elegante com a qual está conversando tão entretido.

“Filho da mãe!”

Instantaneamente sinto o rosto queimar e o coração acelera com uma força preocupante. Maldito! Enquanto eu passo os meus dias lamentando o nosso fim, ele está com outra? Já?

A cor de Vanessa é drenada para fora do seu rosto, sei que ela está preocupada com qual será a minha reação. As minhas mãos encontram os cabelos e muitos pensamentos começam a me bombardear. Eu poderia ir até lá e gritar um punhado de palavras grosseiras sobre como me sinto agora. Ou ao menos poderia só passar lá e cumprimentá-lo, para que a minha presença fosse conhecida... Droga, isso machuca! Estou me sentindo enganada e a sensação é terrível.

— Madu... — a voz da minha melhor amiga me puxa das sombras para a realidade. — Deixa isso *pra* lá. Vamos lá no Lady&Lord... é o que você precisa.

— Mas Nessa... — suplico, lutando para não chorar em público. É humilhante para caramba descobrir que a pessoa que não sai dos meus pensamentos foi rápida em me tirar dos dela. — Ele não pode fazer isso comigo!

— Eu acho que não vai ajudar em nada você estar lá agora. Só vai piorar tudo, vai por mim — sua voz é cuidadosa e entendo que ela está sendo honesta com sua preocupação. — Sei que você está querendo gritar um pouco, eu te conheço. Mas você precisa me ouvir.

Suas palavras me fazem rir, apesar de tudo. Ela tem razão, no fundo eu só quero fazer um barraco para aliviar a raiva que estou sentindo. Sinto-me uma idiota por ter acreditado que ele gostava

verdadeiramente de mim. Seja lá o que tivermos, estou certa de que acabou. A única coisa que preciso é superar isso.

Assinto a contragosto, terminando o refrigerante em um só gole. Junto as sacolas, assim como a bolsa e sigo em direção à escada rolante, sem me importar em olhar para trás. É isso. Isso era o que eu precisava para seguir em frente. Acho que no fundo ainda tinha uma pequena esperança de que Felipe pudesse aparecer a qualquer momento no meu apartamento, com o seu melhor sorriso no rosto que derreteria as minhas pernas.

Agora, no entanto, a única coisa que sinto é raiva. Raiva de mim, raiva dele, raiva do que vivemos. Sei que não há maneiras de mudar o que já foi e mesmo que houvesse, eu não faria. E isso é o que me deixa mais irada. Eu devo ser algum tipo de masoquista.

Com Vanessa na minha cola, percorro o caminho todo em silêncio. Por sorte, ao chegamos finalmente no salão, descubro que eles têm alguns horários disponíveis. Estremeço momentaneamente, mas é ao me lembrar de Felipe com aquela mulher que junto todas as forças para decidir fazer a mudança. Preciso disso. Preciso mostrar para mim mesma que sempre existe um recomeço. Afinal de contas, sou a nova solteira do pedaço. Se eu continuar esse caco, vou continuar sendo solteira por muito tempo.

Num ímpeto de coragem, sinto que estou preparada. Tenho sorte por Nessa esperar comigo, porque sei que vai levar horas até que esteja livre.

Aproveito a minha falta de cautela com o dinheiro hoje e decido que preciso cuidar de mim. Eu mereço. Já que estou no inferno, por que não abraçar o diabo? Faço as unhas, tiro a sobrancelha e, quando depois de quase quatro horas o meu cabelo fica pronto, não me arrependo da fortuna que estou gastando. Porque não vejo dessa forma. Estou investindo em mim! Nada é mais justo que isso depois de uma quinzena de sofrimento.

— Uaaaau, Madu! — A voz de Vanessa ressoa, externando o meu sentimento. Eu não sei se é porque eu estava realmente ruim antes da transformação, mas o fato é que ficou incrível.

Percebo que estou sem respirar ao estudar pelo reflexo as madeixas quase platinadas, que caem pelos ombros em ondas suaves. Meus dedos instintivamente vão de encontro ao cabelo, movimentando-o enquanto tento me acostumar com a minha nova imagem. Estou me sentindo a mulher mais linda de Curitiba inteira. Isso é bom!

— Minha nossa, eu nunca mais quero ter outra cor de cabelo! — sorrio e o cabelereiro parece relaxar. Dou-me conta de que o meu silêncio o tinha deixado preocupado.

— Não é a primeira que diz isso! — ele sorri para mim, passando silicone nos fios, para finalizar seu demorado e satisfatório trabalho.

— Você ficou linda!! — Vanessa diz, com um sorriso no rosto. Vejo nos seus olhos que está exausta, contudo. Devo admitir que também estou, o dia foi longo. — Fiquei com um pouco de inveja!

Tão logo suas palavras pariam pelo ar, nós rimos feito duas crianças alegres. Meus pensamentos

vagam para o caco que eu estava ainda hoje e constato que foi realmente bom esse tempo que tivemos juntas. Ao menos já estou com a autoestima recuperada.



A pior parte de comprar muitas coisas quando não temos um carro, é que é um inferno carregar as sacolas em um ônibus apinhado de pessoas. Eu podia, pelo menos, ter chamado um táxi, mas achei que já tinha gastado muito. E, já que agora estou desempregada, tenho que fazer o dinheiro da viagem render até que arrume um bom emprego.

Ao pular para fora do ônibus, no meu ponto, a rua está deserta. Odeio estar na rua neste horário, por isso apresso o passo e quase corro em direção ao meu apartamento.

Com os fones de ouvido presos na orelha desde que saí do shopping, ouço o locutor fazer a chamada da próxima música: *Fireside* da banda *Arctic Monkeys*. Resolvi deixar na rádio do celular, para evitar as músicas de fossa que eventualmente acabaria escolhendo. Realmente não conheço nada dessa banda, mas assim que começa a tocar, é quase como se fosse uma grande piada com a minha cara.

*“Eu não consigo explicar, mas eu quero tentar
Existe essa imagem de você e eu
E ela vai dançando pela manhã
E pelo período noturno*

*Existem todos esses segredos que não consigo guardar
Como em meu coração existe aquela suíte de hotel
E você viveu lá muito tempo
É meio estranho agora que você se foi”*

A voz rouca e sexy do vocalista me embala junto dos arranjos de baixo, guitarra e bateria. Sinto como se as batidas do meu coração acompanhassem o ritmo da música e estou enlouquecendo com o fato de que parece ser para mim.

*“E eu pensei que era seu para sempre
Talvez eu estivesse enganado
Mas eu simplesmente não consigo passar o dia
Sem pensar em você, ultimamente”*

Algumas gotas de chuva começam a irromper do céu, por isso aperto o passo ainda mais, desejando chegar antes que a chuva engrosse. O dia foi tão bom, não preciso que ele encerre sendo um desastre. Essa música é incrivelmente desconcertante. Eu poderia ouvi-la em qualquer outra época da

vida e não teria me acertado tão em cheio como neste momento.

Ao virar a esquina que dá para a minha rua, sinto o coração parar por alguns segundos. Na frente do prédio em que moro, está estacionada uma Mercedes branca que já conheço bem demais. Isso definitivamente é uma piada do universo!

“O que ele está fazendo aqui? Por que agora?”

Respiro fundo e automaticamente diminuo a velocidade, tentando me preparar para isso. Arranco os fones de ouvido, guardando-os dentro da bolsa. Então perco a força nas pernas em uma fração de segundo, e sinto como se pudesse tombar a qualquer momento. Isso não estava nos planos, não sei o que fazer!

Quanto mais me aproximo do carro de Felipe, menos coragem tenho. Decido que vou fingir que não o vi. Tudo bem, a ideia parece estúpida, mas não sei se consigo fingir que está tudo ok e que a vida está uma maravilha, quando na verdade não está.

Sigo pela calçada e, quando finalmente alcanço o seu carro, noto que a janela está aberta. Felipe está segurando o volante com as duas mãos e sua testa repousa sobre ele.

Comovida pela visão, permito-me parar ao lado do veículo, deixando que meus olhos captem o máximo de detalhes possíveis. Seus cabelos dourados brilhando com a luz dos postes, suas mãos bem cuidadas apertando com tanta força o volante. A forma como fica incrível vestindo coletes...

Então me lembro do quanto ele parecia absorto na conversa com a mulher que o acompanhava hoje e isso me deixa destruída. *“Ele acha que sou o quê?”*

Respiro fundo e começo a girar os calcanhares em direção à entrada. No entanto, mais uma vez por ironia do destino, Felipe ergue o rosto, quase como se tivesse sentido a minha presença.

Nossos olhos se encontram e sou capaz de afirmar que nosso contato visual é tão intenso quanto uma corrente elétrica. De repente, os músculos de todo o meu corpo começam a formigar e a minha cabeça flutua para longe.

Sua expressão é indecifrável e isso me irrita um pouco. Por que ele tem que ser tão complicado? Sem perceber o que estou fazendo, arrisco um passo para mais perto do carro. Consigo sentir o seu perfume aqui de fora e é tão delicioso... Como sinto falta de estar envolta por seus braços protetores, de sentir o seu beijo, ou do contato de suas mãos grandes contra a minha pele. Santo Deus, não estou preparada para isso.

— O que está fazendo aqui? — indago, com a voz me traindo. Ela entrega o quanto estou atordoada com a sua visita.

Felipe dá nos ombros, com aquela merda de expressão pedindo colo que me deixa sem fôlego.

— Podemos conversar? — ele responde a pergunta com outra.

— Não temos nada para falar! — explodo, fazendo-o arregalar os olhos em surpresa.

Não era exatamente essa a resposta que tinha imaginado nos meus devaneios. Nas diversas vezes em que fantasiei o nosso reencontro, eu sempre era mais gentil. A verdade, entretanto, é que estou com o

orgulho ferido. Vê-lo com outra mulher depois de quinze dias sem me procurar foi doloroso o suficiente. Não vou facilitar para ele, ainda que isso signifique que vou sofrer igualmente.

Felipe rola os olhos em suas órbitas e noto que seus dedos estão batucando de maneira impaciente contra o volante.

— Por favor, pode deixar de ser teimosa e entrar nesse carro?

Oi? Como ele pode ser assim? Ele acha que pode simplesmente chegar e me falar o que fazer? Não, as coisas não serão do jeito dele!

— Não — digo simplesmente, como uma criança mimada.

Sinto as bochechas queimarem sob o seu olhar intenso. Suas íris azuis parecem travar uma batalha no mais íntimo do seu ser. Observo-o cobrir o rosto com as mãos, respirando fundo. Percebo sua impaciência.

Penso por um milésimo de segundo no quanto desejei esse encontro. A forma como ansiei que ele me procurasse, tendo em vista que eu me recusava a fazê-lo. Mesmo que fosse apenas para colocarmos um ponto final, definitivamente. Por esses dias, foi tudo o que eu mais quis.

Ele está aqui, indo contra o seu ímpeto de se esconder sob sua camada impenetrável, onde não me mostra o que sente ou pensa. Está aqui por um motivo e decido que quero descobrir esse motivo.

Sem falar palavra alguma, abro a porta de trás, onde deixo as sacolas. O alívio é imediato, afinal elas estavam pesadas. Contorno o carro em passos decididos e entro na sua Mercedes, sentando-me no banco de passageiro.

Contenho um sorriso amargo ao me lembrar de quando ele veio aqui me buscar e me levou no meio do nada... Minha nossa, para o bem da nossa conversa, preciso afastar esses pensamentos. O problema é que sua presença me afeta demasiadamente. Isso é perigoso.

Ao contrário do que pensava, no entanto, Felipe não arranca com o carro. Apenas inclina o banco para trás, cruzando os braços sobre o peito. Ao virar o seu rosto em minha direção, sinto cada músculo do corpo vacilar.

— Você está linda... — ele sussurra e leva a mão direita até o meu cabelo, sem a minha permissão. Seus dedos se enroscam brevemente em uma onda loira que pende sobre o meu rosto, torcendo-a com leveza. — Ficou muito bem em você!

Fecho os olhos, lutando para me manter firme. O fato é que estou a ponto de surtar. As sensações que ele me provoca conseguem se sobressair em relação a minha mágoa.

— O que você está fazendo aqui? — Ouço a minha voz pairar entre nós dois, e estou feliz por me impor. Se ele achava que eu iria desistir de descobrir isso, estava enganado.

— O que você acha? — Sua voz é um pouco mais áspera do que eu gostaria. Acho que ele também notou, uma vez que se corrige. — Vim te ver!

— E por que só agora? Já passou um tempo considerável — ergo as pálpebras, encontrando os seus olhos me encarando de volta.

Percebo pela sua expressão que ele está lutando para conseguir falar e isso me desarma completamente. Felipe gira o seu rosto para o outro lado, evitando me encarar e então ouço a sua voz sair num sussurro:

— Não é só agora... Tenho vindo todas as noites desde que você foi assinar sua rescisão.

“Ah. Meu. Deus”.



Cantando Pneu

A temperatura do carro sobe drasticamente ao passo em que o meu mundo gira depressa. Felipe tem o dom de me levar sempre ao ápice dos sentimentos.

— O quê? — pergunto, mas não o dou tempo de responder. — Vindo aqui? Não faz sentido! Por que nunca subiu?

— Não é tão fácil quanto parece... — ele encolhe os ombros, ainda olhando para o outro lado.

Muito embora seus olhos sejam demasiadamente intensos, eu preferia que estivessem em mim. Assim, ao menos, eu poderia captar um pouco do que está pensando.

— Você me quebrou — suas palavras vêm aos sussurros. — Mas eu sinto a sua falta.

Por mais que o gesto dele seja incrível, uma onda de raiva me toma de supetão. Por que estou reagindo assim a aproximação dele? A verdade é que as minhas orelhas estão queimando quando o observo olhar janela afora. Sem que possa evitar, deixo a pergunta que está me incomodando escapar pelos lábios.

— Então, se eu não tivesse passado por aqui hoje, você teria continuado vindo aqui todas as noites sem nunca falar comigo?

O seu silêncio é desconcertante. Felipe, o advogado intimidante e poderoso com quem convivi, raramente ficava tão vulnerável como agora. Qual o problema?

— Parece mentira. — Ouço-me dizer e, finalmente, ganho a sua atenção outra vez.

Seus olhos estão brilhantes e é quase impossível desviar deles. Felipe une as sobrancelhas, parecendo bravo com as minhas últimas palavras.

— Por que acha que estou mentindo? — pergunta e no mesmo momento, noto que o seu tom já esfriou um pouco. *“Muito bem... Lá vamos nós”*.

— Não sei... — digo, perdendo um pouco da coragem.

Ouço-o respirar fundo, para logo em seguida cruzar as mãos sobre o volante.

— Vai continuar na defensiva? — sua voz indica o quanto está cansado. Tanto quanto no dia em que pedi a demissão.

Isso tudo é uma enorme bagunça e não sei realmente o que pensar.

— Você me parece muito bem — falo por fim. — Quero dizer, *pra* mim é quase como se depois de duas semanas você tivesse sentindo falta de alguém para passar um tempo e daí se lembrou que eu existo.

Caramba. O que está acontecendo comigo? Eu sinto tanto a falta dele, no entanto quanto mais segundos passam dentro deste carro, mais o clima fica tenso. As palavras estão pulando para fora da minha boca e sinto que apesar de sua confissão, estou chateada porque estamos lutando contra os nossos sentimentos. Podia ser tudo mais fácil. Mas porque, não é?

— Se existe alguém que parece ter superado aqui, esse alguém é você.

Seus olhos passam de mim para as sacolas em um movimento ligeiro. Estreito os olhos, ao mesmo tempo comovida e desconcertada com o seu julgamento. Se ele tivesse me visto no shopping mais cedo saberia que eu estava longe de estar bem, ainda hoje. O fato de eu ter ficado na fossa era puramente por culpa dele.

Inferno, Felipe está me tirando do sério. Toda hora me lembro dele conversando com aquela vadia e sinto o sangue ferver. Ele deve ter me visto sair da praça... Isso definitivamente é um joguinho idiota. Eu não posso com isso.

— Se você veio aqui para jogar qualquer coisa na minha cara, então acho melhor eu subir.

Percebo que Felipe aumenta a força nas mãos entrelaçadas, uma vez que os nós dos seus dedos estão ficando esbranquiçados. O mais irritante é que por mais que eu sinta a tensão que emana dele, ele luta o máximo possível para que eu não saiba. É sempre muito complexo entender o que se passa pela mente deste homem enigmático ao meu lado e mesmo os raros momentos em que se abre para mim duram muito pouco.

— Por que está tornando tudo mais difícil? — a forma como pergunta esconde um vestígio de tristeza.

Meu coração batuca ferozmente enquanto o observo decidir até que ponto vai expor o que está passando.

— Eu estou aqui, não estou? — ele continua e reconheço a irritação por trás de sua voz. — Por mais que eu não quisesse, não tenho a merda de uma escolha. Toda hora que fecho os olhos, a única coisa que consigo imaginar é que você me enganou, mesmo depois de te avisar que não divido nada que é meu.

— Eu não queria nada com ele!

— É mesmo? — Felipe indaga, com a voz ficando mais alta a cada segundo. — Se a situação fosse o contrário, como estaríamos? Eu devo ser um idiota!

O ar ficou completamente rarefeito. Mal posso respirar aqui dentro. A tensão entre nós é quase palpável. Minha cabeça começou a martelar e já começo a acreditar que foi um erro ter entrado aqui.

— Eu te vi no Mueller hoje — digo simplesmente.

Ao contrário do que previ, no entanto, Felipe não demonstra ter ficado abalado. Dado o nosso silêncio constrangedor, ele balança a cabeça, como se perguntasse silenciosamente “*e daí?*”.

Esse gesto é o suficiente para me afundar em uma nuvem negra novamente. É doloroso saber que ele acha que não tem importância o fato de ter passado a tarde na companhia de outra mulher e que agora pode apenas chegar aqui e me contar uma historinha idiota de que tem vindo todas as noites me procurar.

Quero bater no seu rosto perfeito até ele deixar de ser assim!

— Eu te vi na droga no shopping e você estava com outra! — explodo, gesticulando loucamente para me fazer entender. — Como você acha que eu me sinto sabendo que enquanto sofro diariamente pelo nosso término, você está seguindo em frente assim tão fácil? Achei que me amava!

— Hey, calma! — ele suspira, segurando os meus pulsos com as suas mãos grandes. Percebo o quão inabalado está. — Não é isso. Por que não me perguntou sobre ela, se isso estava te incomodando?

— Porque eu não sou idiota! Eu penso o suficiente para ligar os pontos! — Cuspo as palavras, sentindo-me cada vez mais infantil e humilhada.

Meu único desejo neste momento é disparar para fora deste carro. Chega, ele já mexeu demais comigo. Preciso vestir os meus pijamas e assistir mais um punhado de comédias românticas no *Netflix*.

— Bem, eu fiquei sabendo de tudo pelo próprio Renato e ainda assim te dei uma chance de se explicar. Mesmo depois de você mentir *pra* mim, eu ainda estive disposto a te ouvir. Não acha que mereço o mesmo? Depois você pode tirar as suas próprias conclusões, assim como tirei as minhas.

Estremeço sob o seu olhar penetrante e aquiesço.

— Aquela era a minha psicóloga.

— No shopping? — Incredulidade passa pela minha voz.

— Odeio estar no consultório... por isso sempre nos encontramos por fora — ele me presenteia com um sorriso sincero. — Desde os quinze anos frequentando tantos lugares parecidos... Acabei pegando aversão.

Suas palavras penetram os meus tímpanos, deixando-me subitamente envergonhada. É tudo tão confuso, Felipe é tão complicado. Nossa relação é complicada. Ou ao menos, passou a ser.

Esfrego o rosto com as palmas das mãos, mentalizando que queria estar em qualquer outro lugar do mundo. Estou magoada com a situação toda. Renato criou tudo isso e a única coisa que desejo é gritar com ele até que a raiva que estou sentindo passe.

No entanto, a culpa é minha. Eu escondi isso de Felipe e sei que se a situação fosse inversa eu provavelmente não teria mais olhado na cara dele.

Preciso de um tempo. Isso é o que eu sinto. Preciso viajar para a minha cidade e colocar a cabeça no lugar. Não posso simplesmente ceder, porque me lembro da forma como ele foi grosseiro comigo no seu escritório e isso ainda machuca. Ainda que eu tenha errado, não sou a única nesse jogo que foi contra as regras. Ele também errou.

— Preciso subir — digo por fim e vejo a surpresa em seus olhos cristalinos.

Desapontamento toma os seus traços, conferindo-lhe anos a mais. Droga, sinto muito por isso. Realmente sinto. Venho desejado estar nos braços de Felipe desde que nos separamos, mas agora que estamos perto da reconciliação, não parece tão simples na prática como é na teoria.

— Madu... — ele geme e vejo que está ultrapassando os limites de seu orgulho. Está relutando contra o desejo de se esconder em sua camada de “não me toque”.

Sua mão direita vem de encontro à minha coxa e eu deixo-a permanecer ali. O contato leva uma corrente elétrica para todo o corpo, deixando-me cheia de saudades. Minha nossa, por que estou fazendo isso? Porque não consigo simplesmente ceder?

— Seria mais fácil se você se abrisse mais comigo... — minhas palavras surpreendem a nós dois.

Acho que no fundo estou farta de não saber nada sobre sua vida além daquilo que ele me deixa saber. — Nunca sei o que está sentindo ou pensando...

— Por um acaso você é exatamente assim, também — Felipe suspira, virando novamente o seu rosto em direção à janela, para cortar o nosso contato visual. — Acho que você não tem ideia do quanto não me mostra nada. Estar aqui é contra tudo o que eu sou, mas eu estou. E mesmo assim você não colabora!

Suas palavras atropelam umas as outras, tamanha é a velocidade com a qual ele as cospe. Percebo que o estou deixando triste e isso também machuca em mim.

— Isso não tem como dar certo — murmuro, contra a vontade. — Somos muito diferentes, nós dois sabemos disso.

— Você só pode estar brincando comigo... — ele sussurra, ainda sem me encarar.

Meu corpo todo estremece e tenho a sensação de que ele foi para o quarto escuro de sua mente. Desejando não piorar as coisas um pouco mais, abro a porta do carro, provocando um estalido doloroso. Isso é o fim.

Eu sou uma idiota por estar fazendo isso. Eu o amo demais, mas a minha vida ficou tão intensa. Foi tão complicado passar esse tempo longe dele para que simplesmente chegue aqui achando que tudo vai ficar ok tão facilmente.

Muitas coisas passam pelos meus pensamentos... Ele preferiu acreditar em Renato. Não em mim. Ainda que tenha me dado o benefício da dúvida, preferiu seguir em frente. Não me deu um voto de confiança. Eu sei que não merecia, no entanto isso não torna menos doloroso.

Se eu tivesse permanecido trabalhando para ele, o quão ruim estaria a nossa convivência? Talvez estivéssemos nos xingando nesta altura do campeonato.

Dou a volta no carro e pego as sacolas, notando toda a tensão no corpo de Felipe. Meus olhos captam o leve tremor em seus dedos e a forma como a sua respiração parece aumentar a velocidade a cada segundo. Ele não está bem. E se isso é o que eu causei nele, então realmente devemos nos separar. Ao menos por ora, tudo o que preciso é refletir.

Tão logo fecho a porta de trás e me preparo para entrar no prédio, sua voz vem fria e sem emoção de encontro aos meus tímpanos:

— Eu não vou mais persistir. Não além disso. Saiba que se você virar as costas agora, isso não tem mais volta.

— Talvez seja isso que a gente precisa — devolvo, fazendo-o revirar os olhos.

— Tudo bem, Maria Eduarda. Espero que não se arrependa.

Suas palavras pairam ao meu redor por segundos a fio, ao passo em que o observo arrancar com o carro, cantando os pneus.

“Droga, o que foi que eu fiz?”



Sonho

O telefone vibra, fazendo-me pular de susto. Faz horas que estou entretida com a mala, de forma que até me esqueci do resto do mundo. Corro até o celular, pegando-o na mão com expectativa. Vejo a foto de Vanessa me chamando pelo WhatsApp e domino um sorriso. Eu sabia que ela iria falar comigo depois de eu avisá-la que vou para a minha cidade amanhã.

“Vou sentir saudades...Você está legal?”. Fecho os olhos por alguns segundos, lembrando-me da noite anterior. Incrivelmente, estou bem. Achei que voltaria para a fossa, mas a verdade é que me conformei com o rumo que as coisas levaram. Talvez o melhor fosse isso mesmo. Hesito por um momento, mas então decido contar-lhe sobre a visita que tive depois no nosso passeio no shopping.

“Estou bem, amiga. O Felipe estava me esperando aqui ontem, para conversar comigo” meus dedos digitam apressados no celular. Assim que a vejo começar a digitar, apresso-me para enviar antes dela: *“Está tudo terminado. Decidi que precisava de um tempo, de toda a forma”*.

A lembrança da maneira como ele demonstrou estar com raiva no momento em que saí do carro... jamais vou me esquecer. Mas não é como se me arrependesse, também. Não totalmente, e não agora. Talvez mais tarde a ficha caia e eu me assuste, contudo esse é o melhor para mim, ao menos por ora, sei disso.

Ao pensar nos quinze dias de luto que tive depois de pedir as contas e no tanto que sofri... Simplesmente não me parece normal. Ainda que tente me convencer de que é por amá-lo demais, não desce. A verdade é que desde o dia em que o conheci venho nutrindo algo muito grande por ele. Fiquei apaixonada logo de cara e quando finalmente o tive para mim, parecia bom demais para acreditar. Esse é o problema. Não o fato de eu ter me entregado completamente, mas sim de me tornar dependente de Felipe emocionalmente.

Antes de ter qualquer tipo de relacionamento o que eu preciso é me entender e me encontrar. Sempre acreditei que estava no controle, mas era bem o oposto disso.

Sei que talvez as coisas fossem mais fáceis se não fôssemos tão orgulhosos. No entanto, é mais difícil admitir um erro desde que você não é o único culpado. Eu tive tanto medo de interferir no trabalho de Felipe, que acabei interferindo no nosso relacionamento. Se eu pudesse voltar atrás e corrigir, tenho certeza de que teria contado sobre Renato no mesmo dia em que ele voltou ao Fasano, para me importunar. Mas a grande questão é que não posso. As coisas nunca funcionam dessa forma, por mais que eu gostaria que sim.

No dia em que Felipe me confrontou a respeito das flores, eu fiquei tão assustada que menti sobre uma coisa idiota. Esse foi o maior dos problemas, porque não se pode corrigir um erro com outro. O fato de eu ter mentido fez parecer que estava mesmo escondendo alguma coisa importante, mas o que realmente machuca é que Felipe não me deu uma chance. Ele apenas virou as coisas e me deixou para

trás, preferiu acreditar em um homem que destruiu o nosso relacionamento. Para ele foi mais fácil acreditar que eu o traí do que o contrário.

E, por mais que eu tente meter na cabeça que ele me tratou mal no trabalho por causa da sua doença, lembro toda a sua frieza e ela me machuca. Como eu poderia seguir em frente sem colocar os pontos nos is? Quero dizer, ele parou com o remédio por conta própria, disse que eu tinha que confiar nele. Por mais que estivéssemos brigados e ele tivesse motivos para estar nervoso, estávamos em ambiente de trabalho. Foi injusto agir daquela forma, porque eu realmente não teria para onde correr. Foi exatamente o que aconteceu. Toda a sua grosseria latente foi de graça, em um ambiente que deveria ser neutro. Se eu simplesmente deixasse isso para lá, quantas outras vezes teríamos situações parecidas? Em quantas outras vezes ele iria descontar sua raiva em mim e ser um ogro?

Eu pedi demissão e ele não fez nada além de aceitar. Nunca mais me procurou ao passo em que eu definhava sozinha no meu apartamento. Se ele foi dia após dia na frente do prédio me esperar, o que custava apertar a droga do interfone e me avisar que estava ali? Quem sabe não teria sido diferente?

A questão é que estou cansada de me sentir por fora de sua vida. Quem é Felipe Antunes? É o advogado criminalista para quem trabalhei por um curto período de tempo. Aliás, um vergonhoso período que só vai manchar a minha carteira, mas esse é o menor dos problemas neste momento. No entanto, o que quero realmente dizer é: quem é o Felipe pessoa, e não o Felipe profissional? O que aconteceu aos seus quinze anos? Porque ele é doente? Sobre o que ele e a sua mãe estavam falando na noite em que conheci os seus pais? Por que ele não queria se envolver comigo no começo e me disse que não era o homem certo para mim? Por que têm tantos mistérios o rondando, no fim das contas? Qual o maldito problema dele em me dizer claramente o que está acontecendo?

Céus, somente pensar a respeito me deixa zozona. Preciso desse tempo não por ele, não pela Vanessa e não pelos meus pais. Preciso desse tempo por mim. Preciso desse tempo para entender toda essa bagunça que a gente se meteu. Preciso desse tempo para me perdoar pelos meus erros e para seguir em frente. Preciso desse tempo para parar de me sentir essa criança birrenta que só aceita as coisas do jeito dela.

O celular vibra outra vez, chamando-me para a realidade novamente: *“E o que ele disse? Quem era aquela mulher com ele?”*, Vanessa me questiona do outro lado da linha, ao que meus dedos digitam sem vontade: *“Era a psicóloga dele... E ele me disse que não tinha mais volta”*.

Dobro mais algumas mudas de roupa até que a sua resposta chegue: *“Nossa. Sinto muito... Você está mesmo bem?”*. Essa é uma boa pergunta. Talvez eu esteja mais anestesiada do que bem. Acho que uma quinzena foi um período e tanto de sofrimento e não é como se eu precisasse de mais. Estou me proibindo de derramar mais uma lágrima sequer para Felipe, ou qualquer outro homem que seja.

“Estou bem, tirando que vou ficar por longas oito horas dentro do ônibus amanhã...” respondo, desejando mudar de assunto desesperadamente.



Aprendendo com a lição que a viagem até São Paulo me deu, engulo um Dramin na rodoviária, esperando o ônibus chegar. Será uma longa viagem e o que menos preciso é passar mal e vomitar sem ter ninguém para me consolar.

Esse é o dia mais frio do ano até aqui, por isso estou tremendo feito uma louca no momento em que finalmente chega o veículo que me levará de volta para Cianorte, onde vivi vinte anos da minha vida. Corro entre o massivo grupo de pessoas que se formou para colocar as malas no bagageiro e, com sorte, consigo ser uma das primeiras a despachar os pertences.

Entro no ônibus já me sentindo severamente sonolenta. É incrível o quanto esse remédio me faz capotar tão rápido e tão intensamente. A parte boa é que as oito intermináveis horas passarão voando desta forma.

Aconchego-me no meu lugar, na fileira que fica atrás do motorista, na poltrona ao lado da janela. Não que vá realmente fazer diferença para mim, mas esse é o lugar que costumo escolher sempre que viajo de ônibus eventualmente. Já faz um tempo desde que visitei a minha família a última vez, por isso estou mais do que animada para estar de volta. As últimas semanas foram turbulentas demais para mim. Preciso estar em um lugar onde as preocupações desapareçam.

Durmo assim que o ônibus começa a andar, mas ao contrário do que gostaria, não tenho um sono calmo e reparador. Ao invés disso, Renato aparece nos meus sonhos, com o seu sorriso esnobe e a sua maneira incisiva de cortejar uma mulher. Estamos na piscina, ele me segura pelos quadris e estou incomodada com a liberdade que não lhe dei. Algo neste sonho é nostálgico, mas algo não é, e não consigo entender por quê. Quando ele começa a me beijar, já anoiteceu e estamos brincando de não fazer barulho algum. Renato mergulha e tento correr do seu toque. Mas ele é tão persistente... Minha nossa, ele não sabe ouvir um não.

Suas risadas ressoam alto pelo ambiente enquanto ouço um barulho de cortar o coração. Felipe está chorando de maneira desesperada, como quando o encontrei na academia. Preciso fazer algo a respeito, no entanto não consigo encontrá-lo!

Começo a lutar para sair da piscina, mas quanto mais me esforço, mais difícil se torna. O choro de Felipe é desconcertante e triste. Ele puxa o ar em uivadas desoladas, que se misturam com as gargalhadas irritantes de Renato. Preciso ajudá-lo! Ele aparenta estar desconsolado e não há nada que eu possa fazer até que saia daqui.

Então o barulho de saltos-altos ressoa pelo deque de madeira que circunda a piscina, sobressaindo-se sobre os demais ruídos. Vindo em minha direção está a mesma mulher que vi com Felipe no shopping: os cabelos vermelhos caindo em ondas até a altura dos ombros e os olhos castanhos vibrantes e muito grandes. Está com um arranjo de orquídeas vermelhas nos braços, cuja a intensidade da cor ofusca a visão.

— Eu nunca me esqueço de uma dívida, Madu! — a voz de Renato sussurra através da minha orelha, fazendo-me vacilar.

Preciso sair dessa piscina... Preciso encontrar Felipe... Preciso resolver essa bagunça... Mas a água está subindo e me encontro incapaz de me mover. Vou me afogar, sei disso.

O mundo gira ao que sou engolida pela água e, por um milésimo de segundo, quase posso sentir a dor latejante da água invadindo os meus pulmões.

Acordo sem fôlego com um par de olhos castanhos-esverdeados me encarando de volta. Endireito-me no banco e olho em volta para notar que todos já desceram do ônibus. Sobramos só eu e essa menina que acabou de me acordar.

— Achei que não acordaria sozinha... — ela diz com um sorriso tímido. — Acabamos de chegar em Cianorte.

— Oh, obrigada! — respondo, envergonhada.

Ainda bem que ela teve a bondade de me chamar. Seria ainda mais vergonhoso ser acordada pelo motorista. Sigo-a para fora do veículo e pego a minha enorme mala verde-água. Não preciso caminhar muito para encontrar os meus pais. Estão sentados nos bancos de espera dessa minúscula rodoviária, e, ao me verem, levantam-se de uma vez, com sorrisos largos tomando os lábios.



Cianorte é uma cidade pequena demais para o meu gosto. Sempre me senti um pouco aprisionada aqui, e no íntimo, sempre soube que acabaria indo para longe. Tem muita gente que não se importa, enquanto que uns até mesmo preferem a tranquilidade. Eu não percebi o quanto me incomodava viver aqui até que me mudei para Curitiba. Lá é tudo diferente. Desde que pisei na cidade cinzenta em que moro há três anos, soube que amava aquele lugar.

Já ouvi dizer que Curitiba é para os curitibanos e para mim isso tem um sentido especial: não são todos que amam essa cidade, mas quem ama jamais quer sair de lá.

Por isso, cada vez que volto para Cianorte, ainda que esteja completamente feliz em me encontrar com aqueles que mais amo na vida, uma sensação engraçada me acompanha. Como se eu não pertencesse a essa pequenina cidade, recheada de nostalgia e lembranças de uma infância pacata. Dessa vez, no entanto, eu não podia estar mais em casa.

Em primeiro lugar, foi um alívio descobrir que aqui estava bem mais ameno do que na capital. Santo Deus, se existe algo que eu definitivamente não gosto lá é o clima complicado, mas aqui não. Aqui estava tudo como sempre, e essa foi a parte mais reconfortante.

Foi difícil, logo que cheguei, ter que encarar os meus pais e entregar-lhes a justificativa que mereciam por eu estar para cá. Quero dizer, por mais que a UFPR ainda estivesse em greve, era esperado que eu estivesse trabalhando. E, uma vez que não tinha mais um emprego, eles queriam entender o porquê.

Fui criada de uma forma tão aberta que nunca existiram segredos entre nenhum de nós. Enquanto via muitas amigas tendo um péssimo relacionamento com a família, eu não podia me queixar da minha. Amor, respeito e diálogo foram abundantes em minha vida e como uma troca justa, eu os deixava a parte

de tudo.

Contei-lhes sobre o meu relacionamento com Felipe. Para o meu pai foi mais por cima, mas a minha mãe era a minha melhor amiga desde sempre. Eu não poderia esconder nada dela, nem mesmo se quisesse.

Confessei que tudo tinha começado na viagem, inclusive o assédio de Renato. Não poupei nenhum detalhe, porque sabia que ela não me julgaria e estaria disposta a me aconselhar da melhor maneira possível. Contei sobre a doença de Felipe, sobre quando conheci os seus pais e ele me disse que me amava. Contei toda a nossa história até o momento em que ele arrancou com o seu carro, alguns dias atrás.

O lado bom de colocar todas aquelas lembranças para fora é que eu tirava um peso enorme das costas. Contando para ela, pude enxergar vários pontos que até então não via.

O nosso relacionamento começou já de uma maneira estranha. Era mais como uma brincadeira de gato e rato, onde nos provocávamos, mas nunca admitíamos os nossos sentimentos. O tempo foi passando e nos envolvíamos sempre um pouco mais, no entanto o nosso diálogo era problemático e escasso. Eu só sabia aquilo que Felipe me deixava saber, assim como ele só sabia o que eu lhe permitia.

Eu estava com medo do que a minha mãe me diria depois de ouvir o meu monólogo. A primeira coisa que ela fez foi perguntar se eu verdadeiramente o amava. Sendo ela a mãe presente que é, tenho certeza de que sempre soube o quanto eu nunca realmente me envolvi em outros relacionamentos. Talvez ela me conhecesse bem o bastante para perceber o quão intenso era aquilo que vinha nutrindo pelo Felipe, ou talvez apenas fosse óbvio para todos.

Depois da minha resposta, ela me disse que o problema é que nenhum de nós queria ceder. Ambos estávamos equivocados, mas não nos dávamos a oportunidade de reparar os erros. Ela me explicou que orgulho não levava a nada se não a destruição e encerrou dizendo que nada era melhor para curar uma ferida do que o tempo.

— Dê tempo ao tempo, querida — foi o que disse, com a voz calma e experiente de alguém que sabe das coisas.

Mesmo horas depois de ela ter me deixado no meu antigo quarto, continuei refletindo sobre as suas palavras. Cada vez me sentia menos culpada por ter virado as costas ao Felipe e a tristeza também ia embora.

Talvez tempo fosse, de fato, o que precisávamos. Desde que começamos a nos envolver, nunca realmente soubemos o que era estar longe um do outro. Fosse no trabalho, ou na casa dele, qual de nós podia respirar?

Aproveitei as merecidas férias e encontrei com os amigos de escola que ainda moravam em Cianorte. Não existe muito o que fazer na cidade além de ir um para a casa do outro ou então comer fora, mas não vou me queixar disso. Às vezes o segredo da vida está nos momentos simples.

As risadas que dei com as minhas amigas de infância foram necessárias para reacender dentro de

mim a alegria que tinha ido embora desde que briguei com Felipe. Aos poucos, eu via a Madu de sempre voltar à tona e percebia o quanto tudo tinha mexido tão intensamente comigo.

O tanto que eu amava Felipe continuava sendo incrivelmente forte e eu sabia que para ele também era. Entretanto, muitas coisas estavam erradas nisso, dentre elas a confiança. Não falo só por parte de um. Eu mesma não confiei nele ao omitir tudo o que vinha acontecendo comigo. Em compensação, ele não confiava em mim por outros motivos, ele não me deixava conhecê-lo por dentro. Algo o freava e eu jamais entendi o motivo. O receio de Felipe em se envolver sempre foi gritante para mim, mas só agora me parecia errado.



Os dias passam e permaneço conferindo o celular eventualmente, com a esperança de que acabarei sendo surpreendida pela aproximação de Felipe. Infelizmente as suas palavras continuam a deslizar pela minha mente, como um alerta: *“Saiba que se você virar as costas agora, isso não tem mais volta”*. A sua expressão, ou a maneira que os seus dedos estavam unidos com tanta força... Oh, céus! Ele estava irado com a rejeição, mas a grande questão é que eu precisava me impor.

Mesmo que ele tivesse ido noite após noite na frente do meu apartamento, ele nunca realmente se esforçou para me encontrar. Nossa conversa foi mais como um golpe do destino. Além disso, ele continuava firme em acreditar que eu o tinha traído. *“Espero que não se arrependa”*, sua voz ecoa, embrulhando o meu estômago.

A minha mãe disse que isso não dará em nada a menos que um dos dois finalmente ceda. É dolorido pensar que talvez tenha de ser eu a procurá-lo. Ainda assim, é menos doloroso do que não o ter mais para mim. Sei que ele é orgulhoso o suficiente para manter a sua palavra, além de que está sem os medicamentos. *“Droga! Os medicamentos...”*, penso com amargura.

Será que ele retomou o tratamento? Por mais que queria acreditar que sim, visto que ele estivera com a sua psicóloga no shopping, algo dentro de mim grita que não. O meu sexto-sentido é realmente um pé no saco, mas raramente falha. Sempre que essa angústia me assola, é com um motivo justo.

Talvez ele não tenha voltado para os remédios e esteja surtando... Ou talvez isso seja apenas uma maneira que o meu subconsciente arrumou de se ocupar com a lembrança do homem que não quero tirar da cabeça por nada.

Abro o WhatsApp e o procuro lá. Sua foto é a mesma de sempre: está usando um boné e munido de um sorriso largo que derreteria todo o Ártico. Seus cabelos loiros escapam pelas bordas do boné e a barba dourada está por fazer. Eu adoro quando está com um pouco de barba. Fica sexy e incrivelmente excitante.

Meu polegar acaricia a tela e me repreendo pelo comportamento desesperado. Estou com tantas saudades... O que ele está fazendo em uma tarde de sábado como essa? Espero que esteja bem.

De repente, o meu coração aperta de uma maneira que beira o insuportável. Eu o amo. O amo mais do que um dia imaginei que fosse amar alguém. Não sei exatamente como demos a grande sorte de

parar na vida um do outro, mas o fato é que aconteceu. Não posso ficar longe dele, visto a forma como ele me eleva ao paraíso com tão pouco.

O jeito protetor e cuidadoso com que Felipe sempre se porta comigo. A forma como os seus olhos brilham perversos ao me despir. Santo Deus, damos tão certo juntos. É errado que estejamos dificultando as coisas dessa maneira.

Se somos dois cabeças duras e teimosos e se para mim é óbvio que ele não vai ceder, tudo bem. Orgulho já não faz tanto sentido desde que tenho sofrido tanto sem ele aqui comigo. Não me importo se errou assim como eu e se patinamos sem sair do lugar. O que me importa no momento é que existe dois possíveis fins para a nossa situação: o primeiro é permanecermos, os dois, sem dar o braço a torcer e isso acabar de verdade. O outro é deixar tudo isso de lado e procurar o homem da minha vida de novo, enquanto ainda é tempo.

Meus olhos examinam uma vez mais a foto de Felipe no celular, no entanto, antes que possa escrever algo, bloqueio o telefone, decidida. Há coisas que devem ser ditas pessoalmente. Essa é uma delas.

Assim que eu voltar para Curitiba, irei até a sua casa. Está decidido. Não sou mais uma criança para continuar agindo como tal, e sei que ele não vai colaborar sem os remédios.

Se mesmo assim não der certo, quero olhar para trás sabendo que fiz tudo o que podia. Porque, caso contrário, sei que vou me arrepender amargamente por não ter tentado, assim que não houver mais lugar para o orgulho dentro do meu coração.



A Ligação

Os braços fortes de Felipe me apertam com força, e tudo o que posso captar neste momento é o seu perfume delicioso e intenso, além do tanto que senti a sua falta. Enterro o rosto no seu pescoço, ficando na ponta dos pés para isso. As lágrimas escorrem ligeiras pelas minhas bochechas e tudo o que posso pensar é que jamais permitirei que a gente brigue novamente, ainda mais por outras pessoas.

— Eu senti tanto a sua falta! — ele sussurra, apertando-me um pouco mais entre os braços.

— Eu também! — admito, com o coração transbordando de alegria.

Viro o rosto em sua direção, para beijar os lábios rosados e perfeitos pelos quais sou viciada. Sua língua vem de encontro a minha, coberta de desejo e paixão, em uma dança sensual e ritmada que me envolve a ponto de incendiar todo o corpo.

Deixo os dedos deslizarem pelos botões de sua camisa, desesperada por sentir sua pele na minha e devorar o seu corpo monumental com os olhos. Interrompo o beijo e levo os lábios ao seu abdômen, beijando a pele bronzeada e convidativa em direção à barriga.

As minhas mãos alcançam o cós de sua calça social no mesmo momento em que ouço a minha mãe me chamar. Mas, o estranho é ela estar aqui...

Pisco os olhos algumas vezes, tentando colocar a cabeça no lugar. Droga! É o primeiro pensamento que me vem em mente, ao constatar que era só um sonho.

Respiro fundo, observando o pequeno quarto onde cresci. É pequeno e ajeitado. O guarda-roupa planejado de carvalho-avelã termina em uma escrivaninha, onde jaz o computador que meus pais usam para conversar comigo. A cama é posicionada logo abaixo do maleiro e da janela pende uma cortina veneziana horizontal, em faixas grossas.

Esfrego os olhos, ouvindo a minha mãe me chamar mais uma vez lá de fora. Alcanço o celular e vejo que já é meio dia. Santo Deus, será difícil me acostumar a acordar cedo novamente, depois dessas férias.

— Já acordei! — grito em resposta, antes que ela me chame pela enésima vez.

Meus dedos instintivamente clicam no WhatsApp, procurando a foto de Felipe. O sonho parecia tão real... Sinto tanto a sua falta. O lado bom é que volto para Curitiba depois de amanhã e espero honestamente poder acabar logo com isso. Anseio ter suas mãos em mim novamente, sua boca percorrendo a minha pele... Não consigo mais tirá-lo da cabeça. Quanto mais o tempo passa, mais incômodo se torna.

Já não me importa mais quem errou, ou porque errou. A única questão que verdadeiramente me interessa é tentar fazer as pazes com o homem que amo. A forma como me sinto em sua companhia é especial e verdadeira demais para eu deixar escapar pelos dedos desta maneira. Quero dizer, como pude ser burra neste ponto?

As sensações que ele me causa despertam o melhor de mim. Desde o seu olhar, até o seu toque cuidadoso, ou a maneira de falar comigo: uma oscilação arrebatadora entre séria e brincalhona. Não há nada em Felipe Antunes que não mexa comigo. Pensar nele faz com que meus hormônios entrem em ebulição. Seu corpo sendo um pedacinho de pecado como é, e seu rosto bonito demais para lidar... Ainda não posso acreditar que ficamos mesmo tanto tempo longe um do outro.

Será que ele tornou a ir até o meu apartamento? E se foi, será que ele teve coragem de descer e tocar o interfone? A ideia arranca um sorriso dos meus lábios. Imagino-o voltando atrás puramente por saudades minhas, dirigindo em alta velocidade até estacionar suavemente em frente ao meu prédio, no Centro Cívico. Na minha imaginação, ele está usando roupas esportivas. Provavelmente calças de moletom e alguma camiseta que deixe os seus bíceps terrivelmente provocativos. Ele passa pelo porteiro e entra no elevador com os punhos fechados, lutando entre ceder ou não ceder. Eu amo como às vezes ele beira o descontrole quando se trata de seus sentimentos. Ele sai do elevador e toca a campainha, só esperando eu abrir a porta para me empurrar contra a parede, com um beijo de tirar o fôlego.

Bem, é incrivelmente excitante na minha fantasia, mas o fato é que não estou do lado de dentro, apenas esperando a campainha para abrir a porta e tudo ficar bem. E, muito possivelmente, ele também não está do lado de fora, com as emoções a flor da pele, deixando que o seu desejo o domine inteiramente.

Começo a me perguntar, então, se ele sentiu saudades minhas. Se, em todos esses dias que formaram um mês desde que conversamos dentro de sua Mercedes, ele se pegou observando o celular, assim como venho fazendo com tanta constância ultimamente. Será que seu polegar acariciou a tela, enquanto seus olhos cristalinos tentavam captar todos os detalhes da minha foto?

Será que ele se coçou de vontade de me procurar, mas aguentou puramente por orgulho? Será que, ao andar pela imensidão de sua casa, ele começou a lembrar dos nossos momentos pelos cômodos espaçosos e bem decorados? Será que todas as noites, antes de dormir, ele se lembrou de nossos corpos enroscados em sua cama enorme e confortável?

Espero honestamente que sim. Porque, desta forma, sei que passamos pelo mesmo. Tenho o ansiado mais do que achei ser possível. A saudade, que outrora já foi mais controlada, agora quase me estoura por dentro. Sinto falta dos detalhes mais simplórios... Como o seu sorrisinho de canto, ou a expressão de concentração presente em seu rosto, sempre que fazia o nó da gravata. Até mesmo dos seus dedos apoiados nas minhas costas, toda vez que ia me indicar o caminho.

No entanto, lá no mais profundo dos meus pensamentos, tenho um pouco de medo e expectativa. Espero que ele simplesmente não me rejeite. Espero que ele me perdoe e perceba que estou cedendo porque não aguento mais ficar longe dele. Espero que entenda o como funcionamos juntos e que não tem porque nadar contra a corrente quando damos tão certo. A nossa química, o nosso temperamento, as nossas brincadeiras... Céus, precisamos acabar logo com isso. Neste momento, estou contando os segundos para voltar para a cidade cinzenta que me acolheu tão bem.

Logo depois de fazer a higiene matinal, encontro a minha mãe preparando o almoço.

— Boa tarde, dorminhoca! — ela diz com um sorriso no rosto. — O que acha de visitarmos os seus avós uma última vez antes de você ir embora?

— Parece ótimo! — digo com honestidade, buscando a toalha de mesa dentro da primeira gaveta da pia. — Vou sentir falta das rosquinhas de pinga da vovó!

— Vou ligar *pra* ela e pedir pra fazer um pouco pra você levar...

— Não precisa incomodar! — replico, alcançando três pratos no armário.

— Você sabe que não é incomodo! Ela vai ficar toda, toda.

Respiro fundo, decidindo não discutir. De toda forma, vou sair no lucro por ter um estoque de rosquinhas de pinga para comer em Curitiba, onde estou longe de ter essas mordomias. Vou aproveitar enquanto ainda posso.

— E então, está preparada para voltar? — mamãe me pergunta, encarando-me com seus olhos azuis-esverdeados, de quem herdei os meus. Agora que estou loira, sou uma réplica exata desta mulher.

— Acho que sim. Preciso descobrir mais notícias sobre a greve da UFPR... Espero que não nos atrase muito.

— Eu vi hoje no jornal que eles vão fazer uma assembleia semana que vem, para tentar um acordo.

— Ufa, espero que consigam!

Com um punhado de talheres nas mãos, observo o meu pai entrar no cômodo usando só bermudas. É incrível o quanto pode estar nevando lá fora e ele continua na mesma. Quero dizer, ainda que não esteja tão frio quanto na capital, ainda estamos no inverno, de toda forma.

Meu pai é de quem eu puxei os cabelos escuros e até onde sei, foi só isso. Qualquer um que bater os olhos em mim e depois em minha mãe saberá que eu sou uma cópia perfeita dela. Ele, por sua vez, é mais alto que nós duas e está mais gordinho do que me lembrava. Deve ser das cervejas que toma assistindo aos jogos do Corinthians, afinal, foi com ele que aprendi a gostar de umas geladas. Seus olhos, diferente dos nossos, são verdes puros. Eu particularmente acho maravilhosos e não me importaria nada se os tivesse herdado.

— Achei que estava em coma! — ele comenta assim que me vê e me pego rindo gostosamente. Vou sentir falta da leveza da casa dos meus pais.

O nosso almoço é mais barulhento do que o normal e pressinto que eles já estão começando a ficar com saudades precoces. Se para mim é horrível me separar deles, imagino que deva ser ainda pior para esses dois.

Depois de tanto tempo para pensar, o que preciso é retomar a minha vida. A segunda coisa que pretendo fazer depois de voltar para Curitiba é arrumar um novo emprego. Se vou investir na relação com Felipe, não deveríamos realmente misturar as coisas.

Posso tentar procurar um emprego mais na minha área e sei que ele também pode encontrar

alguém mais qualificado para o importante cargo que executei por um curto tempo.



Estou lavando a louça para a minha mãe no momento em que o meu celular começa a tocar. Não atendo de primeira por estar com as mãos molhadas, no entanto ele persiste e persiste, ressoando a melodia pelos cômodos da nossa casa.

O meu coração dispara tão logo corro em sua direção e não posso evitar deixar a mente me levar para a ideia de ser Felipe do outro lado da linha. Quando pego o telefone nas mãos, sou tomada por desamparo. Não é o telefone dele no visor. Para ser honesta, eu nem conheço esse número, mas sei que é de Curitiba, uma vez que o código é 41.

Não costumo atender números desconhecidos, mas dado o fato de que está me ligando tantas vezes, resolvo dar essa chance para quem quer que queira falar tanto assim comigo.

— Madu? — ouço uma voz conhecida do outro lado da linha e demoro alguns segundos até me dar conta de que é Vitória. Instantaneamente, o meu sangue gela e o meu alerta de que há algo errado começa a soar.

— Ah, oi! Tudo bem? — A hesitação em minha voz é tão evidente quanto a tristeza na sua.

— Madu, você está em Curitiba? — ela indaga, ignorando a pergunta anterior. Algo em sua voz me faz ter certeza de que passou muito tempo chorando. “*Santo Deus, o que está acontecendo?*”

— Estou na minha cidade, mas volto depois de amanhã... Por quê?

— Oh, querida! — ela se lamenta. — Precisamos muito de você aqui! Será que pode adiantar a passagem?

As minhas pernas já estão incrivelmente fracas neste ponto. Sei tão certo como o ar que respiro que tem algo muito errado e temo descobrir o quê.

— Depende... O que houve? — A minha voz é quase um sussurro e me pergunto se estou mesmo preparada para a resposta.

— Felipe está internado, querida! — ela diz exatamente no mesmo momento em que cede ao choro. — Tentou suicídio ontem à noite.

“*Oh, meu Deus!*”

Com a cabeça girando com a notícia, deixo o celular escapar da mão, caindo no chão com um baque. O barulho atrai a minha mãe até a cozinha, às pressas e, no momento em que nossos olhares se cruzam, a única certeza que tenho é que preciso arrumar as malas o mais rápido quanto possível.



CONTINUA...

Agradecimentos

Bem, se você chegou até aqui, a primeira coisa que tenho a dizer é um grande e sonoro *Muito Obrigada!* Escrever um livro é uma intensa mistura de emoções, dentre elas a expectativa enorme de saber a reação dos leitores.

Tenho a sorte de, nesta jornada, ter contado com o apoio da minha família e amigos, que conseguiram controlar os meus nervos nos momentos de tensão, e resgatar os meus ânimos quando eu já estava à flor da pele.

Sem vocês, possivelmente eu não teria chegado aqui. Ou talvez não com o cabelo intacto sobre a minha cabeça. Por isso, muito obrigada por tudo! Vocês fazem parte disso tanto quanto eu.

Gostou? Deixe seu feedback, ele é muito importante para nós...
Conheça os livros da Editora Nix, clique [aqui](#) ou acesse o nosso [site](#) e
fique ligado nas novidades.